

VERENA KAST

Pais e filhas *Mães e filhos*

Caminhos para a auto-identidade
a partir dos complexos materno e paterno

TRADUÇÃO
Milton Camargo Mota

Obras de Verena Kast

A dinâmica do símbolo

Imaginação como espaço da liberdade

Pais e filhas, mães e filhos



Título original:
Vater-Töchter, Mutter-Söhne

© by Dieter Breitsohl AG
Literarische Agentur Zürich 1994
Alle deutschsprachigen Rechte beim Kreuz Verlag Stuttgart

Revisão:
Tereza Cristina de Freitas Gouvêa
Renato da Rocha Carlos

Diagramação:
Paula R. R. Cassan

Edições Loyola
Rua 1822 nº 347 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
Caixa Postal 42.335 – 04299-970 São Paulo, SP
☎ (011) 6914-1922
FAX: (011) 63-4275
Home page: www.ecof.org.br/loyola
e-mail: loyola@ibm.net

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-01477-7

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1997.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os que me possibilitaram conhecer um número infinitamente grande de facetas dos complexos materno e paterno. De modo muito especial, agradeço às pessoas que me permitiram utilizar as histórias dos efeitos de seus complexos como fundamentos para este livro.

Índice

<i>Introdução</i>	9
1. "Quero fazer tudo diferente" O desligamento adequado à idade	13
2. "Não tem sentido algum se esforçar" Complexos e a memória de episódios	31
3. "O mundo tem de apreciar alguém como eu" O complexo materno originalmente positivo do homem	41
4. "Pode-se agüentar quase tudo na vida quando se comeu bem" O complexo materno originalmente positivo em mulheres	57
5. <i>Viver e deixar viver</i> O elemento típico nos complexos maternos originalmente positivos	71
6. <i>Agressão e queixa</i> Desenvolvimento para além do complexo materno originalmente positivo	87
7. "Pai orgulhoso — filho maravilhoso" O complexo paterno originalmente positivo do filho	123
8. <i>Filhas atenciosas</i> O complexo paterno originalmente positivo nas mulheres	133

9. "Um ser humano ruim em um mundo ruim"	
O complexo materno originalmente negativo em mulheres	155
10. "Como se estivesse paralisado"	
O complexo materno originalmente negativo nos homens	167
11. "Esmagado até virar um nada"	
O complexo paterno originalmente negativo do homem	177
12. "No fundo, não valho nada"	
O complexo paterno originalmente negativo na mulher	195
Ocupação do território no país desconhecido	
Conclusões	201
Bibliografia	209
Índice de assuntos	213

Introdução

Que as pessoas "tenham" complexos materno e paterno tornou-se, nos últimos tempos, um saber psicológico comum, amplamente difundido. Se, por exemplo, um homem está sempre procurando uma mãe em suas namoradas, se ele procura namoradas decididamente maternas, então grande parte das pessoas estabelece o seguinte diagnóstico: esse homem sofre de um complexo maternal. Pretende-se dizer, com isso, que esse homem de algum modo não se desprende de sua ligação com a mãe, que ele ficou estacionado numa fase anterior de seu desenvolvimento, ou, simplesmente, que está sempre precisando de uma "mãe". Fala-se, então, de filhinho da mamãe. É o que encontramos de maneira semelhante em *filis à papa*, o filho que permanece filho de seu pai durante um tempo demasiado. Contudo, esta distinta expressão já nos mostra que o complexo paterno do filho é considerado de modo um pouco menos problemático em nossa sociedade. Se uma mulher demonstra predileção por homens bem mais velhos que ela, então se lhe atribui um complexo paterno e, com isso, lhe é feita a suave censura de que ela não se desligou do pai. Se ela permanece junto da mãe para além do tempo ou copia seu modo de vida de maneira muito acentuada, dizem então as pessoas que se sentem afetadas com esse comportamento que essa mulher sofre de um complexo materno. Mas é possível que este complexo não se faça notar de forma tão desagradável.

A primeira vista, parece tratar-se, no tocante a esses dois complexos fundamentais, de um estado de coisas bastante simples, estado que

naturalmente tem a ver com o fato de a maioria das pessoas ser educada e marcada por pai e mãe, ou de a falta de um deles ser claramente apontada e criticada em nossa sociedade. Esse conceito, que no primeiro momento parece tão natural, tão manejável também, é na verdade muito complicado e está em relação direta com o desenvolvimento de uma pessoa — algo que o saber geral já sugere. O complexo do eu de uma pessoa deve desligar-se, “de modo apropriado à idade”, dos complexos materno e paterno, para que ela possa perceber suas tarefas de desenvolvimento apropriadas à idade e ter à sua disposição um complexo do eu coerente — um “eu suficientemente forte” — que lhe permita perceber as exigências da vida, lidar com dificuldades e conseguir um certo grau de prazer e satisfação.

O conceito de complexo é um dos conceitos centrais da psicologia de Jung. Por isso não é de espantar que na descrição de pessoas analisadas sempre ocorra a declaração: “Ele simplesmente tem um complexo materno positivo” ou “Ela tem simplesmente um complexo paterno dominante”. Com isso se faz um julgamento a respeito de uma característica fundamental dessa pessoa, o qual também diz algo acerca das dificuldades específicas, mas também das possibilidades específicas, em sua vida. Sempre se faz referência a esses complexos em descrições de casos particulares ou em vinhetas de casos no âmbito da psicologia junguiana. E do próprio Jung provêm diversas descrições de quadros particulares de complexo¹; mas, pelo que sei, os complexos materno e paterno ainda não foram apresentados de maneira abrangente. É o que eu gostaria de recuperar neste livro, ainda mais porque me parece que o conceito de complexo, em conexão com resultados da moderna observação de bebês, passa por uma atualização. Contudo, nessa minha visão abrangente será apenas possível descrever formações de complexo típicas. Ninguém é determinado “apenas” por um complexo materno, pelo contrário, o complexo paterno sempre desempenha um papel, também, e o complexo do eu influencia, na situação específica da vida (situação que pode ser muito variável), o lidar com os complexos marcantes sempre de um modo diferenciado: por essas razões, os complexos na forma “pura” tal como irei descrever aparecem muito raramente, mas dão uma idéia daquilo que constitui a atmosfera especial do complexo

em questão. É possível apresentar de modo satisfatório e metódico, em descrições de casos detalhadas, a combinação dos complexos — e devem-se considerar outros complexos, em especial, os dos irmãos². Isto também sempre se fez na literatura junguiana³. No entanto, não vou aqui mencionar resumidamente essa literatura. Gostaria de formular e, com isso, colocar em discussão minha visão dos complexos tal como ela se impôs a mim em mais de 20 anos de trabalho com análise.

Vou ocupar-me minuciosamente com o complexo materno originalmente positivo, por um lado porque, a meu ver, ele foi bastante excluído da discussão, e por outro porque, em um mundo muito marcado pelo complexo paterno, manifesta-se cada vez mais uma ânsia por valores pertencentes ao complexo materno que, no processo de depreciação do feminino, foram também desvalorizados, permanecendo na sombra, mas que hoje nos fazem uma falta imensa. Assim, em conexão com o complexo materno, fala-se muito precipitadamente na “mãe devoradora” e com isso se legitima inconscientemente o patriarcalismo, ou pelo menos o androcentrismo⁴. Em minha exposição, também gostaria de evitar a atenuação da imago do pai do complexo paterno para agravar a imago da mãe do complexo materno, como hoje em dia se observa com frequência⁵. Interessa-me, neste trabalho, não apenas a descrição desses complexos mas também um ajustamento de algo desfigurado, de acordo com minhas possibilidades.

Esses complexos surgem numa cultura patriarcal. Ao descrevê-los, poderia deixar a impressão de que também eu gostaria com isso de fixar condições dominantes, o que seria totalmente contra minhas intenções. Gostaria de descrever esses complexos para que nos fique claro em que ponto somos marcados por eles e para que em seguida, por meio da identificação e da conscientização, nos seja possível desligar deles a fim de nos tornarmos pessoas mais independentes e mais capazes de estabelecer vínculos.

2. Kast, 1990, pp. 179 ss.

3. Von Franz, 1970; Jacoby, 1985; Dieckmann, 1991, também pp. 128, 146, em que Dieckmann não só contribui com vinhetas de caso mas tenta apresentar uma teoria geral de complexo como teoria geral das neuroses.

4. Rhode-Dachser, 1991, p. 201

5. Op. cit., p. 193.

1. Jung, GW 9/1, pp. 99-114; GW 4, pp. 366 ss.



“Quero fazer tudo diferente”

O DESLIGAMENTO ADEQUADO À IDADE

Quando falo de complexos originalmente positivos, quero dizer que esses complexos tiveram originalmente uma influência positiva sobre o sentimento de vida e, assim, sobre o desenvolvimento da identidade da pessoa em questão e continuariam a tê-lo se ocorresse um desligamento adequado à idade.

O complexo materno originalmente positivo proporciona a uma criança o sentimento de um incontestável direito à existência, o sentimento de ser interessante e de ter parte em um mundo que oferece tudo de que alguém necessita — e um pouco mais. A partir disso, esse eu também pode entrar em contato, de modo confiante, com um “outro”. O corpo é a base do complexo do eu¹. Sobre a base de um complexo materno positivo, as necessidades corporais são vivenciadas como algo “normal”, e também podem ser normalmente satisfeitas. Há uma alegria natural com o corpo, a vitalidade, a comida, a sexualidade. O corpo pode expressar emoções e é capaz de aceitar e receber essas manifestações provenientes também de outras pessoas. Esse complexo do eu assim consolidado pode romper seus limites na experiência corporal com uma outra pessoa, sem medo de nisso se perder. Mas pode-se compartilhar intimidade psíquica também, e não apenas corporal. Desse modo, compreendem-se os outros de forma fundamental, e também geralmente se é compreendido. Os outros contribuem para nosso próprio bem-estar psíquico — e podemos contribuir para o bem-

1. Jung, GW 3, parágrafos 82 s.

-estar dos outros. Uma pessoa que pode contar com interesse e compreensão e experiência uma certa plenitude de amor, cuidado, compreensão e segurança desenvolverá uma saudável atividade do eu.

O mais tardar na adolescência (puberdade e pós-puberdade, até o vigésimo ano de vida), dever-se-ia superar a idealização das figuras dos pais pois ela significa sempre uma desvalorização da posição de filho. Nessa fase, os complexos materno e paterno tornam-se em sua maioria conscientes. O desligamento que se efetua é essencialmente dos pais como pessoas; mas os complexos não têm um papel que deveríamos subestimar, pois cada marca de complexo permite determinados passos de desligamento e inibe outros. Caso o ir-se-embora sempre tenha sido proibido, ou se nunca foi permitido pensar diferente do pai, então esses aspectos específicos dos complexos são claramente experienciados também, devendo os jovens trabalhar contra isso ou desistir mais uma vez do desligamento. Mesmo quando o desligamento é realmente impedido, às vezes se consegue adquirir de outras pessoas o que está faltando no sistema de pai e mãe. No entanto, isso pressupõe uma certa força do eu, pressupõe que o desligamento tenha ocorrido — talvez não de uma maneira inteiramente aberta — porque a maneira aberta não havia sido permitida, ou porque estamos lidando com jovens que, a despeito das marcas dos complexos, apresentam um forte impulso para a autonomia.

O desligamento é um compromisso entre aquilo que a vida própria de uma pessoa deseja e o que deseja o meio ambiente, em última análise, o pai, a mãe, os professores, a camada social em que vivemos. Fases nítidas de desligamento como a adolescência estão relacionadas a uma disposição de ruptura, são fases de profunda mudança. O complexo do eu está se reestruturando, ou seja, há um sentimento instável de auto-estima.

A experiência de uma certa solidariedade com os pais seria portanto bastante importante — embora devamos nos posicionar contra ela também. Precisamos dos pais dos quais nos desligamos. É por isso que nesse estágio são tão problemáticas as frases de complexo que inibem de modo fundamental o desligamento e ameaçam os jovens com a perda de amor ou dignidade. É verdade que talvez o grupo da

mesma faixa etária proporcione uma determinada segurança, mas ele nunca poderá substituir o querido, doloroso e honesto conflito com os pais. Pois, nesse conflito, os pais também mostram uma auto-imagem que, às vezes, os jovens ainda não reconheceram neles. No lidar com a auto-imagem do pai e da mãe, os jovens determinam sua própria auto-imagem. Nisto os filhos descobrem o não-vivido dos pais e, via de regra, valorizam-no tanto que eles, os jovens, querem agora vivê-lo. Isto ocasionalmente desperta inveja nos pais, quando os jovens vivem o que eles proibiram a si mesmos. O não-vivido, que no fundo deveria ter sido incorporado no viver, a sombra, assume aqui um significado especial.

O adolescente não se desliga apenas dos pais; o desligamento também ocorre em um grupo com sua mesma faixa etária. Existe também uma sombra coletiva, que é recebida pelo jovem com entusiasmo e criatividade e desenvolvida em um estilo de vida. Deste modo, os filhos dos excelentes realizadores e realizadoras tomaram-se repentinamente, no final da década de 60 e na de 70, os "filhos das flores", marcados por uma vivência musical, por Eros e pela sensualidade. Em um nível coletivo, os aspectos do complexo materno positivo foram subitamente celebrados em um mundo caracterizado pelo complexo paterno. Podem-se detectar estes desenvolvimentos mesmo no vestuário. Os filhos de pais e mães que usavam *jeans* têm hoje uma tendência acentuada para roupas de estilistas.

Durante a adolescência, no lugar da mãe pessoal e do pai pessoal podem entrar o pai e a mãe suprapessoais, tal como os conhecemos das religiões. Fala-se, na pedagogia religiosa, do "rigorismo religioso" nessa faixa etária, e quer-se dizer com isso que se apresentam perguntas religiosas em uma perspectiva de grande absolutismo. Psicologicamente, é fácil de entender: já que estão em crise de identidade, o jovem ou a jovem procuram orientação. Como a orientação não pode mais vir dos pais pessoais, vivificam-se os arquétipos existentes atrás destas figuras, tal como elas se manifestam nos sistemas coletivos de valor. Pode-se chegar assim a um forte interesse por determinadas correntes religiosas, a um engajamento cheio de compromisso, a um deus ou a uma deusa, cuja mensagem gostaríamos de trazer para a vida. Deste modo o indivíduo torna-se temporariamente um "filho de um poder superior", algo que estabiliza tão amplamente o sentimento

de auto-estima que fica mais fácil separar-se dos pais e renunciar aos seus cuidados. Contudo, o que esse jovem ou essa jovem vivencia como muito individual, o "caminho totalmente próprio", é via de regra um caminho verdadeiramente coletivo, que irá requerer renovados processos de desligamento para que cada um realmente encontre seu próprio caminho. Assim, também a imagem de Deus de uma pessoa está sujeita a mudanças: confrontemos imagens divinas de nossa vida — caso tenham tido alguma importância — e constataremos que elas se transformam. Também uma forte convicção política na adolescência pode ter sua razão de ser no fato de se projetarem os complexos materno e paterno nas promessas não cumpridas de programas políticos. A diferença entre um engajamento enraizado em complexos e um "engajamento normal" reside no fato de as convicções serem consideradas sagradas, de se falar muito precipitadamente em "traição" e de se compreender a política não como uma possibilidade de configurar a vida comunitária dos seres humanos do modo mais tranqüilo e sensato possível, mas sim como portadora de uma expectativa de cura. Dessa maneira, programam-se também as decepções.

De modo geral, pode-se dizer que, na fase de desligamento, as pessoas que não são propriamente pai ou mãe, mas nas quais é possível projetar algo de paternal ou maternal, desempenham um papel, assim como as imagens de divindades paterna e materna e seus respectivos programas de vida.

A ADOLESCÊNCIA DO GAROTO

Blos: Freud e o complexo paterno

Peter Blos apresenta uma tese interessante sobre adolescência masculina em sua dissertação: "Freud e o complexo paterno"². Blos parte da seguinte pergunta: por que há tanta rivalidade, concorrência e insurreição entre o adolescente e seu pai? Visto que, segundo Blos, freqüentemente não passamos com êxito por essa fase, os problemas não resolvidos são transferidos para a vida toda. Blos postula que estamos envolvidos com um restolho da primeira infância. Sua tese:

2. Blos, 1987, pp. 39-45.

o pai possibilita ao filho, na primeira infância, opor-se à total dependência materna. Ele promove, por toda a vida, os esforços direcionados para a frente, o desenvolvimento psíquico e corporal. O pai dá suporte na luta contra a regressão, suporte na luta com o dragão (deparamos aqui com a fantasia masculina: o pai está a serviço do impulso vital). Na puberdade do homem, o amor pela mãe é novamente estimulado, isto é, o complexo materno, mesclado com elementos *anima*, adquire uma nova constelação. No entanto, com isso, o medo da primária dependência materna desperta novamente. Blos: o indivíduo, como quando era criança pequena, precisa do pai como suporte para as tendências progressivas na vida. A primitiva relação infantil com o pai também é reativada na adolescência. Essa amável relação todavia não pode ocorrer, pois assim o filho permaneceria filho do pai e infiel ao seu princípio de individuação. Por isso se estabelece uma acirrada revolta contra o pai. Segundo Blos, essa rivalidade será tanto mais intensa quanto mais ambos os homens tiverem se amado no passado e continuarem se amando ainda. Nesse contexto, Blos apresenta uma segunda tese: a sexualidade premente do adolescente se presta, antes, muito mais a um desligamento do pai do que a um relacionamento de fato com a mulher; a sexualidade seria compreendida como o esforço impulsor para longe do pai.

Blos fala pouco do desligamento da mãe, fato que me espanta — mas por outro lado nem tanto assim. Ele diz que quando se resolve com êxito o conflito paterno, acabando assim com a idealização do pai, o filho pode, estimado por ele, seguir o próprio caminho. De um ponto de vista da psicologia profunda, no entanto, deve ocorrer também um desligamento da mãe, caso contrário o complexo materno iria se transferir com todas as suas expectativas implícitas para a namorada e companheira. Se o rapaz se afastasse apenas da mãe desvalorizando-a com isso, então vários aspectos do complexo materno e partes *anima* ligadas a ele teriam de ser igualmente dissociados e desvalorizados. Isto levaria ao fato de que o materno, mas também o feminino, provocaria muito temor e deveria ser ainda mais reprimido. É espantoso como se tornou fluente nas diversas teorias a expressão "mãe devoradora"³ e como também as mulheres facilmente aceitam tais

3. Rhode-Dachser, 1990, p. 45.

expressões. Será que se identificam com o agressor? Nesta ocasião se fala freqüentemente das mães concretas. É fundamental deixar claro que as mães de nossos complexos não são exatamente iguais às mães concretas, e é inadmissível confundir figuras arquetípicas com pessoas concretas de nossos relacionamentos. Sabemos que os medos aparecem sobretudo quando reprimimos algo. O medo iria então, por assim dizer, apresentar-nos o que é reprimido para assim lidarmos com isso, porque tal coisa pertence à nossa vida de modo evidentemente necessário. Deveríamos portanto refletir se, mediante a desvalorização do feminino, mediante a convicção de que no fundo não é necessário nenhuma ocupação com a mãe nem com o complexo materno na procura de identidade do homem, se assim não convertemos as mães, o materno e, em última análise, também o feminino em algo bem mais perigoso do que realmente é. As teorias sobre as "mães devoradoras" são todas teorias de homens e, pelo que sei, encontram-se em todas as escolas da psicologia profunda.

Blos exemplifica sua tese na pessoa de Freud, o que é especialmente interessante. Ele julga algo comprovado que Freud tenha tido uma relação bastante próxima com seu pai Jakob, uma intensa ligação sentimental que se adentrou pela vida adulta. Em cartas, Freud escreve que foi o favorito declarado do temido homem. Ele descreve seu pai como um homem "de profunda sabedoria e de uma mente fantásticamente leve"⁴. Fisicamente, ele compara seu pai com Garibaldi, uma figura heróica. De si mesmo, ele disse que estava preparado a fazer tudo para permanecer como o favorito declarado desse pai. O complexo paterno de Freud originalmente positivo manifesta-se na vida posterior em suas amizades quase exclusivas e apaixonadas com homens, as quais ele também convertia — como nos casos de Jung — facilmente em relações pai-filho. Jung, 20 anos mais jovem, logo se sentiu demasiadamente exigido pelo "pai Freud". Blos percebe uma transferência neste contexto; Freud também se sentia sempre exigido demais pelo pai idealizado por ele, a quem queria proporcionar honra e fama. Ele passou por uma crise em sua vida, quando, com 40 anos, perdeu o pai, em 1896. Um pouco antes dessa morte, Freud comportou-se de modo estranho: o pai estava moribundo, e apesar disso o filho partiu

4. Blos, 1987, p. 42.

para uma viagem de férias de dois meses. Freud chegou muito tarde para o sepultamento porque tinha se demorado no barbeiro. Esta conduta surpreendeu o próprio Freud e o levou a fazer auto-análise. O primeiro livro, proveniente dessa auto-análise, é a *interpretação dos sonhos*. O desligamento do pai era então absolutamente necessário; Freud entrou em uma crise de identidade que ele conseguiu utilizar criativamente, e nascia, por assim dizer, a psicanálise. Freud também escreveu no prefácio: "A *Interpretação dos sonhos* é uma reação ao acontecimento mais significativo, à perda mais drástica na vida de um homem"⁵. Tal afirmação só pode ser feita por alguém que manteve uma relação emocional absolutamente idealizada com o pai. Dois anos após a morte do pai, Freud descobriu o complexo de Édipo e na interpretação desse complexo, segundo Blos, ele não deu a devida importância ao papel do pai. Na lenda de Édipo, como todos sabem, o oráculo diz que o filho a ser gerado por Jocasta matará o pai, Laio. Em consequência disso, Laio pega o recém-nascido, fura-lhe os pés, para que ele não possa correr também como espírito, e o abandona em uma montanha. Ele, portanto, tentou matar seu filho. Em muitas interpretações, incluindo a de Freud, omite-se que o pai entregou o filho ao destino mortal⁶.

No ponto em que começa nossa região do complexo, seremos sempre determinados pelo complexo e não pela objetividade.

Depois da morte do pai, Freud aboliu a idealização do pai e, com isso, também uma implícita depreciação de si mesmo, do filho. A partir disso instauraram-se um desenvolvimento considerável e uma imensa produtividade criadora.

Blos, com essa interessante investigação, ofereceu claramente uma prova de que nossas teorias têm alguma coisa a ver com nossas constelações de complexo. Isso pode ser ao mesmo tempo uma razão pela qual existem diferentes teorias para as mesmas coisas: com diversas configurações de complexo, vêem-se e avaliam-se diferentemente os mesmos fenômenos. A teoria de Blos segundo a qual a sexualidade

5. Freud, *Traumdeutung* ["A Interpretação dos sonhos"], citado em Blos, 1987, p. 43.

6. Cf. também Dieckmann, pp. 130 ss.

premente no adolescente serviria sobretudo como desligamento do pai poderia, por exemplo, explicar por que a sexualidade do indivíduo, sem dúvida importantíssima, adquire uma posição tão central na teoria freudiana.

Considera-se a psicanálise uma ciência patriarcal em um mundo patriarcal. Na discussão teórica dessa ciência, a mulher tem — se é que tem alguma — uma posição marginal⁷. Contudo, também em nossa cultura sempre lhe foi difícil conquistar os espaços que lhe competem — ultrapassando os espaços limitados que desde sempre lhe designaram — ou simplesmente se estabelecer de uma maneira humana, normal, nos espaços que lhe são apropriados. Com muita frequência, a mulher é vista somente na relação com o homem e na relação com o filho. Deste modo lhe é negada uma identidade original, ela existe apenas em função do homem, tendo portanto uma identidade derivada⁸. O fato de quase inexistir na teoria psicanalítica um espaço para a mulher torna-se mais compreensível ao sabermos que a psicanálise surgiu do conflito com um complexo paterno dominante. Para além disso, recebemos uma indicação metódica: se o complexo é muito preponderante, a análise do sonho, a análise do inconsciente parece ser uma ajuda no processo do desligamento. Contudo, pergunta-se se, então, o desligamento do homem foi suficientemente levado adiante, quando as mulheres de nossos dias estão dizendo que é tão difícil determinar o "lugar da mulher" na psicanálise⁹. Não estão faltando também a reativação do complexo materno e um trabalho com base nele?

Mas é apenas o complexo paterno pessoal de Freud que torna sua teoria tão androcêntrica (*androzentrisch*)? Jung, que durante toda a vida foi fascinado pelo arquétipo da grande mãe, cuja psicologia como um todo está muito mais comprometida com o pensamento matriarcal — tendo também, porém, uma complicada relação com o pai —, também descreveu a mulher, quando realmente escreveu sobre a mulher, apenas em relação com o homem. A partir de seu conceito de individuação, ele até deveria ter-se proibido tal coisa. Mas ambos os

pesquisadores investigaram em uma época em que as mulheres tinham seu direito de existir apenas como mães ou filhas. Cabe a nós, mulheres de hoje, designar as restrições que, por meio disso, se nos impõem também na teoria e reformular as teorias de acordo com nossa própria psicologia a fim de tentarmos descrever o "lugar da mulher"¹⁰.

A ADOLESCÊNCIA DA GAROTA

Os complexos paterno e materno também são vivificados novamente na adolescência da garota. Em primeiro plano encontra-se o complexo paterno entremeado com formas do "*animus*". Qualidades de vida que foram experienciadas em conexão com o pai são transferidas para um namorado e/ou uma vida intelectual. Qualidades de vida que foram perdidas são procuradas em outros homens e/ou no mundo do espírito.

Com as garotas configuram-se dois tipos distintos de socialização: algumas têm um namorado e vivem a relação de casal frequentemente muito cedo, e outras se dedicam nitidamente ao aspecto intelectual. Conforme a marca produzida pelo complexo materno correspondente, elas podem viver muito distanciadas do corpo; com uma marca mais positiva produzida pelo complexo materno — ainda que esta permaneça inconsciente —, o corpo simplesmente faz parte da vida, sem que se faça muito celeuma por causa disso. O mundo mental, ao qual se sente ligada esta garota, pode ser fascinante, repleto de inspiração, de aventura intelectual e experiência espiritual, mas também pode ser um mundo onde se acumula muito saber, onde se adquire uma visão panorâmica sobre tudo o que já foi pensado um dia. De qualquer modo, a inteligência e a atenção fazem parte disso. Ocasionalmente encontramos ambas as formas de socialização lado a lado. A ligação ao complexo paterno e, com isso, também a sublimar idealização do aspecto paterno são mantidas em ambas as formas de socialização.

O problema para as mulheres consiste em não se exigir o desligamento do complexo paterno na sociedade tradicional. A mulher

7. Rhode-Dachser, 1991, pp. 14 ss.

8. Rhode-Dachser, 1990, pp. 42 ss.; Kast, 1991, pp. 65 ss.

9. Rhode-Dachser, 1990, pp. 42 ss.

10. Kast, 1984, pp. 157 ss.

cumprir o papel social quando tem um namorado ou parceiro; se ela desenvolve nisto uma auto-identidade, parece ser secundário. Isto significa exageradamente que, do ponto de vista da compreensão dos papéis, nossa sociedade dá a entender a uma adolescente que ela é "normal", uma mulher correta — mesmo não tendo nenhuma identidade própria — quando, em última análise, depende de que um homem lhe prescreva uma identidade¹¹. Ou seja, quando depende de que obtenha por meio da presença de um homem a sensação de ser ela mesma e de que, nessa relação, o homem possa também lhe prescrever levemente o que ela deve ser, como ela tem de se sentir e comportar. Caso se atreva a viver de maneira correspondente à sua própria imaginação, então ela não é mais uma mulher "autêntica" para os olhos dos homens. Se a opinião destes lhe é importante e decisiva, ela cai em uma crise de identidade por causa da crítica proveniente deles ou então se readapta. A crise de identidade ofereceria a chance de encontrar o si-mesmo próprio.

Mulheres que não desenvolveram nenhuma identidade original, que não se desligaram do complexo paterno e não lidaram com o complexo materno, ou não desenvolveram nenhuma auto-identidade por outras razões, reagem geralmente com depressão a separações. Em situações de separação, devemos nos reorganizar, partindo do si-mesmo das relações e voltando-nos para o si-mesmo original¹², o que, no entanto, só é possível se há um si-mesmo próprio em germe. Emily Hancock descobriu, pesquisando mulheres autoconscientes de um modo acima da média, que elas reencontraram um acesso à sua "garota interior" e com isso liberaram seu eu verdadeiro, freqüentemente depois de longos anos de determinação externa¹³. Carol Hagemann-White conclui que a garota autoconsciente e competente perde freqüentemente seu si-mesmo com o início da adolescência e se orienta pelo ideal de seu ambiente¹⁴.

Ainda que esta constatação nesta generalização seja um pouco exagerada e sobretudo não se possa encontrar tão exclusivamente em toda constelação de complexo, pode-se, contudo, freqüentemente cons-

tatar — caso se pergunte às mulheres por sua existência de garota — que se manifestava, por volta dos dez anos de idade, uma personalidade essencialmente mais independente, distinta, interessante. Com a adaptação, a garota perde aspectos importantes de seu si-mesmo original. Isto mudaria se as garotas fossem elogiadas mais pela originalidade e menos pela adaptação, e se não se considerassem as mulheres apenas em relação com o homem.

Sabe-se que o papel do pai era muito atraente para mulheres em profissões de alta responsabilidade¹⁵. Nestas mulheres, a problemática da adolescência feminina torna-se muito nítida. Bernardoni e Werder verificaram que oito entre dez mulheres em profissões bem-sucedidas tinham pais acadêmicos, que educaram as garotas de modo independente e autônomo. O pai foi descrito por essas mulheres como dinâmico, ativo, inteligente, aplicado e liberal. O pai tornou-se o modelo dos papéis, a mãe foi rejeitada. Também se rejeita o papel limitado das mulheres, pois elas não podiam nem podem aceitar a passividade e a insipidez de suas mães. Diante da pergunta como elas lidaram com os problemas de identidade na adolescência, elas responderam, em sua maioria, que tinham produzido e aprendido ainda mais. Elas tinham aprendido que por meio do trabalho compensam-se os problemas de identidade. Quase todas essas mulheres são casadas; isso faz parte do quadro do complexo paterno positivo. Por um lado, os homens são atraentes e vivenciados como fidedignos e, por outro, a mulher com um complexo paterno positivo faz o que se deve fazer em determinada sociedade. Quando aí se casa, então ela casa também.

Eis uma forma da atual socialização feminina: não desligada do complexo paterno, mas com um trabalho no mundo do pai que é realizado com grande sucesso e pelo qual a mulher é recompensada. Que sua identidade feminina para além da identidade com papéis é quebradiça ressalta-se quando a compensação do desempenho, do trabalho não é mais possível ou quando entra em cena uma situação de separação. Então é necessário que ocorra o lidar com a mãe e com o complexo materno específico.

Seria fundamentalmente importante para todas as mulheres — pois em nosso mundo androcêntrico somos todos marcados por comple-

11. Kast, 1992 [2], pp. 94, 65; 1991, pp. 65 ss.; Flaake/King, 1992.

12. Kast, 1991.

13. Hancock, 1989.

14. Hagemann-White, 1992, in: Flaake-King, pp. 64-83.

15. Bernardoni/Werder, 1990, in: Ohne Seil und Haken...

xos paternos, sem levar em conta a configuração do complexo paterno de cada um — que elas sempre lidassem com sua identidade experienciada e com as rupturas de identidade e não se curvassem diante de teorias que pregam como deve ser a identidade feminina. A procura da identidade, a experiência da identidade em diversas situações da vida deveriam ser descritas, deveríamos falar sobre isso em grupos de mulheres¹⁶. Seguindo Christa Wolf: “Nenhum lugar, em parte alguma”; devemos ouvir entre as mulheres o clamor por um lugar próprio. Contudo as mulheres não podem permitir que outras mulheres e muito menos outros homens lhe atribuam este lugar; devem, sim, identificar e ocupar este lugar que lhes é apropriado.

LIDANDO COM A MÃE

Para encontrar sua própria identidade, a adolescente deve lidar com a mãe e com o complexo materno. Se não fizer isso, ela depositará na relação com um parceiro — para além da projeção das experiências paternas e das expectativas não cumpridas em relação ao pai — os problemas maternos pendentes e as expectativas frustradas que ela tinha sobre a mãe.

O desligamento da mãe acontece em um campo complicado. Absolutamente não se exige o desligamento. O que talvez até tenha, à primeira vista, sua razão de ser; o objetivo do desligamento para uma mulher não é não manter mais relação alguma com sua mãe; o objetivo não é uma autonomia que se compreende como falta de vínculo. O desligamento da adolescente de sua mãe deveria ocorrer, no caso ideal, de tal forma que lhe fosse possível uma nova relação, na qual de certo modo tivesse sido trabalhado o elemento complexado da relação infantil. Por isso um desligamento é realmente necessário, porém não com o objetivo da separação definitiva, mas com a idéia caracterizada pelo objetivo de se poder ingressar em uma forma de relação reciprocamente mais apurada¹⁷.

16. Kast, 1992 [2], pp. 51 ss.

17. Stern in: Flaake/King, 1992, pp. 254 ss.

A mãe também desenvolve com o decorrer do tempo um complexo filial em relação à filha e ao filho; curiosamente, não se fala disso! A mesma coisa naturalmente se aplica ao pai. Quando mães ou pais falam ou se queixam de seus filhos, geralmente consideramos isso como problemas “reais”, contudo nesta relação os complexos também desempenham um papel. Também há frases de complexos dirigidas aos filhos individuais — neste caso, no sistema de pai ou mãe. Também estão atadas aos filhos individuais expectativas que ultrapassam bastante a individualidade do filho em questão e são diferentes de acordo com a idade. Com o desligamento dos adolescentes, são ativados no pai e na mãe passos atrasados, necessários para um desligamento de seus próprios pais¹⁸. Contudo, a meu ver — e isto deveria ser investigado mais detalhadamente —, também seria essencial ocorrer um desligamento dos complexos filiais (em relação ao filho e à filha), que foram provocados pelos próprios filhos. Além disso, este desligamento facilitaria o dos adolescentes.

Hoje existem mães que vivem papéis muito diferentes. Assim, Sandra Scarr¹⁹, por exemplo, demonstra que filhas de mães que se dedicam a um trabalho que lhes satisfaz têm mais autoconsciência como mulher e estão muito menos dispostas a se colocar em posições dependentes de homens, mesmo quando elas têm um complexo paterno com gradação mais positiva. Elas também superam com mais facilidade o processo de lidar com a mãe, pois não precisam primeiramente tirar a mãe da desvalorização.

Mas não é apenas a mãe pessoal que desempenha um papel no desligamento da filha, não é apenas o papel da mulher como mãe na sociedade que ajuda a influenciar a temática do desligamento, mas também as imagens arquetípicas do feminino que as pessoas tão generalizadamente consideram como feminino. E, então, sempre surge a idéia de que o “feminino” é algo perigoso. Visto que as grandes deusas femininas representam o nascimento e a morte, a fertilidade e a seca, o amor e o ódio, liga-se com o poder de mulheres concretas o vão existente entre a grande riqueza da vida, da plenitude e a morte. É ilícito projetar sobre as mulheres estas experiências arquetípicas.

18. Kast, 1991, pp. 53 ss.

19. Scarr, 1987, p. 32.

Nessa projeção configura-se sobretudo o medo do poder das mulheres, medo que se origina especialmente do fato de as mulheres serem depreciadas ou idealizadas, mas não levadas a sério no que diz respeito à sua essência. Nenhuma mulher personifica a morte, ainda que ela tenha dado a vida a um filho inserindo-o, deste modo, em uma vida em cujo fim está a morte. Para a adolescente, tais conceitos de mulher, que lhe chegam diariamente pela propaganda, literatura e pelo cinema, significam que suas raízes são perigosamente ambivalentes. Por outro lado, os deuses masculinos são bem mais presentes que as deusas. Todavia, neste ponto, aconteceu muita coisa nos últimos anos. O fato de as mulheres pesquisarem as diversas deusas femininas — e não apenas o aspecto maternal das deusas — e trazê-las à consciência mostra como é essencial que a mulher também sinta que há às suas costas uma deusa e não somente um deus masculino e que também é correto para a mulher ter uma identidade original, e não uma emprestada por um deus masculino. É importante que o feminino arquetípico, como hoje se nos apresenta, seja sempre descrito e assim venha à consciência. Deste modo, a constatação unilateral da mulher a respeito do feminino como doador de vida e proporcionador da morte ampliasse para um espectro pleno, rico, que a vida feminina e sobretudo também as deusas indicam.

Esta modificação no consciente coletivo, que nitidamente começa a se desenvolver, deveria dar às adolescentes o sentimento de que sua identidade se funda em algo que é em si valioso e desvela aspectos autonomamente importantes da vida, e de que são possíveis vários papéis para uma mulher hoje. Em conexão com o tornar-se consciente das figuras arquetípicas femininas encontramos — mais próximo da vida concreta cotidiana — a ânsia pelos modelos femininos, pelo testemunho de mulheres que viveram plenamente suas vidas. Biografias de mulheres sobre mulheres atualmente tomam em consideração essa ânsia. Nessas biografias se expressa que as mulheres agora não são simplesmente idealizadas, nem se identificam de modo indiferenciado com as deusas, o que provocaria uma outra forma de identidade derivada, mas sim que procuram testemunhos de vida vivível de mulheres e, com isso, também idéias de como a sua própria vida poderia parecer.

O desligamento da adolescente acontece, no lidar com a própria mãe, sobre este plano de fundo descrito. A mãe é o modelo contra o qual primeiramente se concebe a auto-identidade. As garotas encontram a sombra, a vida não vivida de suas mães e começam a idealizar o que não foi levado a efeito na vida da mãe. “Quero fazer tudo diferente da minha mãe” pode naturalmente indicar que a mulher tem um complexo materno originalmente negativo, como Jung o descreveu²⁰, mas também é uma frase padrão no desligamento. Realmente a garota não tem uma posição própria, mas ela é no início simplesmente contra. Isto pode ser o começo do encontro da identidade.

Nesse posicionamento contra a mãe não se exige que as filhas odeiem as mães. Teoricamente, essa exigência deriva-se da idéia de que mães e filhas são idênticas, de que o ódio traz a separação necessária para se atingir uma personalidade própria²¹. Há nisto dois mal-entendidos: ainda que sejam ambas mulheres, isto não quer dizer que sejam iguais, que vivam, por assim dizer, em uma união dual até que a filha chegue à adolescência. E, mesmo que as mulheres fossem muitos semelhantes entre si — o que pode acontecer em casos especiais —, não é o ódio que traz a solução, pois o ódio não separa, ele une. Provavelmente pensamos de modo equivalente nas pessoas que odiamos e nas que amamos, quando não mais.

Nesse desligamento, as mães são naturalmente criticadas por suas filhas, e assim também deve ser. Censuram-se as mães, por exemplo, por não serem consistentes em seus projetos de vida, por terem insistido em ser supridas com marido e filhos e, então, subitamente dizerem que perderam a vida. Criticam-se as “mentiras de vida” das mães, que geralmente estão relacionadas com o fato de elas também terem se desligado muito pouco dos complexos paterno e materno. Elas também são criticadas por delegarem às suas filhas muitas coisas que elas mesmas não viveram; essas delegações são frequentemente ambíguas: “Trate de ter uma profissão própria em que você tenha êxito, mas também me dê os netos a tempo”.

20. Jung, GW 9/1, p. 105, parágrafo 170.

21. Rhode-Dachser, 1990, p. 47.

As delegações são privações da liberdade e, além disso, atrapalham sensivelmente a relação entre mãe e filha.

Naturalmente há delegações também entre pais e filhos, entre pais e filhas, entre mães e filhos. No entanto, elas parecem ser especialmente freqüentes entre mães e filhas.

Também a insegurança das mulheres quanto aos papéis, que comporta uma grande lacuna, torna-se clara nessas delegações contraditórias, quando as mães, por exemplo, dizem às suas filhas: "Preste atenção, as mulheres geralmente não são ouvidas, mas nem por isso seja abelhuda". O que deve fazer a filha com uma mensagem dupla como essa? Menos criticada, mas dolorosamente assinalada, é a incerteza de mulheres no trabalho fora de casa. As mulheres sabem que freqüentemente realizam um trabalho muito bom, contudo freqüentemente ignoram o valor desse trabalho. Elas têm a tendência de tentar aperfeiçoar algo uma vez mais, ou não respondem pelo valor de seu trabalho onde este, por exemplo, seria exigido. É necessário que se tome querido das mulheres aquilo que elas criam no mundo. Flaake²² explica este comportamento da seguinte maneira: as garotas não são reconhecidas e espelhadas, nem pelo pai nem pela mãe, em coisas que dizem respeito ao trabalho profissional posterior; as garotas com muita freqüência ainda são elogiadas em virtude de sua graça, beleza, boa conduta. Estes aspectos do si-mesmo são reconhecidos e, como desejáveis, são jogados para o primeiro plano. Flaake sugere que as mulheres devam reconhecer entre si, reciprocamente, o valor de seus trabalhos para, neste ponto, compensar uma falta. Isso seria desejável, mas também significaria que as mulheres deveriam lidar de modo bastante claro com a inveja.

Não só os modelos desempenham um grande papel nesta fase de desligamento, que é no fundo uma fase de autodescoberta, mas também as relações com outras mulheres, caso a marca produzida pelo complexo materno permita isso. Se uma mulher é marcada por um complexo materno muito negativo — o que significa que para ela as mulheres, e especialmente as mulheres maternas, são apenas uma fonte das maiores decepções —, então este caminho geralmente não

22. Flaake, 1989.

está aberto. A relação com outras mulheres possibilita o processo do tornar-se consciente de si mesma como mulher: as mulheres, então, não se vêem apenas com os próprios olhos, mas também por meio dos olhos de outra mulher. Elas se refletem mutuamente, se percebem, se aceitam. Mas a relação com outras mulheres proporciona também uma qualidade de vivência que pode ser, em minha opinião, caracterizada antes de tudo pela "qualidade *anima*": uma atmosfera da comunhão entre si e do "tornar-se amplo" espiritualmente, sem que seja necessário proteger-se, é uma forma da abordagem erótica que não procura imediatamente a ação; uma fascinação com as possibilidades, ternuras femininas etc., que simplesmente podem ser experimentadas. Por meio disso também se vivificam imagens femininas inconscientes ligadas com as emoções que lhes pertencem, cada uma, de modo especial; as quais têm muito a ver com união — união terna, união selvagem — e abrem diversas dimensões do ser mulher. Originalmente, Jung considerava a "*anima*" a parte feminina na alma do homem, a mulher tinha por sua vez um *animus*. Atualmente, no entanto, a necessidade de *anima*, por parte das mulheres, parece ser muito grande, e é essencial também para elas no processo de desligamento do complexo materno. A troca de experiências com as amigas — caso elas já não tenham sido colocadas em segundo plano, visto que a relação com o namorado, condicionada social ou também familiarmente, é tão exigida e estimulada — como também a vivência emocional no meio delas são importantes no desenvolvimento de estruturas de relação, nas quais ela não precisa renunciar a si mesma, podendo, pelo contrário, ser ela mesma. Além disso, aqui, sentimentos diferenciados são despertados e cultivados no âmbito das relações²³.

A partir dessa vivência cristaliza-se um novo projeto de vida que agora permite também uma reconciliação com a mãe: geralmente é um lidar com a mãe que, todavia, se conduz empaticamente, no qual se pode deixar que a mãe também se coloque como uma personalidade independente e seja compreendida em sua transformação. Nessa reconciliação a mulher também irá constatar em quais peculiaridades ela se assemelha à mãe e perceberá que talvez tenha as mesmas características desagradáveis com as quais pode, no melhor dos casos, apren-

23. Kast, 1992 [2]

der a lidar de outro modo. Mas também irá constatar que, apesar das semelhanças, ela é um ser humano completamente diferente.

Essa reconciliação poderia se expressar em conversas, nas quais fique claro para a filha por que sua mãe escolheu tal projeto de vida, mas também nas quais a mãe perceba mais ou menos qual é o projeto de vida da filha. Talvez a filha também tenha de aceitar com o coração sangrando que ela tem um projeto de vida que a mãe encara ceticamente ou que absolutamente não pode aceitar, tendo em vista sua história. A crise de reconciliação salienta-se a partir da decepção de que a antiga relação entre a filha infantil e a mãe nunca será restabelecida, na qual elas talvez fossem um coração e uma alma. Mas ela também pode originar-se da frustração na esperança de que elas ainda poderiam afinal construir uma estreita relação mãe-filha, o que até então nunca acontecera e como evidentemente deve ser na fantasia da mulher. Na melhor das hipóteses, é possível uma boa e confiável relação entre mãe e filha, uma relação entre duas mulheres que se conhecem bem, se protegem e admitem ter diferentes imagens de mulher.



“Não tem sentido algum se esforçar”

COMPLEXOS E A MEMÓRIA DE EPISÓDIOS

Complexos¹ são constelações específicas de lembranças de experiências e fantasias condensadas, ordenadas em torno de um tema básico semelhante e carregadas com uma forte emoção da mesma qualidade. Quando, na vida, se toca nesse tema ou nos afetos correspondentes, nós reagimos de maneira complexada, ou seja, enxergamos e interpretamos a situação no sentido do complexo, tornamo-nos “emocionais” e defendemo-nos de modo estereotipado, como já o fizemos sempre. No âmbito das relações, isto significa que a compreensão mútua é inicialmente interrompida em tal situação. Os complexos se tornam evidentes em nosso viver e agir, mas também se manifestam em símbolos, acentuando-se, então, o núcleo desses complexos voltado para o futuro. Segundo Jung, os complexos têm um núcleo arquetípico, ou seja, eles se formam no ponto em que se aborda algo indispensável à vida.

Complexos são núcleos afetivos da personalidade, provocados por um embate doloroso ou significativo do indivíduo com uma demanda ou um acontecimento no meio ambiente, acontecimento para o qual ele não está preparado². Toma-se claro, com essa descrição, que os complexos surgem da interação do bebê, da criança com as pessoas

1. Kast, 1990, pp. 44 s.

2. Jung, GW 3, especialmente: *Der gefühlsbetonte Komplex und seine allgemeinen Wirkungen auf die Psyche*, parágrafos 77-106.

de seu relacionamento. E a primeira infância é naturalmente uma situação marcante especialmente sensível para o surgimento dos complexos; contudo, os complexos podem surgir a qualquer momento, enquanto vivemos.

Nessa descrição do surgimento de um complexo, Jung tinha em vista o complexo que causará dificuldades ao indivíduo. Trata-se aqui, naturalmente, do complexo que mais preocupa as pessoas. Mas também devemos pensar que todas as interações significativas entre a criança e as pessoas de seu relacionamento, todas as interações entre os seres humanos podem se tornar complexadas. Portanto, estão retratadas nos complexos as interações de relacionamento problemáticas e marcantes, como também, deste modo, as histórias de relacionamento de nossa infância e de nossa vida posterior juntamente com as emoções correspondentes, com as formas de defesa dessas emoções e as expectativas daí provenientes sobre como deve ser a vida, por exemplo.

Uma interação difícil ou portadora de significado entre duas pessoas, em que emoções entram em jogo, instala portanto um complexo. Todo evento semelhante é, então, interpretado de acordo com esse complexo, além de reforçá-lo. Ou seja, as pessoas aprendem que determinadas situações estão sempre ocorrendo, acompanhadas de emoções sempre iguais. Nos complexos são retratados episódios de nossa vida que se distinguem por uma emocionalidade especial.

Em nossos complexos não se retratam simplesmente pai ou mãe com seu comportamento ou irmãos exatamente como eles eram; os complexos parecem ser, antes, uma complicada fusão de algo factualmente experienciado e algo fantasiado, de expectativas frustradas etc. Contudo devemos constatar que, por meio de uma dissolução parcial dos complexos, mais recordações se libertam e se torna possível um maior acesso a histórias particulares da vida. Com isso o sentimento de vida se enriquece, ocupa-se melhor o complexo do eu, e experiencia-se a auto-identidade também na continuidade. A história real é algo muito misterioso e impossível de ser realmente reconstruída.

No entender de Jung, as constelações de complexos são reconstruídas, e neste processo, por um lado, a porção recalçada é trazida à esfera da consciência e, por outro, tais constelações são vis-

tas também como entroncamentos afetivos que provocaram e provocam estranhamentos e alienações, que são o solo para identificações não desatadas. No entanto, elas também estimularam capacidades inteiramente determinadas e encerram um potencial de desenvolvimento, que se manifesta nas fantasias por elas provocadas. Esse potencial de desenvolvimento torna-se especialmente evidente nas imagens arquetípicas, que sempre aparecem quando aspectos importantes do complexo são trazidos à consciência.

Pelo menos tão importante como a reconstrução do passado é a análise da postura de expectativa conectada com toda constelação de complexo e que se refere apenas ao aqui e agora da relação analítica, mas também à perspectiva futura da vida própria. Assim, uma frase de complexo pode aniquilar a abertura do futuro e bloquear novas experiências. Uma frase de complexo com essa característica, proferida por uma analisanda, era: "Não tem sentido algum se esforçar, eu me calo em situações importantes". Neste caso, expectativas, nostalgias, utopias movem-se sob o ditame dos complexos apenas nos trilhos de um passado consolidado — se é que elas vêm à tona. No entanto, isso quer dizer que não se pode alcançar a vida própria. Vive-se então entre o passado que pesa e o futuro que infunde medo.

O conceito dos complexos tem grande semelhança com o conceito das "representações de interações generalizadas", as chamadas RIGs (*Representations of Interactions that have been Generalized*, RIGs)³ de Daniel Stern. Stern parte da "memória de episódios"⁴, que Tulving descreveu como lembranças de vivências e experiências reais. Esses episódios lembrados poderiam se referir a eventos cotidianos totalmente banais, como um café da manhã, ou também a eventos emocionais importantes como, por exemplo, nossa reação à notícia do nascimento de uma criança e assim por diante. Na memória de episódios, são lembradas ações, emoções e percepções etc. como uma unidade em si indivisível, em que naturalmente se podem focalizar seus aspectos isolados como, por exemplo, a emoção. Mas, caso apareçam repetidamente episódios comparáveis — por exemplo, peito, leite, saciedade —, então esses episódios são generalizados, ou seja, a criança

3. Stern, 1992, pp. 143 ss.

4. Tulving, 1972.

espera que também no futuro esses episódios apareçam da mesma maneira. Esse episódio generalizado não é mais uma lembrança específica, "ela contém lembranças específicas multiformes ... Ela representa uma estrutura do provável decurso do evento, que se apóia em expectativas ordinárias"⁵. Por meio disto, naturalmente se despertam expectativas que podem ser frustradas. Segundo Stern, essas RIGs surgem a partir de todas as interações; elas são para ele unidades fundamentais da representação do si-mesmo nuclear e proporcionam ao bebê a sensação de ter um si-mesmo nuclear coerente, base da experiência da identidade.

Pode-se estabelecer uma conexão entre esse conceito de RIGs e o de complexos. A teoria da memória de episódios seria uma forma de explicar como complexos em geral são armazenados como representações na memória; também se explica, com isso, que os complexos em determinadas situações semelhantes a esses episódios marcantes são constelados e reativados, mas que, no entanto, também podem ser provocados por sensações ligadas a esses episódios ou a emoções que lembram os episódios marcantes.

Não se faria alusão, com o conceito de complexos, a todas as RIGs, mas apenas àquelas nas quais foram generalizadas situações difíceis. Esse conceito, além disso, levaria em conta a experiência de que expectativas provenientes das lembranças complexadas raramente concordam com um único episódio lembrado. Os complexos raramente surgem de uma única situação traumática; eles realmente representam algo como uma expectativa generalizada a qual mostra que daí resultam uma experiência e um comportamento complexados e que sempre ocorreram repetidas vezes interações semelhantes entre a criança e as pessoas de seu relacionamento. Ainda que seja importante e possível lembrar-se de episódios-complexos — por exemplo, a imagem de um pai de cara amarrada, sentado, colossal, no trono acima de um ínfimo garoto, que mais gostaria era de afundar-se no chão e, estrangulado de medo, não solta um ruído —, não se está dizendo com isso que esse episódio foi experienciado como tal. No entanto, ele permanece, relativamente à força da mensagem, como imagem do complexo, como imagem de um episódio generalizado. Esse aspecto é espe-

5. Stern, 1992, p. 142.

cialmente importante, pois ocasionalmente a partir das imagens dos complexos conclui-se algo a respeito do ser concreto e da presença dos pais concretos, equiparando-se portanto a imagem-fantasia com a imagem real da pessoa. Naturalmente esses episódios têm algo a ver com a presença real dos pais expressa na interação, mas não são exatamente iguais. Isto vale especialmente para os "complexos maternos" e os "complexos paternos" em geral, que abrangem, por assim dizer, a generalização dos episódios generalizados com a mãe e o maternal, com o pai e o paternal. Seria absolutamente ilícito, com base nas mães e nos pais, deduzir a partir de nosso complexo algo sobre o ser da mulher ou do homem — complexos são "produtos de interação" —, pois mulheres não são apenas mães, e homens não são apenas pais. A isso se acrescenta o fato de haver ainda, por assim dizer, de dentro para fora, mais uma expectativa: não existe apenas a experiência com a mãe pessoal ou o pai pessoal, mas também se encontra em cada pessoa a expectativa quanto ao materno arquetípico e ao paternal arquetípico; cada pessoa aguarda um certo grau de materno e paternal⁶. Sob este ângulo poder-se-ia entender na criança a expectativa generalizada — no sentido de um potencial coletivo de fantasia — que inicialmente não tem nada a ver com a experiência real da interação com os pais, mas que talvez seja vivificada pela interação.

Uma outra ligação entre ambos os conceitos consiste em que os complexos podem surgir durante toda uma vida, podendo, no entanto, ser trabalhados em cada fase da vida. Também para Stern a formação das RIGs nos diferentes níveis da autopercepção permanece ativa e em desenvolvimento durante a vida toda⁷. Em conexão com isto se encontra também uma reflexão terapêutica, que novamente aponta para pontos em comum nesses conceitos. Caso trabalhemos com temas de vida complexados, não é necessário recorrer à situação marcante, é suficiente experienciar um episódio que aponta para o complexo. É possível, por exemplo, que uma situação de relacionamento típica do complexo ocorra na terapia e traga à memória uma ocasião antiga da infância que é sentida "do mesmo modo". Pode-se trabalhar com isso. A procura pela mais antiga ocasião não é necessária, pois cada oca-

6. Jung, GW 10, pp. 49 ss.

7. Stern, 1992, p. 380.

sião-complexo tem em si o episódio generalizado com as percepções e sensações correspondentes e principalmente com os afetos correspondentes. Para Stern é importante encontrar, nesse contexto, o “ponto de partida narrativo”, a metáfora-chave⁸. Ele compreende a procura pela “versão primeva”, que, de acordo com a teoria, deveria ser finalmente genuína, como um processo sem fim com poucas chances de sucesso, pois constitui um problema fundamental levar a cabo a tradução de episódios pré-verbais em verbais⁹.

Do ponto de vista da teoria do complexo é importante entender os símbolos, e especialmente as interações simbólicas: os símbolos retratam os complexos. O complexo apresenta-se para a vida em imagens-chave, por exemplo em sonhos e imaginações. Então se podem experienciar nitidamente as emoções ligadas a isso. Desta maneira podemos tirar conclusões: por um lado, sobre a experiência da criança, o que ajuda a nos transportar para sua situação e a compreender as dificuldades e o sofrimento da situação marcante e, por outro, sobre o comportamento da pessoa do relacionamento, com a qual geralmente o indivíduo também se identifica quando adulto¹⁰ e cujo papel ele também naturalmente representa. E podem-se tirar conclusões também a respeito da forma de interação existente no âmbito do complexo, juntamente com os sentimentos ambivalentes ligados a isso. Caso se tenha êxito em ver e experienciar, nas figurações simbólicas, os embates instaladores de complexo, sempre mais episódios serão lembrados, episódios que levaram à formação de um complexo e à transferência do comportamento complexado para outras pessoas, como se estas fossem as pessoas com as quais o indivíduo originalmente se relacionou. Contudo, o essencial na perspectiva da psicologia junguiana é que esses símbolos, que retratam os complexos, têm em si um potencial energético, que se expressa nas fantasias ligadas a eles. Os complexos são vistos como algo que inibe a pessoa e faz o indivíduo, nas situações que exigiram dele uma resposta diferenciada, responder e reagir sempre da mesma maneira estereotipada; todavia os complexos também contêm germes de novas possibilidades de vida¹¹. Estes

8. *Ib.*, p. 364.

9. *Ib.*, p. 363.

10. Kast, 1990, pp. 196 ss.

11. Jung, *Allgemeines zur Komplextheorie*, in GW 8, parágrafo 210.

também se manifestam precisamente nos símbolos, que retratam os complexos.

Todas as pessoas têm complexos — Jung, contudo, menciona que acontece o oposto, ou seja, os complexos *nos* têm¹²; pelo menos o livre-arbítrio acaba ali onde se inicia a região do complexo, ou, dito de outra forma, quanto mais emoções estão atadas em nossos complexos, mais restrito é o livre-arbítrio quando esses complexos entram em ação¹³. Complexos são problemas da vida, que são também expressão de temas centrais da vida; eles exprimem problemas de desenvolvimento, que são também temas de desenvolvimento. Eles constituem nossa disposição psíquica.

Resumidamente, pode-se dizer sobre o complexo: como complexo designamos os conteúdos do inconsciente, os árdios episódios de relacionamento generalizados, que estão vinculados, pela mesma emoção e por um núcleo comum de significação (arquétipo), aos típicos temas e episódios de relacionamento e que até certo ponto podem representar-se reciprocamente¹⁴. Cada evento carregado de afeto torna-se um complexo. Quando se abordam os temas ou as emoções ligados ao complexo, ativa-se todo o conjunto dos vínculos inconscientes — para isso se emprega na psicologia junguiana a expressão “constelação” — juntamente com a emoção correspondente de toda a história de vida e das estratégias de defesa que daí resultam e fluem estereotipadamente. Quanto maiores são a emoção e o campo de associação de significados correspondente, “mais forte” é o complexo, mais se impelem para o segundo plano outras partes psíquicas, especialmente o complexo do eu. A força atual de um complexo, em relação aos outros complexos presentes e ao complexo do eu, pode ser descoberta com o experimento de associação, um instrumento desenvolvido por Jung e que o levou ao conceito do complexo¹⁵.

Do complexo do eu, Jung dizia que ele forma o “centro característico” de nossa psique, mas que é, apesar disso, apenas um complexo

12. *Ib.*, parágrafo 200.

13. *Ib.*

14. Cf. Kast, 1990, pp. 45 ss.

15. Jung, *Experimentelle Untersuchungen über die Assoziationen Gesunder*, in GW 2; Kast, 1980

entre outros complexos. "Os outros complexos associam-se mais ou menos com o complexo do eu e, desta maneira, tornam-se conscientes."¹⁶ A tonalidade de sentimento do complexo do eu, o sentimento de si mesmo, Jung o entende como expressão de todas as sensações corporais, mas também como expressão de todos aqueles conteúdos da representação que atribuímos à nossa pessoa¹⁷. As associações ligadas ao complexo do eu giram em torno do tema vital da identidade, do desenvolvimento da identidade e do sentimento de si mesmo, da autoconsciência que se vincula a isso. A base de nossa identidade é formada pelo sentimento de vitalidade e por algo em estrita conexão com ele, o sentimento de atividade do eu: é o sentimento de estar vivo; neste sentimento se enraíza a possibilidade de se impor como eu na vida, de se efetuar algo, enfim, de auto-realização. Vitalidade, atividade do eu e auto-realização condicionam-se entre si. No decorrer do desenvolvimento, a autodeterminação pertence cada vez mais à atividade do eu, em contraposição à determinação externa. A experiência da própria identidade pertence também o saber seguro sobre si mesmo, sobre as representações que tenho de mim mesmo, na demarcação e no lidar com representações que os outros têm de mim e me apresentam. Um pressuposto para esse complexo do eu relativamente determinado é que ele se diferencie, de acordo com a idade, dos complexos paterno ou materno para se tornar também cada vez mais autônomo e que o indivíduo se exponha a novas relações e experiências. Nisto o desligamento não é apenas dependente dos complexos e dos pais concretos, mas, de modo inteiramente decisivo, da atividade do eu e da vitalidade. Há crianças que, apesar dos complexos paterno e materno que as constroem, podem se desligar suficientemente, enquanto outras mal podem se desligar de complexos menos coercitivos. Esta diferença tem a ver, entre outras coisas, com um fator de vitalidade, ligado a um fator de atividade do eu.

Temos de maneira bastante geral: se os complexos constelados não se tomam conscientes, eles se encontram projetados. Caso o eu consiga entrar em contato com o acontecimento complexado, assumir responsabilidade por isso e desenvolver empatia por si nessa situação,

então se pode observar como se experienciam símbolos que exprimem o complexo e, possivelmente, reações corporais também, que se deixam traduzir em símbolos; é verdade que vivenciamos emoções corporalmente, mas elas também sempre chamam a atenção para um plano de fundo carregado de sentido. Caso esses símbolos e as fantasias correspondentes possam ser experienciados e configurados, pode a energia, represada no complexo, tornar-se uma energia que vivifica o indivíduo todo e impulsiona novas possibilidades de comportamento.

Os complexos constituem nossas marcas. Quem durante a infância experienciou muita dedicação, atenção, interesse em todas as manifestações, envolvimento do amor maternal, será marcado por um "complexo materno originalmente positivo". Este marcará as expectativas em relação às outras pessoas, à vida, ao mundo, mas também determinará consideravelmente os interesses.

Aquele cujo maior problema na infância foi o conflito com uma mãe que — por qualquer razão que seja — tinha dificuldades em se adaptar às necessidades dessa criança, e quem também não pôde experienciar por meio de outras pessoas uma dedicação maternal sustentadora serão marcados por um "complexo materno originalmente negativo". Quem teve, por outro lado, as primeiras experiências significativas ou os dolorosos embates com o pai será, conforme as experiências tenham sido inicialmente vivenciadas como estimuladoras ou inibidoras, marcado por um "complexo paterno originalmente positivo ou negativo". Complexos materno e paterno são conceitos genéricos, que no entanto dizem algo sobre a atmosfera que circunda uma pessoa, sobre temas vitais especiais que são importantes, e sobre necessidades típicas de desenvolvimento e dificuldades.

Os complexos não nos marcam apenas, eles também são constelados, eles "entram em ação". Por meio de uma experiência de relacionamento que lembra uma situação-complexo, por intermédio de um sonho ou de uma fantasia, o complexo se constela. Ou seja, nestes casos nós reagimos emocionalmente a situações atuais de modo impróprio, temos uma super-reação; é que reagimos não só à situação atual, mas sim a todas as situações de nossa vida que se assemelham de maneira tão fatal a essa situação. Também pode-se dizer que em tais ocasiões sofremos de um distúrbio perceptivo porque percebemos de acordo com o complexo e ofuscamos o que não pertence ao episódio.

16. Jung, GW 8, parágrafo 582.

17. Jung, Das Ich, in GW 9/II, 3 e 4; Kast, 1990, pp. 67-113.

dio-complexo. Como consequência, temos uma estratégia estereotipada, que supostamente nos ajuda a lidar com a situação.

Na constelação de cada complexo materno ou paterno podem-se constituir diversos modos de comportamento que ajudaram o filho a estabelecer com a mãe ou com o pai, ou na família como um todo, uma atmosfera suficientemente boa ou a preservá-la para si. Estes modos de comportamento conservam-se na vida futura. Caso nos tornemos conscientes deles, poderemos decidir se queremos ou não mantê-los.

Na minha exposição, parto do fato de que os complexos maternos se formam primariamente na relação com a mãe social e os complexos paternos na relação com o pai social. Neste ponto, deve-se contudo observar que esses pais e mães pessoais têm também aspectos coletivos, pois querem corresponder mais ou menos à imagem materna ou paterna em vigor, e que há também outras pessoas com as quais se pode experienciar algo paternal ou maternal. Também é plenamente possível que, por exemplo, se experiencie o paternal transmitido também pela mãe. Com base na constatação de que sempre se podem ver, repetidamente, certos aspectos em todos os complexos maternos ou paternos a partir das marcas dos complexos encontradas em filhos, mães e pais — por mais diferentes que possam ser entre si —, então se pode falar em aspectos típicos desses complexos. Naturalmente isso também está relacionado ao fato de sempre haver entre pais e filhos experiências iguais, que não dependem simplesmente do comportamento do filho, da mãe ou do pai.

Para apresentar o que é típico nos complexos materno e paterno, descreverei por meio de exemplos práticos modelares as respectivas atmosferas do complexo que circundam o indivíduo com uma tal marca. Acrescentarei algo à gênese desse complexo, depois esclarecerei âmbitos do complexo no sentido restrito, os quais certamente transitam no território desse elemento típico mas que, no entanto, também adicionam algo de individual. Ou seja, irei procurar e apontar estruturas de complexo típicas do relacionamento em questão, tal como elas estão agindo, repetidamente, na vida atual e nas relações.



“O mundo tem de apreciar alguém como eu”

O COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE POSITIVO DO HOMEM

Complexos que foram inicialmente experienciados inteiramente como promotores de vida podem-se mostrar em seguida como inibidores, quando não se efetua um desligamento adequado à idade. O complexo materno originalmente positivo pode ter um efeito absolutamente “negativo”. Ao designar esta forma de complexo como originalmente positiva, estou descrevendo uma marca típica, a partir da qual são possíveis desenvolvimentos fundamentalmente distintos.

“ESPERANDO A SORTE GRANDE”

Balthasar

Como ilustração, introduzo um exemplo que, de um ponto de vista diferente, descrevo de modo mais conciso e extremo a fim de poder formular melhor o caráter desse complexo materno.

Um homem de 40 anos, a quem chamarei Balthasar, procurou terapia e inicialmente contou que era um homem muito sensorial, que tudo o que dissesse respeito aos sentidos era fundamental em sua vida, na verdade, a coisa mais importante. Ele sublinhou essa declaração, enquanto acariciava a mesa de madeira de forma bastante sensível e mencionava que tinha passado por uma árvore muito interessante. Essa árvore, ele a descreveu de tal modo que fui capaz de sentir seu

cheiro em minha fantasia. E disse também que gostava de comer e comia bem, embora seu peso — mencionou que era realmente um pouco gordo, o que, para não dizer coisa pior, era atenuar os fatos — talvez deixasse transparecer que seria desejável que ele fundamentalmente trouxesse um pouco mais de moderação à sua vida. Prazerosamente, ele se estendeu em sua cadeira em que mal cabia.

Inicialmente ele não concordou que eu quisesse vê-lo sempre durante uma hora, gostaria de meio dia de análise, e quando necessário — assim ele ponderava — talvez pudéssemos nos ver o dia todo.

Na discussão sobre meu honorário, que seria em grande parte assumido pelo seguro de saúde, ele se declarou a favor de uma quantia própria, a menor possível, com a justificativa de que eu decididamente ganharia muito com a terapia dele, de sorte que eu poderia abrir mão do dinheiro, e ele, em contrapartida, poderia financiar suas extensas viagens.

(Posteriormente a esta posição, eu passei a ouvi-lo com crescente interesse;...) que complexo materno acentuado se manifestava aqui! Meu interesse o estimulava a contar mais de suas viagens e, nisto, sobretudo de sua capacidade de sentir prazer. Ele irradiava algo de uma pessoa capaz de sentir prazer, que se anima muito com o interesse de quem lhe está próximo. Sentia-se bem e, quando lhe anunciei que gostaria de conservar minhas sessões normais e não haveria meio dia de análise e também ao fazer questão de um preço, a meu ver, justo, ele reagiu de modo superficialmente afável e compreensivo, mas no fundo magoado:

— Está tudo claro, a senhora, em todo caso, é devorada (submetida a muitas exigências), e então a gente deve pegar o que sobra. Mas é uma pena, para a senhora provavelmente teria sido uma experiência compensadora.

É também típico que, para expressar sua ofensa, ele tenha escolhido metáforas do âmbito da ingestão de alimentos.

Balthazar era muito talentoso, mas evidentemente pouco capaz de fazer alguma coisa de seu talento. Ele tinha abandonado três cursos

profissionalizantes e concluído um. Trabalhava como artista e tinha à sua disposição diferentes estilos artísticos; ele falava animadamente sobre idéias, não tendo, contudo, nenhuma obra que pudesse mostrar. Ocorreram "tentativas" isoladas, pois a sorte grande ainda não chegara, esta certamente viria, contanto que ele tivesse bastante fôlego para esperar. Falava um pouco desrespeitosamente de colegas artistas, que são "animais do trabalho", que sempre "se sujam", que expõem e publicam aquelas coisas, mas não fazem nenhum grande lance, que não têm bastante fôlego para esperar o grande sucesso.

— Tantas coisas me interessam, então eu faço uma coisa aqui, depois vou atrás de outra. Estar interessado em várias coisas não é inspirador?

Quando expunha suas idéias, ele, em todo o caso, conseguia sempre me contaminar com seu entusiasmo no começo do tratamento. Com o tempo se verificou que ele não queria se concentrar em nenhum de seus talentos, estava convicto de que precisava concretizar tudo que pudesse em sua vida. E também não era capaz de avaliar seus diversos talentos. As manifestações de seus colegas em relação a isto, ele as recusava terminantemente, considerando-as intromissões. Ele realizava muito pouco, tinha pouca disciplina de trabalho, pouca estrutura em seu cotidiano. Sempre esperava que um trabalho se impusesse forçosamente de dentro para fora. Ele tinha, é verdade, força de vontade, ou seja, tinha uma idéia e começava a concretizá-la, mas freqüentemente nunca ultrapassava um esboço inspirado ou algumas anotações compactas sobre algum tema. Isso lhe bastava.

No âmbito das relações, ele tinha dificuldades em se comprometer. Contou-me que tinha se casado duas vezes, sendo novamente abandonado pouco tempo depois. Nunca teve necessidade de casar por conta própria.

— Mas você sabe, as mulheres querem isso, e se elas querem acabam convencendo alguém...

Constatou-se que ele tinha de se opor muito pouco a pessoas "que sabiam o que queriam". No entanto, ele também exigia muito das parceiras e dos parceiros — ele se via como bissexual. As parceiras

deveriam sobretudo admirá-lo, apreciar sua riqueza, compartilhar com ele sua sensualidade. Deveriam ter algo de materno, mas não parecer maternas. "Embrulhadas o mais jovens possível". Os parceiros masculinos deveriam saber como controlar a vida, deveriam dizer o que fazer ou deixar de lado. A convivência com homens darava no máximo três meses, porque geralmente os homens escolhidos tinham para ele, com o decorrer do tempo, muita estrutura, eram muito tímidos, cautelosos, forçados.

Tanto os parceiros como as parceiras censuravam-no, dizendo que ele não cumpria o que prometia sua natureza. A maioria das pessoas iriam inicialmente considerá-lo quente, sensível, compreensivo, empático, agradável e solícito. Ele também dizia que era assim. Mas disse que, quando havia dificuldades, se safava. Toda essa "afetação das relações" era muito complicada para ele. Achava que talvez algum dia aparecesse a pessoa certa, com a qual ele simplesmente se daria bem.

Com 35 anos teve uma crise. Surgiu algo como "um nojo à vida", acumularam-se os sinais da resignação e da dúvida acerca de si mesmo. Percebeu que o carrossel de parceiros começou a girar cada vez mais rápido. Desenvolveu um sentimento de fúria cada vez maior "pelo mundo", que não lhe dava o que no fundo lhe cabia. Quando lhe perguntei o que lhe cabia, ele disse:

— O mundo deve apreciar alguém como eu, deve me admirar, preparar o terreno para que eu possa desdobrar meus talentos.

Essas irrupções de resignação ocorriam sempre com maior frequência. No início, Balthasar tentou repelir suas indisposições depressivas com o álcool. Quando isso começou a piorar, ele procurou terapia. Relatou que seu sentimento de vida já não o sustentava, que tinha uma crise de sentido, crises de relacionamento permanentes, uma depressão e um problema com o álcool.

"IR EMBORA É PECADO"

A gênese dessa marca de complexo

As relações maternas, tal como Balthasar se lembra delas, são otimamente descritas em algumas imagens, também em alguns episó-

dios típicos lembrados. Ocorrem-lhe várias situações, que ele consegue imaginar plasticamente, que ele ainda tem presente em todas as modalidades da imaginação. Ele sente o cheiro, ouve, vê, e sobretudo: ele sente alguma coisa quando conta suas histórias.

Seleciono três imagens:

1. Ele se vê em diversas idades na cozinha, junto com a avó e a mãe que cozinham. O pai de algum modo participa disso e está bebendo algo. Garrafas vazias já estão espalhadas por todo o lado, e o ambiente é alegre, cheio de vida e um pouco caótico. Há muitos filhos aí, cinco ao todo, Balthasar é o mais novo. E ainda alguns amigos do filho mais velho estão ali. Está quente e fazem barulho, o lugar tem cheiro de gente, de comida e é muito aconchegante.
2. Balthasar lembra-se de que "nunca" tinha roupas limpas. As crianças que tinham de se sentar ao seu lado na escola torciam o nariz e lhe perguntavam se sua mãe não podia lavar roupas. Ele respondia que ela preferia cozinhar. Ele cheira a própria roupa, considera o cheiro completamente normal. "Era esse o cheiro de todos em casa."
3. Ele e seus irmãos não iam regularmente à escola. Caso fossem criticados lá fora, inventavam doenças. Seu pai é sobretudo criticado porque bebe em demasia. A grande família acha que cada um pode fazer o que quer dentro de suas quatro paredes. Para a família, o fato de o pai beber não parece ser um problema.

A marca do complexo materno não é provocada apenas pela relação com a mãe, mas por todo o "campo materno"¹, por tudo que se experiencia como materno. A mãe é descrita aqui como aquela que sobretudo cuida da alimentação, auxiliada pela avó. Descreve-se a atmosfera na cozinha como se aqui se tratasse mais uma vez de uma barriga materna, onde a pessoa se sente protegida, é constantemente nutrida, onde está tudo bem. O pai pertence à cena "de algum modo"; ele parece não estar presente realmente, é afavelmente tolerado em sua ausência alcoólica. Pelo menos é assim a lembrança de Balthasar. A família mantém-se unida contra o mundo mau, que impõe exigências

1. Uma expressão de Peter Haerlin, 1987.

que a família não consegue atender. A agressão é voltada contra o mundo exterior, agressão que poderia levar a separações necessárias e possibilitar um desenvolvimento para fora da atmosfera do complexo materno.

A família toda é marcada por um complexo materno originalmente positivo, evocado por mães que estão preocupadas de modo bastante sensorial com o bem corporal de seus membros. Parece ter havido uma grande proximidade vegetativa entre as pessoas, uma grande aceitação também das diversas crianças. Diante da pergunta se ele se lembrava de uma frase da mãe que expressasse uma proibição, ele se recordou, após longa reflexão, da frase: "Ir-se embora é pecado". Os irmãos resolviam esse problema trazendo para dentro de casa seus namorados e namoradas. Eles queriam ter relações sexuais, o que nas décadas de 40 e 50 implicou que se casassem cedo. Mas nem por isso mudaram de casa, continuaram a morar com os pais e irmãos. Vez por outra, impunha-se uma nora ou genro em seu desejo de uma linha divisória.

A mãe morreu com 65 anos, Balthasar na época tinha 35. A crise citada por ele tinha certamente uma conexão com a morte da mãe.

No início achou que não poderia suportar a perda da mãe. Ele também lamentou a mãe que ganhara tão pouco da vida. Contudo pensou também que o marido dela já era, na verdade, um "fiasco", mas que os filhos de alguma maneira tinham compensado tudo.

Depois constatou meio admirado e muito feliz que uma de suas irmãs tinha conseguido produzir a mesma atmosfera materna. Isso o consolou. O fato de ele ter conseguido transferir tão facilmente seu complexo materno para a irmã poderia ser um indicio de que sua relação com a mãe era pouco pessoal e de que lhe interessava mais fazer parte dessa atmosfera maternal que oferecera tanta proteção e segurança, uma atmosfera da indistinção.

Contudo toda proteção provoca também uma restrição. Caso um filho se torne consciente da restrição, então normalmente começa um desenvolvimento rumo a uma maior independência. Isso aconteceu muito pouco com Balthasar, o que parece ser uma característica da família, basta pensarmos que nem sequer a sexualidade e o casamento impeliram os irmãos a deixar a casa dos pais.

Mas é justamente esse o problema: ora, ir-se embora é um pecado. Por isso, entre outras coisas não pôde ocorrer o desligamento desse complexo materno, de modo apropriado à idade.

Com essa frase abordou-se um âmbito, no sentido restrito, dentro desse complexo materno, mas ela pode dizer muito a seu respeito. Essa frase — e naturalmente lembranças, associações e sentimentos ligados a ela — poderia ser conectada com a problemática central desse complexo materno.

Como Balthasar experiencia hoje essa frase do complexo, em que contextos da vida ela aparece, o que ela significa? Encontramos o efeito de complexos nas relações atuais, em projeções, em sonhos e fantasias.

Balthasar contou que se sentia ofendido quando alguém, em suas reuniões, queria voltar para casa antes da hora. Quando lhe perguntei como ele entendia esse "antes da hora", ele respondeu: "antes da hora significa: antes de ter acabado". Então perguntei se seria possível que, para outras pessoas, algo tivesse "acabado" mais cedo do que para ele. Olhou-me então espantado e considerou absurda minha observação. A situação em que as pessoas iam-se embora sem que ele lhes permitisse isso, ele a apreendia de acordo com seu complexo: reagia como se tivesse sido abandonado de uma maneira existencialmente incisiva. Nisto ele se identifica com o papel que sua mãe sempre desempenhou.

O que se passa nele, nesta situação-complexo? Se seus convidados vão para casa antes da hora, ele primeiro pensa que fez algo errado. Todo o seu bom humor é destruído. Ele se sente abandonado e convertido em uma coisa repugnante por aqueles que o abandonaram. Além disso, no dia seguinte ele se sente mal, não consegue trabalhar e fica refletindo sobre o que poderia ter feito de errado. Ele se salva então com afirmações como: "Falta a essas pessoas justamente a cultura de vida, elas não têm nenhuma cultura de festa, não conseguem sentir prazer..." e assim por diante. Também nas depreciações que ele utiliza para reestabilizar sua auto-estima percebe-se a atmosfera original do complexo: ele tem cultura de vida, tem cultura de festa.

Uma outra possibilidade de "lidar" com essa situação é a de beber, ficar bêbado dias inteiros e, em seguida, deprimido. Essa é uma reação complexada a um suposto ficar abandonado. Ele reage com o sentimento de ter sido abandonado ou, mais ainda, traído de uma maneira absolutamente inadmissível.

Uma outra reação complexada: se ele vai a qualquer lugar com outras pessoas, então presta atenção para que ninguém "se perca". Fica perturbado se seus amigos e amigas, "indisciplinadamente", entram em uma loja e depois ficam parados diante de uma vitrine. Ou todos fazem isso juntos ou ninguém o faz. Ele cuida para que todos tenham algo para comer ou beber na hora certa. Mas aí de quem preferir comer ou beber fora da hora. Isso atrapalha a harmonia, o sentimento de vida que o marcou de modo tão agradável na cozinha de sua infância. Fica especialmente irritado quando alguém lhe mostra que está se comportando como uma galinha choca. Isso ocorre sempre. Enfurece-se bastante por causa disso, mas acaba admitindo que se parece um pouco com a mãe, que ficava chocando. Para ele, no entanto, "chocar" é uma designação de qualidade.

Toma-se patente: Balthasar identifica-se com o papel da mãe de seu complexo materno, ele mantém todos unidos, como fazia sua mãe em suas lembranças. Portanto, ele não reage como o filho que naquela época não podia ir-se embora, mas como a mãe que não permitia esse ir-se embora. Enquanto ninguém pretender ser independente ao seu redor, esse comportamento será julgado de maneira plenamente agradável: ele presta atenção, providencia bem-estar, alimentação no momento certo. É muito solícito. No entanto, a maioria das pessoas não entende sua reação complexada, resultante do sentir-se abandonado, que aparece quando alguém se atreve a recusar essa solicitude. Ele absolutamente não tem consciência de que reage complexadamente. Ele diz:

— Faço tudo para todos ao meu redor se sentirem bem, e eles não avaliam isso e obviamente também não conseguem suportar minha boa maneira de viver.

Que ele tenha de cuidar dos outros quase compulsoriamente e se sinta bastante atingido quando os outros impedem seu êxito nisso mostra que se trata aqui de um comportamento complexado e não

simplesmente de um comportamento aprendido com a mãe e posteriormente assumido por ele.

Possivelmente esse âmbito do complexo também se manifesta no fato de ele se apresentar ao público com seus trabalhos apenas de maneira muito hesitante, ter medo de crítica e não gostar de vender coisa alguma.

No entanto, ele também pode ser identificado, dentro dessa constelação do complexo, com o papel do filho que não pode ir embora. Ele experiencia que as pessoas de seu relacionamento exercem sobre ele uma grande pressão. Esforça-se bastante para corresponder às idéias delas de como ele deve ser. Não corresponder às idéias das pessoas é para ele uma forma de abandono. Como transfere com grande facilidade seu complexo materno para os outros, ele precisa satisfazer as idéias de muita gente. Ele sempre se adapta ou julga se adaptar sem ser elogiado por isso, nem experienciar novamente, por meio de tal atitude, a "vivência-do-nós", que se lhe convertia em elogio na infância, caso ele não "fosse embora". Em vez disso ele se abandona a si mesmo nessa situação, adapta-se onde se exigiria que ele fosse ele próprio na relação.

"DE ALTO VALOR COMO ENTRETENIMENTO"

O complexo materno originalmente positivo no processo terapêutico

No início, Balthasar queria sessões de análise que durassem o dia todo, ininterruptas, bastante tempo em que ele pudesse se expandir. Manifesta-se o tema da plenitude, que está ligado ao complexo materno originalmente positivo. Em seguida, ele dizia sempre no início da sessão que queria falar de tudo e que, no entanto, o tempo era escasso. Com a impressão de nunca ter tempo suficiente, ele geralmente não escolhia nenhum tema, mas me olhava esperançosamente, querendo dizer: Determine, você, o tema! E esse deveria ser simplesmente interessantíssimo. Caso eu lhe dedicasse alguma intenção, ele subitamente ficava animado e conseguia ser de "grande valor como entretenimento" para mim. Talvez ele tenha recompensado sua mãe, eventualmente também a avó, por seu interesse nele, sendo-lhes de grande

valor como entretenimento. Eu sempre me irritava quando ele, com muitas palavras e um espantoso dom de narrador, dizia, na verdade, quase nada; ou quando anunciava um problema apenas em um estilo telegráfico. Caso eu solicitasse mais informações ou a expressão mais precisa de seus sentimentos, ele revidava:

— Por que eu deveria lhe dar mais informações? Ora, você entende sem palavras.

Neste ponto, na relação analítica, constelou-se o estilo de comunicação que era dominante em sua família original. Ou se contavam as longas histórias de modo bastante divertido, que não continham necessariamente um grande valor como informação, ou se esperava que houvesse um entendimento “sem palavras”.

A partir de minha reação emocional a isso, de minha contratransferência, concluí que esse estilo de comunicação provocara no menino uma grande insegurança, a qual, por sua vez, provocava raiva. Contudo, ela foi reprimida, o sentimento de pertencer um ao outro compensava esse sentimento de insegurança, o medo e a raiva, que o acompanhavam. Ocasionalmente, ele afirmava que não queria trabalhar de forma analítica, que eu deveria lhe contar algo inspirador e dar, no fim, alguns bons conselhos para a nova relação. Nessas situações, ele transferia a cozinha da mãe para a situação de análise: agora deveríamos nos dar bem um com o outro, e no fim eu poderia lhe dar alguns conselhos. Diante da minha pergunta bem cautelosa sobre a conexão entre a cozinha da mãe e a situação presente, ele se comportava sensatamente, mas não percebia que talvez precisasse se modificar, pois, segundo ele, a inspiração era mesmo de altíssimo valor. E isto é também correto do ponto de vista de uma pessoa com um complexo materno originalmente positivo. Nesta situação, ele estava na posição do filho, dentro de seu complexo fundamental. Se eu refletisse, na opinião dele, durante muito tempo sobre as respostas que deveria lhe dar, ele perguntava se eu não gostava dele mais. Ser abandonado, portanto, significava também perder o amor de outra pessoa.

Interessava-lhe, nos sonhos, sobretudo seu conteúdo utópico. Sonhos que claramente sinalizavam que ele devia tomar responsabilidade por certas esferas de sua vida, ele preferia achá-los “pedantes”. Ele se

espantava com o fato de que seu inconsciente pudesse ser tão pedante. Dois temas oníricos apareciam sempre:

— Não quero nada que posso ter. Entro de carro na cidade, encontro um lugar para estacioná-lo, mas quero um melhor. Então não encontro mais nenhum. Devo entrar em uma casa, mas não sei exatamente em qual. De repente, fecham-se todas. Levanto os ombros, aborrido. São estes sonhos inoportunos...

Um sentimento torturante acompanhava esses sonhos. Naturalmente Balthasar sabia, apesar de tudo, que ele devia decidir-se por certas coisas; mesmo que talvez não encontrasse o melhor lugar para estacionar, sabia que talvez fosse até mesmo o caso de declarar o lugar livre como o melhor lugar. No entanto, o tema do tornar-se decidido e, com isso, a responsabilidade pela vida própria permaneceram ainda durante muito tempo obstruídas pela fixação no complexo materno.

O segundo tema era o de ficar preso:

— Estou subindo dentro de um elevador. Ele pára em algum lugar, mas as portas não se abrem. Fico com medo de não ter mais ar. Acordo.

Esses sonhos eram acompanhados por medo de morrer. Um sonho análogo a esses outros, e que também ilumina esses sonhos com elevador, é o seguinte:

— A mãe está sentada sobre meu peito, ela é bonita, macia e quente. Fico sem ar, mas ainda dá para agüentar.

A mãe não se igualava à mãe real, era simplesmente “a mãe”, a representante de seu complexo materno. Este o sufocava, mas ainda dá para agüentar. E não esqueçamos: estava macio e quente. Ir-se embora era impossível nessa situação, nem representava ainda uma necessidade vital.

“SER TRAÍDO — ESSA DOR LOUCA”

Como o complexo materno originalmente positivo se manifesta no nível das relações

No fundo, Balthasar nunca se envolveu realmente em um relacionamento. Estava constantemente em fuga. Uma possível explicação

comum para isso é que o homem com o complexo materno originalmente positivo está constantemente buscando a deusa-mãe², não podendo, assim, nenhuma mulher terrena satisfazê-lo. Vejo uma outra razão para isso no fato de as pessoas com um complexo materno originalmente positivo terem grandes dificuldades em se separar. Separações destroem o sentimento vital do pertencer um ao outro e exigem que a pessoa volte a se organizar sobre o si-mesmo próprio. No entanto, isso significa que deve ter ocorrido um desenvolvimento para além do complexo materno e que um si-mesmo próprio se desenvolve suficientemente. Com Balthasar era nítido que mesmo experiências insignificantes de separação deixavam-no deprimido e prejudicavam intensamente sua auto-estima.

Contudo, seu receio de se envolver com outras pessoas tinha uma história. Aos 19 anos, ele teve sua primeira relação com uma moça. Na sua opinião, o relacionamento foi muito romântico, muito sensual. Ele teve muitas fantasias com sexo, que o oprimiam e animavam ao mesmo tempo. Para transformar em realidade essas fantasias, ele queria se casar e; visto que não tinha nenhum emprego, morar com seus pais seguindo o exemplo de alguns de seus irmãos. A namorada não ficou muito entusiasmada com essa ideia e deixou-lhe claro que amava a ele e não a sua família. Além disso, ela logo considerou a relação como muito estreita, queixou-se de que "ele a devorava" e o chamou uma vez de "rolha de poço" — ele já era naquela época um pouco corpulento. Ele nunca perdoou essa expressão. Encarou sua observação como quebra da fidelidade e traição e sentiu-se destruído.

Os sentimentos de amor e as fantasias sexuais correspondentes são estímulos naturais de desenvolvimento, que auxiliam o eu a se libertar do vínculo com os complexos materno e paterno. Pelo fato de novas imagens na psique serem vivificadas pelo amor, as antigas imagens influentes entram em segundo plano por um certo tempo. Deste modo, podem desenvolver-se novos aspectos da personalidade, ligados com novas emoções e formas de comportamento³. Também a traição não deveria, em si, ter tantos efeitos catastróficos. O sentimen-

2. Von Franz, 1970.

3. Kast, in Pflüger, 1988, p. 34.

to de ter sido traído é um sentimento importante no decorrer do processo de individuação. Quando nos sentimos traídos, frequentemente pelo pai ou pela mãe, então somos impelidos para o isolamento. É uma dolorosa experiência da solidão ao invés de uma experiência do estar-contido em um grupo de pessoas, mas é também uma situação em que podemos nos perceber, a nós mesmos, como pessoas individuais⁴. Balthasar experienciou tal situação de ser traído na relação com a moça pela primeira vez, restando-lhe, por isso, apenas a separação. Ele havia então se lamentado por dois anos, ficado amuado e escrevera poemas. Um poema do qual ele não conseguiu se lembrar tinha como título: "As moças são como polvos..." Dois anos depois, conheceu um homem pelo qual se apaixonou um pouco, com quem, no entanto, não mais se envolveu. "Não quis mais me arriscar nessa dor louca."

Uma coisa típica do complexo materno originalmente positivo de um homem é a expectativa de que a vida e o mundo existam como uma mãe doadora de tudo, que nutre, admira, sabe o que é bom. Uma vez que as pessoas com essa atmosfera de complexo aproximam-se seguras, também nessa expectativa, de outras pessoas, convencidas de que são um enriquecimento da vida, então essas outras pessoas também respondem, via de regra, de forma mais amigável, generosa e calorosa que de costume. A própria pessoa e a vida como tal formam uma unidade, por conseguinte tudo é possível. Por essa razão, é também difícil ter de sacrificar alguma coisa, quando alguém realmente acha que pode ter tudo. A problemática, de acordo com isso, consiste então no fato de estarem essas pessoas à procura de um parceiro ou parceira que satisfaça todos os desejos. Há sempre a silenciosa preocupação de que o parceiro ou parceira atual poderia impedir alguém de encontrar a parceira ou o parceiro melhor de todos. Isso causa inquietude ou insegurança no âmbito da relação. Como, além disso, o desenvolvimento da força de decisão não é tema algum enquanto o complexo do eu se identifica com o complexo materno, essas pessoas não escolhem; são, antes, escolhidas.

Uma outra razão pela qual os relacionamentos de Balthasar não duravam era seu desejo amplamente inconsciente de ser amado e to-

4. Hillmann, 1979, pp. 81 ss.

lerado de forma incontestável, sem necessariamente ter de oferecer a mesma coisa ou algo parecido. Esse seu comportamento, que era designado por alguns parceiros masculinos como acentuadamente "infantis" - - o que enfurecia bastante Balthasar - - é também uma consequência de seu complexo materno originalmente positivo. Pode-se simplesmente desfrutar o amor, com o qual alguém é beneficiado em abundância e também em excesso. Esse é o lado bom. O lado problemático é que o amor unilateral acaba se extinguindo, quando sempre o mesmo parceiro se deixa estragar com mimos na posição de filho.

Torna-se nítido: esse complexo materno originalmente positivo tornou-se uma prisão para Balthasar, o que também se exprimia nos sonhos. Vendo isso em uma imagem, tem-se a impressão de que ele vive, é verdade, em uma barriga de mãe ampliada, absolutamente acolhedora, mas que perde muito de sua atratividade porque não pode ser abandonada ou não dá permissão para ser abandonada.

Cabe a uma mãe não só deixar o filho crescer no útero mas também expulsá-lo quando chega a hora para isso. Essa expulsão no tempo certo é também um movimento primitivamente feminino no sentido da vida. Uma boa mãe daria o sentimento vital do estar-contido, do ser nutrido, estar seguro, mas também o do ser expelido no tempo certo. O tema da expulsão para dentro da vida própria, da responsabilidade própria, falta nesse complexo materno originalmente positivo. Por essa razão ele se converte, na idade posterior, em um complexo materno negativo. A mãe-de-vida do complexo materno, que representa a possibilidade de se esperar, experienciar, e desfrutar a plenitude da vida - em todos os seus níveis - -, a mãe que proporciona o sentimento vital de que a vida é rica, de que se é carregado por ela torna-se, aqui, uma mãe que protege quase "mortalmente". A plenitude não pode ser utilizada e torna-se um desperdício quase insuportável das forças próprias, o desfrutar torna-se uma armadilha, porque apenas se desfruta, e o sentimento de ser carregado transforma-se em um sentimento de estar preso.

Com outras palavras: caso não se experencie a expulsão do "paraíso materno" como algo que certamente dói, mas que provoca uma outra abertura que possibilita ao indivíduo viver a vida própria, e se, em conexão com isso, evitam-se as separações, então não se reconhe-

ce a morte como realidade, e, em seguida, a vida torna-se como que morta. Caso se formule um objetivo terapêutico abrangente para Balthasar, então que seja este: Balthasar precisa nascer. Refiro-me, nesse ponto, àquela frase de Erich Fromm: "A maioria das pessoas morre antes de ter nascido completamente"⁵.

Esse objetivo pode ser atingido na medida em que Balthasar se envolve na relação analítica. Ele tentou fazê-lo, o tempo era propício para isso. O objetivo abrangente pode ser alcançado quando se trabalham as constelações de complexos⁶. Todavia, é da máxima importância formular e trazer à esfera da consciência os valores que se encontram em cada constelação de complexo. Seria impensável trabalhar com esse homem, sem às vezes dividir um com o outro maravilhosas utopias, sem ocasionalmente ouvir histórias inspiradas e inspiradoras.

⁵ Fromm, 1959, p. 406, parágrafo 53.

⁶ Para técnicas de trabalho em e com complexos, veja Kast, 1990, pp. 179 ss.



“Pode-se agüentar quase tudo na vida quando se comeu bem”

O COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE POSITIVO EM MULHERES

Balthasar tinha uma irmã, para a qual conseguiu transferir facilmente o complexo materno. Ele freqüentemente contava algo sobre essa irmã, e também a conheci um pouco melhor quando foi necessário procurar terapia para ela. Assim, foi possível comparar o complexo materno originalmente positivo, evocado por meio da mesma mãe, juntamente com o mesmo pai e aproximadamente o mesmo espaço materno. A irmã de Balthasar é três anos mais velha que ele.

Durante a terapia, Balthasar constantemente se perguntava, e a mim também, por que era tudo mais fácil para sua irmã. Segundo ele, tinham crescido na mesma cozinha, e então tinham também a mesma estrutura de complexo. Naturalmente, não é assim obrigatoriamente; seria possível pensar que a irmã tivera uma relação mais marcante com a avó, ao lado de uma relação com o pai que não seria semelhante à de Balthasar. No entanto, o fato de Balthasar ter transferido tão facilmente seu complexo materno para a irmã admite a hipótese de que eles tivessem marcas comparáveis. As coisas eram mais simples para ela, segundo as declarações de Balthasar, porque ela era claramente mais feliz, possuía uma família com marido e cinco filhos, não tinha depressão alguma, nem tampouco queda para o alcoolismo. A hipótese dele era: é tudo mais simples para as mulheres caso elas não se desenvolvessem para fora de um complexo materno originalmente positivo.

Não é o único a defender essa hipótese. Neste contexto, podemos recorrer às teorias de Nancy Chodorow¹, que reflete sobre o desenvolvimento da identidade na mulher e no homem. Sua idéia básica é de que a garota, na identidade com a mãe, já adquire também os fundamentos da auto-identidade, enquanto o menino precisa desenvolver sua identidade contra a mãe. Ele deve fazer uma demarcação entre ambos, deve se separar, colocar-se em contraposição para poder se identificar como homem. Chodorow também acha que o grande significado da rivalidade entre os homens tem sempre a ver com a procura e a preservação da identidade. Relacionado com o complexo materno originalmente positivo, isso significaria que o homem que não consegue se desligar de modo apropriado à idade sofreria de um distúrbio de identidade, juntamente com uma péssima coerência do eu ligada a isso e, conseqüentemente, com uma elevada propensão a distúrbios psíquicos em todos os níveis. A mulher, no complexo materno originalmente positivo, manteria a base de sua identidade, seria, por conseguinte, essencialmente menos prejudicada em sua experiência da identidade. Todavia permaneceria dependente da mãe, imatura portanto.

"ONDE FICA O AGRADECIMENTO?"

Bárbara

A irmã, a quem chamarei de Bárbara, procurava, visto que teve uma crise de depressão, um terapeuta que fosse, além de analista, versado em terapia corporal; além de terapeuta do comportamento, perito no campo das terapias espirituais. Esse desejo não exatamente modesto foi apresentado como algo natural. Pedi a Balthasar que me contasse algo de sua irmã.

Segundo ele, a vida da família de Bárbara se passa em um quarto-cozinha, mas eles possuem uma grande casa. A atmosfera é comparável àquela que predominou na cozinha da mãe, é, porém, mais organizada e limpa. Bárbara gosta de cozinhar e o faz bem, ela também é um pouco gordinha, o que, no entanto, nunca a incomodou;

mas, de acordo com Balthasar, ela agora começou repentinamente a sofrer com o fato de ser gorda. Os outros irmãos estão sempre visitando Bárbara, aliás é este o lugar onde todos se encontram. Nas noites de Natal, poderiam ficar, sem maiores dificuldades, cerca de quarenta pessoas nesse quarto-cozinha, que é na verdade adequado para dez pessoas. Mas isso é "extremamente aconchegante", estreito e muito confortável. O marido de Bárbara também saboreia isso, ele também é uma pessoa que sabe desfrutar, é calmo, mas de vez em quando faz valer sua autoridade. É um jardineiro que se sente muito contente com sua profissão. Fato que espanta Balthasar, pois ele mesmo nunca consegue "colocar-se de pé" profissionalmente.

Bárbara parece ser totalmente dependente de seu marido. Frases como: "Primeiro precisamos perguntar ao papai"; "Papai já vai dar um jeito nisso"; "Espere até o pai chegar" parecem ocorrer com frequência. Quando trata seu marido de "pai", ela também está expressando, com isso, que se vê como filha e se coloca, assim, no mesmo nível dos filhos.

Sua depressão aconteceu quando os filhos se desprenderam todos, precipitadamente, e mudaram todos juntos para um só apartamento. Esse êxodo foi provocado pelo fato de o pai ter comunicado ao filho de 24 anos que uma pessoa nessa idade não mora mais com os pais. Em virtude dessa monstruosa intervenção, todos os filhos se mudaram — com exceção do caçula — e fundaram uma residência comunitária de irmãos. Balthasar diz que todos esses filhos são interessantes, talentosos, mas também de uma certa perversidade. Ele não pode aprovar que todos tenham se mudado. Consegue, é verdade, compreender intelectualmente a intervenção de seu cunhado, mas ela bem que poderia ter sido apresentada "mais sutilmente e mais tarde".

É curioso que estes jovens consigam como comunidade fraterna produzir suficientemente uma atmosfera do complexo materno positivo para abandonarem o quarto-cozinha de seus pais. Não obstante, eles também tiveram de ser impelidos a isso pelo pai.

Bárbara reagiu a essa mudança com uma indisposição gravemente depressiva. Ela só consegue dormir mal; não adormece, desperta novamente muito cedo, fica totalmente exausta, não consegue se levantar. Ela diz que a vida não tem mais sentido algum, que é tudo

1. Chodorow, 1985, pp. 248 ss.

muito vazio e desolador. Lamenta não ter propriamente uma filha ou filho "temporão" que ela pudesse mimar adequadamente.

Bárbara parece identificar-se com sua mãe: tem vários filhos e se esforça por ter uma atmosfera comparável em seu quarto-cozinha. Uma mulher pode viver plenamente com isso, desde que tenha a mesma idéia da mãe sobre uma vida de mulher. Por isso ela pôde também ser invejada pelo irmão. Que tenha reagido tão fortemente à separação dos filhos adolescentes poderia assinalar que ela se identifica amplamente com o papel de mãe de seu complexo materno originalmente positivo e que nesse momento estaria na hora de continuar a se desenvolver para fora desse complexo. Ela não se identifica com o papel de sua mãe como esposa. Enquanto a mãe se casara com um homem com problemas alcoólicos, Bárbara se juntou com um marido-pai maternal. Ela própria talvez tivesse experienciado seu pai de modo bem pouco paternal, e agora tinha conseguido se casar com um homem que se entende bem com o feminino. Mesmo que talvez seja um pouco idealizado por seu cunhado, ele é um homem que ganha a vida com o cultivo da natureza. Promover a natureza em seu crescimento tem algo de maternal. Mas ele também se esforça por estruturas reguladoras: tanto no jardim como no quarto-cozinha. Não assusta os outros ao exigir muita estrutura, mas apazigua a situação ao insistir em um mínimo de estrutura. Impõe-se, neste ponto, a hipótese de que este homem seja marcado por um complexo materno e paterno muito bem equilibrado, com uma preferência clara por uma atmosfera de complexo materno positivo que não o perturbe.

Bárbara foi, portanto, capaz de encontrar para si um parceiro que pôde suportá-la em seu sistema-complexo e que, porém, ao mesmo tempo o complementava. No entanto, de acordo com Balthasar, Bárbara também não era simplesmente como a mãe: os filhos deveriam se comportar independentemente e, ao mesmo tempo, ficar presos à barra de sua saia. E isso como reação ao fato de ela achar que eles, quando crianças, tiveram a autonomia muito cerceada pela mãe. Apesar disso, ela também se iguala à mãe. Para Bárbara a alimentação também era algo muito importante. Suas máximas: "Pode-se agüentar quase tudo na vida, quando se comeu bem". Ou esta: "Primeiro deve-se ter uma boa base". Com isso ela queria dizer que uma boa refeição era o pressuposto para todo o resto. Também ela sabia criar ao redor

de si, tal como a mãe, uma atmosfera erótica, sensual, sensorial. Também lhe era difícil separar-se. Sua depressão depois da partida, para ela precipitada, de seus filhos — a qual parecia precipitada porque, por muito tempo adiada, deu-se então de forma bastante repentina — poderia indicar que também em seu sistema "é pecado ir-se embora", ainda que talvez de um modo mais oculto que com sua mãe.

É fácil entender a reação depressiva: até esse momento Bárbara tinha obtido consideravelmente sua identidade a partir da identificação com o complexo materno originalmente positivo, na identificação com o papel da mãe. Ela já quase tinha experienciado uma forma arquetípica do materno. Sua auto-identidade, para além do cumprimento de papéis, deve ter sido questionada algumas vezes, mas evidentemente não com uma inevitável premência. Mas agora seu ser próprio é questionado de modo urgente. A depressão desafia seu ser próprio. Ela se lastimava por ter enchido bocas famintas "toda uma vida"; é onde estava o agradecimento por isso? Eles simplesmente a tinham abandonado. Essas frases são típicas de uma pessoa com uma estrutura depressiva. Apesar disso, ela não tem o sentimento vital do estar enclausurado, ela não se sente presa; tem, contudo, o sentimento de estar em um "ponto zero", de ter de recomeçar. Ela deve parar de ser mãe. Deve também estabelecer uma nova relação com seu marido. É que este deu a entender — quando ela cautelosamente o repreendeu devido à observação que ele fizera ao filho mais velho — que queria desfrutar a vida apenas com ela e ainda viver em sua companhia, sem os filhos. No que diz respeito a ele, existe nitidamente uma necessidade de ser marido também e não apenas pai.

Se compararmos irmão com irmã, notaremos que Bárbara, de fato, levou uma vida mais satisfatória que seu irmão. Contudo ela também não viveu vários de seus talentos; mas escolheu, por assim dizer, o "destino natural".

"DE ALGUM MODO ISSO VAI PASSAR"

Agnes

Uma mulher de 40 anos procura terapia porque seu marido quer separar-se dela. Ainda está casada, há aproximadamente 8 anos tem

um amante. Durante muito tempo, seu marido foi da opinião de que se tratava de uma amizade platônica. Ao descobrir que isso era um equívoco, quer se separar da mulher. O casal tem dois filhos. A mulher, chamo-a de Agnes, concluiu um curso acadêmico e trabalha na área em que se formou.

Agnes está vestida afetadamente. Onde se pode colocar um lacinho, aí se encontra um. Ela fala com uma voz cantada que lembra um pouco a voz de uma garotinha. É verdade que fala um dialeto que já tem algo cantado em si, mas mesmo assim sua entonação é estranha. Desse modo, ela parece jovialmente afetada, um pouco caprichosa, amável e afetuosa. Transmite a impressão de uma criança bondosa, que se espanta facilmente. Ela conta com os olhos medrosamente arregalados que seu marido tem explosões de ódio. Não consegue entender isso, ela sempre pensa no bem, não faz nada de ruim a ninguém, por que então agora, de repente, o ódio?

Diz que seu marido é maternal e um pouco forçado. Ele está sempre a chamando de "minha encantadora criança". Antigamente ela achava esse nome carinhoso atraente, mas depois de um certo tempo ela o considera ultrapassado.

O homem que ela conheceu há oito anos e com o qual mantém desde então um relacionamento a vê como mulher e não como criança. Ele também é muito compreensivo, mas menos maternal, mais camarada; ele a desafia mais. Ela não quer renunciar a nenhum dos dois homens, ama a ambos, e eles "não iriam se perturbar mutuamente". Além disso, há ainda amigos com a mesma idade de sua mãe falecida, com os quais ela também mantém contatos estreitos, que aprecia muito. Tem também uma melhor amiga, com a qual passa muito tempo e que ocupa um lugar muito importante em sua vida. Ela investe muito tempo e energia em relações. Também ela sabe desfrutar, mas, em vez do prazer de comer, prefere desfrutar relacionamentos e estímulos obtidos dessas relações. Diz que absolutamente não percebe por que algo deveria se excluir desse quadro formado por suas relações; afirma que apenas seu marido é da opinião que assim não pode ficar. Ela mesma não vê motivo para tomar alguma decisão; de qualquer modo, toma decisões muito raramente e, mesmo assim, apenas no trabalho, quando é inevitável. É por isso que seu marido às vezes a criticava, então ela o achava sempre mau.

Após longas discussões, ele a deixou. Agora ela está um pouco admirada por, de repente, ficar sozinha com os dois filhos. Está espantada com tantas tarefas que lhe cabem, justamente agora quando deve fazer tudo sozinha. Constata que lida com o dinheiro de maneira muito generosa, mas é que o dinheiro deve mesmo estar sempre em circulação, assim ele tem maior utilidade, afirma ela. Até agora, no entanto, apenas seu marido sabia quanto ela ganhava. Ela estava sempre esquecendo. Constata que é incapaz de educar os filhos. Diz de si mesma que, no fundo, é uma terceira criança, que agora tem de cuidar de outras duas, mas então acrescenta: "De algum modo vai dar tudo certo". Ao ouvir isso, começo a me preocupar com todas as possibilidades, mas ela está tão convencida que isso de alguma maneira vai passar, que consegue convencer a mim mesma também.

Agnes é muito interessada em arte. As artes figurativas e a literatura a revigoram. Ela é capaz de falar longa e entusiasmadamente sobre obras de arte, relata sempre suas imagens oníricas ligando-as com imagens de arte e, então, fica feliz ao ver que suas imagens oníricas têm alguma conexão com as figuras pintadas por artistas. Ela vê nisso uma conexão interna e um movimento interno de tudo com tudo que há no mundo. Sente-se como parte de um imenso todo e se interessa pela maneira como ela, que corporifica a parte, afeta o grande todo. Ela é uma sonhadora muito boa e consegue facilmente abrançar e descrever seu mundo imaginário. Está próxima do inconsciente, é também muito emocional no trato com as pessoas e interessada espiritualmente. Propaga uma atmosfera com o seguinte significado: a vida está aí para que todos se sirvam. Ora, tudo existe em abundância. E também não faz sentido esforçar-se tanto, pois alguém poderia não ver que as coisas vêm ao seu encontro.

Ela também não quer abrir mão de nada, não quer tomar uma decisão, quer desfrutar. Projeta a boa "grande mãe" sobre o mundo e a vida e fica inteiramente espantada quando as pessoas não agem de acordo com sua expectativa proveniente do complexo. Para sua idade, ela conservou uma considerável candidez, e às vezes me pergunto se ela viveu mesmo neste mundo. Nunca pensa algo de ruim, não deseja nada de mau, não tem sombra alguma, ou seja, sabe espantosamente pouco a respeito de sua sombra.

De vez em quando ela se irrita porque os outros a tentam "tutelar". Naturalmente ela é tutelada por se deixar mimar, e ao mimo geralmente estão ligados certos preceitos. No entanto, ela nunca toca nesse problema. Seu trabalho profissional não é problemático. Há 13 anos trabalha na mesma função e considera seu emprego geralmente interessante.

Como ela veio a ser o que é? Casou-se com 25 anos, conforme a expectativa da mãe. Ela havia encontrado o que precisava, um homem maternal, que também era capaz de trazer estrutura à sua vida. Ele também sempre tomava todas as decisões. Aí apareceu seu amante: ela encontrou na vida mais do que pode precisar. Observada de fora, essa relação tem um sentido: se com seu marido ela estava numa posição de filha, sendo ele claramente um pai maternal, com seu amante ela era uma parceira. Essa amizade poderia mostrar que sem dúvida ela se desenvolveu um pouco para fora do complexo materno e paterno. Também parece ser agora o tempo adequado para ela se decidir por ou contra alguma coisa. O fato de não poder mais se esquivar de uma situação de decisão deixa-a desamparada. "Devo prestar atenção para não cair num buraco." E para não cair num buraco ela freqüenta recitais, exposições de arte, sai com pessoas com as quais sabe que poderá ter conversas estimulantes, inspiradoras. Ela também poderia ficar deprimida nessa situação, poderia cair num buraco, que ela entende como um estado da monotonia e do não-saber-mais como se controla a vida, mas também um estado no qual sua confiança na vida poderia se extraviar. Contudo, ela não está caindo num buraco, ela é capaz de se deixar inspirar e então se sente novamente viva e boa.

"ENQUANTO VOCÊ FOR A PEQUENA"

A gênese dessa marca de complexo

Os pais de Agnes divorciaram-se quando ela tinha quatro anos. O pai em seguida tornou-se irrelevante e morreu cedo. Agnes não experienciou a morte do pai conscientemente. Ela se lembra sobretudo do estar-junto com a mãe, que a protegia amorosamente, era carinhosa e a mimava. Ela recebia tudo da mãe, era bem nutrida física e espiritualmente. A mãe teve namorados, contudo Agnes nunca se sentiu

excluída. Agora, depois de tudo isso, ela naturalmente pensa que, quando ambos tinham se amado, ela talvez tivesse sido excluída sim, mas em todo caso não o tinha notado. Quando as outras crianças, no jardim de infância, falavam de seu pai ou quando lhe perguntavam sobre seu pai ausente, ela sempre dizia orgulhosa: "Em compensação nós temos amigos" — um sinal claro de como ela era íntima da mãe.

Ela se lembra de uma imagem: com seis ou sete anos de idade, ela está sentada no colo da mãe. A mãe está lendo alguma coisa em voz alta para ela. Elas estão sentadas bem estreitamente, e Agnes ouve as batidas do coração de sua mãe. Ela pergunta à mãe: "A senhora está ouvindo meu coração também?" Ela consegue formar na imaginação uma figura clara, é ainda capaz de sentir o cheiro do corpo da mãe e sempre vê um cone de luz direcionada para elas, como se estivessem sendo iluminadas por um holofote. No entanto, ela sabe que nunca possuíram um holofote, apenas lâmpadas normais. Portanto, essa idéia de iluminação talvez sirva para realçar a estreita relação entre ambas e colocá-la numa posição central. Além disso, ela conta que também ainda se sentava no colo de sua mãe quando já era muito grande e pesada para isso, mas posteriormente era ela que às vezes punha a mãe no colo. À sua mãe sempre ocorria algo, era ela uma mulher interessante, que pôde, ao que parece, cuidar bem de sua filha. À filha, por sua vez, nunca ocorreu questionar ou atrapalhar os planos da mãe.

Essa mãe morreu faz três anos. Logo após sua morte, Agnes sentiu-se arrasada, não entendia por que não morrera junto. Depois passou a encontrar a mãe nos sonhos. Para ela isso era uma clara indicação de que sua mãe estava viva, embora fosse no além. Ela diz que essa separação tão veemente entre o lado de cá e o além não é necessária, que isso é um pensamento patriarcal, que ela, como mulher, afinal de contas não precisa concordar com ele.

A experiência por que Agnes passou é típica: os mortos podem aparecer em sonhos com grande vivacidade, contudo aparecem um pouco mudados, freqüentemente mais jovens. Esses sonhos são entendidos pela maioria das pessoas como indício de que a pessoa morta ainda vive de alguma maneira, e muitos ainda tentam no início estabelecer uma relação com o além. Todavia, no decorrer do processo de

luto fica claro que esses mortos devem-se interpretar como configurações internas².

Mas Agnes recusava-se a conceber isso. Vivía numa simbiose com a mãe morta no além. Nem mesmo a morte trouxe a separação. "Os mortos em todo caso vivem conosco, e lá do além minha mãe pode cuidar melhor de mim." O luto pela mãe falecida apresentou-se como um sério problema durante a separação de seu marido. Agora, com a nova separação, não se pôde evitar o tema.

Foi difícil para Agnes encontrar frases que tivessem indicado um embate problemático com a mãe. Elas simplesmente não ocorreram. Então, em seu mundo profissional esbarramos em algo. Ela constata que, via de regra, deixa que os outros se disponham dela. Contudo, nos últimos tempos ocorreu-lhe que seus colegas lhe encontram soluções que não são boas, que são, antes, para vantagem deles próprios. Antigamente, eles cuidavam melhor da "pequena", como era chamada irônica e amavelmente por seus colegas. A partir desses episódios, concluímos uma frase de complexo: "Enquanto for a pequena, estará tudo bem com você". Essa frase implica que ela não pode "crescer" e, em última análise, naturalmente também não pode ir embora. Agnes está fixa em seu papel como filha. Até mesmo quando lida com seus filhos e precisa realmente assumir o papel de mãe, ela permanece no papel de filha. Isso vai tão longe que seu filho se dispõe dela. Sua filha nota isso e fica furiosa, lembrando à sua mãe seus compromissos emancipatórios.

Se essa frase de complexo "Enquanto você for a pequena, estará tudo bem com você" foi uma frase de sua juventude, que impediu que ela se desenvolvesse para além do papel de filha, então surge naturalmente a pergunta: como a mãe experienciou o casamento da filha? Isso não era um ir-se embora? Agnes nega e diz, encolhendo os ombros: "Nós simplesmente nos casamos". Entendi que ela tinha se casado com seu marido, mas ela queria dizer que tinham se casado todos os três. Afirmou que a relação com a mãe não tinha se modificado por causa disso, que sua mãe e seu marido se davam muito bem. Ela pôde portanto se casar e permanecer filha de sua mãe.

2. Kast, 1982, pp. 67 ss.

Agnes é uma analisanda extraordinariamente amável. Ela traz sempre um material interessante, consegue também transferi-lo facilmente para sua vida cotidiana, mas está essencialmente mais interessada na dimensão "eterna" de seus sonhos. Ela está no papel de uma filha que gosta de aprender e é muito estimulante. Estou sempre sentindo vontade de dizer energicamente: "Agora deve acontecer isso e isso". Reprimo essas reações. Ela me ouviria com os olhos arregalados. Talvez não entendesse minha carga de energia. Às vezes, experiencio em meus sentimentos sua sombra dissociada. Tenho então dificuldade em deixar seu mundo cor-de-rosa continuar legítimo, fico furiosa diante de sua agressão passiva. Posso lhe explicar o que acontece em nossa relação: minha fúria é uma tendência para colocá-la internamente em movimento. Ela entende a interação, gostaria de se modificar, tornar-se mais resoluta, perceber sua cólera, em favor da própria vida, "mas também para me fazer um favor".

Fazemos uma terapia de luto. Tento impelir para o nível consciente sua relação com a mãe e a relação com o marido e mostrar-lhe claramente que em ambos os casos algo mudou fundamentalmente. Nisto, seus sonhos são acentuadamente benéficos. Há sonhos que têm menos relação com o processo de luto. Ela também sonha com casas: deve, por exemplo, procurar uma casa na qual quer morar. Mal consegue se decidir. Às vezes, nessas casas moram mulheres de sua idade que, no entanto, são todas "mais maduras" que ela própria, mulheres que ela não conhece, mas gostaria muito de conhecer. Essas mulheres estranhas, encantadoras, misteriosas, são fascinantes porções *anima* que apresentam à sonhadora um nítido impulso de desenvolvimento e a libertam da fascinação pela mãe ao lhe prometer uma nova fascinação. Às vezes, ela também simplesmente desperta nos sonhos. Ela precisa procurar uma casa própria, um espaço vital próprio, também um espaço de proteção próprio. Para tanto ela deve acordar, ceder lugar às porções femininas, desconhecidas, fascinantes em sua psique, conhecê-las. Nesta mulher fica claro como ela pode encontrar a partir da psique própria uma possibilidade de desligamento da mãe: *anima* e *animus* nos ajudam a desligar-nos do complexo materno e paterno. Nesse processo, não se enfatiza menos, no cotidiano, o trabalho sobre as marcas de complexo e sobre as constelações de complexo resultan-

tes, e mais a recepção de novos impulsos da psique, geralmente acompanhada por um deixar-se-apanhar por fascinações³.

PERDA E SEPARAÇÃO NÃO PREVISTAS

Comparação dos efeitos de ambas as marcas de complexo

Bárbara e Agnes, ambas se evidenciam, durante um certo tempo da vida, por uma identidade segura como mulheres, que lhes dá um bom sentimento de si mesmas e lhes possibilita levar “corretamente” uma vida rica, que elas desfrutam da sua maneira. Ambas têm relacionamentos que as satisfazem, até que as separações se tornam inevitáveis, separações de pessoas que significaram alguma coisa para elas. Em separações, nunca lidamos apenas com o fato de nos desligarmos de pessoas, mas também com o fato de que, por isso, nossa identidade tenha de se definir novamente. Precisamos, a partir do si-mesmo dos relacionamentos, nos reorganizar cada vez mais sobre o si-mesmo individual e geralmente — o que está ligado a isso — cumprir uma nítida etapa de desligamento não só das pessoas das quais estamos nos separando como também dos complexos materno e paterno ou dos preceitos coletivos de papéis.

Bárbara identifica-se nitidamente com a posição de mãe de seu complexo materno originalmente positivo; no entanto, na relação com seu marido, está no papel de filha. Agnes, embora “adicionalmente” tenha se tornado mãe também, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, permanece, contudo, muito mais claramente no papel de filha. Além de seu papel de mãe, ela possui setores de vida essenciais, que ela exige viver e não permite que ninguém os retire dela. O papel de filha deixa mais opções em aberto que o papel de mãe; no entanto, é provável também que a mãe de Agnes tenha abordado muito mais setores de vida com sua filha que a mãe de Bárbara.

Na descrição da *anima* sempre se fala, na literatura, tentativamente de quatro tipos de mulher: Eva, Helena, Maria e Sofia. Naturalmente nenhuma mulher pode ser inteiramente classificada segundo um desses tipos. Não obstante, pode-se dizer que a mãe de Bárbara deve ter

sido mais um “tipo Eva”, enquanto a mãe de Agnes tinha algo de Helena, Maria e Sofia. Também a mãe de Agnes foi marcada por um complexo paterno de modo mais nítido que a mãe de Bárbara. Ambas as mulheres têm uma tendência para reagir à perda com indisposições depressivas, e Agnes dispõe de capacidades consideráveis de criar para si mesma um estado de bem-estar. Tudo se passa como se ela tivesse retransformado e incorporado para si muito elemento maternal amparador, que ela experienciou com sua mãe. Agnes não tinha simplesmente os mesmos interesses de sua mãe, ela sobretudo cultivou seus interesses muito mais que sua mãe jamais fizera. Os estímulos partiram da mãe e foram, enredados com essa boa atmosfera materna, abono para o restabelecimento de uma boa atmosfera de vida em tempos difíceis. Como eles tinham uma carga de complexo, inseriu-se neles também uma certa coação, mas uma coação que para Agnes teve um efeito favorável, pois não exigia dela nada a que sua personalidade não teria correspondido. Assim, talvez possamos dizer que é uma característica das mães produtoras de um complexo materno positivo o fato de elas, pelo menos no primeiro período do desenvolvimento da criança, não lhe impor nada que também não estivesse depositado na criança. Em Agnes é impressionante a flagrante dissociação da sombra, o que espanta ainda mais porque ela sem dúvida sabe, como mulher letrada, algo a respeito do conceito de sombra, mas confessa perplexa que quase não — ou absolutamente não — sente e percebe em si a sombra. Ela não a dissocia, porém, de um modo tal que, no fim, ela permanece boa e os outros se tornem os maus. De fato, isso forçosamente se conclui de sua conduta nos relacionamentos; em sua postura, contudo, ela é — marcada pelo complexo materno originalmente positivo — de boa índole e atesta não desejar mal a ninguém, pelo menos não propositalmente.

3. Kast, 1993.



Viver e deixar viver

O ELEMENTO TÍPICO NOS COMPLEXOS MATERNOS ORIGINALMENTE POSITIVOS

Até este ponto, já deve ter-se tornado claro o que dificulta salientar o elemento típico nesses complexos maternos originalmente positivos. Simplesmente, esses complexos não surgiram apenas em consonância com a mãe, mas também no lidar com diversas pessoas com quem se estabelecem relações. Mesmo que a mãe tenha sido a principal pessoa do relacionamento e poucas outras relações contribuam na formação do complexo materno, as mães são, no entanto, completamente diversas, cada uma com sua constelação de complexo. Quanto à mãe de Balthasar, pode-se falar de uma mulher que certamente também fora marcada por um complexo materno originalmente positivo. Sabemos que a mãe de Balthasar colocou no centro de suas atividades a alimentação, o ambiente aconchegante e o estabelecimento de segurança. Mas há outras mães, como a de Agnes, que estabelecem uma grande segurança pelo contar histórias, enquanto outras têm as esferas da criatividade no centro de seus vínculos. E essas mães sempre conseguem, nas diversas esferas da vida que lhe são importantes e também expressão de sua própria marca de complexo fundamental, produzir esse sentimento-do-nós, o sentimento da proteção. Elas conseguem passar para a criança que ela é interessante e significativa. Por meio disso, podem também passar para a criança a idéia de que a vida é rica, que essa vida a carrega; elas podem lhe tornar a plenitude e a vivacidade da vida possíveis de viver. Na medida em que essas mulheres aprenderam, elas mesmas, a lidar com a separação, com o abandono, elas terão também a possibilidade de oferecer, nas relações com seus filhos, impulsos de expulsão apropriados à idade.

Então, neste caso, seus filhos posteriormente não terão a ver apenas com um complexo materno originalmente positivo, mas com um complexo materno positivo que também lhes permite desligar-se de modo apropriado à idade¹.

Uma outra dificuldade para salientar o que é típico no complexo materno originalmente positivo consiste no fato de que não só as mães influenciam a formação do complexo materno; há também algo como um espaço materno, um espaço de vida em que o materno acontece e se torna experienciável. Disso fazem parte animais, plantas, o ambiente. De qualquer modo, o espaço materno é transferido com muita facilidade para o espaço de vida como tal. A meu ver, no entanto, o complexo materno originalmente positivo também se forma na interação com a natureza e as coisas². A esse espaço materno pertencem também várias pessoas, dele faz parte a atmosfera na qual se cresce, a ele pertencem o pai, os irmãos, os avós ou simplesmente pessoas com as quais o indivíduo convive. Assim, Mechthild Papousek, por exemplo, assinala que, pelo menos com os métodos de pesquisa aplicados ao estudo de bebês, ainda mal se pode constatar uma diferença entre o estabelecimento de relação da mãe e o do pai com os bebês. As semelhanças no trato com os bebês preponderariam sobre as diferenças típicas dos sexos, que naturalmente existem³. Consequentemente, podemos supor que aspectos essenciais do campo materno são ocupados também pelo pai.

Justamente a possibilidade de manter relações com várias pessoas diferentes e com isso construir diferentes facetas do complexo-mãe pode, por exemplo, resultar em que mesmo um complexo materno com um efeito restritivo não consiga restringir a vida inteira, mas apenas determinados âmbitos. Dependendo das estruturas de complexo que o pai, na medida em que esteja presente, introduz no espaço materno, outros valores e temas vitais receberão também um significado.

A despeito da marca de complexo, há, para além disso, em cada pessoa o ímpeto para se desenvolver, um ímpeto de autonomia. Por

1. Cf. Kast, 1990, pp. 74 ss.

2. Enke, 1993, p. 63.

3. Papousek, pp. 29-49.

essa razão, vamos encontrar pessoas com o diagnóstico de um complexo materno originalmente positivo, cujo complexo do eu, no entanto, encontra-se parcialmente desligado desse complexo materno. A maioria das pessoas trabalha sobre si mesma. Se, por exemplo, certas peculiaridades se refletem nas relações, essas pessoas tentam se modificar. Portanto, quase não vamos encontrar pessoas que estejam na mesma posição em seu desenvolvimento para além do complexo materno originalmente positivo, o que novamente dificulta a descrição do elemento típico. Além disso, deve-se também observar que a maioria das pessoas não só se encontram sob a dominância de um complexo, como diferentes complexos atuam uns sobre os outros e tornam uns aos outros relativos. Não perdendo de vista todas essas restrições, onde fica o elemento típico?

Pessoas com complexos maternos originalmente positivos estão sob a divisa: "Viver e deixar viver"; se possível, até mesmo "desfrutar e deixar desfrutar". A vida está em ordem, elas também estão, ou mais ainda, elas são em princípio um enriquecimento da vida. Elas se abrem ao mundo seguras de si, esperam o bem e freqüentemente também colhem o bem. Desenvolvem uma confiança básica⁴ (*Urvertrauen*) na vida, que absolutamente pode ser muito segura também. "De qualquer maneira sempre se dá um jeito" é uma frase nuclear de pessoas com essa marca de complexo. Essa confiança pode tornar-se também indolência, uma posição da patente exigibilidade para com os outros. Elas tendem a querer possuir "tudo", desfrutar "tudo", têm também, por isso, uma propensão para teorias que se interessam pelo "todo". Visto que o campo materno e, com isso, também o complexo materno se formam desde o começo da vida, tal complexo abrange também o período pré-verbal. Ainda que possa ser transformado ao longo de todos os estágios de desenvolvimentos, ele, no entanto, antes de tudo, caracteriza a atmosfera vital no começo da vida e tem, por isso, naturalmente uma acentuada relação com a corporeidade e com a capacidade do indivíduo, enquanto corpo, de estabelecer contato com outros corpos e, posteriormente, de abrir sua intimidade a uma outra pessoa. Que uma criança seja aceita e também admirada em toda a sua

4. Erikson, 1971, pp. 62 ss.

corporalidade não só na que cheira bem, é precisamente o que caracteriza um complexo materno originalmente positivo. Marcadas pela experiência de que a vida cuida delas como uma “grande mãe”, essas pessoas geralmente têm uma relação desimpedida com o material. A satisfação de suas necessidades está a sua disposição, e elas não lidam de modo especialmente ruim com a matéria. Há uma proximidade com a sensorialidade em um sentido amplo, e esta é sempre diferente conforme o matiz dado pela mãe. Seria demasiado unilateral conectarmos o complexo materno originalmente positivo com uma oralidade acentuada. Pessoas com um complexo materno originalmente positivo podem desfrutar, desfrutar oralmente também, mas não apenas oralmente.

Mais próximas do inconsciente e em uma confiável relação com ele, elas são geralmente pessoas fantasiosas, criativas, com grandes possibilidades inventivas que, no entanto, nem sempre são realizadas. Também podem ser simplesmente visionárias. Neste caso, estas pessoas permanecem uma eterna promessa. Para concretizar idéias, é preciso perseverança, uma forma de agressividade, uma capacidade de se sacrificar e tolerar frustrações. Caso o complexo do eu não consiga se emancipar do complexo materno originalmente positivo, então essas pessoas desenvolverão limites do eu inseguros. Nesse caso elas são ameaçadas por irrupções de impulso no mais amplo sentido.

Os indivíduos com essa marca de complexo são amáveis, generosos, também compreensivos quando lhes convém; amam a harmonia e um sentimento de vida oceânico, em que se sente a ligação do todo e se supera a diferença entre os seres humanos, em que a plenitude da vida pode se compartilhar no estarem juntos, e em que surge, com isso, um sentimento-do-nós convincente, levado pelo eros. As idéias do compartilhar são muito importantes⁵. E esse sentimento surge quando eles conseguem realizar “tudo”, ou pelo menos o que eles consideram como “tudo”.

Quando se faz uma descrição sumária da atmosfera do complexo materno, de homens e mulheres, fica então patente que a descrição se aproxima muito do que também se entende na psicologia junguiana

5. Haerlin, 1987, pp. 12, 41 ss.

como a experiência da *anima*⁶; *anima* compreendida como imagem das fascinantes figuras estranhas e misteriosas. Pessoas em cujos sonhos aparece uma figura *anima* ou que projetam uma figura *anima* em uma mulher real dizem que se sentem psiquicamente distantes, cheias de sentimentos, que sentem uma ânsia por libertação e fusão, uma ânsia que, segundo elas, nunca se pode satisfazer totalmente. Nisso, a ânsia por fusão pode ter um matiz sexual-erótico ou espiritual-erótico. Geralmente é uma ânsia por uma libertação para dentro do corporal, ânsia, então, que se considera absolutamente como “relacionada a uma totalidade”, como oceânica, portanto nunca “apenas” como corporal. De acordo com a teoria de Jung, *anima* e *animus* são marcados pelos complexos materno e paterno⁷, recebem deles o matiz especial, mas contêm também as partes, especialmente no nível arquetípico, que se encontram pouco nas marcas originais de complexo e dão ao indivíduo o impulso para se emancipar desses complexos originais.

O complexo materno originalmente positivo dá ao eu o sentimento de ser um eu suficientemente bom em um mundo suficientemente bom, o sentimento de um incontestável direito à existência. O direito de viver, de amar, de ser amado, de ter um lugar no mundo; um direito ao respeito, um direito de poder expressar e também satisfazer necessidades corporais e psíquicas, simplesmente porque existimos. Um direito de se realizar no mundo, de compartilhar as riquezas da vida. Em última análise, o indivíduo sente-se “carregado” pela vida. Esse sentimento de vida é descrito por Haerlin como o sentimento de vida do compartilhar, que ele apresenta em contraposição ao eu-do-desempenho que deve produzir porque não é “um eu bom”⁸.

NEM SEPARAÇÃO NEM DECISÃO *Dificuldades e problemas*

Um problema fundamental para as pessoas marcadas pelo complexo materno positivo é o problema da separação, em geral a necessidade de aceitar que existe a morte, que há separação e recomeço,

6. Kast, 1984; cf. também Kast, 1993.

7. Jung, GW 9/II, p. 21

8. Haerlin, 1987, pp. 12 s.

rompimentos e novas tentativas. Um outro problema em conexão com a temática da separação é o da decisão em favor de algo — e portanto também contra algo —, em geral a introdução da agressão na vida. Não que essas pessoas não sejam agressivas: elas podem se servir muito bem na vida, a plenitude existe mesmo para que seja agarrada, uma qualidade que também já caracterizamos como “agressiva”. Se não conseguem tornar relativa sua auto-estima, elas se convencem de que são um enriquecimento muito especial da vida e então esperam igualmente a especial atenção ligada a isso. Caso esta lhes seja negada, elas ficam facilmente magoadas; tornam-se então difíceis, rabugentas, deprimidas com a auto-agressão ligada a isso. Também podem — geralmente de modo indireto — tornar-se autodestrutivas ao tomarem para si uma coisa qualquer que promete devolver-lhes o sentimento de vida oceânico, sobre o qual elas acham que realmente têm um direito e que supostamente as libertaria da experiência do “mundo mal”. Uma agressão passiva também pode ser experienciada por elas: simplesmente não ouvem, esquecem inocentemente coisas importantes, chegam muito tarde... As dificuldades tornam-se então especialmente experienciáveis, quando, em vez de uma identidade do eu apropriada à idade, existe uma identidade de complexo. Neste caso, o eu se identifica ou com a mãe generalizada do complexo materno — via de regra reforçada pela mãe enquanto “grande deusa” em seus diferentes aspectos —, vivendo portanto de maneira facilmente megalomaniaca, ou com o eterno filho ou alternadamente com ambos.

Surgem assim, para homens e mulheres, diversos problemas de identidade: os homens ou parecem muito brandos, muito maternos também — isso, no entanto, é uma descrição proveniente de um mundo patriarcal, ao qual seria talvez muito bom se os homens fossem um pouco mais brandos e emocionais —, ou sempre têm em si, ainda na idade avançada, algo de menino; e as mulheres, identificadas com o papel de mãe, podem ser discretas, caso não se considere uma identificação unilateral com o papel de mãe como algo notável, ou podem, no entanto, conservar em si de modo muito nítido o que é próprio de uma garota e comportar-se como filhas.

Os temas comuns das frases de complexo nas vinhetas dos casos eram: ser reprimido, a proibição de viver a própria vida de maneira

adequada à idade, de tornar-se si mesmo. Por essa razão, não se facilita nem tampouco se promove o desligamento, ele até mesmo se apresenta como algo “ruim” e conseqüentemente “culposos”. Para isso há diferentes motivos: pessoas que são, elas próprias, dependentes dificilmente conseguem libertar seus filhos para a autonomia. Se, além disso, as crianças existirem apenas para conservar uma idealizada auto-imagem das pessoas com quem se relacionam, então elas terão de permanecer, o mais longamente possível, parte do sistema particular dessas pessoas. Os pais conseguem estabelecer com os filhos o almejado sentimento do complexo materno originalmente positivo. É um sentimento vital de riqueza e plenitude, vivificado por meio da participação aceitadora, promovedora, na estimulante relação com os filhos. Por isso é compreensível o fato de não se sacrificar com tanta facilidade esse sentimento vital.

A ajuda para a expulsão encontra-se ausente também naqueles sistemas em que não se pode introduzir a agressão construtivamente. Emprega-se então a agressão no proteger-se contra o mundo, no baixar as escotilhas, ao invés de no avançar-criativamente-para-o-mundo.

UMA ETERNA PROMESSA

Complexo materno positivo e estrutura depressiva

Essa marca de complexo, caso não ocorra o desenvolvimento de modo apropriado à idade para além dela, é a base para uma estrutura depressiva. O complexo do eu encontra-se então pouco desenvolvido, a atividade do eu e a diferença entre o eu e outros homens ficam, antes, em segundo plano. Além disso, haverá uma grande necessidade de aceitação e amor. Caso o indivíduo não os receba, ou não na medida em que se imagina, então ele tenta mudar para o nível do desempenho, do trabalho. Tenta cumprir as exigências do mundo, embora, de fato, já esteja furioso porque o mundo não cumpre suas exigências pessoais, não obstante tão legítimas. Nisso, não se pode mostrar a fúria, a fúria separa. Assim, ele se volta contra si mesmo. Surge um latente sentimento de culpa: “Mas de qualquer modo deve haver uma razão pela qual o sentimento de vida não é mais tão maravilhoso como foi um dia”. Sentimentos de culpa atuais, embora reprimidos, surgem porque

o indivíduo é uma "eterna promessa" e não cumpriu as altas expectativas que nele foram depositadas pelos outros ou por si mesmo e que algum dia deveria cumprir. Superficialmente, essa falha é inicialmente compensada com fantasias megalomaniacas, conta-se com o grande lance. No entanto, mais profundamente existem os sentimentos de culpa que, junto com a coerência incerta do complexo do eu, com a agressão pouco disponível e controlável, conduzem a irrupções depressivas. Os sentimentos de culpa têm um significado importante: o indivíduo torna-se culpado pelo próprio desenvolvimento, pelo próprio ser si mesmo, não ousa viver, resoluta ou tentativamente, uma vida exclusivamente sua. Pois, não nos enganemos, freqüentemente achamos que estamos vivendo nossa própria vida, no entanto vivemos o que os dominantes complexos materno e paterno coletivos planejaram para nós. Temos assim uma identidade geral, e de modo nenhuma a nossa própria.

Também, nesse tipo, podem-se observar tendências para doenças de medo, sempre pressupondo que o complexo do eu consiga se libertar pouco desse complexo materno. O tema do desenvolvimento, na perspectiva da psicologia do desenvolvimento, e em cujo contexto é relevante o medo, é a passagem da simbiose para a individuação, da dependência para a autonomia, da obediência para a responsabilidade própria, do inconsciente para o mais consciente, da fusão para o distinguir-se. Aqui se levanta a pergunta — e com ela estão conectadas todas as doenças do medo: tornamo-nos autônomos, podemos empregar nossa agressividade, ou nos é vedada a agressão e não podemos desenvolver para além da simbiose? Vejamos uma consideração de Jung para medo: "A porção jovem da personalidade que é impedida e reprimida na vida gera medo e transforma-se em medo"⁹. O passo da simbiose para a individuação, da experiência da unidade com a mãe para uma alegre experiência de si mesmo como personalidade autônoma, própria, é uma separação. Nas primeiras separações por que passa uma criança se determina quão reciosa ela é, quão competentemente ela consegue lidar com separações em sua vida futura e ser ela mesma. No entanto, todas as outras separações na vida também continuarão a determinar se aprenderemos a lidar com o medo, se seremos capazes de controlar a vida, a despeito do medo.

9. Jung, GW 5, p. 383.

Possivelmente nos espanta a constatação de que um complexo originalmente positivo possa ser a causa de uma estrutura depressiva e de diversas doenças de medo. Dele também resultam "fenômenos narcisistas" como mania de grandeza, suscetibilidade elevada, exigência de bastante atenção, juntamente com irrupção depressiva que a acompanha quando a atenção não é dada confiadamente. Para atingir um complexo do eu demarcado e suficientemente coerente, não basta apenas a bondosa dedicação; também a atividade do eu, no sentido de uma delimitação, deve ser permitida e promovida ou pelo menos não obstruída. Tanto a estrutura depressiva como também as doenças de medo indicam que se dá pouquíssima atenção ao ser próprio, que a individualidade é experienciada de forma muito pouco responsável. E isso pode origina-se justamente de uma situação de plenitude, em que essa plenitude continua representando a "normal" exigência à vida. Vindas de um complexo materno originalmente positivo, as pessoas trazem consigo, é verdade, a lembrança de um direito incontestável à vida, mas também a sensação de precisarem sacrificar muito da indistinção prazenteira para atingir a individuação.

Temas básicos que estão sempre acompanhando esta constelação de complexo são separações e participação, plenitude e esgotamento, vida e morte, o impossível e o realizável, visão e encarnação, e assim por diante.

DO LUTO NASCE A ALEGRIA

As deusas mães — uma digressão

Jung partiu da idéia de que uma criança pequena tem "um consciente desenvolvido de modo extremamente fraco"¹⁰, de que ela portanto não experiencia originalmente a mãe real, mas sim uma "imagem primordial" da mãe. "A mãe é (...) uma experiência arquetípica; ela é experienciada em um estado mais ou menos consciente, não, como essa personalidade determinada, individual (mas como a Mãe), um arquétipo repleto de extraordinárias possibilidades de significado. No posterior decorrer da vida, a imagem primordial empalidece e é

10. *Ib.*, GW 10, p. 49.

substituída por uma imagem consciente, relativamente individual, da qual se supõe que seja a única imagem materna que o indivíduo tem. No inconsciente, pelo contrário, a mãe é como sempre uma imagem primordial poderosa, que no curso da vida individual e consciente tinge e até mesmo determina as relações com a mulher, a sociedade, o mundo dos sentimentos e o mundo dos fatos, no entanto de maneira tão sutil, que o consciente, via de regra, não nota nada disso.¹¹

Jung parte de uma suposição que é colocada em questão pela atual pesquisa sobre bebês. A criança experiencia desde o começo a “realidade”, ela não preenche inicialmente uma relação com a fantasia arquetípica, que então no decorrer da vida se afastaria mais da realidade. Não obstante, há nas crianças e nos adultos nostalgias pela “mãe” que se assemelham enormemente e que não podem referir-se apenas à experiência da mãe particular. Portanto, parece-me confirmada a hipótese de que existe o materno arquetípico — no sentido do anseio pelo especificamente materno, mas também no sentido de que as pessoas podem desenvolver para si mesmas, e em relação às outras pessoas, lados maternos que não se desenvolveram na interação com a mãe. Ou no sentido de que em sonhos e fantasias são vivificadas imagens de mãe que, aparentemente, têm pouca relação com a mãe particular. Portanto, é provável que imagens arquetípicas de mãe sejam vivificadas e evocadas pela relação com a mãe e pela experiência do materno na psique do indivíduo. E essas imagens, em parte realmente inconscientes, exercem uma grande influência sobre nossas expectativas em relação ao materno, mas também sobre a definição do papel de mãe.

Por isso, podemos também sempre perguntar, quando falamos de imagens arquetípicas, até que ponto pelas são suspeitas de ideologia, até que ponto solidificam relações vigentes de poder, ou até que ponto têm em si algo de não-cumprido, não-satisfeito — o que também está contido no conceito de arquétipos de C. G. Jung¹². Elas podem despertar elementos da fantasia, úteis ao desenvolvimento psíquico do indivíduo. De fato, esses elementos — no caminho da fantasia — possibilitam até mesmo vivências que foram muito pouco experienciadas

na vida concreta e que, então, são iniciadas ou pelo menos fortalecidas pela fantasia em geral. Eles produzem, portanto, impulsos criadores. Jung refere-se a isso dizendo que o processo criativo existe em uma “vivificação inconsciente do arquétipo e em um desenvolvimento e configuração deste até a obra acabada”, em que “a formação da imagem originária” é “... de certo modo uma tradução na linguagem do presente”¹³. Nesse ponto, podemos observar um aspecto coletivo, no entanto Jung afirma — e isso também, a meu ver, deve ser comprovado — que sempre se vivificam os arquétipos que mais faltam ao consciente coletivo. Portanto, nessa oferta criadora — que só se tornaria um processo quando o consciente também a aceitasse — poderíamos contar com uma auto-regulação da psique, que não só possibilita ao indivíduo experiências necessárias, mas também causaria coletivamente que se lidasse com certos conteúdos importantes para a vida atual das pessoas¹⁴.

Jung está sempre indicando, em conexão com os arquétipos, que tempos antigos conheceram deuses que nos aparecem hoje como arquétipos do inconsciente¹⁵. Por isso, mostrou-se metodicamente possível entender as deusas e os deuses, cada qual em seu meio e inserido em seus mistérios, em geral conhecidos, como elementos estruturais do inconsciente coletivo e dos temas da humanidade ligados a esses elementos estruturais, temas estes que se refletem na fantasia como lembrança e como expectativa.

Surgiu nos últimos anos um enorme interesse por divindades femininas, de tal modo que, também com base nessa reação, deve-se supor que o feminino foi reprimido por muito tempo em seu significado e em sua influência. Um subgrupo das divindades femininas são as deusas-mães. A meu ver, corremos minimamente o risco de fixar arquetipicamente o elemento materno, na medida em que tentamos dar relevo a experiências vitais típicas ligadas a algumas dessas divindades-mães, e nos referimos menos a elas como seres, o que em conexão com a mitologia é possível apenas especulativamente, ou as entendemos apenas do ponto de vista existencial-pessoal, quando as imagens de deusas são experienciadas em sonhos ou fantasias.

11. *Ib.*, p. 49, parágrafo 64.

12. GW 8, parágrafo 339; Kast, 1990, pp. 114 ss.

13. Jung, GW 15, parágrafo 130.

14. Kast in Rhode-Dachser, 1992 [1], pp. 66-88.

15. Jung, GW 9/1, parágrafo 50.

São inúmeras as deusas-mães da mitologia, e ocasionalmente tem-se a impressão de que quase todas as deusas femininas estão subsumidas às “deusas-mães”. Talvez isso esteja relacionado ao fato de teoricamente todas as deusas femininas poderem ser mães; no entanto, também parece simples colocar em primeiro plano o caráter de mãe dessas deusas femininas e com isso reduzir drasticamente a variedade dos aspectos de vida que as deusas femininas desvelam. Possivelmente, são os complexos maternos não desligados que fazem com que deusas do amor se convertam tão facilmente em deusas-mães. As estatuetas da pré-história e da história antiga — que demonstram um forte acento sobre as características sexuais femininas, dos seios e do colo femininos, geralmente representados como “triângulo feminino”, e que provavelmente pertencem a um culto da fertilidade — poderiam ser entendidas como um “antiquíssimo prólogo para a entrada das deusas-mães”¹⁶. Exprime-se, com isso, que a capacidade de gerar e a possibilidade de nutrir o filho, portanto de lhe dar tudo que ele precisa, foram naturalmente decisivas para a vida dos seres humanos e “endeusadas”. Assim, são também, sobretudo, as esferas do gerar e do nutrir que distinguem as deusas-mães. Nisso a esfera do gerar deveria ser ainda diferenciada: trata-se do poder acolher, poder levar até o fim a gravidez e poder expelir no tempo certo.

Essas propriedades das deusas são então transferidas para a natureza: para a mãe-Terra, por exemplo, como criadora e conservadora do ser humano e da vegetação. Então, especialmente, quando se concebe a deusa-mãe como parceira de um deus celeste, é ela identificada com a terra e pode receber precisamente o nome de “Terra”, como por exemplo acontece com a Gaia grega.

A mãe dos deuses da Ásia Menor é chamada de “Grande Mãe”, *Magna Mater*; os gregos a chamavam de Cibele, “na maioria das vezes, no entanto, simplesmente de *Meter Oreia*, a Mãe da Montanha”¹⁷. Assim, também a pedra vale como símbolo da mãe dos deuses, Cibele. Em seu culto havia “os sacerdotes eunucos que tinham se castrado em honra à deusa-mãe. Disso faz parte o mito de Átis, o

amante de *Meter* (o nome grego para *Magna Mater*), que é castrado, morre sob um abeto e permanece, todavia, o *parhedros* (amante) da deusa”¹⁸. De modo geral, ela também foi considerada como “Mãe Terra”, e, assim, particularidades de seu culto foram interpretadas de outro modo, à luz de acontecimentos da natureza: a castração dos eunucos correspondia então ao corte das espigas, e, quando eles se feriam com facas e espadas, isso correspondia à ferida da Terra provocada pelo lavrar, e assim por diante.

O sucesso do culto a *Meter* consiste, segundo Burkert, no “santuário estacionário e seu sacerdócio constantemente ligado a isso”¹⁹. Aproximadamente no ano 205 a.C., os romanos solicitavam a “remessa da ‘Mãe’”²⁰, e assim surgiu um centro do culto a *Meter* no Palatino, em Roma. Os eunucos provavelmente correspondiam a Átis. Uma outra deusa-mãe conhecida é Deméter. Deméter significa mãe do grão ou mãe da terra (*Ge Meter*)²¹. O mito, que conhecemos relativamente bem²², relata que Hades raptou a filha de Deméter, Perséfone, levando-a para os Infernos. Em seguida, Deméter recolheu-se em fúria e luto e não deixou crescer mais nenhum cereal. Por intermédio de Zeus, estabeleceu-se o acordo segundo o qual Perséfone passaria um terço do ano nos Infernos e dois terços com sua mãe.

Perséfone é, então, considerada também como deusa dos Infernos, um aspecto de Deméter, e Cora como a donzela, outro aspecto de Deméter, alegorizada no grão verde.

O que impressiona nesse mito é a tristeza selvagem, impregnada de fúria de Deméter, sua recusa em participar da vida e em falar, até que a fazem rir e ela toma o suco de cevada. O culto a Deméter tinha como festa principal as Tesmofórias. Nessa festa das mulheres, jogavam-se leitões vivos, cobras e pinhas na caverna de Deméter. A festa provavelmente tinha o intuito de promover a fertilidade das mulheres, e por analogia, a fertilidade da terra, mas era claramente ligada aos

16. Grimal, 1967, p. 29.

17. Burkert, 1990, p. 13.

18. *Ib.*

19. *Ib.*, p. 40

20. *Ib.*

21. Lurker, 1979, pp. 114 s.

22. Riedel, 1986.

temas vitais do declínio e da ascensão, à morte e ao renascimento no mais amplo sentido.

Naturalmente pode-se entender esse mito como simbolização da periodicidade no âmbito da vegetação, mas pode-se entendê-lo também como um mito sobre o mistério da fertilidade feminina, e não só no nível corporal. Essa fertilidade é disposta ciclicamente, passa sempre por períodos de declínio e inatividade, para novamente se mostrar em uma ascensão e em um novo florescimento e se concretizar em frutos da terra. É uma fertilidade que inclui também a morte, entendida também como tempo de alqueive. A idéia de que a deusa-mãe é, em um de seus aspectos, também a deusa da morte tem a ver ao menos com esse pensamento cíclico e também certamente com representações de morte “do retorno à Mãe” quando se morre.

Uma outra deusa-mãe, talvez até a deusa-mãe no sentido mais restrito, é a egípcia Ísis. Dela se diz que “no começo era Ísis, a mais velha dos velhos”. Deuses e homens originaram-se dela. Como criadora, ela gerou o sol²³. Seu leite ou sangue nutria deuses e homens.

O significado de Ísis resulta de sua relação com Osíris. Este é considerado como o símbolo do deus morto, que de maneira miraculosa é arrancado da morte por Ísis. Osíris tem um irmão inimigo, Set. Set matou Osíris, e o corpo deste se desintegrou no mar. Ísis e Néftis vasculharam o país, Ísis encontrou o corpo dilacerado de Osíris, juntou suas partes, despertou-o com seu lamento e com ele concebeu o deus Hórus, o deus-sol com cabeça de falcão — o que, aliás, indica que inicialmente foi uma deusa celeste — a quem ela secretamente criou e cujo direito ao trono ela levou a cabo. Em geral figurativamente representada com o menino Hórus no braço, Ísis é uma antecessora da mãe de Deus, Maria. Ela se distingue, por exemplo, de Hathor pelo fato de nela o elemento materno ser mais pronunciado, embora ainda também represente muitos outros aspectos. Como sobrepujou a morte, ela foi adorada também como mágica, e então posteriormente difamada como bruxa; como tal, ela esteve ao lado do deus-sol na barca, quando este lutou com a noite. No período greco-romano, Ísis era considerada uma divindade cósmica, condutora dos corpos celestes,

23. Walker, 1983, pp. 453 s.

rainha dos mares, e assim por diante. Ísis e sua obscura irmã gêmea, Néftis, eram as variantes egípcias da mãe-vida e da mãe-morte.

Em todo esse contexto, é interessante notar que a deusa do mundo subterrâneo suméria, Ereshkigal, é descrita no inferno, no reino dos mortos, mergulhada em dor. A deusa da morte é também neste mito a deusa da vida.

Provavelmente o mais importante nessas festas dos mistérios de *Meter*, *Deméter* e *Ísis* era que o luto se convertia em alegria²⁴.

“O luto de *Deméter* chega ao fim quando *Perséfone* regressa e com ‘júbilo e oscilações dos archotes a festa é finalizada’; na festa de *Magna-Mater* o dia da ‘alegria’, *Hilaria*, vem depois do ‘dia do sangue’ (*dies sanguinis*); o ritual do luto no culto a *Ísis* termina com o descobrimento de *Osíris*, corporificado nas águas do Nilo: ‘Nós encontramos, nós nos deleitamos em conjunto’.”²⁵ Nessa interpretação, *Ísis* é compreendida como Terra ou como “o poder frutífero na Terra e na lua; *Osíris*, a força fertilizante do Nilo”²⁶. *Plutarco* aborda então outro nível de interpretação ao confrontar o princípio do desmembramento e do aniquilamento, simbolizado por *Osíris* e *Set*, ao “bom princípio, unificador”, corporificado por *Ísis*, que sofre e gera a vida.

A vivência de um princípio unificador, a causa da transformação do luto em alegria, que corresponde à conversão da experiência da separação em experiência da participação, a experiência de que morte e vida se condicionam mutuamente; as funções biológico-maternais mais restritas: conceber, levar até o fim a gestação, dar à luz, nutrir e entregar ao destino próprio, funções vistas simbolicamente como o poder frutífero na Terra, como a força que possibilita o crescimento e o mantém vivo enquanto necessário; mas também a retração da força, quando chega a época para tal, em íntima relação com plantas e animais — são esses os temas arquetípicos ligados à deusa-mãe.

24. Burkert, 1990, p. 63.

25. *Ib.*

26. *Ib.*, p. 70.



Agressão e queixa

DESENVOLVIMENTO PARA ALÉM DO COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE
POSITIVO

O fato de ter falado sempre do complexo originalmente positivo significa que ele não permanece positivo caso o complexo do eu não se desenvolva de modo apropriado à idade. Deve haver, portanto, possibilidades de desenvolvimento para fora desse complexo materno originalmente positivo, de modo que o indivíduo possa conservar e transferir para a vida a riqueza que se pode experienciar nessa constelação de complexo. Conhecemos, dos contos de fadas, desenvolvimentos exemplares sobre esse tema. Eles têm, além do mais, a vantagem sobre as descrições de processos terapêuticos de ser exemplarmente curtos e apresentar processos típicos do desenvolvimento. Não irei, contudo, oferecer uma interpretação minuciosa dos contos de fadas, mas apenas referir-me às necessidades essenciais de desenvolvimento, que estão em conexão com a emancipação do complexo materno originalmente positivo, tal como elas são experienciadas pelo herói e posteriormente pela heroína de um conto de fadas.

O CAVALEIRO DA RISADA SOMBRIA

O desenvolvimento masculino no exemplo de um conto de fadas

Era uma vez em tempos antigos — e, tivéssemos vivido naquela época, não viveríamos hoje. Nossa história seria nova ou velha. Todavia, nem por isso ficaríamos sem história —, era uma vez quando um casal se casou. Um pouquinho depois do casamento morreu o

marido, e a mulher permaneceu sozinha. Nove meses depois do casamento — nem um dia a mais ou a menos — ela teve um filho. Era um menino. Como então estava sozinha quando teve o filho, ela o amou tão intensamente que não o trocaria nem por uma polegada de ouro. Ela criou o filho durante vinte e um anos como lactente em seu peito, e durante todo esse tempo ele nunca passou da soleira da porta.

Assim foi, bom ou ruim. A mãe trabalhava e se esfalfava o tempo inteiro para ele. Ao perceber que ela já tinha atingido a idade senil, ele disse a si mesmo que já era tempo de fazer alguma coisa por sua mãe e lhe proporcionar bem-estar para o restante de sua vida.

Ele pulou da cama, pôs-se de pé no centro do assoalho, estirou-se e enfiou a cabeça pelo madeiramento da casa até a altura dos ombros. Assim ele ficou, até sua mãe voltar para casa.

— Que o teu despertar te seja de bom proveito, querido — ela lhe disse. — Não és muito travesso por ter saído da cestinha para olhar ao teu redor?

Ao ouvir a voz da mãe, ele curvou as costas e botou a cabeça para dentro. Em seguida, disse:

— Já te estafaste longamente por minha causa, mãe, e chegou a hora de eu me esforçar por ti.

— Melhor tarde que nunca, menino do meu coração — respondeu ela.

— Então me dá uns trapos de roupa, mãe, para que eu me vista antes de ir ao encontro das pessoas.

Daí ela pegou a roupa de cama e a amarrou com barbante; pois não tinha agulha. Tão logo estava com calça e camisa sobre o corpo, ele se safou com toda a pressa e precipitação e não parou para descansar até chegar a um lugar onde se construía um grande castelo. Uma multidão de homens trabalhava ao redor da construção. Quando os operários viram aproximar-se sôfrego e extenuado o sujeito grande e magro, apavoraram-se todos e correram dali, como um rebanho de ovelhas perseguido.

O filho da viúva admirou-se quando viu à sua frente aquela gente fugindo. Ao chegar junto ao castelo, não encontrou aí ninguém além do vigia. Então se dirigiu a ele e pediu-lhe trabalho. Como o vigia estava com medo dele, não lhe negou nada, nem por todo o ouro deste mundo. Ele perguntou ao vigia qual era o salário que este pagava aos operários. O vigia lhe respondeu. Então o filho da viúva lhe disse:

— Se eu trabalhar tanto quanto doze homens, tu me pagarás de modo correspondente?

— Sim — disse o vigia. — Lá do outro lado há uma rocha. Doze homens conseguiram erguer uma como essa pelo muro até o topo da construção. Agora vem. Testa tua força nessa rocha.

O filho da viúva agarrou fortemente a rocha e saiu com ela como se fosse uma pedra de atiradeira.

Ao presenciar tal coisa, o vigia pôs a mão na bolsa e lhe deu cinco moedas. E lhe disse que ele deveria procurar uma loja onde pudesse comprar calça e camisa. E então poderia voltar ao trabalho. Ele lhe pagaria o salário de doze homens.

Ao receber o dinheiro, o filho da viúva não teve preguiça e correu para a loja. Os vendedores, ao avistarem-no, horrorizaram-se imensamente com ele; e, quando este lhes perguntou por calças e camisas, qualquer um deles queimaria o dedo para satisfazê-lo rapidamente. Amedrontados como estavam, esqueceram-se de exigir o preço da calça e camisa, e muito depois de ter ele saído da loja eles iam ficando cada vez mais fracos ao longo do dia. Tal foi o susto que ele lhes pregou.

Estava agora vestido dos pés à cabeça, e nenhum filho de rei em toda a superfície da Terra poderia parecer mais bonito e vistoso que o filho da viúva. O mais agudo olho de um vivente não teria reconhecido sua forma e aparência. Quando ele regressou ao trabalho, o vigia, ao invés de lhe dar uma ocupação, começou a se lhe sujeitar. Pois achou que era um príncipe, que tinha chegado do Oriente para cortejar “a bela Leámuinn das faces douradas”, a filha do rei que construía o palácio.

Portanto, isso não era bom nem ruim. Para encurtar a longa história: o filho da viúva ficou na construção do palácio, até estar faltando apenas o madeiramento do telhado. Talvez nem seja necessário dizer que ele conseguiu muito dinheiro para sua mãe.

Pouco tempo depois de estar concluída a muralha do castelo, o rei divulgou uma proclamação em todo o país: fosse quem fosse, mesmo um pobre coitado pelado, se ele ousasse trazer sobre o dorso da cobra gigante que se escondia na floresta tanta madeira como se precisava para colocarem o vigamento do telhado sobre o castelo, este receberia do rei sua filha, a Leámuinn das faces douradas, como esposa. Quem no entanto falhasse nesse empreendimento seria condenado à morte imediatamente.

O filho da viúva estava justamente agora em casa e descansava. Um dia, disse para sua mãe:

— Que a infelicidade e a miséria caíam sobre mim, se eu não tentar minha sorte! Não quero desviar um dedo sequer do caminho certo, até ter tentado minha força no empreendimento de levar até o castelo, sobre as costas da cobra gigante, a grande carga de madeira. Então recebo a filha do rei como esposa.

— Se quiseses seguir meu conselho — disse sua mãe —, não vás mexer com ela. A cobra gigante matou uma multidão de pessoas desde o tempo da grande enchente. Receio que terás uma vida bem curta caso te ocupes com ela.

— Não tens a menor idéia, mãe, de que no tutano dos meus ossos encontra-se a força de cem homens porque me amamentaste por vinte e um anos. Assim, nada há na terra — no que diz respeito à força — que possa me causar medo. Até mais, minha mãe, e, quando me vires novamente pela primeira vez, a filha do rei será tua nora.

Saiu dali apressado, veloz, como o vento de março, percorrendo com um passo uma milha e com uma passada larga doze milhas. Assim, atravessando o país chegou ao castelo do rei. O filho da viúva o cumprimentou, e o rei respondeu ao seu cumprimento.

— Ouço dizer que qualquer um pode conquistar como recompensa a bela Leámuinn, a de faces douradas, se realizar a tarefa de acordo com teu decreto.

— Sim — disse o rei. Ele se admirou extraordinariamente ao ver o filho da viúva, pois em sua vida toda nunca havia deparado com homem mais belo que esse que tinha ali diante dos olhos.

— Creio — disse o rei — que teus membros e mãos são muito suaves e delicados para o trabalho de um rapaz rude.

— A ponta da cumeeira mostra o acabamento! — afirmou o filho da viúva.

— És um jovem corajoso — disse o rei —, mas penso que tua cabeça ficará dependurada na lança sobre meu portão, onde já estão tantos de vós.

O filho da viúva não se deteve por muito tempo, mas dirigiu-se até a porta e precipitou-se pela floresta adentro. No meio da floresta havia um imenso lago. Nele habitava a cobra gigante que raramente vinha à terra. Contudo, cada vez que vinha, devorava tanta coisa goela abaixo que isso lhe bastava para uma semana, de maneira que ela não precisava caçar mais para se alimentar.

Cathal — assim se chamava o filho da viúva — caminhava pela floresta. Olhava agudamente para todos os lados ao seu redor. Não demorou muito para avistar o rastro viscoso da cobra na grama. Ele o seguiu até distingui-la a uma certa distância de onde estava. Ela parecia dormir.

Ele agarrou um olmo, arrancou-o do solo com raiz e tudo e abriu uma fenda na árvore a quatro pés de altura. Arrancou um outro tronco da terra, um freixo, e o carregou na mão como uma bengala. Então ele foi se esgueirando rápido e discreto atrás do verme, até chegar à ponta de sua cauda; entalou, por trás, a parte de baixo do galho de olmo sob a cauda, arrastou-se rápido, a dois pés dali por entre a fenda da árvore e cravou uma cunha através da árvore e da cauda. No momento em que a cunha atravessou sua cauda, ela pulou do chão para o alto e impulsionou Cathal para o alto da floresta. Ele agarrou firmemente a copa da árvore. Com grande força, Cathal trouxe a cobra gigante para o chão. Essa não teve muita sorte. Enquanto caía no chão, ela tentou agarrá-lo para arrastá-lo consigo. Ele, contudo, levantou o freixo e deu-lhe um golpe de lado, bem embaixo dos ouvidos, que a fez dormir desmaiada por cinco horas.

Então começou Cathal a arrancar as árvores pelas raízes, a torto e a direito, e a jogá-las para cima da cabeça da cobra. Quando achou que tinha madeira suficiente para o palácio, ele deu mais um golpe na cobra, embaixo de seu ouvido esquerdo. Daí ela começou a guinchar. Mas ele deu nela, golpe após golpe, até conseguir conduzi-la à sua frente e chegar com ela ao estábulo do rei.

Os soldados do rei mantinham vigilância da mais alta janela. Quando avistaram Cathal e viram a montanha de madeira aproveitável que vinha resvalando à sua frente, eles o consideraram o maior feiticeiro do mundo. Não acreditavam no que viam seus olhos. Não acreditavam que houvesse no mundo um homem capaz de vencer a grande cobra, como ele o fizera.

Após Cathal ter guiado a cobra até perto do castelo com a carga de madeira, ele a deixou ali e dirigiu-se ao portão. O rei saiu ao seu encontro.

— Que tu possas alegrar-te com teus saudáveis ossos! — ele lhe disse. És o herói mais valente do globo terrestre.

— Teu elogio me agrada — respondeu Cathal —, e creio que agora certamente mereço tua filha.

— Estou preparado para oferecê-la a ti — disse o rei —; no entanto, tu mesmo debes apresentar-te a ela.

— Está bem para mim — respondeu Cathal.

O rei o conduziu até os aposentos de Leámuinn, e eles conversaram. Ela lhe disse:

— Ganhaste apenas um terço de mim. Agora tens de levar a cobra de volta para a floresta e matá-la. Quando isto estiver realizado, deverás viajar para o Oriente e, dentro de um ano a partir de hoje, trazer notícias sobre o 'cavaleiro da risada sombria', sobre o motivo pelo qual ele não ri faz sete anos. Deverás igualmente trazer-me algum sinal característico da morte da "terrível velha dos dentes frios". Quando tiveres efetuado tudo isso, consentirei em tomar a ti como esposo. Mas fica sabendo: caso não realizes essas tarefas em um ano e um dia, então farei cinza e pó de teus ossos.

— Que azar! — disse Cathal e retirou-se.

Não demorou muito e já tinha descarregado a madeira da cobra. Pegou seu bastão de freixo, agitou com toda a força e deu-lhe o golpe lateral embaixo dos ouvidos. Em breve, estava a cobra novamente com ele no meio da floresta. Ele começou a bater nela com a ponta espessa da árvore, até colocá-la em um estado em que nem seus ouvidos oscilavam. Então tirou uma faca da bolsa e arrancou-lhe a ponta da língua por preocupação de que alguém pudesse fazer esse caminho novamente e depois dizer à filha do rei que tinha sido ele que matou a cobra. Ele absolutamente não deu meia-volta, mas correu para o litoral a fim de viajar para as Índias Orientais. Encontrou um barco na praia e o guiou para diante, com a proa direcionada para o mar e a popa para a terra. Içou as velas coloridas, as grandes e as pequenas, até o topo dos mastros. O barco exigia uma remada de doze homens e uma direção de duzentos. Por um terço, ocorria um salto à frente através da força dos remos, por dois terços uma impulsão das velas, para que o barco apenas singrasse o mar, subindo quase a ponto de dar uma cambalhota e depois atirando-se para baixo com toda a plenitude. A velocidade escavou a espuma branca e levantou a areia cinza. À sua frente ele viu o mar verde-azulado e, às suas costas, vermelho como sangue. O sopro impetuoso nas velas e o rugir das ondas eram para ele um doce zumbido. Não havia nenhuma ave no Oriente, cujo canto não lhe ressoasse de sua remada.

Mais cedo ou mais tarde ele chegou ao porto do Oriente, e, na velocidade estonteante em que se encontrava a embarcação, ela escorregou fundo na nova terra do Oriente e nas novas ondas, indo parar em um lugar que não corria nenhum perigo de ser estorricado pelo sol nem fustigado pela tempestade. Um arbusto de buglossa dava-lhe proteção.

Agora Cathal se apossou e pôs-se de pé. Suas articulações estavam um tanto quanto rígidas. Seus ossos eram como de uma criança pequena. Apenas na corrida eles se tornaram ágeis. Ele vagueou sem interrupção. Ficava exaustão e débil freqüentemente. Ficou consciente de como estava sozinho em uma terra estrangeira, sem amigos ou auxílio, e como o tempo urgia. Sua vivacidade morria quando ele pensava que estava sem mãe e mulher, sem casa e pousos. No entanto,

ele concentrava sua energia e vagueava mais. Nem tremor ou temor o inquietavam diante de algo que lhe acontecesse. Quando se passaram alguns dias, ele de repente chegou a um grande estábulo e a um lugar onde encontrou inúmeras edificações. Na muralha crescia um musgo cinzento, pois ninguém cuidava disso. Depois de andar por um certo espaço de tempo ao redor dos muros, ele deparou com uma porta na parede lateral de uma casa. Ela era tão pequena que ele teve dificuldade para entrar engatinhando. Ao achar-se no corredor, viu à sua frente a porta do quarto. Ali estava uma mulher velha. Em seu rosto, uma expressão de aflição. Ela correu para o quarto, e Cathal ficou à escuta. Ouviu uma conversa entre pessoas que vinha do quarto. Então avançou alguns passos e junto à porta topou com a velha.

— Esta quinta te pertence? — ele perguntou. — Ou mora aqui alguém mais nobre que tu?

— Não é minha — ela respondeu —, mas aqui mora um homem melhor que tu. És impertinente e descarado entrando aqui e perguntando pelo morador.

— Dize-me o nome do homem que mora aqui — disse Cathal.

Ela se recusou a lhe responder. Em seguida, ele passou pela porta a passos largos e, ao olhar ao redor de si, viu um homem esguio, alto, que com o semblante imóvel estava deitado de costas, estendido no meio da cama.

Antes mesmo de Cathal encontrar tempo para dizer “Deus te abençoe!”, o homem, pulando da cama, tinha-lhe agarrado a garganta. Logo ficou quente e barulhento no quarto. O empurrar e o agarrar sucediam por todos os lados. Os dois sujeitos gigantes travaram uma luta como nunca houve uma semelhante na Terra. Passou pela mente de Cathal que ele não tinha ninguém que o auxiliasse, que estivesse ao seu lado; pensou em sua mãe, que ele deixara sozinha em casa, e um desespero enfurecido o tomou de assalto. Com uma força extrema, empurrou o “homem da cama” em direção ao fogo. Quando esse sentiu o calor das brasas, pôs-se a gritar e lhe pediu que o soltasse e curasse suas bolhas de queimadura. Ele faria o que o outro exigia.

— Antes de te ergueres, dize-me teu nome, ou não te deixo vida alguma em ti!

— Sou o “cavaleiro da risada sombria”, que há sete anos não ri.

— És o homem que já procuro faz muito tempo!

Depois segurou-o com ambas as mãos, colocou-o na beirada da cama e esfregou saliva em suas queimaduras. Logo estava curado e são, como antes da briga.

Eles então se sentaram e observaram-se mutuamente por um bom tempo, como o gato espreita o rato. Não muito depois disso, o filho da viúva ouviu uma mulher gritar com voz alta e achou que terra e ar se batiam um contra o outro no abalo que vinha das paredes. Olhou de viés para o cavaleiro e observou sua cara torcida, pois o grito lhe repugnava. De súbito, este perguntou ao filho da viúva:

— De quem és filho? Ou de onde vens?

— Sou o filho de um nobre lutador da Irlanda e empreendi essa aventura para ter alguma notícia de ti e ficar sabendo por que não ris há sete anos.

— Gostaria de não dizer-te isso agora, mas talvez te comunique o motivo um outro dia.

O cavaleiro bateu as palmas das mãos, e a velha, após ouvir isso, apareceu.

— Preparaste o jantar? — perguntou o cavaleiro.

— Sim — disse ela.

— Traz-o para cá!

Em breve, estavam diante de uma refeição boa, saborosa. Cada mordida tinha gosto de mel, e nenhuma mordida se comparava à outra. Quando tinham comido e bebido o suficiente, foram dormir. Após ter-se deitado, Cathal não parou de pensar no selvagem grito que ouvira no começo da noite e decidiu que queria investigar cada canto da região, sem que ninguém percebesse nada, até haver satisfeito sua curiosidade e sabido de que garganta viera aquele som.

Na manhã seguinte, levantou-se, lavou o rosto e perambulou pelos arredores, sem comer alguma coisa antes. Depois de meia hora de perambulação, avistou algo a uma grande distância. Ao aproxi-

mar-se, descobriu tratar-se de um cavalo. A poucos passos dele, notou que tinha cor de rato. O cavalo ouviu o ruído de seus pés, levantou a cabeça e relinchou quando o avistou. Imediatamente, aproximou-se outro cavalo trotando, e ambos os animais correram dali com a velocidade do vento de março. Cathal os seguiu tão rápido quanto possível e manteve-os sob o olhar o tempo todo. Por fim, quando ele já tinha soprado de si a alma em virtude da corrida extenuante, ele viu que os cavalos se dirigiam para um lugar redondo na floresta. Ele os seguiu até o estábulo. Justamente quando se curvava, a fim de atravessar para o outro lado arrastando-se sob a barra transversal, um dos animais soltou um relincho. Logo em seguida, ele viu uma grande e velha mulher dirigindo-se até ele com espuma na boca. Mal seus olhos a viram e quase a alma se lhe desprende do corpo, tal foi o horror que ela lhe infundiu. Quando estava bem próxima dele, ela disse:

— Se te pego pelo cangote,
Torço-te o pescoço, frangote,
Aqui eu farejo o falso irlandês gatuno.

— Não sou nenhum falso irlandês gatuno — disse Cathal —, mas sim um excelente lutador.

— O que te agrada mais — perguntou ela —, lutar sobre rochas vermelhas de sangue até que eu possa sugar teus ossos como sopa, ou ter suas costelas cortadas em pedaços e tua carne junto com a pele por uma faca três vezes afiada, enquanto teu sangue corre para o solo? Ave nenhuma irá encontrar um osso teu. Pois vou misturar teu cadáver com terra em uma esfera de sete milhas.

— Prefiro lutar sobre rochas vermelhas — disse o filho da viúva. — Meus fortes membros irão te espremer contra o chão, até o ponto em que nenhuma ave tenha uma porção de sua carne para degustar ou de seus ossos para cheirar.

— Como um único pedaço me parece demais, porém como dois és muito pouco — disse ela. — Tivesse eu uma pitadinha de sal comigo e iria pegar-te entre meus dentes longos, famintos.

Cathal não fraquejava diante do perigo. Ele partiu para cima dela, e o lugar ficou quente e renhido. Uma tal luta como essa entre

eles nunca houve, desde o Ocidente do mundo até a outra ponta, não mesmo! As pedras que estavam em cima rolaram para baixo, e as de baixo para cima. O que era duro eles deixaram macio, e de pedras cinzas brotaram minas d'água.

Quando o dia chegou ao fim, o filho da viúva estava esgotado. Ele pensou consigo que não haveria pessoa alguma que o fosse lamentar quando ainda se encontrasse estirado no leito de morie. Então ele segurou a velha fortemente pelos lados. Ela, no entanto, era tão forte que isso não a abalou. Quando o sol se escondeu atrás da colina, Cathal tornou-se fraco, e a velha notou regozijante que tinha chance de sair vitoriosa sobre o excelente cavaleiro. Mas, antes que ele perdesse completamente o fôlego, apareceu uma garriça e pousou sobre o nariz da velha bruxa, enfiando o bico em seus olhos. A velha, então, ficou frágil como um ganso.

Quando ela o derrubava aos seus pés como um feixe de palha, ele se curvou em direção ao solo e deu-lhe um golpe na jugular, de tal modo que ela também não moveu mais as orelhas. Após ter abatido a velha, ele pegou a faca na bolsa e cortou-lhe a língua. Em seguida, correu até o palácio da bruxa e o vasculhou de cima a baixo. Não havia um cômodo na casa que não estivesse repleto de ouro ou prata. Porém, não viu ali nenhuma outra pessoa. Voltou então para o estábulo de cavalos, amarrou-os na manjedoura e saiu apressadamente em direção à casa do cavaleiro. Não deixou que ninguém notasse nada. Como na noite anterior, o cavaleiro lhe ofereceu um bom jantar. Depois de comerem, começaram a contar coisas um para o outro. Visto que já era tarde da noite, e o cavaleiro não tinha ouvido ainda o grito da velha, ele se admirou. Pois, já que ele próprio nunca conseguira derrotá-la, achava que também ninguém no mundo a venceria. Cathal foi o primeiro a falar:

— Não estou ouvindo o grito da última noite — começou dizendo ao cavaleiro. Acho também que nunca mais ouvirei.

O cavaleiro sorriu e lhe respondeu:

— Aquela velha bruxa mora aqui desde tempos remotos. Ela subjugou a ilha, pilhou-a e botou fogo em seus quatro cantos, de modo que ninguém mais vive além de mim e da velha mulher que me

serve. Já travei várias lutas árduas com a bruxa, mas tive de renunciar a todas as esperanças e desistir de qualquer outra contenda com ela. Nesses sete anos, desde que a miséria caiu sobre mim, nenhuma noite se passou sem que ela soltasse esse grito nas horas mortas da noite para que minha aflição não encontre um fim.

-- Dize-me agora a causa de tua risada sombria -- disse-lhe Cathal --; de uma coisa podes ter certeza: não ouvirás mais a voz da velha pelo restante de tua vida.

O cavaleiro começou a contar as causas de sua tristeza e disse:

-- Amanhã fará sete anos -- nem mais nem menos -- que eu possuía aqui um grande reino. Mandeí, então, um convite para uma festa aos mais nobres do país. Eu tinha uma casa quente, agradável, bonita e vinte e quatro cavalos prontos para a caçada diária. Quando a mesa estava posta e eu próprio sentado junto a ela para realizar o corte, levantei a cabeça e olhei lá fora pela janela. Então avistei a "lebre de mau hálito", e vi como ela se chafurdava na poça, embaixo das travessas do estábulo, e, assim que se rastejou para fora da poça, ela passou para o outro lado. Ali se achavam estendidos alguns linhos, e ela se jogou em cima deles de maneira tal que não sobrou uma polegada que não ficasse manchada de lama. Em seguida, ela veio em nossa direção até o parapeito da janela. Como estava abafado o dia, a janela estava aberta. Ela enfiou seu pescoço para dentro e soltou um hálito que infestou todos os pratos. Chamei meus criados e lhes ordenei que selassem os cavalos e soltassem os cães. Eu mesmo peguei meu garanhão acinzentado e nos precipitamos atrás da lebre. Às vezes o focinho dos cães quase tocava o traseiro do animal, e então, em um segundo, ela estava novamente uma milha adiante. Assim ela nos escarneceu o dia todo. Eu incitava meus cães continuamente e encorajei meus homens a perseguir e capturar a lebre. Assim fizemos por muito tempo até que chegamos a um grande vale seguindo o animal. O vale ficava entre duas colinas. Quando os últimos homens de meu séquito se encontravam no vale, este se abriu e engoliu a mim, ao meu cachorro e ao meu almocreve: de repente nos achávamos diante de 24 ladrões e seu líder. Eles começaram a zombar de mim e dos meus homens. Um deles pegou uma vassoura e varreu toda a imundície do lugar para dentro de suas bocas. O líder me disse:

"Temos muita carne aqui, caso você consiga cozinhar para seu séquito". Ele tinha um javali espetado em uma imensa lança de ferro e me ordenou a segurar a lança e girar o animal sobre o fogo a fim de prepará-lo para meus homens. Segurei o espeto conforme ele me ordenou. Era naquela época um lutador vigoroso. Contudo, mesmo se eu tivesse precisado cair esguartejado ao chão, não seria capaz de mover o javali do chão. Depois disso o líder me perguntou que tipo de feitos heróicos praticávamos em casa além de comer. Antes que eu encontrasse tempo para dar uma resposta, ele lançou um grande bloco de ferro no meio do fogo. Havia uma corrente que atravessava o cepo. Quando o bloco estava incandescentemente vermelho, o chefe dos ladrões e seus homens o retiraram do fogo. Então ele dispôs seus homens de um lado e os meus de outro. Todos seguraram a corrente que atravessava o bloco e começaram a puxá-la, cada grupo em sua direção, até que os ladrões haviam arrastado meus homens para cima do bloco. E eles não deixaram sobrar uma polegada de seus corpos sem derreter. E fiquei ali, sem saber se no próximo minuto fariam comigo o mesmo jogo.

Após ter tratado meu séquito dessa maneira, um deles se aproximou e trazia na mão uma varinha mágica. Levantou-a, apontando-a para meus cavalos e cães, e jogou-os como um monte de pedras uns sobre os outros. Queria fazer o mesmo comigo. Porém, o chefe dos ladrões o ameaçou e disse supor que eu fosse o líder dos homens e que, assim, me daria permissão de voltar para casa. Ele abriu aquele recinto e deixou-me sair, e precisei de um ano para retomar o caminho que eu percorrera em um dia durante a caçada à lebre.

De volta para casa, joguei-me na cama e não me levantei, nem tampouco ri novamente, desde aquele dia até hoje. O bando de ladrões enfeitiçou minha propriedade e tudo que me pertencia, com exceção de mim mesmo e da velha que me assiste. E, desde o momento em que a desgraça caiu sobre mim, não se encontrou um homem que tivesse podido vencer a velha medonha, que, ao longo de todos esses setes anos em que me acho na infelicidade, tem soltado seu grito. Durante esses sete anos ela pilhou e incendiou a população de toda a ilha.

-- Ela não matará mais ninguém até o dia do Juízo Final! -- afirmou Cathal. Realmente tiveste motivos para ficar triste e aflito e

não rir durante sete anos! Então te agradeço por me contares em que se baseia tua risada sombria. Mas agora não te preocupes mais por causa da velha. Posso te dizer: eu a matei.

— Achei — disse o cavaleiro — que nenhuma pessoa na Terra seria capaz de quebrar o pescoço dela. Eu secretamente havia planejado lutar contigo. No entanto, como mataste a destruidora do país, não tenho mais nada contra ti.

Em seguida ao jantar, foram dormir. Cathal dormiu suave e confortavelmente até de manhã, e mal rompeu o dia já estava de pé e se aprontou cheio de alegria a fim de ir para o palácio da velha. Queria pôr tudo que lá estivesse embaixo de sete chaves e guardá-lo para Leámuinn, para quando ela fosse morar ali.

Quando julgou que já era hora de comer, voltou à casa do cavaleiro, onde foi servida uma saborosa refeição. Cathal levantou a cabeça e olhou através da janela. Notou então algo do tamanho de um cachorro, que corria para lá e para cá passando por debaixo da cerca. Ele fez um sinal ao cavaleiro para que este olhasse também para fora. Ao levantar os olhos, o cavaleiro reconheceu: era "a lebre de mau hálito", que aparecera uma vez havia sete anos.

— Minha infelicidade e miséria! — ele exclamou. Por Deus, se tivéssemos cavalos iríamos atrás dela novamente.

— Vem comigo — disse Cathal — e logo teremos dois cavalos como nenhum homem jamais cavalgou.

O cavaleiro seguiu Cathal, e correram pelo caminho que levava ao palácio da velha, até o estábulo de cavalos. O filho da viúva agarrou-se às costas de um cavalo e mandou que o cavaleiro subisse no outro. Ele fez conforme lhe foi dito e precipitou-se dali, seguido por Cathal. Não se desviaram da trilha, e a lebre os conduzia pelo mesmo caminho que conduzia o cavaleiro sete anos atrás. Quando chegaram à morada dos ladrões, estes soltaram uma gargalhada de escárnio. Cathal disse:

— Do que rides? — e pegou na vassoura e varreu para dentro de suas bocas toda a sujeira que tinha se acumulado durante sete anos. Logo depois, agarrou o javali, segurou-o na mão como um fardo

de palha e o assou por não mais que dois minutos. Em seguida, deu ao cavaleiro alguma coisa para comer. Daí tomou em suas mãos o bloco de ferro, arremessou-o no fogo, e arrancou-o novamente de lá, fumegante como estava. Colocou-se ao lado do bloco e posicionou os vinte e quatro ladrões na outra ponta; e, por mais forte que estes puxassem e perdessem o fôlego, cada um deles foi prensado até virar um torrão de gordura. Apanhou o líder e quis fazer o mesmo com ele. Mas o cavaleiro gritou-lhe que o poupasse; pois naquela época ele lhe tinha dado a permissão de sair daquela morada. E continuou:

— E se tu, meu rapaz, devolveres meus cavalos e cães, que há sete anos chegaram até aqui, nós te deixaremos incólume e do mesmo jeito que estás agora.

O líder foi tomado por horror e medo de ser morto. Como viu que Cathal possuía a força de cem homens, achou melhor devolver a vida e o vigor a tudo aquilo que havia entrado em sua morada e que ele havia arrancado do cavaleiro. Ele o fez tão rapidamente quanto possível. Bateu a varinha mágica três vezes sobre o monte de pedras, que estava em um canto da morada, e em um piscar de olhos estavam todos vivos e animados como outrora: homem, cão e cavalo. Cathal lhe ordenou que abrisse imediatamente a porta para ele. A porta abriu-se rapidamente, e eles saíram logo dali. Em breve estavam em casa e, quando chegaram, o cavaleiro viu o castelo e a quinta e tudo que lhe pertencia belo e florescente como antes, quando "a lebre de mau hálito" ainda não passara por ali. Seu coração rejubilou-se, pois a velha bruxa estava morta. Ele, como todos os seus criados e criadas, tinham adquirido a mobilidade dos membros como antigamente. Agora que entrava em casa, lastimou não poder dar uma festa ao povo de sua terra. Ele não mais podia fazer tal coisa porque, além daqueles que estavam sob sua custódia, ninguém mais vivia na ilha. A bruxa havia destruído tudo. Ele naturalmente não pensou em matar Cathal (como planejara inicialmente, quando este invadiu sua casa), pelo contrário, ofereceu-lhe a metade de suas posses. Cathal não aceitou nada. Sabia que era ainda mais rico que o cavaleiro. Sob votos de saúde e prosperidade, ele o deixou para trás e lhe disse que, enquanto fosse vivo, ia querer visitá-lo novamente. Alegrementemente disposto, ele também logo chegou à sua terra.

Ao aparecer no castelo do pai de Leámuinn, todos os receberam com boas-vindas. Eles tinham pensado que ele havia se perdido e caído em uma amassadeira.

Como Leámuinn tinha enviado um outro homem além de Cathal para essa viagem, o qual chegara antes dele com os crânios da velha bruxa e da cobra gigante, eles consideravam esse homem o melhor herói da Terra. Ele também havia relatado que Cathal estava morto, e agora estavam com a intenção de celebrar casamento. Aí apareceu o filho da viúva. Por não trazer consigo as cabeças, Leámuinn não acreditou em nenhuma palavra sua.

— Eu lhes cortei as cabeças — disse Cathal — e depois de fazer isso arranquei a ponta da língua de cada uma, e a prova de tudo está aqui. 'Eu mato a cobra e mostro o pau.' Eis as pontas das línguas que eu cortei depois de minha vitória sobre ambas!

O rei olhou cuidadosamente nas bocas das cabeças e notou que lhes faltavam as pontas das línguas. E disse imediatamente:

— Cathal realizou o feito heróico!

Em seguida, Cathal contou tudo à princesa, ou seja, o que lhe dissera o cavaleiro, e acreditaram nele. Leámuinn colocou ambos os braços em volta de seu pescoço e o puxou para perto de seu coração.

"Ela o estreitou com beijos,
Molhou-o com lágrimas,
Secou-o com suaves lenços
De seda e cetim."

Ao ver que estava sendo muito desprezado, o outro cavaleiro dirigiu palavras descaradas ao rei. Então o filho da viúva estendeu a mão e lhe deu um golpe embaixo do queixo. De maneira que ele não soltou mais nenhum ruído.

Para encurtar a longa história: celebrou-se o casamento, para ele convidaram-se pobres e pelados. Após o casamento, o filho da viúva levou sua mulher e sua mãe para o palácio da velha bruxa. Seu ouro e prata e todos os seus tesouros ficaram para os filhos do casal e para os filhos dos filhos.

Eles caíram no caminho errado, e eu no caminho certo. Eles morreram, e eu ainda não cheguei ao esquite. E, se tudo isso são mentiras, então o diabo que as carregue¹.

O conto de fadas descreve no começo um complexo materno originalmente positivo que realmente se conservou para além do tempo destinado a ele. Esse complexo pôde manter-se tão puro porque o pai morreu logo após o casamento. "Como então estava sozinha quando teve o filho, ela o amou tão intensamente..." Durante vinte e um anos ela o amamentou em seu peito. Mesmo que se deva entender essa expressão metaforicamente, ela diz muito. Também a solidão da pessoa com quem os filhos se relacionam pode ser uma razão pela qual eles não conseguem desenvolver sua independência de modo apropriado à idade. Com 21 anos, Cathal observou que sua mãe "chegou à idade senil", julgou que estava na hora de cuidar dela e pulou da cama, ainda um pouco contra a resistência já mais enfraquecida da mãe. Sua pergunta, se não era travessura deixar o "cestinho", não funciona mais. A compaixão por sua mãe tira-o da cama, compaixão e uma solicitude, que pertencem ao complexo materno originalmente positivo.

Ele procura trabalho no castelo e estima seu valor corretamente: ele irá trabalhar e quer ser pago pelo trabalho de doze homens. Trabalha na muralha do castelo, na muralha de uma nova moradia, que irá estabelecer a nítida demarcação entre o interior e o exterior. De um ponto de vista simbólico, ele trabalha agora na demarcação de seu complexo do eu e nisso ele delimita o espaço de sua própria personalidade do eu. O que o cestinho da mãe representava em sua delimitação e proteção deve agora tornar-se um castelo que também deverá receber um teto.

A madeira para o teto deve ser trazida sobre as costas da cobra gigante que se meteu na floresta; quem conseguir realizar isso receberá a filha do rei como esposa. Cathal quer tentar a sorte depois de ter mostrado que pode trabalhar duro, impor respeito e ganhar para seu próprio sustento e o de sua mãe: tudo expressão de uma atividade responsável do eu. Com isso se manifesta também a demarcação do

1. De: *Irische Volksmärchen*, 1969, pp. 265 ss.

complexo do eu na experiência e na demonstração de um efeito no mundo, justamente do modo como ela só se pode realizar por meio da personalidade individual; assim o indivíduo torna-se concebível como ele mesmo. No entanto o desenvolvimento deve ainda continuar: trata-se suplementarmente de ele poder estabelecer relação com uma mulher de sua idade, ou, visto simbolicamente, de ele entrar em contato com sua porção *anima*, sua forma feminina interior fascinante e misteriosa, que lhe permite amar não apenas à mãe como única mulher em sua vida. A mãe, então, não fica exatamente encantada com o projeto dele. Ela adverte: a cobra gigante matou uma multidão de homens desde a grande enchente. Ele a tranqüiliza ao lhe lembrar — e para a auto-estima dela subir — que ela o amamentou ao longo de vinte e um anos; e que por esse motivo ele tinha em seu tutano a força de cem homens. No que dizia respeito à força, nada poderia amedrontá-lo. Não mais a força de doze homens, agora era a força de cem, ele era tão forte que não tinha nada por temer neste mundo. Ele também é descrito como um homem cada vez mais magnífico. É forte, belo e repleto de confiança. É esta uma consequência desse receber nutrição em excesso. Ele se sente em plena posse de suas forças, convicto de que pode solucionar todos os problemas. As tarefas que se lhe impõem levam-no a lidar com tudo o que estava excluído do sistema mãe-filho: ele deve utilizar a cobra e depois matá-la, deve descobrir por que o cavaleiro da risada sombria não ri mais há sete anos, e deve trazer uma prova da morte da velha medonha. Ou ele consegue isso ou morrerá. Isso, portanto, são os âmbitos da personalidade que se encontram no escuro, o reverso desse enorme mimo dado pela mãe. O que significam as fases isoladamente?

No meio da floresta, no grande lago, mora a cobra gigante, que quando vem para fora devora tudo o que tem de devorar, para não precisar caçar alimento de novo logo em seguida. Lograr essa cobra gigante, utilizá-la e então matá-la parece ser fácil. Cathal consegue perceber as sedução exercidas pela indolência — o que se poderia interpretar como tendências regressivas —, eliminá-las e, com agressão, forçá-las a lhe servir. Isso é uma defesa quase maníaca, em uma grande capacidade de trabalho, contra o perigo de perseverar em uma indolência que poderíamos chamar de quase metafísica e realizar, ocasionalmente, ataques vorazes a fim de arranjar para si o que é

necessário à vida. Nessa cobra se exprime o efeito do lado sombra de seu complexo materno nutridor: ele poderia arrastar-se numa vida de parasita, de modo indolente, ávido e indiferenciado; ávido por algo que se pode devorar. Ele se defende contra isso, porque tem a promessa de poder ganhar, assim, a filha do rei. Pessoas com um complexo materno originalmente positivo só se defendem contra essas tendências regressivas quando se lhes promete algo que decididamente mudará sua qualidade de vida e, sobretudo, sua intensidade de vida. Possuem energia suficiente, no entanto precisam perceber claramente que essas tendências regressivas — as quais também se exprimem em devaneios que nunca estão tão perto das emoções para que possam se realizar — são perigosas à vida. Essas pessoas podem, então, mobilizar suas forças gigantescas, que elas certamente têm.

Caso Cathal tenha pensado que com isso ele já tinha resistido a todas as provas e podia casar-se com a filha do rei, então esta última se revela com outra opinião: ela sabe que ele ainda deve atacar problemas inconscientes importantes antes de ser capaz de se relacionar. Bondosamente ele embarca para as Índias Orientais. Novamente se torna experienciável a energia que está neste sistema, aqui um terço vem da “força dos remos”, o vento contribui com dois terços, os elementos contribuem. Assim, torna-se clara a boa relação com a natureza, o estar inserido na natureza. Mas também um outro elemento mistura-se a esse delírio dos elementos, nos quais Cathal parece sentir-se tão bem: “À sua frente ele viu o mar verde-azulado e, às suas costas, vermelho como sangue. E na procura do cavaleiro da risada sombria ficou consciente de como estava só. Sua vivacidade morria quando ele pensava que estava sem mãe e mulher, sem casa e pouso. No entanto ele concentrava sua energia e vagueava mais”. Se antes esse estar sozinho ainda era agradável, ele agora percebe, de repente, que está só: mais nenhuma mãe, nem mulher, nem lugar para ficar. E, embora seu sentimento de vida sofra um colapso, ele segue adiante, “concentra sua energia”. A cor avermelhada do mar, que lembra sangue, e o sentimento de abatimento e de falta do lar indicam que ele entra em ligação com as porções atormentadas, desalentadas dentro de si: como é típico para o complexo materno originalmente positivo quando o mundo e a vida não se manifestam mais como uma mãe bondosa, que dá tudo, ou ao menos quando não há nenhuma satisfação

rápida por meio de um grande feito heróico como a vitória contra uma cobra gigante. Ao experienciar esses sentimentos do abatimento, ele depara — como expressão imagética disso — com edificações que estão recobertas por um musgo espesso e que, portanto, provavelmente não são habitadas há muito tempo. Quando finalmente descobre um acesso a esse esquecido ou amaldiçoado conjunto de edificações, ele encontra uma mulher velha com um rosto aflito e também “um homem esguio, alto que, com o semblante imóvel, estava deitado de costas, estendido no meio da cama”. Este pula da cama e agarra-lhe a garganta. “Os dois sujeitos gigantes travaram uma luta como nunca houve uma semelhante na Terra.” Cathal sentiu que não tinha “ninguém que o auxiliasse, que estivesse ao seu lado, pensou em sua mãe que ele deixara sozinha em casa, e um desespero enfurecido o tomou de assalto. Com uma força extrema, empurrou o homem da cama em direção ao fogo”. Quando este sente o calor do fogo, promete fazer tudo que Cathal quiser dele.

Aquí se torna claro como o “homem na cama” é ainda uma realidade com a qual Cathal tem de lutar. Ele encontra aquí seu *alter ego*, a parte da personalidade que simplesmente não consegue se levantar da cama. É típico para o complexo materno originalmente positivo que Cathal não lastime, por exemplo, uma carência de forças, mas sim o fato de não ter ninguém ao seu lado, alguém que o auxilie; e o simples pensar na mãe basta para mobilizar as forças do desespero, as forças de que ele precisa para sobreviver.

Esse homem, que pode ser visto como a imagem da identidade de sombra de Cathal, deve então dizer seu nome. É o procurado “cavaleiro da risada sombria”. Cathal cura as queimaduras, eles se espreitam reciprocamente, em seguida “o filho da viúva ouviu uma mulher gritar com voz alta e achou que terra e ar se batiam um contra o outro no abalo que vinha das paredes”. O cavaleiro apresenta nisso um rosto torcido. Representa-se o sofrimento do cavaleiro de forma cada vez mais nítida. Um distúrbio faz-se notar misteriosamente. Quando ar e terra se batem um contra o outro, os dois elementos que freqüentemente são vistos como a corporificação do princípio feminino — a terra — e do princípio masculino — o ar —, então temos aquí uma indicação de como é difícil a ligação de ambos os princípios nos dois

homens. Também fica claro que nos aproximamos do ponto alto da história, a confrontação com o aspecto essencial da problemática, pois agora são citados todos os quatro elementos.

Cathal encontra, em um lugar redondo na floresta, uma mulher grande, velha, com espuma na boca, uma figura que o enche de horror. Ela também se mostra em sua configuração como destruidora, mas oferece a ele, por outro lado, a escolha de lutar ou ser destruído passivamente. E eles lutam, de modo tal que nunca ainda se vira uma luta assim; não resta pedra nesta pedra, “o que era duro eles deixaram macio, e de pedras cinzas brotaram minas d'água”. Uma imagem peculiar, em uma situação de luta, na qual se trata de saber quem permanece o mais forte: essa mulher, a personificação da força destrutiva, da avidez, da qual logo nos inteiramos ao saber que ela subjugou a ilha e a incendiou, de forma que ninguém mais podia viver ali. Cathal poderia ser dominado por essa força de destruição. Ao longo da luta, porém, libertam-se novos mananciais. Ao chegar a noite, suas forças também desaparecem, e outras só reaparecem quando lhe ocorre que ninguém irá lastimá-lo. Também estas não bastam. Quando a velha já quer rejubilar-se, chega uma garriça, pousa no nariz da velha bruxa e enfia o bico em seus olhos; a velha então enfraquece, e ele pode matá-la.

“De qualquer modo ainda se dá um jeito” foi uma frase que estive sempre ligando ao complexo materno originalmente positivo. Isso vale ainda mais, porque Cathal fez tudo que era humanamente possível — e, se isso não basta, então chega uma ajuda inesperada, o acaso feliz: não ver mais como a bruxa vê? Não ter mais a ótica dessa força destrutiva.

“O cavaleiro da risada sombria” lutou em vão com ela, contudo não perdeu nisso a vida. Ele, que já há sete anos não tem motivo algum para rir, esteve sob o domínio dessa força destrutiva, que não permite nenhuma vida, destrói o espaço vital; afugenta as pessoas ou simplesmente as queima — tal como Cathal também pôde ter ficado sozinho em sua cama por vinte e um anos. Poderíamos, portanto, dizer que o pesar consiste no fato de que essa necessidade de destruir os fundamentos da vida própria e o poder daí retirado eram mais fortes que a resolução de dar forma à vida.

Isso, no entanto, não é tudo: há também uma razão para a risada sombria, para o tom ameaçador na risada, a qual normalmente indica que uma pessoa está contente. Aqui, este tom expressa que a alegria está vinculada à dor e à cólera, porque ela absolutamente não encontra seu meio de expressão. Há sete anos não se pôde mais ouvir o riso.

"O cavaleiro da risada sombria" conta uma história de sofrimento: era rico, mais que rico, havia pessoas em sua ilha, havia relações. E então a "lebre de mau hálito" o atrai e a seus seguidores para um vale, que se abre e engole tudo. Subitamente ele se viu diante de 24 ladrões que exigiam feitos heróicos, que o cavaleiro e seu séquito não conseguiram realizar. E conta como os ladrões zombaram deles, enfeitiçaram seu séquito e o espaço onde vivia, com exceção da velha mulher que dele cuidava, e de si mesmo, que a partir desse momento se estendeu na cama e não mais se levantou. A velha medonha, no entanto, soltava seu grito terrível todos os dias.

Cathal tranqüiliza o cavaleiro dizendo que matou a velha. Ao quererem saborear uma gostosa refeição, a lebre de mau hálito passa à frente da janela. Com os cavalos da bruxa eles perseguem a lebre, chegam novamente ao vale, só que agora Cathal consegue executar com facilidade todos os testes exigidos. Em todo caso, o chefe dos ladrões fica com medo e assustado e, por intervenção do cavaleiro, é poupado porque também poupou este último uma vez.

A lebre é considerada um animal que cai facilmente em pânico e temor. De resto, ela corporifica o princípio da fertilidade, foi sacrificada a Afrodite, mas é também o animal de Ártemis. Considera-se Ártemis a mãe primordial de todas as bruxas², o que novamente indica que uma forma sensual, independente, selvagem de feminilidade é considerada como bruxa, certamente por medo. Em todo o caso, há uma conexão entre a lebre, que provoca temor, a bruxa e o ladrão. Nisso, a lebre poderia representar o lado amedrontado que está ligado a um lado destrutivo, ativado quando as pessoas permanecem presas ao complexo materno originalmente positivo por muito tempo. Os ladrões moram na mesma região, portanto, no mesmo espaço do complexo. Pode-se perseguir facilmente "a lebre de mau hálito" com os

2. *Handwörterbuch des dt. Aberglaubens*, p. 1.506.

cavalos que pertenciam originalmente à bruxa e indicam a vitalidade impetuosa contida nessa atitude destrutiva. O bando de ladrões simboliza as forças agressivas masculinas; elas tendem a desvalorizar outros homens; força vital e ânimo de viver podem ser arrancados de outras pessoas quando se escarnece delas, quando se coloca em questão sua auto-estima. É esta sobretudo a função dos ladrões. Eles ameaçam, roubam, mas principalmente demonstraram ao "cavaleiro da risada sombria" que ele absolutamente não basta como homem.

Também pertence ao complexo materno originalmente positivo do homem o fato de ele se perguntar se é um homem verdadeiro ou não. Se a mãe lhe confirma que ele o é, isso não vale; se uma outra pessoa lhe confirma tal coisa, isso também não vale porque não parte da mãe. O homem com essa marca de complexo deve — geralmente na relação com outro homem, na qual a rivalidade é superada e ambos seguem um objetivo comum — experienciar que pode se afirmar diante de homens depreciadores, que está à altura deles e pode responder por sua própria vida.

Esse bando de ladrões, quando não estava mais dissociado, tinha se voltado contra o "cavaleiro da risada sombria", estirando-o na cama, condenando-o à atormentada regressão depressiva com sentimentos de culpa constantes.

Em dupla, Cathal e o "cavaleiro da risada sombria" conseguem, mediante um trabalho agressivo, vencer essas forças destrutivas, salteadoras, destruidoras da auto-estima.

O que é muito típico deste conto de fadas e do lidar com o complexo materno originalmente positivo é que a tomada de consciência sobre a força contida aí possibilita a Cathal ver o lado de sombra dessa marca de complexo, o lado sobrecarregado, atormentado, depressivo, juntamente com os problemas de relação correspondentes. Só então os âmbitos destrutivos do complexo podem e devem ser suprimidos. Que Cathal consiga tudo de modo tão inquestionável, pode levar alguém a ignorar que aqui se trata sempre de vida e morte. Caso fracassasse, ele por exemplo não seria enfeitiçado, mas morto. É curioso que ele, depois de ter — ainda com desvios — finalmente conqui-

tado para si a filha do rei, mude com esposa e mãe para o castelo da bruxa morta por ele, cuja riqueza torna-se agora sua riqueza. Quando se consegue dominar a porção destrutiva nesse complexo materno, podem-se utilizar em proveito próprio os tesouros ligados a ele; e nada mais perturba uma relação amorosa com a mulher e uma amigável com a mãe. Podemos ainda assinalar que, no conto de fadas, o elemento de complexo não é transferido simplesmente para a pessoa da mãe; o lidar com o complexo começa justamente quando se podem ver como separados entre si a mãe como pessoa e os efeitos do respectivo complexo materno — aqui personificados por meio da lebre, da bruxa e do bando de ladrões.

A MOÇA DOS GANSOS

O desenvolvimento feminino no exemplo de um conto de fadas

Visto que o complexo materno originalmente positivo na mulher prejudica seu descobrimento da identidade como mulher em um grau menor do que o encontrado no homem, também o processo do desligamento ocorre de maneira menos dramática, tal como é representado no conto de fadas. Por meio do conhecido conto "A moça dos gansos", eu gostaria de iluminar os temas mais importantes e estágios de desenvolvimento do desligamento do complexo materno originalmente positivo de uma mulher³.

Era uma vez uma velha rainha, cujo marido morrera havia muitos anos e que tinha uma bela filha; quando esta cresceu, foi prometida a um príncipe que morava muito longe. Ao chegar o tempo em que deviam se casar, e tendo a jovem de fazer uma longa viagem a um reino estranho, a velha juntou-lhe muitos valiosos vasos de ouro e de prata, e outras peças também de ouro e prata, e taças e pedras preciosas; em suma: tudo o que devia fazer parte de um dote real, pois ela amava sua filha do fundo do coração. Também mandou com a jovem uma criada de quarto, que devia acompanhá-la e entregá-la nas mãos do noivo. E cada uma recebeu um cavalo para a viagem. O cavalo da princesa, de nome Falada, sabia falar. Quando chegou a

3. Para uma interpretação minuciosa do conto de fadas, cf. Kast, 1982 [2], pp. 37 ss.

hora da partida, a velha mãe entrou em seu quarto de dormir, pegou uma faquinha e deu um corte em seus dedos, que sangraram; em seguida pegou um trapinho branco e deixou cair ali três gotas de sangue, entregou-o à filha e disse:

--- Querida filha, guarde-as bem, elas poderão ser úteis durante a viagem.

Assim, ambas se despediram desoladamente; a princesa colocou o paninho no regaço, montou a cavalo e partiu ao encontro do noivo. Depois de percorrerem uma hora de viagem, sentiu ela muita sede e chamou sua criada de quarto:

--- Apeia, toma a caneca que trouxeste e enche-a com a água do riacho, pois estou com muita sede.

--- Hei, se estás com muita sede — disse a criada de quarto —, então apeia tu mesma e debruça-te sobre a água e beba, não quero ser tua criada!

Sedenta como estava, a princesa desceu do cavalo, curvou-se sobre a aguazinha no riacho e bebeu, não podendo beber da caneca de ouro.

--- Meu Deus! — exclamou ela então.

E as três gotas de sangue no lenço responderam:

--- Se tua mãe disso soubesse, seu coração se partiria.

A princesa, porém, foi submissa, nada disse e subiu novamente em cima do cavalo. Então cavalgaram milhas e milhas adiante, e o dia estava quente, o sol a pino, e ela sentiu sede de novo. Quando chegaram a um riacho, ela chamou mais uma vez sua criada de quarto:

--- Apeia e dá-me o que beber de minha caneca de ouro! — pois fazia muito tempo que esquecera o tom mal educado da criada.

A criada de quarto, no entanto, disse ainda mais arrogante:

--- Se queres beber, então beba sozinha, não quero ser tua criada.

Sedenta como estava, a princesa desceu do cavalo e debruçou-se sobre a água corrente, chorou e disse:

— *Meu Deus!*

E as gotas de sangue responderam novamente:

— *Se tua mãe disso soubesse, seu coração se partiria.*

E, enquanto assim ela bebia debruçada sobre o regato, caiu-lhe do regato o paninho em que estavam as três gotas, sendo levado pela água, coisa que a princesa nem notou de tão grande que era seu medo. A criada, porém, viu o que acontecera e ficou satisfeitiíssima porque agora tinha poder sobre a noiva, que por perder as gotas de sangue tinha se tornado fraca. Assim, quando quis de novo cavalgar seu cavalo de nome Falada, a criada de quarto lhe disse:

— *Eu prefiro ficar com o Falada, e tu cavalgarás meu pangaré.*

E a princesa teve de se submeter à imposição. Depois, a criada obrigou-a a despir-se de suas vestes reais e trocá-las por sua própria roupa, pobre e feia, e ainda a fez jurar sob céu aberto que não contaria a ninguém da corte o que se passara. Se violasse o juramento, seria morta. Falada, no entanto, viu tudo com muita atenção.

A criada montou em Falada, e a verdadeira noiva no péssimo pangaré, e assim viajaram ambas até finalmente chegar ao palácio real. Ali foram recebidas com grande regozijo, e o príncipe, correndo ao encontro delas, tirou a criada do cavalo supondo que era ela a noiva. Levou-a escada acima, enquanto a princesa autêntica precisou ficar lá embaixo. Tendo chegado à janela, o velho rei a viu em pé no pátio, notando sua delicadeza e bondade e toda a sua beleza. Por isso, foi até os aposentos reais e perguntou à noiva quem era sua acompanhante no pátio.

— *Ora, é uma moça que peguei no caminho para me fazer companhia. Convém dar-lhe algum trabalho para fazer, para ela não ficar ociosa.*

Mas o velho rei não tinha nenhum trabalho, dizendo apenas:

— *Há um menino que toma conta dos gansos. Ela poderá ajudá-lo.*

Assim a verdadeira noiva teve de ajudar o rapaz, que se chamava Conrado, a cuidar dos gansos.

A falsa noiva, contudo, logo disse ao príncipe real:

— *Queria pedir-te um favor, meu querido.*

Ele respondeu:

— *Sentirei prazer em realizá-lo.*

— *Então, manda o magarefe cortar a cabeça do cavalo em que viajei, que me atormentou a viagem toda.*

No fundo, ela estava com medo que o cavalo pudesse dizer como ela havia tratado a princesa. Desse modo, o fiel Falada tinha de morrer. Isso chegou aos ouvidos da verdadeira princesa, que, então, prometeu pagar ao magarefe uma moeda se ele lhe prestasse um pequeno serviço. Havia na cidade um grande portão escuro, pelo qual ela passava com os gansos toda manhã e toda tarde. Queria que ele pregasse naquela porta a cabeça de Falada, para que ela o pudesse ver. O magarefe prometeu realizar seu desejo, e depois de cortar a cabeça do cavalo pregou-a no portão escuro.

De manhã bem cedo, quando ali passava em companhia de Conrado, ela disse:

— *Pobre Falada, ali pregado!*

E a cabeça respondeu:

— *Ó jovem princesa, que triste fado,*

Se tua mãe soubesse um dia,

Seu coração se partiria!

Depois os dois saíram da cidade e levaram os gansos para o campo. E, quando lá chegaram, a princesa sentou-se e desprende os cabelos, que eram de pura prata, e Conrado os viu e ficou contente com seu brilho querendo arrancar-lhe uns fios. Ela disse então:

— *Sopra vento, vento do céu,*

Leva para longe o seu chapéu.

Que ele o procure, aflito, ali

E eu meu cabelo ajeite aqui.

E, então, soprou um vento tão forte que arrancou e levou para bem longe o chapeuzinho de Conrado, forçando-o a correr atrás dele. Tanto que, quando voltou, a moça já estava com os cabelos bem penteados, e ele não recebeu fio algum. Por isso Conrado ficou bravo e não falou com ela. Tomaram conta dos gansos até o anoitecer.

Conrado, porém, ao chegar em casa procurou o velho rei e lhe disse:

— Não posso mais continuar tomando conta dos gansos com aquela moça!

— Por que não? — perguntou o velho rei.

— Ah, ela me irrita o dia inteiro.

O rei mandou então que ele contasse tudo que acontecera. Então disse o Conrado:

— De manhã cedo, passávamos os dois pelo portão escuro com os gansos. Pois bem, ali está dependurada uma cabeça de cavalo, para a qual ela disse:

“Pobre Falada, ali pregado!”

E a cabeça respondeu:

“ Ó jovem princesa, que triste fado,

Se tua mãe soubesse um dia,

Seu coração se partiria!”

O velho rei ordenou ao menino que, no dia seguinte, levasse os gansos para fora da cidade, como vinha fazendo. E, de manhã bem cedo, foi ele próprio se esconder atrás do portão escuro e então ouviu como a moça falava com a cabeça de Falada. Depois o rei se escondeu em um pequeno bosque, junto do prado. Ali ele logo viu com seus próprios olhos como a moça dos gansos e o rapaz dos gansos conduziam as aves. E também viu como depois de um tempo ela se sentou e desfez as tranças de cabelo que irradiavam um intenso brilho. Logo ela estava dizendo novamente:

— Sopra vento, vento do céu,

Leva para longe o seu chapéu.

Que ele o procure, aflito, ali

E eu meu cabelo ajeite aqui.

Veio então uma grande ventania e levou embora o chapéu de Conrado, que teve de correr muito longe, enquanto a moça continuava a pentear o cabelo e fazer novas tranças, sendo observada o tempo

todo pelo rei. Ele se afastou, sem ser percebido, mas à noite chamou a moça e lhe pediu que explicasse o motivo de sua atitude.

— Isso não posso dizer-vos e nem a qualquer outra pessoa, pois assim jurei sob céu aberto, do contrário perderia a vida.

Ele porém era insistente e não a deixou em paz.

— Não queres então me contar? - -disse, por fim, o rei —, então podes contar àquele fogão.

— Sim, é isso mesmo que eu quero — respondeu ela.

Assim, ela precisou se arrastar para dentro do fogão e desabafou tudo o que lhe acontecera até então e como tinha sido traída pela criada de quarto. Mas o fogão tinha em cima um buraco, e foi dali que o rei a espreitou e ouviu contar seu destino, palavra por palavra. E tudo correu bem; para ela foram feitas roupas reais que mostraram toda a maravilha que era sua beleza. O velho rei chamou então o filho e lhe revelou que sua pretensa noiva não passava de uma criada de quarto, e que a verdadeira estava ali: a moça dos gansos. O príncipe rejubilou-se ao ver a beleza e virtude de sua verdadeira noiva. Foi preparado um grande banquete, para o qual se convidaram todos os bons amigos. Na cabeceira da mesa sentou-se o noivo, tendo de um lado a princesa e do outro a criada de quarto. A criada, porém, sentia-se ofuscada e não reconheceu a princesa com todos os brilhantes adornos. Depois de terem todos comido e bebido bastante, e quando reinava uma boa animação, o velho rei perguntou uma charada à criada de quarto: que valor tinha uma pessoa que agisse de maneira desobediente e desrespeitosa para com quem devia obediência e respeito. Para exemplificar, descreveu todo o ocorrido e perguntou:

— Que julgamento merece uma pessoa assim?

E a falsa criada respondeu:

— Uma pessoa assim não merece mais que ser metida, inteiramente nua, em um barril repleto de pontas de prego na parte interna, e ser arrastada por dois cavalos brancos de beco em beco!

— E essa pessoa és tu! — exclamou o velho rei — e proferiste tua própria condenação.

A sentença realmente se cumpriu. O príncipe, então, casou-se com sua noiva verdadeira, e ambos governaram o reino com paz e felicidade⁴.

O conto de fadas começa relatando que uma velha rainha tem uma filha muito bela. Seu marido já morreu há muito tempo. A mãe promete sua filha a um príncipe "que morava muito longe". Nesse conto de fadas, a mãe providencia para que ocorra uma separação. A própria moça deve, então, percorrer uma grande distância — o que é incomum em contos de fadas — para ir ao encontro do príncipe. Deve, portanto, experimentar algumas coisas, antes de se envolver em um relacionamento com o príncipe. Esse caminho nos interessa aqui.

A princesa leva consigo, no enxoval, muitos objetos: ouro, prata, pedras preciosas. Também esse complexo materno compreende uma grande plenitude, ele provê a filha de riqueza e plenitude. Desse enxoval também fazem parte uma criada de quarto — novamente uma figura maternalmente cuidadosa, se bem que não seja mais propriamente uma mãe — e um cavalo falante. Um signo da intensa ligação existencial entre mãe e filha é um lencinho branco com três gotas de sangue materno, que a mãe dá à filha com a advertência de que deve ser bem guardado para que sirva de auxílio em caso de necessidade. A princesa coloca o lencinho no regaço, lugar onde se guarda algo valioso e misterioso.

Na cena de despedida deste conto de fadas, deparamos com uma jovem nitidamente marcada por um complexo materno originalmente positivo: ela está bem provida, é rica, possui mais do que precisa, tem uma boa base vital que se exprime no cavalo Falada. Os cavalos representam simbolicamente nossa relação emocional com o corpo, ou seja, a maneira como assimilamos e vivemos as diversas energias do corpo, mas também como nos ligamos a nossas emoções e a nosso inconsciente. A princesa é vigorosa, forte, dinâmica, possui uma relação com o corpo e provavelmente também irá sentir algo no corpo, nas situações difíceis; terá pressentimentos e também os seguirá. Além disso, ela também tem uma boa relação com seu inconsciente, pois esse cavalo é um cavalo sábio, falante. Esse cavalo lembra muito

4. Irmãos Grimm, *Kinder-und Hausmärchen*, pp. 321 ss.

claramente um bom e "sábio" campo maternal, que a princesa interiorizou e ao qual pode recorrer, se necessário. No lencinho com as gotas de sangue manifesta-se o fato de haver ainda uma ligação mágica com a mãe pessoal.

A jovem é lançada para a vida, muito bem provida, e apesar disso ela logo cai nas mãos da criada de quarto, que se revela como sombra da princesa. Como toda filha marcada por um complexo materno originalmente positivo, a princesa se espanta com o fato de que uma outra mulher possa ser tão má. Se considerarmos a criada de quarto como uma instância intrapsíquica da princesa, uma representante de aspectos associados da sombra, concluiremos, pois, que a princesa até então era cega ao seu próprio lado de sombra, sobretudo à sua cobiça de poder e às aspirações agressivas daí provenientes. A totalidade que se cobiça, em um complexo materno originalmente positivo, contém sempre um nítido aspecto de poder, pois o que é mais poderoso que o todo? No entanto, visto que o indivíduo "tem" essa totalidade ou, quando muito, a reivindica, pois desde o nascimento ele tem uma pretensão a ela, permanece oculto à maioria das pessoas quão intensamente elas se afeitam a esse poder e insistem nele, principalmente quando ele ameaça escorregar de suas mãos. Enquanto ninguém destruir esse sentimento vital das pessoas com essa marca do complexo, elas também não correrão o risco de aplicar o poder. Mas correrão muito esse risco, se ocorrer tal destruição.

No conto de fadas, a criada de quarto assume o comando sobre tudo, ou seja, a princesa passa a ser dominada por sua sombra de poder. Ela não se identifica mais com o consciente complexo do eu, que ainda se encontra em nítida relação com o complexo materno, mas sim com aquilo que, nesta marca de complexo, fora excluído, banido para uma posição servil. E, assim, o lencinho com as gotas de sangue, a ligação com a mãe, também é levado embora do fluxo dos acontecimentos.

O desligamento dos complexos materno e paterno, como quer que estejam matizados, ocorre geralmente por meio da integração de sombra, das porções que haviam sido excluídas na situação temporal em que ocorrem essas marcas e a qual também apresenta valores

coletivos⁵. Visto que, na marca produzida por um complexo materno originalmente positivo, a agressão, o causador de separação e, com isso, naturalmente o elemento sombra, isso que idealmente não pode ser aceito, estão dissociados — por assim dizer, isto é imanente ao complexo, nesta marca —, então justamente esse aspecto de sombra se torna avassalador, e não raro acontece uma identificação temporária com essa sombra. Essa identificação com a sombra torna-se plasticamente visível no conto de fadas: a princesa não pode mais cavalgar em Falada; se antes ela era instintiva, agora está desprovida de instinto. É obrigada a trocar suas roupas com as da criada; isto é, efetuou-se uma nítida mudança de personalidade, que também se manifesta exteriormente. Além disso, ela tem de jurar que não dirá nada a ninguém a respeito dessa mudança de personalidade. Nesse juramento encontra-se também o início da salvação: ao jurar, ela nomeia o que aconteceu. Assim, ela se torna consciente de que não é a criada de quarto, mesmo que tenha agora sua aparência. Ela reconhece, com esse juramento, que o modo como se comporta nesse momento não constitui seu ser completo; que não é apenas a fera que ela, agora, alega ser, e também reconhece que se manterá nessa identidade de sombra até chegar a hora certa.

Neste momento, ela ainda está em frouxa ligação com os valores maternos, afinal de contas Falada ainda continua a viagem. O que, em nossa vida, fora marcado pelo campo materno originalmente bom não é, em última análise, algo perdível, mas pode temporariamente ser colocado em segundo plano e dá a impressão de ter sido perdido.

Na corte real, o príncipe recebe a noiva falsa como se fosse a legítima, sem suspeitar de nada. No primeiro encontro com o masculino, a mulher não pode se mostrar em sua forma verdadeira, e o jovem continuará a não perceber isso. O rei, no entanto, vê que “a moça” é delicada e bela e pergunta por ela. O homem paternal vê de modo mais totalizante que seu filho, e isso novamente significa que a personalidade que fora marcada na casa materna não está inteiramente perdida.

Exteriormente, parece estar tudo certo na relação entre o príncipe e a noiva falsa, mas nessa relação os valores que constituem a riqueza da princesa não podem subsistir.

A noiva legítima torna-se a guardiã de gansos, ela tem de fazer um trabalho extremamente comum. Para as pessoas com um complexo originalmente positivo é sempre importante experienciar-se também como “ordinárias”, pois ninguém pode viver a vida toda de modo “extraordinário”. Os animais que são apascentados — e durante o apascentar o indivíduo familiariza-se com eles — expressam algo sobre quais âmbitos da vida ainda precisam ser mais bem conhecidos. Os gansos são os animais de Afrodite, sendo por isso relacionados com amor erótico e sexual e com fertilidade. Mas, como também “se chafurdam” na sujeira, os gansos também poderiam estar relacionados com os aspectos de sombra do amor sexual. E, aqui, provavelmente também se conhece e se “apascenta” um aspecto no âmbito erótico-sexual que teria sido, antes, estranho à mãe; que caiu no âmbito da condição de criada de quarto.

Mas não se trata simplesmente de um apascentar feliz: a princesa sofre com o fato de não ser reconhecida. Cada manhã, ela atravessa o portão escuro rumo a um prado aberto. O portão escuro sugere o luto pela situação atual, mas ao mesmo tempo desperta a esperança de que essa situação é uma situação de passagem. Quando a criada de quarto pede a morte de Falada sob um frágil pretexto, que o príncipe não reconhece como tal, então a princesa verdadeira lembra-se de Falada e interfere ativamente. Ela se lembra de partes da personalidade outra indiscutivelmente essenciais e proveitosas em sua vida, e, ao se reatar, ela já sobrepuja o ponto mais baixo de sua identificação de sombra, mesmo que nada tenha se modificado ainda na vida concreta. Enquanto lastima a situação de Falada, Falada a lastima e ao mesmo tempo lhe lembra como essa situação afetaria o coração de sua mãe. A guardiã de gansos desenvolve empatia por sua própria situação difícil e, assim, conquista um religamento com suas facetas não cobertas por sombra. Apesar disso, ela não é a velha princesa e também não foge simplesmente para a atmosfera do complexo materno; ela agora também consegue executar tarefas comuns, consegue se subordinar e tem uma noção de Eros e sexualidade. Pois, de fato, ela não cuida dos

5. Kast, 1991, pp. 74 ss.

gansos apenas, ela também lida com Conrado e o velho rei. Caso uma moça seja muito ligada à mãe, caso faltem o pai e os irmãos, então a relação com o homem da mesma idade — quando há alguma — será uma relação de sombra, como expressa este conto de fadas na relação entre a criada de quarto e o príncipe. Para chegar a uma relação com o homem, deve-se, por um lado, praticar o lidar jocoso com o pueril e, por outro, procurar uma figura paterna, freqüentemente ambas as coisas em um homem ao mesmo tempo. Com Conrado ela tem uma lúdica, erótica situação de sedução e chacota. Primeiramente ela o atrai, ao pentear os longos cabelos, e depois pede ao vento que leve seu chapéu. Ele se queixa com o velho rei.

Se consideramos esse desenvolvimento no nível do sujeito (*subjektstufig*), vemos que se vivificam duas configurações do *animus* na psique da princesa: o garoto e o rei. O rei representa uma figura de *animus* que ainda está nitidamente vinculada ao complexo paterno. Conrado, em contrapartida, representa uma instância que personifica os novos impulsos criadores emergentes na psique dela, a fascinação do começo de uma relação erótica, com o movimento do atrair e rejeitar. O velho rei representa, antes, o seguro, o tradicional: ele providenciará para que essa “inconstância” entre em ordem. Ambos, porém, personificam partes da personalidade que não foram vivificadas no sistema antigo. O velho rei, então, também leva a moça dos gansos a lamentar seu sofrimento — pelo menos para o forno. Ela precisa formular conscientemente, em uma situação de máxima proteção, o que lhe aconteceu, e precisa expressar sua mágoa por isso. Neste processo, ela também ainda poderia ser definitivamente assada no forno. Considera-se o forno um símbolo do corpo materno, no qual a criança amadurece. Agora ela mesma estabelece verbalmente a relação com a mãe, cujo coração se partiria.

Em comparação com Cathal, ela exprime seu pesar em um momento muito tardio de seu desenvolvimento, e ela se queixa. Por meio do queixar-se, a identificação de sombra é abolida; ela se torna a mulher legítima do príncipe, de cujo desligamento de um complexo paterno positivo infelizmente nada sabemos.

Elucidemos mais uma vez esse processo de emancipação de um complexo materno originalmente positivo:

A mãe, nesse caso, introduz a separação, encoraja a filha a partir rumo à vida, e a provê bem para esse caminho. Trata-se aqui de uma forma da expulsão positiva, que também pertence a uma boa mãe. A moça é então dominada por sua sombra, coisa que provavelmente se ligaria ao sentimento vital de que tudo o que se vivia com a mãe absolutamente não é a vida verdadeira, de que o mundo subitamente não é mais como era. A expectativa própria do complexo, no sentido de que o mundo deve manifestar-se como uma bondosa mãe, é frustrada. A filha reage, por um lado, com grandes gestos de poder, que no entanto não têm nenhum pano de fundo de algo realizado na vida, e por outro lado com uma depressão. A marca original do complexo cai consideravelmente no esquecimento. Ao reagir depressivamente, ela faz o que deve ser feito; ela se torna comum e também desenvolve, ao lidar com Eros e a sexualidade, facetas comuns, assim como também um *animus*, que ainda deve encontrar-se próximo ao complexo paterno. Ao compensar algo com gestos de poder, ela não se desenvolve mais. A despeito da experiência de que vive na sombra, o velho sentimento vital da proteção e da riqueza volta à sua memória. Ela agora tem a possibilidade de se ligar a um homem ou a facetas do *animus*, que a auxiliam a impor melhor sua própria personalidade na vida real e a concretizar suas potências. Mulheres com um acentuado complexo materno originalmente positivo tendem a idealizar um pouco os homens ou, pelo contrário, a desvalorizá-los caso a sombra domine. Um desenvolvimento do *animus* é de qualquer modo necessário. No entanto, esse tipo de mulher absolutamente não encontra um homem com tanta freqüência, são antes encontradas e selecionadas por um homem.



“Pai orgulhoso filho maravilhoso”

O COMPLEXO PATERNO ORIGINALMENTE POSITIVO DO FILHO

Assim como o complexo materno pode ser tão acentuado, de modo que o complexo paterno seja quase totalmente impelido para um segundo plano, o complexo paterno também pode estar tanto em primeiro plano que o complexo materno se realça muito pouco.

“É BOM SER HOMEM”

Frank

Frank tem 49 anos e se distingue por um complexo paterno originamente positivo, com um pálido complexo materno. Não está passando por um tratamento terapêutico e também nunca tomaria tal coisa em consideração. Concluo que seja um complexo paterno originamente positivo, pois ele na maior parte do tempo está contando uma história dele quando menino e de seu pai. Ele ainda se exalta de orgulho com suas narrações. Em seu trabalho, está cercado por diversos pais e absolutamente não ensaia uma rebelião, pelo contrário, considera excelente essa situação. Eu o conheço porque ele às vezes deseja, no espaço de seu trabalho, debater algo comigo. Sempre telefona e pede 45 minutos de discussão. Para isso nunca precisa mais nem menos. Quando lhe solicitei uma conversação sobre o tema complexo paterno, ele gostou de fazer-me esse favor, por um lado, porque “alguém realmente sempre pode aprender algo de seu complexo paterno”, e por

outro porque eu merecia um favor. Saber quem "merece" um favor é uma característica essencial dele. Durante 45 minutos eu poderia interrogá-lo.

Frank parece ser bastante feliz e confiante na execução de coisas da vida externa. É aplicado, ativo, resoluto, dinâmico, e ele sabe muita coisa. Considera sensato acumular a maior quantidade possível de saber de domínio e mostrar no momento certo que ele é o "máximo" no que faz. Deixa para os filósofos e psicólogos a tarefa de refletir sobre perguntas para as quais não há resposta certa ou talvez absolutamente nenhuma resposta. É talentoso, sabe disso e desfruta isso, e é extremamente loquaz. Gosta de falar alto e com muitas palavras. Certo tipo de mulher o escuta encantado, mesmo que absolutamente não seja significativo o que ele está dizendo, pois sempre soa significativo quando ele fala. Crê no progresso, no sentido de "sem essa de experiências irracionais", e isso geralmente significa: prosseguir aproximadamente como se fez até agora, talvez com um pouco mais de ação e uma outra ênfase. Ele sabe muito bem o que é certo ou errado, ele o conclui ao se projetar para dentro de situações e compará-las com o já existente. Ele ataca as coisas, age, dá impulsos e leva outras pessoas a agir também. Ele pode parecer inspirador, sobretudo no nível dos fatos. Ele próprio não é tão criativo e também sabe disso, mas tem uma grande capacidade de concretizar idéias criativas de outras pessoas, quando não parecem muito arriscadas:

"Eu consigo muito bem transformar em língua as iniciativas criativas de outras pessoas e vendê-las." Está convencido de que se pode fazer o que se quer. Tem para si uma identidade inquestionavelmente segura. Sabe de si que é um homem autêntico, e que é bom ser um homem. Quando essa convicção é questionada pelo ambiente externo, por exemplo por meio de discussões sociopolíticas, os interesses das pessoas em questão são, de fato, corretamente descritos por Frank ("Todos os seres humanos têm direito a direitos iguais. As mulheres naturalmente são seres humanos também."), mas ele critica o procedimento "desproporcionado" destes grupos e as "desproporcionadas" exigências: "mas também sempre se deu um jeito". É digno de nota, na conversa, o fato de ele estar sempre contando sobre homens que o apoiaram. Mesmo atualmente, ele parece estar rodeado de homens que de uma certa maneira o apóiam. Seu mundo profissional — caso acreditemos em seus relatos — é um mundo puramente mascu-

lino. Essa descrição não corresponde à realidade. É a realidade que ele vê distorcidamente a partir da ótica do complexo paterno, afinal de contas ele simplesmente apaga de sua esfera profissional 30% dos empregados: as mulheres. Ele gosta de relatar seu cotidiano de trabalho, que em suas narrações parece ser muito emocionante; ao ouvi-lo, pergunto-me pelo grau de idealização ligada a isso, sobretudo idealização das forças de liderança de sua firma, às quais ele também pertence. Mas ele nunca exalta mais seus próprios méritos que os dos outros. Ele simplesmente é um homem terrivelmente talentoso e eficiente no meio de homens nada mais que excepcionais. Aprecia falar sobre sua ascensão profissional, que se dá contínua e rapidamente. Sua preocupação é não poder mais ascender pelo menos nos próximos anos. Onde está o próximo desafio? Caso escreva um artigo, ele se mostra então como o mestre das citações. Um terço de uma página é texto, dois terços são notas de rodapé. Isso realmente é difícil de ler, ele mesmo o confessa, mas ao mesmo tempo acha uma pena não acrescentar uma remissão recíproca que ele conhece. Isso também não seria correto, ele diz.

De fato, ele às vezes critica o patriarcado, mas não a ponto de precisar examinar minuciosamente sua posição. Ele critica bastante, a ponto de poder mostrar seu conhecimento sobre as discussões contemporâneas, mas também muito pouco, de modo que não atrairia a inimizade de ninguém, exceto de feministas. Fala muito pouco de sua mulher e suas duas filhas. Elas permanecem incolores em suas narrações. Ele tem a consciência pesada, que "qualquer um" tem quando está em uma posição de liderança e o tempo para a família é forçosamente escasso.

"EU E O PAI SOMOS UM"

A marca desse complexo

Como Frank, seu pai era acadêmico. Ele lembra que seu pai, indignado, punha de lado o livro, quando ele o perturbava entrando precipitadamente em seu gabinete, mas que logo ficava radiante quando constatava que era seu filho o motivo da perturbação. O pai falou desde cedo com ele a respeito do que acabava de ler, mesmo que o

filho ainda não entendesse absolutamente nada do que se tratava. Parece que Frank não se importava com isso, sentia que era levado a sério pelo pai. Eles parecem ter discutido bastante cedo um com o outro sobre problemas éticos, e o filho, ainda pequeno, foi iniciado no diálogo socrático. Ambos então diziam: "Tivemos uma conversa de homens". Esse pai acadêmico identifica-se muito claramente com aspectos culturais e intelectuais. Às vezes, Frank também podia ir ao " passeio de homens". Ele então se lembra sobretudo como seu pai se entusiasmava.

— Eu sabia que era o filho de um pai respeitado pelas outras pessoas. Em casa eu pensava: O pai é a pessoa mais importante da família, e eu sou o único filho.

Eu lhe perguntei pela mãe e pelas duas irmãs:

— Minha mãe cuidou da casa de maneira magnífica, e também está tudo em ordem com minhas duas irmãs. Mas a mãe e as irmãs, elas tinham seu próprio mundo, e meu pai e eu tínhamos nosso mundo. Quando eu ficava doente, vivia então no mundo de minha mãe, mas nas outras situações ela não era importante. O pai era o homem com carisma em casa. A mãe cuidava para que meu pai não fosse incomodado. Só eu podia incomodá-lo, mas não sempre, é evidente.

Dizia, pensativamente:

— Quando meu pai me levava assim pela mão, eu pensava: eu e o pai somos um, nós pertencemos um ao outro inseparavelmente.

Esse comentário lembra uma fala de Jesus¹.

Perguntei-lhe pelos sentimentos conseqüentes a esse sentimento do ser-um. Eram sentimentos como: "Eu sou alguém e vou mostrar que também posso ser como meu pai; às vezes eu também queria mostrar-me digno desse pai".

Cuidadosamente lhe perguntei pela possibilidade de um sentimento da grande proteção e do estar em boas mãos, que também poderia acompanhar sua declaração. No entanto, existia muito mais

um sentimento de orgulho, um sentimento de ter uma "espinha dorsal", de ser significativo e, com isso, também inviolável.

Esse complexo paterno originalmente positivo foi marcado por um pai que mostra uma nítida preferência pelo filho, um pai representante das normas coletivas, uma autoridade que estimulava o vínculo a um mundo de idéias da humanidade, ao aspecto cultural e social, um pai que dava impulsos e era significativo.

Perguntei por conflitos, por frases de complexo no sentido restrito. Frank conta que na adolescência privilegiou temporariamente uma posição política diferente da de seu pai. Ele diz que deve ter defendido uma posição muito extrema, pois seu pai absolutamente não era unilateralmente conservador, pelo contrário, tinha uma tendência para a justiça, era sensível aos direitos dos oprimidos. Ele simplesmente se colocou contra a posição do pai, mas não sabe dizer em que assunto. Só sabe que tinha assinado um panfleto. E também se lembra que seu pai discutiu com ele "colocando-o contra a parede" e que a discussão terminou com a frase: "Você tem o dever de pensar de forma independente! Mas, se nisso você abandona certos valores, não posso mais ficar orgulhoso de você".

Enquanto isso significava no complexo materno originalmente positivo: "Você não pode me abandonar", no complexo paterno originalmente positivo significa: "Você não pode abandonar minhas opiniões, valores e idéias, do contrário não posso mais me orgulhar de você".

Uma das dificuldades manifesta-se na relação atual com seu pai quase octogenário.

— É verdade que meu pai ainda sente orgulho de mim, mas disse várias vezes que aos poucos foi se cansando de sempre precisar afirmar que maravilha de filho eu sou. Hoje, infelizmente não há mais nada admirável em meu pai, ele está velho, espiritualmente não mais presente como antes, quase sentimental. Escreve textos que não têm mais nenhuma perspicácia, sem mordacidade e que ele ainda faz circular por toda a parentela.

Esses textos "místicos" já não agradam ao filho.

1. João, 10,30: "Eu e o Pai somos um".

— Infelizmente não posso mais admirar meu pai; por sorte, há outros homens que posso admirar.

A relação com o pai fora construída sobre uma admiração recíproca. Hoje essa admiração não lhe é dada pelo pai pessoal, e Frank, por sua vez, lhe nega isso também. A experiência fundamental desse complexo paterno pode ser facilmente transferida para outros homens. Assim, Frank permanece claramente no papel do filho dependente da admiração dos pais. Ele então se comporta de modo que os pais possam ter orgulho dele e não se sintam ameaçados. Ele ajuda os "pais", apóia a auto-estima de cada um deles e, em contrapartida, a sua própria; e assume responsabilidades. O trato com homens mais jovens, o apoio à nova geração, por exemplo, não o interessam. Ele ainda se orienta de acordo com os homens mais velhos. Também neste ponto, revela-se outro problema para ele:

— O que fazer quando se está no topo, quando se investe tudo na ascensão? Só se pode então apenas despençar. Ou então devemos mudar de lugar, mas para onde?

Uma outra problemática consiste no fato de ele não rivalizar com os pais. Ele os aceita como autoridades e se adapta a isso. Essa situação é vista com maus olhos apenas pelos colegas da mesma faixa etária, que acham que ele sempre se põe na melhor posição e não vê que certas coisas deveriam ser realmente modificadas. Ele julga tais colegas "invejosos" e "imaturos". Também não rivaliza com os homens jovens, está certo de que ninguém é capaz de competir com ele em sua posição. Nessa fixação pelo papel de filho emprega-se muita energia, fato que ele, no entanto, ainda não percebe. Sua atitude em relação à idade também poderá ser problemática, caso ele não consiga tirar absolutamente nada de bom das transformações pelas quais passa seu pai.

Problemática também me parece sua relação com as mulheres. É espantoso que ele também não esteja consciente dessa dificuldade. Em homens com complexo paterno originalmente positivo, a relação com as mulheres costuma converter-se em problema quando as mulheres abandonam seu lugar de "inventário" da vida e se rebelam.

Ele vê a dificuldade de sua atual situação de vida no fato de considerá-la "muito fatigante". Ele recebe "sempre, é verdade, um

reconhecimento relativamente grande", mas acha que deve ter um desempenho cada vez maior para isso. A experiência de que é preciso fazer muito para obter amor e felicidade é típica de homens e mulheres dominados pelo complexo paterno. E, apesar de todo o esforço e de todo o reconhecimento, eles nunca participam de um sentimento de vida oceânico. Pois este, via de regra, não pertence a essa experiência de complexo. O equívoco está em pensar em que quanto mais nos esforçarmos mais poderemos obter esse sentimento de segurança e ressonância. Não se encontra esse sentimento em tal caminho e sim no sossego e no voltar-se para o mundo da fantasia. Contudo, nesta marca de complexo, a fantasia tem uma chance apenas quando serve para alguma coisa. Deveríamos recomendar também a Frank que ele deixasse mais porções femininas se manifestarem, que as arrancasse da desvalorização e também as tomasse em consideração para sua própria vida. Também lhe seria importante que não projetasse aspectos de sombra sobre as outras pessoas, mas que os visse em si mesmo. Possivelmente sua existência como filho se torne muito fatigante. Isso então representaria uma possibilidade de ele se tornar consciente de que está vivendo em uma prisão do complexo paterno. Para homens como Frank, é difícil aceitar que não efetuaram um estágio de desenvolvimento, pois eles têm sucesso, são estimados, dominam excelentemente certos aspectos da vida — e os aspectos que não são dominados excelentemente são considerados como menos importantes, também do ponto de vista da sociedade. Como em todas as constelações de complexo, também nesta é possível que um homem se identifique menos com o lado de filho e mais com o lado de pai. Externamente, é geralmente difícil constatar se ocorreu um desligamento apropriado à idade e o filho é simplesmente muito semelhante ao pai quanto ao talento e ao modo de ser ou se aconteceu uma identificação, no sentido do complexo.

"PESSOAS ABSOLUTAMENTE HONESTAS"

Bruno

Bruno é um artesão de 45 anos. Acabou de assumir o negócio do pai. Irradia uma grande segurança, orgulha-se de seu trabalho e de sua oficina. Está sempre falando de como deve tudo a seu pai e de todas

as coisas que este lhe passou. Também fica orgulhoso quando seus clientes lhe dizem que lhes agrada o fato de ele ser como o pai: confiável, eficiente e reservado. Bruno conta tudo isso na consulta, embora o assunto relevante absolutamente não seja ele, mas sua filha que está "completamente fora dos eixos", não quer completar os estudos, não quer "fazer" absolutamente nada e repreende seus pais dizendo que neles tudo é apavorantemente antiquado, que preferia fugir. "Com seu procedimento", ela ainda iria estragar-lhes os outros filhos menores (o casal tem ainda três filhos).

— Só Deus sabe o que aconteceu com ela. Ora, somos pessoas absolutamente honestas, trabalhamos e somos decentes.

A isso a filha responde esgotada: "Justamente!" Ela está visivelmente feliz por ter conseguido levar os pais a procurar com ela um aconselhamento. E também se pode ver claramente que ela explodirá esse aprisionamento decorrente do complexo paterno. Não é de admirar que o pai se sinta obrigado a enumerar novamente tudo aquilo que é bom nessa constelação de complexo. A filha lhe mostra no decorrer da consulta que ele não havia satisfeito nem um único "desejo próprio", que talvez não tivesse absolutamente nenhum, satisfazendo, em vez disso, os desejos de seu pai.

Também esse homem distingue-se por uma imensa confiabilidade, por uma tendência para a constância na vida. Ele providencia para que não se abandone nada que não deva ser abandonado, seja lá o que for. Ele parece conservador no melhor sentido, sem ser obstinado. Mas sua filha toca de modo bastante preciso no ponto problemático, quando ela o censura por ter descuidado de sua vida particular. Ela até mesmo diz que ele é uma imitação do avô, a quem a filha, sem dúvida, parece respeitar e amar bastante. A mãe fica sentada quieta diante dessa discussão e reforça a opinião de seu marido. Abordo-a diretamente. Ela também não consegue entender como, em uma família em que as mulheres sempre foram "calmas e sociáveis", uma delas subitamente possa ser tão "rebelde". Ela não consegue assimilar a idéia de que já era tempo de uma mulher se expressar mais nitidamente. Atribui a culpa disso ao fato de a filha acabar de entrar no colegial e à época atual de um modo bastante geral.

"O QUE QUEREMOS, PODEMOS"

Pontos em comum e diferenças entre os filhos com complexo paterno originalmente positivo

Quer a marca ocorra mais por meio de um pai com complexo paterno, quer por meio de um com complexo materno, a ambos os filhos é comum que um desligamento não se faça notar como algo importante. Ambos aparentam ser seguros em sua identidade masculina — embora pouco flexíveis. Seu complexo do eu parece coerente, pois este se identifica claramente com o complexo paterno, o qual, por sua vez, define de modo amplo e coletivo o que é normal e desejável. Também eles tinham uma identidade tomada de empréstimo do pai, a qual não precisava coincidir com sua identidade original. E também eles não tinham permissão para tornar-se eles mesmos, pois as frases de complexo significavam aproximadamente: "Você é meu grande motivo de orgulho e terá sucesso se compartilhar meus valores e encaixá-los em sua vida".

Ambos parecem adaptados, capazes de adaptação e propensos à adaptação ao mundo dos homens. Eles são bem-sucedidos, pragmáticos, hábeis, eficientes. Sua divisa: "O que queremos, podemos". Isso significa também que eles abraçam inconscientemente uma ideologia do controle: por exemplo, eles têm muitas idéias de como se podem controlar os perigos, de como podemos supostamente minimizá-los por meio da introdução de leis. Talvez eles até possam convencer-se a si mesmos e aos outros de que o mundo se torna cada vez "mais seguro", de que "tudo está sob controle, em nossas mãos".

De seu próprio medo eles sabem pouco. Acontecem fraturas em seu sentimento vital quando a divisa "O que queremos, podemos" não vigora mais, por exemplo quando irrompem doenças ou ocorrem problemas de relacionamento que não podem ser solucionados de maneira simplesmente "racional", ou quando eles precisam se preocupar com o problema do envelhecimento. Então eles têm de se voltar para o mundo desvalorizado do feminino, o que é muito mais fácil para o homem cujo pai possui complexo materno, pois ele já está sempre um pouco inserido neste mundo. Então surgem também crises de sentido. Indisposições depressivas levam-nos a procurar na vida algo sustentador, que é dificilmente encontrado por tais pessoas, geralmente afastado de

seus sentimentos autênticos. O medo, que naturalmente existe mas não se pode confessar, é repellido por meio do controle e de uma certa coerção. A criatividade sai perdendo.

Subliminarmente, pode-se perceber uma pressão constante por desempenho. Pois este homem deve fazer algo para adquirir reconhecimento, mas ele também sabe que sempre irá conquistá-lo. Subliminarmente, este tipo sente que tem, é verdade, "uma vida muito boa", mas ela satisfaz apenas de modo incompleto uma necessidade fundamental, se é que satisfaz — a da participação. Um homem marcado por um pai com complexo materno vive mais feliz. Ele também corre o risco de viver toda uma vida com uma identidade derivada do pai e do complexo paterno. No entanto, ele está mais próximo dos valores do sentimento, pode se envolver melhor com seu lado feminino, se necessário. Ele se revela menos frágil, caso os reveses o tomem de assalto.



Filhas atenciosas

O COMPLEXO PATERNO ORIGINALMENTE POSITIVO NAS MULHERES

A atmosfera de complexo da filha será naturalmente afetada de modo diferente, conforme o próprio pai seja marcado mais pelo complexo paterno ou pelo materno. A meu ver, o vínculo pessoal com o pai que tem, ele mesmo, um complexo materno positivo dura por mais tempo, porque esse vínculo possui uma coloração erótica. Irei apresentar dois exemplos que deixam claro que o complexo paterno originalmente positivo pode se manifestar de maneira bastante diversa. Gostaria também de mostrar que o complexo paterno manifesta-se ou na relação com homens concretos ou, mais ainda, na relação com aquilo que é definido como masculino em nossa cultura: as normas, os valores, os interesses intelectuais etc.

"OS HOMENS SÃO SIMPLEMENTE MAIS INTERESSANTES"

Nora

Nora tem 34 anos. Com a escolha desse nome fictício, não é casual a alusão à peça de Ibsen "Nora ou uma casa de bonecas".

Ela se casou quando tinha dezenove anos. Tem três filhos e trabalha dez horas por semana em seu primeiro emprego. Aparenta ser muito jovem; é difícil ver nela uma mãe de três filhos já bem crescidos. Veste-se com bastante estilo e usa sapatos de salto alto, o que não corresponde exatamente ao que está na moda. Torce o pé com eles sobre a calçada em frente ao meu consultório. Sorrimos, e ela diz: "O

que a gente não faz por causa dos homens!" Não se vê um homem em lugar algum.

Nora procura uma luz em uma crise de relacionamento. Ela se apaixonou por um professor mais velho, capaz de fazer "conferências fantásticas". Está intranquila por não saber o que isso significa para seu casamento. Nem o professor nem seu marido sabem algo sobre essa paixão. No entanto, Nora se sente "assustada". Em nossas conversas acumulam-se frases como: "Meu marido também diz, meu marido quer, meu marido decidiu que..." mas também: "Meu pai diria, meu pai acha que...". Ela diz que abriu uma exceção na escolha de uma mulher como terapeuta:

— Com os homens eu me torno automaticamente imbecil, acomodo-me, vou ficando cada vez mais sem vontade própria, então namoro um pouco e geralmente tenho êxito com isso.

Essa mulher é capaz de refletir friamente sobre sua relação com homens. Apesar disso não consegue alterar seu comportamento. Ela anotou em um papel algumas perguntas, sobre as quais gostaria de falar comigo:

— Sempre estou fascinada por homens mais velhos. É isto um sinal de um complexo paterno? Se sim, o que fazer?

Nora dá a impressão de ser vivaz, de estar em harmonia com o mundo e consigo mesma. Ela se mostra como uma mulher que leva uma vida prática, é interessada, atenta. Conversa de modo muito estruturado, a tal ponto que o diálogo não é mais um diálogo, no qual poderia acontecer algo criativo, imprevisto, mas antes converte-se em um jogo de perguntas e respostas. Nesse jogo ela tende a primeiramente arquivar minhas respostas como provenientes de uma autoridade. Ocasionalmente as anota, palavra por palavra. Às vezes põe diante de mim, na sessão subsequente, a reação de seu pai ou de um de seus "professores" a uma declaração minha. Depois que essas pessoas me acham na maioria das vezes completamente "sensata" ("para uma mulher", sinto-me internamente tentada a acrescentar), então ela se relaxa mais comigo. Mal se pode descobrir o que ela mesma acha, o que ela mesma pensa. Seu apaixonar-se é peculiar, coisa que não pertence ao seu conceito de vida.

Ela é amável, mas fica no ar certa distância fria; isso tem a ver com o fato de eu ser uma mulher. Com outro homem ela lidaria de outra forma, é o que ela mesma diz. Acrescenta que com os homens é mais fácil descobrir o que eles gostam de ouvir. Na presença deles, também fica claro que são eles a autoridade e ela, Nora, está ali para aprender alguma coisa. Diz que me trata agora um pouco como um homem simplesmente por causa de minha formação. Irrita-se muito quando lhe pergunto se então não podemos aprender nada com as mulheres. Claro que sim, na teoria; mas na prática? Ora, diz, o fato é que ela sempre aprendeu com homens. Com homens podemos também flertar um pouco, o que torna tudo mais agradável, tudo 'desliza' mais facilmente".

"O QUE A GENTE NÃO FAZ POR CAUSA DOS HOMENS"

A marca e o efeito desse complexo paterno

Nora afirma: "Sou a única filha de meu pai". O modo de falar um tanto quanto estranho, embora muito informativo quanto ao diagnóstico, ela o considera correto e "normal". O pai sempre a havia admirado muito, e ela a ele. Ele também gostava de mostrar publicamente como se orgulhava dela. E a filha lhe proporcionava toda possibilidade de se orgulhar dela. Nora concorria com a mãe e só ficava satisfeita quando se convencia de que tinha mais direito que ela diante do pai.

— Acho que sempre fiz isso, mas conscientemente me lembro do tempo em que estava com dez anos. Quando sentia que acontecia algo entre meu pai e minha mãe, então começava a gritar ou a choramingar, inspirando piedade. Meu pai, então, entrava correndo em meu quarto, acalmava-me, e de vez em quando também dormia a meu lado. Isso me enchia de orgulho.

Com isso ela descreveu um vínculo pai-filha muito estreito, cujo grande objetivo era a mútua admiração. Ao lado da relação com um pai idealizado, a relação com a mãe fica totalmente em segundo plano. As outras experiências lembradas são claramente experiências "tardias". Há, no entanto, muitas fotos de sua infância nas quais o pai e

a filha olham-se radiantes de alegria, ao passo que a mãe está sempre em segundo plano.

Quando tinha 16 anos, ela ia dançar freqüentemente com o pai; a mãe não dançava bem, nem gostava de fazê-lo. Ela se lembra de que sempre era melhor junto a professores que lhe agradavam do que com professores que “não eram compreensivos comigo”. “Os homens podiam, de modo escolar, sempre me impulsionar ou me botar para baixo”. Hoje ela acha isso espantoso e um pouco preocupante. Ela também se lembra de que o pai sempre ficava com ciúme dos professores que podiam promovê-la tanto assim. Uma frase de complexo no sentido restrito poderia ser: “Você não pode admirar ninguém mais do que a mim”.

Homens são muito importantes para ela. Eles são estimulantes, condutores, controladores. Por meio disso eles possibilitam uma certa infantilidade, provocam sedução, com a qual se podem atingir muitas coisas. Ela se casou com 19 anos.

Satisfazer convenções e papéis convencionais faz parte do complexo paterno originalmente positivo. Transfere-se o complexo paterno para aquilo que “todos” normalmente fazem. Mesmo as roupas da moda que ela usava não correspondem primariamente ao prazer relacionado a esta tendência ou àquele tecido, mas são no momento o que “as pessoas” estão usando. No começo ela precisa até mesmo se acostumar com elas. “Ora, mas estão todos usando...” Pelo menos todos que importam.

Seu marido foi um estudante que trabalhava na firma do pai dela. Esse pai dizia que gostaria de ter tido um filho como ele — além da filha querida, naturalmente. Na festa de casamento, ela dançou mais com o pai do que com seu “marido recente”. Isso é digno de nota. Quando reina, porém, uma atmosfera com semelhante carga erótica entre pai e filha, ambos ficam então felizes se é descartado, por meio de relações bem conduzidas, o perigo de uma tentação para algo mais. O pai ficou muito contente com a escolha da filha, e ela igualmente.

Ela se mostrou como extremamente adaptável ao casamento. Isso ela aprendeu com seu pai: uma boa mulher é sempre adaptável. No início ela ajudou seu marido a “pôr em ordem” o caos de sua vida e, neste contexto, ela diz que o levou a concluir sua tese.

Ela conta:

— Meu marido mudou seu ideal de mulher várias vezes. No começo, ele precisava de uma companheira. Então, por diversos motivos, as coisas começaram a não dar certo para ele. Aí ele precisou de uma mãe. Depois a situação ficou melhor, e ele procurou em mim algo como uma “vamp sexual”. Eu cooperei com tudo isso.

Um certo orgulho ecoava em sua voz, era como se ela me dissesse: “Veja só como sou versátil”. Nora fica feliz quando seu marido lhe diz que ela é como “cera em suas mãos”. Quando lhe pergunto em qual papel ela se sentira especialmente bem ou mal, ela não sabe responder: tudo estava em ordem, tudo dava prazer de algum modo. Ela se orgulha de ter uma boa relação com seu marido. Em seu ambiente de trabalho, constituído só de mulheres, ela diz que, no entanto, é mais independente, resoluta, crítica e interessada do que em casa. Tão logo apareçam homens, ela rivaliza com todas as mulheres. Diz que em casa ela responde, de um modo geral, aos desejos de seu marido. Isso também é típico de um complexo paterno originalmente positivo: fora desse âmbito do complexo, as mulheres conseguem ser independentes e inovadoras. Elas também podem desempenhar um papel eminentemente político. Visto que conhecem realmente bem os maridos, elas também sabem como precisam se movimentar para ter êxito. Na relação pessoal com um homem, a mulher torna-se novamente uma garota pronta para se adaptar. (Ainda haveria também as garotas rebeldes.)

Uma vez na semana, ela e o pai saem sozinhos para comer. Sua mãe simplesmente não desempenhava nem desempenha “papel algum”. Mas ela também não se lembra de nenhuma situação notadamente difícil com a mãe. Apenas “era claro desde o início que meu pai é a figura mais importante”. Sua mãe a tem criticado nos últimos tempos e acha que ela é uma mulher muito “antiquada”. As amigas, que de fato não lhe são de grande importância, também acham o mesmo. O problemático para ela é ter um medo cada vez maior de decisões, nem tanto de decisões no âmbito profissional, que podem ser tomadas, mas daquelas concernentes ao âmbito privado — e tudo isso é um claro sinal de que já está na hora de ela se emancipar desse complexo paterno originalmente positivo. Esse medo tem a ver com o fato de

que ela se apaixonou várias vezes por homens mais velhos e experienciou nisso sentimentos que ela não experienciou nem experiência com o marido. Precisamente “nessas paixões imprevistas” manifesta-se o fato de que está se desenvolvendo em sua psique uma transformação no âmbito do complexo paterno. Os homens pelos quais ela se apaixonou são homens da palavra, o pai é, antes, um homem da ação. Assim é seu marido também. Talvez sua fascinação absolutamente não se dirija tanto assim a esses homens mais velhos como tais, para os quais ela consegue transferir de modo naturalmente fácil seu complexo paterno — e no início o anseio poderia também parecer que era o de admirar e ser admirada. Sua fascinação diz, antes, respeito a um aspecto do complexo paterno que ela até agora não experienciou ou experienciou pouco: o aspecto intelectual, espiritual. Contudo há uma dificuldade: ela não tem permissão de admirar ninguém mais do que a seu pai — algo que se conecta à frase de complexo típica de sua constelação de complexo. Talvez ela tenha transferido essa proibição para a relação com o marido, pois sua preocupação refere-se à relação conjugal. Essa preocupação poderia ser absolutamente justificada; de qualquer modo, um desenvolvimento para fora do complexo paterno colocará a seguinte questão, no tocante à relação com seu marido: o que sobra de afeição para além da transferência do complexo paterno, o que sustenta, caso a transferência não mais se realize? Seja como for, um desenvolvimento tem de ocorrer, pois a problemática do medo está presente de um modo inquietador para Nora e também indica que ela corre o risco de perder algo essencial em sua vida. E muito provavelmente o pai de Nora é marcado por um complexo materno originalmente positivo. Quanto ele se desenvolveu para fora disso, de modo apropriado à idade, escapa ao meu conhecimento. Pais que possuem um matiz de complexo decorrente de um complexo materno positivo são sensuais, eróticos, são homens que apreciam a vida e naturalmente a filha também. A admiração é algo importante para eles, e é bem mais fácil receber e manter a admiração da filha do que da esposa. Quando a filha se identifica com o lado da filha dessa constelação de complexo, ou seja, como filha atraente de um pai que se pode endeusar e que além disso possui um “*savoir vivre*” — sempre em um certo nível —, então as filhas tornam-se mulheres que irradiam muito Eros para os homens e que também o empregam, que prometem

e oferecem bastante disponibilidade. Geralmente apresentam talento intelectual. No entanto, subestimam esse talento ou aprendem a “ocultá-lo” para usá-lo apenas em caso de necessidade. Elas tiveram muita admiração do pai e por isso possuem também uma auto-estima pretensamente boa. A mãe é desconsiderada, não se experimentam com ela nem a solidariedade nem o diálogo. Ela é desvalorizada. Contudo, essas mulheres nunca o admitiriam. Elas dizem: “Eu simplesmente acho os homens mais interessantes, mais estimulantes, confiáveis...” Não lhes passa pela cabeça que elas nunca se envolveram verdadeiramente com as mulheres.

O bom sentimento de auto-estima depende da admiração dos homens. E aí se encontra o grande problema para mulheres com essa marca de complexo: quando alguém nos garante a auto-estima, então ficamos à mercê dessa pessoa. Quando a perdemos, então perdemos também a auto-estima. Os homens, além disso, são experienciados como estimulantes, ordenadores e também como “condutores”. De qualquer maneira, eles decidem o que deve acontecer. Quanto mais acentuadamente uma pessoa se deixa conduzir por outra, maior é a possibilidade de ela seja conduzida para a margem, precisamente para um ponto que parece, é verdade, agradável e correto à pessoa condutora, mas que não é necessariamente um ponto para onde tendem as necessidades de desenvolvimento. Por outro lado, há o risco de as pessoas reagirem com temor quando cessa esse “conduzir”, essa decisão de outra pessoa sobre a vida própria, pois elas não aprenderam a se conduzir a si mesmas. Isso se torna problemático no mais tardar na metade da vida. Subitamente essas mulheres passam a se sentir “vazias”, não sabem quais são seus próprios desejos e necessidades, sentem-se “externamente conduzidas”, manipuladas, sem capacidade de se opor a isso positivamente. Começam a ter medo da vida, mas também da tomada de decisões relativamente insignificantes. Esses problemas de medo têm a ver com o fato de elas não terem aprendido a assumir responsabilidades para si mesmas, nem tampouco a tirar as consequências de decisões erradas e conviver com isso. Em última análise, o medo tem a ver com o fato de sua essência mais própria estar como que excluída da vida, elas absolutamente não são elas

mesmas. Esse medo é em geral somatizado, pois na verdade uma "filha do pai" não tem medo algum. Quando esse medo se manifesta, essa mulher precisa justamente de uma pessoa que a "conduza". E com isso se impede que ela tenha de pensar em si mesma. Mas também é difícil para uma mulher com essa marca de complexo admitir seu medo. Identificada com o lado de pai de seu complexo paterno, ela geralmente dá a impressão de ter um complexo do eu extraordinariamente bem estruturado, de ser sensata, forte. E geralmente ela é assim no trato com a vida "externa", mas não no trato com o próprio desenvolvimento. A força do eu (*Ichstärke*), que inicialmente pode ser inteiramente magnífica, é na verdade emprestada. Sua identidade é uma identidade derivada do pai e do complexo paterno², não é original. Contudo, uma de nossas inalienáveis tarefas de desenvolvimento é encontrar na vida nossa própria identidade cada vez mais.

Nessa marca de complexo também se torna nítida a influência do coletivo. Até poucos anos atrás, Nora teria sido considerada uma mulher que corporifica de maneira ideal o papel de mulher. Hoje já não é assim necessariamente. Basta lembrarmos que sua mãe já a havia criticado, dizendo-lhe que era uma mulher "antiquada". No entanto, essa imagem de um papel possível de mulher não desapareceu ainda. O alarmante nisso é que se apresentou como desejável, talvez até mesmo como ideal, um desenvolvimento que despreza quase completamente a auto-configuração da mulher. Com isso não se faz bem às esposas, nem aos maridos, nem aos filhos, tampouco ao casamento. Embora pareça, à primeira vista, que haja beneficiários claros com esse arranjo.

"FALTA HUMANIDADE"

Anne

Junto a pais marcados por um complexo paterno, a dependência pessoal de uma filha com seu pai aparece em segundo plano. A identificação que ocorre é antes com a atmosfera do complexo paterno, em que o pai pessoal e as interações significativas com ele podem, por sua vez, dar uma coloração pessoal a esse complexo.

2. Kast, 1991, pp. 171 ss.

Anne tem 34 anos. Ela é uma acadêmica e, como tal, está em uma posição de líder em uma instituição terapêutica. De sua equipe ela recebe o *feedback* de que é confiável, justa, competente, mas muito pouco "humana", muito controlada, e também, por fim, muito ansiosa. Segundo seu depoimento, ninguém se sente realmente confortável com sua presença, ela faz questão de sua autoridade.

Anne seleciona para si esse *feedback*, pois também o *feedback* não é simplesmente uma descrição da natureza de uma pessoa, é antes resultado de um processo de interação. Geralmente, ele também diz muito acerca de expectativas que não são satisfeitas, ou acerca de idéias diversas de como se deve desempenhar uma posição de liderança como essa. Anne se afeta com a crítica de que é muito controlada, muito pouco "humana". Ela gostaria de examinar essa crítica em sessões de análise, pois apesar de se sentir muito controlada também na vida privada, ela também se impõe aí com irrupções emocionais. Vive sozinha, tem uma rede de relações com diversos "amigos e amigas não muito íntimos". Além disso, ela está nitidamente ligada à sua família de origem, gosta de passar seu tempo com seus inúmeros irmãos. No contato pessoal, Anne parece ser cheia de limites, reservada. Ela formula com bastante clareza o que lhe interessa. Na investigação de si mesma, é impiedosa e também impiedosamente franca. Quando descobre em si algo que não considera como excelente, então trata de eliminá-lo imediatamente. Ela é de grande confiabilidade e uma profissional muito consciente das responsabilidades. É inteligente, mas precisa sempre examinar tudo nos mínimos detalhes. Na verdade, ela parece ansiosa, mas inicialmente essa ansiedade impõe-se como meticulosidade. Tem uma ótima formação e orgulha-se de seu saber e de sua capacidade. A respeito de si mesma, ela diz sentir-se sobrecarregada quando exigem dela rapidamente uma solução incomum. Ela também me dá a impressão de ser uma mulher com um complexo do eu acentuadamente coerente, de ter bastante força do eu.

O notável é que ela tenha de cumprir normas extremamente rígidas; caso não consiga fazê-lo, é atormentada por dúvidas a respeito de si mesma e reage com angústia, que ela novamente repele controlando ainda mais, recorrendo a uma outra opinião e reconsiderando o caso. A essas normas internamente rígidas corresponde o fato de que

ela acredita na autoridade — o que não se percebe à primeira vista — e se comporta também como autoridade. De fato ela não sabe que se comporta como autoridade, mas sabe que acredita na autoridade. Ela se envergonha ao se desfazer repentinamente de suas próprias idéias — pelo menos temporariamente — e se apoiar na palavra de alguma autoridade. Ela conhece a angústia que acompanha essa crença na autoridade. No entanto, em seu campo profissional ela é absolutamente uma autoridade. Seu trabalho é avaliado como essencialmente melhor pelos que estão de fora do que por ela mesma. Ela é também inteiramente inovadora. Mas é evidente que ela impõe a si mesma exigências enormes, que não consegue satisfazer. Seus colegas e suas colegas de trabalho reconhecem bastante esse lado positivo, mas acham que lhe falta “humanidade”. Anne lida consigo mesma de maneira pouco empática: ela precisa modificar aquilo que reconhece como errado. “Devemos ser capazes de fazer isso; quando não, é porque faltam boa vontade, concentração” etc. “Poderemos, se quisermos!”

Ela está convencida de que só recebemos afeto quando damos alguma coisa e se espanta por não ter encontrado nenhum companheiro para sua vida, pois está convencida de absolutamente ter dado alguma coisa. Ela sempre encontra diversos homens que, no entanto, logo perdem o interesse nela. “Simplesmente não dá certo” é o que ela ouve quando abertamente lhes pergunta pelo motivo de se afastarem emocionalmente. E, honesta como é, é obrigada a admitir que também para ela não dá certo. Diz que às vezes gostaria de ter mais um pouco de tempo, quem sabe se com o tempo as coisas não dariam certo? Via de regra, o tempo não lhe traz o amor, mas geralmente companheirismos muito sustentadores. Anne é ideal como camarada, com a qual um homem pode desabafar, aconselhar-se. Rapidamente ela se torna uma mulher descomplicada como acompanhante, mas não passa disso.

“QUEM NÃO COMPREENDE ISSO É INAPTO PARA A VIDA”

Marca e efeito desse complexo paterno

Anne é a mais velha de quatro filhos. Seu pai gostaria de ter tido um filho, que só veio a nascer por último. Apesar desse desejo não

realizado, ele se encantou bastante com sua inteligente filha, à qual, no entanto, não dedicava muito tempo. Ele era advogado, à mesa frequentemente se falava de direito. Anne lembra-se, sobretudo, de que direito, ordem, justiça, mas também comedimento e perguntas concernentes à medida correta eram importantes. Ela se sentia muito significativa quando podia passear sozinha com o pai e este lhe perguntava o que tinha acontecido na escola, levando-a, por suas perguntas, a decidir se o que ocorria era justificável, bom ou ruim. Ela recebia assim uma argumentação masculina: há regras, e elas devem valer. O pai não deixava prevalecer a idéia de que regras, conforme o modo da relação, deveriam ser modificadas. Anne se lembra que uma de suas colegas de escola mentira e fora flagrada ao fazer isso. Ela havia mentido para proteger uma amiga não muito talentosa que, na opinião da garota, era sempre um pouco maltratada pelo professor. Anne quis mostrar para o pai que essa mentira não deveria ser avaliada como se avalia uma mentira egoísta. O pai insistiu: mentir é ruim. Anne se deixou convencer. Pesquisas psicológicas atuais mostram claramente que Anne defendeu uma forma tipicamente feminina de argumentação: uma argumentação que leva em conta a situação relacional na qual se fez ou se deixou de fazer algo³. Em seguida, ela assumiu o pensamento do pai nesse discurso ético.

Anne adquiriu consideravelmente sua auto-estima da parca apreciação que seu pai lhe dedicava. A mãe era, na verdade, muito mais reconhecadora que o pai, só que esse reconhecimento lhe era de pouco valor. A mãe era também muito mais afetuosa, mas Anne queria o afeto do pai. Em sua lembrança, Anne traz um pai como um homem sobrecarregado, que exigia muito de si mesmo e fazia severas críticas a respeito de si quando não cumpria as próprias exigências. Segundo Anne, ele atualmente se tornou mais suave, em relação a si próprio e à família. Todavia, Anne interiorizou o complexo paterno, no qual o papel de pai consiste em exigências impiedosas, austeras, que ela cumpre consideravelmente, mas que trazem à sua vida, a despeito da competência, um pouco de infelicidade. Anne já não é tanto a filha de seu pai, ela está — aparentemente — inteiramente desligada dele. Na atmosfera do complexo, porém, ela está, em grande parte, marcada

3. Gilligan, 1984, pp. 83 ss.

pelo complexo paterno originalmente positivo. Este faz com que lhe sejam inacessíveis determinados âmbitos vitais como, por exemplo, o âmbito das emoções cordiais, do sentimento de pertencer indiscutivelmente a outras pessoas sem que ela deva mostrar um desempenho em troca disso.

Antes de tudo, Anne descreve uma imagem que poderia iluminar um aspecto pessoal de seu complexo paterno. Ela se vê sentada com o pai junto a uma mesa de pedra. Ela sabe exatamente que era uma mesa de pedra, porque seu pai havia falado com ela acerca da durabilidade maior dessa mesa, embora ela, a criança, achasse desagradável tocá-la. Ela se lembra como seu pai, subitamente, ficou furioso demais para seu temperamento — ele era um homem muito controlado — e disse: “Quem não compreende isso é simplesmente inapto para a vida”. Anne se viu, nesse momento, como uma criança muito pequena, sentada junto a essa mesa e soube que, se insistisse em preferir sentar junto a uma mesa de madeira, então ela seria, aos olhos do pai, uma “inapta para a vida”. E a criança sabia o que isto queria dizer. Ela ouvia com frequência que seu pai considerava diversas pessoas inaptas para a vida. Ser apto para a vida era um valor supremo. O pai não abordava a criança no desejo de que ela também compartilhasse a preferência paterna pela duradoura pedra — se é que isso era absolutamente necessário para ele. Não, ele argumentava em um nível coletivo, deixava de lado o nível do relacionamento. Com essa argumentação, Anne foi expelida da relação amigável com o pai, embora tenha escolhido sacrificar seu anseio pela madeira.

As considerações “racionalis” do pai deviam ser compartilhadas de qualquer maneira, do contrário Anne corria o risco de uma dupla rejeição: seria considerada inapta para a vida e não seria mais abordada pessoalmente — experiências que poderiam colocá-la em uma grande solidão e tolher consideravelmente sua experiência de auto-estima. O que lhe restava senão assumir as máximas do pai? Nestas ocasiões, porém, ela nunca tinha certeza de que as tinha assumido de modo suficientemente ilimitado, pois o pai não dava nenhum *feedback* confirmativo. Assim, Anne ficava sempre com um latente sentimento vital de ter feito ainda muito pouco, de nunca poder ficar inteiramente contente consigo mesma.

Ela até supõe que se identifique com a porção de pai de seu complexo paterno e que, por conseguinte, seus colegas de trabalho

tenham facilmente a sensação de não poder satisfazê-la completamente. No entanto, ela mesma se experencia, muito mais nitidamente, ainda na posição de filha de sua constelação do complexo. Para ela é difícil aprender a dar um *feedback* aos seus colegas e às suas colegas de trabalho, quando acha que eles fizeram algo suficientemente bem. Ela percebe a necessidade, mas na realização lhe ocorre repentinamente quanto ela se assemelha ao pai no padrão comportamental do *feedback* ausente ou muito austero.

Era notável como, ao lidar com as exteriorizações de seu inconsciente, ela sempre tentava “controlar”, compreender, ordenar, nomear tudo que surgia. Caso surgissem figuras como, por exemplo, as figuras *animus* do tipo do estranho fascinante e misterioso — das quais ela urgentemente precisava para tornar conscientes aspectos inutilizados de sua psique —, então lhe era extremamente difícil deixar-se simplesmente afetar por elas. Era-lhe difícil receber as fantasias que assomavam e deixar as emoções vinculadas a isso estender-se adequadamente em sua percepção. Pelo contrário, ela tinha a tendência a dar um visto nisso, a considerar como uma tarefa pronta. Só aos poucos percebeu que com essa atitude ela compreendia de modo estreito a plenitude que vinha ao seu encontro nos sonhos, transformando essa plenitude em um “nada mais que”, fato que lhe deixava novamente insaciada, com o vago sentimento de não ter feito as coisas bem o suficiente. Por um lado, esse sentimento era até verdadeiro. Ela, de fato, fazia tudo mais que bem, só que empregava um método errado. Ao aprender a mergulhar mais nas imagens de seu inconsciente, ela conheceu para si um “outro mundo”, um mundo em que ela pôde se instalar, no qual o desempenho não era mais tão importante. Paralelamente a essas novas faculdades, sua mãe começou a se lhe tornar mais interessante. Anne começou a conversar mais com ela e também se lembrou de situações de sua infância com a mãe, que anteriormente estavam bloqueadas.

ALUNAS INTELIGENTES

Pontos em comum entre as mulheres com complexo paterno originalmente positivo

Para mulheres com ambas as formas de socialização, os homens mais velhos são atraentes. De um lado temos, de preferência, o ho-

mem mais velho erótico, e de outro, de preferência, o homem mais velho espiritual. A mistura mais atraente é a do erótico com o espiritual. Para as mulheres marcadas por um pai com um complexo materno positivo, o vínculo erótico fica em primeiro plano, enquanto para aquelas marcadas por um pai com complexo paterno o que está em primeiro plano é a relação platônica. Ambos os tipos de mulher falam pouco a respeito de si mesmas, ocupam-se pouco com seu próprio si-mesmo, mesmo quando se tem a impressão de que elas o fariam. Uma diz: "Meu marido diz que", enquanto a outra fala eloquentemente na maioria das vezes sobre resultados de pesquisas de homens. Geralmente, ambas são alunas inteligentes. Caso seu talento criativo seja pequeno, então elas podem se tornar extremamente pedantes. A não ser que um complexo materno realmente sustentador — embora quase sempre "desvalorizado" — esteja como plano de fundo, estão ambas convictas de que devem se esforçar por tudo neste mundo, que não recebem nada de graça, muito menos o amor. E as coisas não devem ser melhores para as outras pessoas. O problema da idealização dos homens e do masculino — que é simultâneo à desvalorização quase imperceptível de si mesma como mulher, das mulheres e do feminino — é um problema fundamental. Pais são idealizados, e também os homens, namorados, teorias, conhecimentos. Afirmações convertem-se facilmente em teses irrefutáveis, que às vezes recebem um tom quase sagrado.

Por meio da idealização dos homens e do masculino, estas mulheres estão em uma posição sensivelmente mais dependente do que, de acordo com seu ser, precisariam estar. Isso também se manifesta no fato de que, agindo por conta própria, elas são inteiramente competentes e capazes de tomar sua vida nas mãos. Quando estão com homens, estas mesmas mulheres tornam-se filhas atenciosas. Contudo, isso parece agradar bastante a muitos homens, e também é um estímulo a menos para as mulheres saírem dessa posição e desenvolverem-se. A mulher, então, comporta-se de maneira um pouco mais tola do que é. Ela vive aquém de suas possibilidades. A filha de um pai com complexo paterno consegue unir isso com sua auto-imagem mais dificilmente; ela tenta evitar situações em que ela poderia se tornar a filha.

A mulher que não conseguiu se desligar de seu complexo paterno originalmente positivo define-se por meio do homem, deixa que sua

identidade lhe seja atribuída pelo homem ou pela relação com autoridades, com o intelecto etc. O homem adquire assim um significado enorme, porque supostamente a auto-identidade depende dele, de sua confirmação, de sua apreciação. No entanto, a apreciação necessária não pode, em última análise, ser dada pelo pai. A identidade da mulher deve ser alcançada no lidar consigo mesma como mulher, no lidar com outras mulheres, com as quais este tipo de mulher rivaliza, e no lidar com o materno e a mãe.

ORDEM E UMA GENEROSA APLICAÇÃO DAS LEIS

Os deuses-pais: uma digressão

Não são apenas os pais individuais com seus complexos paternos e suas sentenças de pai que desempenham um papel na marca do complexo. Temos também uma imagem coletiva de pai, que na maioria das vezes vê hoje o pai como a atualização do "semideus de mil formas"⁴. Também o significado do pai para o filho individual está em estranha contradição com a realidade: raramente à disposição, ele assume — sobretudo graças ao patriarcado e à idealização promovida pelas mulheres — um papel mais significativo que lhe caberia devido ao seu trabalho de relacionamento com os filhos. Mesmo que haja, atualmente, uma geração de "novos pais", eles não conseguirão modificar tão rapidamente essa imagem paterna coletiva. Mas talvez consigam no âmbito da compreensão paterna criar inquietude e, assim, possibilitar um despertar. Eles criarão para os próprios filhos um interessante complexo paterno, já que a experiência com o pai pessoal e as experiências que, de outro modo, se poderiam fazer com pais não coincidem. (Uma conversa entre duas crianças de cinco anos:

— Meu pai sabe fazer remendos.

E o outro diz em seguida:

— Em quê? Em rodas de bicicleta?

— Não, em tudo: meias, calças, camisas...

4. Dieckmann, 1991, p. 11.

— Ah, então não é um pai verdadeiro...)

Há na história da cultura muitos deuses-pais, que estão por trás dessa imagem paterna, que constituem seu aspecto arquetípico. A meu ver, parece muito importante não esquecermos o aspecto social sobreposto a esse aspecto arquetípico. Seria demasiado fácil “fundamentarmos” arquetipicamente o que socialmente — também como expressão de certo espírito de época — se define como “paterno” e assim fixá-lo de uma maneira inteiramente ilícita como algo que sempre foi de tal jeito — e é tipicamente humano. Agindo deste modo iríamos suplementarmente dificultar modificações no papel do pai e na imagem paterna.

Não obstante: três deuses-pais que se assemelham, por mais distintos que sejam entre si, poderiam dizer algo sobre o arquetípico, o constante nas imagens paternas — ao qual a vida vivida acrescenta também algo de arquétipo, algo que poderia e deveria, assim, modificar-se⁵.

Homero sempre descreve Zeus como “suave e bondoso como um pai”. Zeus é o senhor e condutor da vida humana e divina. Contudo, ele não pode controlar as Moiras, as deusas do destino, que também, em última instância, decidem sobre a vida e a morte. Trata-se, portanto, da condução e do controle da vida terrena, da vida do agir consciente. Ao reinar, Zeus profere castigos; se necessário, ele lança raios. Não é desprovido de emoção, assim como todos os outros deuses-pais não o são. Pelo menos, ele está sempre descarregando suas emoções em uma trovada em cima de mortais e imortais. Mas Zeus é também um verdadeiro espírito livre, sobretudo no que se refere às suas aventuras sexuais. Homero nos comunica que Zeus proporciona a ordem da legalidade paterna, ou seja, mais etos, mais estrutura, mais espiritualização da vida. Ele parece exigir etos principalmente dos outros. No entanto, é bem provável que Zeus fosse um deus com complexo materno originalmente positivo, se é que podemos dizer algo assim a respeito de um deus. Mas basta pensarmos que Gaia, na época minóica, precisou esconder Zeus de seu pai Crono porque este devorava seus filhos. Também nessa época, Hera seduziu Zeus — segundo o estilo da Grande Deusa e de seu filho-amante⁶.

Da mitologia nórdica conhecemos Odin ou Wotan. Ele é denominado o pai de todos. Ele também possui alguns traços característicos: é um deus da guerra, mas não toma parte na guerra. É um deus do êxtase, daí provém seu nome Wotan, que mostra um vínculo com *Wut* (fúria), fúria que pode ser bastante extática. Wotan é também um deus da sabedoria e da poesia. Conta-se que ele paira sobre o mundo com um chapéu de abas largas e um manto coberto de estrelas para ordená-lo. Nisto ele averigua, por exemplo, se os homens levam a sério a hospitalidade. De vez em quando ele se senta em seu trono, proporciona para si mesmo uma visão panorâmica e ouve seus dois corvos relatarem o que está ocorrendo no mundo à sua frente. Também ele não é imortal. Ou seja, a ordem que ele defende e pela qual ele se esforça seriamente e também com toda a sua criatividade vale apenas para um tempo determinado.

Também no cristianismo temos modificações visíveis na imagem do deus-pai: nos livros do Novo Testamento, Deus se torna um deus-pai por meio de sua relação com Jesus. Jesus é o filho; a relação de Deus com os seres humanos, simbolizada por Jesus, torna-se portanto mais familiar. Caso fosse um ser humano, Jesus teria um complexo paterno originalmente positivo. O desligamento de tal complexo ocorre na cruz, quando ele diz: “Meu Deus, por que me abandonaste?” A traição do pai ou da mãe faz com que o indivíduo seja lançado de volta ao seu complexo do eu, que ele aprenda a se entender como um homem individual, que ele realmente tome cada vez mais para si o próprio destino. Se observarmos o deus-pai do Novo Testamento, poderemos verificar uma certa mudança: aí não vigora mais a lei inflexível do Antigo Testamento, ela se vincula a uma certa bondade.

Quando tentamos apreender o ponto em comum nesses deuses-pais, fica evidente que todos eles são caracterizados por impulsos de energia. Além disso, no elemento arquetipicamente paterno trata-se da tentativa de uma visão panorâmica, de uma certa ordem, que deve, de fato, ser sempre novamente criada e também definida. Trata-se de inserir o casual, que agregamos tão facilmente às emoções, em uma ordem compreensível e de controlar estas emoções na vida do indivíduo. Porém, não se trata da dura imposição da lei, trata-se de sua generosa aplicação. Em nossos anseios pelo pai, encontra-se algo disso: é o anseio de que alguém possa possuir e manter a visão panorâmica.

5. Sheldrake, 1990, pp. 373 ss.

6. Kast, 1984, pp. 90 ss.

mica, possa entender a vida ou não parar de querer entendê-la, possa encontrar as leis que, se bondosamente aplicadas, dão à vida uma certa previsibilidade. Projeta-se muito desse anseio sobre a ciência patriarcal, uma outra grande parte sobre os políticos e, além disso, sobre homens particulares. Deles esperamos a visão panorâmica, o prognóstico de um futuro tão bom quanto possível, ou leis que modifiquem a vida de tal modo que ela corresponda a estas boas esperanças em relação ao futuro. É esta a razão pela qual homens que se comportam autoritariamente também ganham facilmente um séquito: eles prometem satisfazer um anseio que o pai pessoal raramente satisfaz e também não pode satisfazer. E ocorre a um número mínimo de pessoas que cada um deveria introduzir por si mesmo, da melhor maneira possível, essas faculdades paternas no âmbito da vida própria — já que esse elemento paterno é “arquetípico” e deveria, portanto, ser experienciável e capaz de ser ativado na psique de todas as pessoas, talvez com diferentes matizes nos homens e nas mulheres. Contudo, sou da opinião de que uma ligação com o materno seria urgentemente recomendável, pois esse elemento paterno permanece muito abstrato, muito naquilo que “as pessoas” teriam de fazer e em que teriam de pensar. Esse paterno deveria ser imprescindivelmente complementado por relacionamentos e vínculos.

O PAI COMO O OUTRO

Seu papel na psicologia do desenvolvimento

Segundo a psicologia clássica do desenvolvimento⁷, o pai tem a função de possibilitar ao filho uma abertura para o mundo, para além da estreita simbiose mãe-filho. Bovensiepen, que se volta contra a atribuição patriarcal de normas, autoridade, ordem e intelecto à pessoa do pai, fala da faculdade do pai “de iniciar, impulsionar processos de desenvolvimento e de catalisar mudanças na relação pai-mãe-filho”⁸. Ao pai então cabe a função iniciadora, que poderia ser posta em relação com a energia combativa do deus-pai.

7. Mahler/Pine/Bergmann, 1978.

8. Bovensiepen, 1987, p. 57.

No entanto, deve-se considerar que na psicologia clássica de desenvolvimento e na psicologia de desenvolvimento da psicanálise dominam, no plano de fundo, duas imagens: a mãe se abstém e torna-se com isso a “mãe-morte”, o pai oferece estímulos e torna-se com isso um representante do impulso de vida⁹. Essa divisão surpreende um pouco — e não condiz nem com a realidade, nem com a mitologia, mas está a serviço da idealização do pai e da desvalorização da mãe. Estímulos deveriam ser possíveis tanto a partir do pai como da mãe. Quando, no entanto, o dar estímulos pertencente à mãe é delegado ao pai porque “deve ser assim”, então certamente o pai precisará dar os estímulos. É natural esperar que os pais dêem seus estímulos diferentemente das mães. A função do pai de criar para o filho a abertura para o mundo originou-se da teoria da simbiose, que deve ser “aberta”, ou, por exemplo na perspectiva da psicologia profunda, da teoria da “irrupção do arquétipo paterno”, que dá ao filho a possibilidade de se voltar para a realidade, saindo do âmbito materno¹⁰.

Contudo, de acordo com as pesquisas da moderna observação de bebês, não há essa fase simbiótica, pelo menos não no começo da vida; o pai também se relaciona com o filho desde o início. Mas também sem esse constructo teórico poderíamos imaginar que uma segunda e importante pessoa com a qual o bebê se relaciona lhe possibilita entrar pelo menos em uma relação com matizes diferentes em comparação com a mãe. Fato que, por sua vez, leva uma criança a poder construir diferentes padrões e expectativas sobre os relacionamentos. Do ponto de vista da teoria dos complexos, isto significa que não é só um complexo isolado que prevalece e domina, em consequência disso, o acontecimento psíquico. Com isso seria mais fácil para a criança envolver-se em novas situações. Ela seria mais flexível, teria mais possibilidades de reação, não estaria tão exclusivamente à mercê de uma constelação de complexo. Deste modo, um desligamento do complexo materno apropriado à idade seria mais simples. Neste processo o pai não deveria representar normas coletivas, autoridade etc.¹¹, ele simplesmente deveria ter uma relação “diferente” da que a

9. Rhode-Dachser, 1991, p. 180.

10. Jung, GW 10, parágrafo 65.

11. Bovensiepen, 1987, pp. 49-59.

mãe estabelece com o filho. Na vida futura do filho, o pai deveria então colocar sua forma da orientação no mundo, ao lado da orientação da mãe.

O ESTRANHO FASCINANTE

O desenvolvimento do animus

Eu disse que para o desenvolvimento, apropriado à idade, para além do complexo materno, não apenas o complexo do eu deve se desenvolver, mas também a *anima*. A *anima*, compreendida como o feminino fascinante, misterioso na psique do ser humano, funde-se inicialmente com o complexo materno e também é claramente marcado por ele. Contudo, ela também possui porções do misterioso que, caso sejam seguidas, mostram o caminho para fora dos limites do complexo, passando a se refletir também em novas configurações, bem menos influenciadas pelas marcas originais do complexo¹². Na *anima*, o complexo materno se desdobra em fantasias, aí se pode ver nitidamente a dimensão de desenvolvimento desse complexo. O mesmo vale agora também para o *animus*, entendido como imagens do masculino em nossa psique, portadoras das qualidades do fascinante misterioso e, por meio disso, incitam nossas fantasias e as colocam em ação. Também o *animus* vincula-se inicialmente ao complexo paterno e, ao longo da vida, recebe matizes nítidos da experiência especial deste complexo. E aqui também vale: caso o indivíduo consiga experienciar as porções que não pertencem ao complexo paterno e exprimem o estranho fascinante e admitir as fantasias ligadas a elas, então tais formas serão experienciadas em sonhos ou fantasias. Ou serão percebidas nas projeções sobre pessoas reais que possibilitam um desenvolvimento para fora do complexo paterno. Neste processo, as configurações do *animus* já não são mais primordialmente paternas, mas representadas fraternalmente por meio de meninos, velhos sábios, ou justamente de configurações do misterioso e fascinante estranho *per se*¹³. A experiência existencial do *animus* é descrita agora em categorias semelhantes às que descrevi anteriormente como arquetipicamente paterno. Isso pode ter a ver com o fato de que o *animus* é

12. Kast, 1993.

13. *Ib.*

também naturalmente adotado a partir de nossos hábitos patriarcais de vivências, especialmente ali onde ele ainda está próximo do complexo paterno. E só o *animus* na forma do estranho misterioso, fascinante nos daria certa possibilidade de transcender o patriarcal. A forma do *animus* proporciona uma fascinação amorosa ou a fascinação por uma idéia; a ele estão vinculadas idéias de preencher a vida espiritualmente, de encontrar uma grande paixão erótica ou espiritual. Estar inspirado intelectualmente, vãos a grandes alturas são associados ao *animus* tanto como a qualidade de nos atarmos de modo concentrado e agressivo sobre alguma coisa. O complexo paterno e o *animus* se diferenciam, e quanto mais nitidamente as diferentes configurações do *animus* não são mais influenciadas pelo complexo paterno — tanto o pessoal como o coletivo — mais criativas se tornam as pessoas. No entanto: quando o *animus* está constelado, então passamos a ter “idéias elevadas”, corremos o risco de abstrair em demasia, de nos elevarmos em um impulso de energia e idealizar muito, de obedecer mais a uma lei do que a um sentimento. A lei generosa, a passagem para arranjos sempre novos, é experienciável quando a *anima* é desenvolvida também. Sem a *anima*, sem o deter-se no emocional, sem o sentimento fundamental da participação e do entrelaçamento de tudo com tudo, fica faltando a dimensão horizontal da vida, falta o emotivo.



“Um ser humano ruim em um mundo ruim”

O COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE NEGATIVO EM MULHERES

Para o complexo materno originalmente negativo, é típico o sentimento vital de que o indivíduo deve lutar por tudo que seja absolutamente imprescindível. No lugar de amor não exigente, de segurança, nutrição, proteção, interesse, atenção, tal como experienciados no complexo materno originalmente positivo, encontra-se o sentimento vital da solidão, do estar à mercê de alguém, o sentimento de não receber o suficiente para a vida, mas em demasia para morrer.

“NENHUM DIREITO À EXISTÊNCIA”

Helma

Uma mulher com 44 anos, a quem chamarei de Helma (trabalha como professora de assistência social). Ela tem oito irmãos, foi a segunda a nascer. Descreve a atmosfera em casa da seguinte maneira — é a atmosfera de um complexo materno originalmente negativo:

— Era uma atmosfera tal como se encontra em uma estação ferroviária, e assim eu me sentia também. Ali correm muitas pessoas confusamente, estão todas sozinhas. É um lugar cheio de vento, frio, então sempre estão todos congelando, não é? Eu ficava constantemente resfriada, tinha dores de barriga, acordava sempre com os olhos colados, que deviam ser lavados com chá de camomila, para que

pudessem se abrir. Cada um sozinho engole a comida, há pouca comida, é uma comida péssima. Meu pai sempre viaja para trabalhar, durante semanas. Eu viajaria de bom grado com ele, estou convicta de que ele sai porque é horrível o clima em casa. Depois das seis da noite, somos trancados em um quarto. Eu me lembro do penico cheio: o traseiro ficava sempre molhado, quando alguém se sentava ali. Nós fazíamos buracos na parede perto das camas por horas e horas a fio. Brigávamos freqüentemente, nós, os irmãos. Simplesmente brigávamos muito. De algum modo, lutava-se pela sobrevivência.

Frases de complexo no sentido estrito ainda estão em sua cabeça, ela as ouviu desde sua primeira infância:

— Não me toque! Caia fora! Deixe os outros em paz! Você vai morrer de apanhar! De você ninguém pode esperar outra coisa. Você não é nossa filha, nós a trocamos no hospital.

São todas frases do processo de ser expulso.

Com essas sentenças, Helma tinha o sentimento de precisar desaparecer, o sentimento vital de, no fundo, não ter permissão para existir, de não ter nenhum direito à existência. Essas frases eram “frases-padrão”.

Uma lembrança posterior, do tempo de escola:

— Eu fiquei bastante impressionada com a professora, embora ela fosse também inteiramente comum. Ela escrevia coisas tão comuns no caderno como: “Você poderia fazer melhor se quisesse. Pode-se ver que é capaz de coisa melhor. É falta de concentração”. Pelo menos ela não me batia. Minha mãe absolutamente não queria que essa professora me agradasse tanto assim. Ela dizia: “Você é muito crédula. Só que as pessoas absolutamente não dizem o que pensam de você”.

Quando Helma queria se tornar mais íntima de uma colega ou de um colega da escola, a mãe dizia:

— Você não precisa de nenhum amigo, você tem irmão suficiente e muito trabalho em casa.

Bem cedo em sua vida, Helma sempre era “dada” para a irmã da mãe por tempo indeterminado — pelo menos era o que parecia à

criança. Com o passar do tempo, ela não sabia mais a quem pertencia. Mais tarde ela rejeitou essa condição, não queria mais ir para lá, porque “meu tio e minha tia ficavam sempre examinando minha vagina”. Ela contou isso para a mãe, que reagiu com a observação: “Só pode ser culpa sua; mais tarde, com certeza, você vai virar uma prostituta”. Aos oito anos, ela foi sexualmente molestada pelo pai. No início, ela achava muito agradável ter de ir-se arrastando para a cama do pai, ficar sozinha com ele, receber carícias. E então de repente “doeu muito”, a reviravolta que isso tudo significou assustou-a profundamente. Mais uma vez, Helma quis falar sobre isso com a mãe. Esta disse: “A gente não fala sobre essas coisas, você certamente vai virar uma prostituta”. O sentimento vital, provocado por esse complexo materno originalmente negativo, é descrito do seguinte modo por Helma:

— Eu me sentia sempre como uma péssima pessoa, que faria melhor se deixasse de existir. Emocionalmente, diante da vida, eu estava totalmente à mercê de algo, desesperada, inteiramente sozinha. Não tinha permissão de estabelecer nenhuma relação com outras pessoas fora do ambiente familiar, embora eu ansiasse muito por isso. No entanto, caso eu criasse uma relação, minha mãe tornava péssimas essas pessoas.

Enquanto o complexo materno originalmente positivo transmite uma confiança primordial (*Urvertrauen*) e um sentimento vital do direito natural à existência, ou até mesmo algo mais, o complexo materno originalmente negativo provoca desconfiança primordial (*Urmisstrauen*) e, em conexão com isso, um medo existencial e o impetuoso sentimento de não ter nenhum direito à existência. Helma disse:

— Quando era criança, eu não via isso como desconfiança primordial, eu simplesmente pensava que a vida é penosa, fria e que ela ia sempre continuar assim. E eu, de qualquer modo, sempre continuaria a ser uma péssima pessoa.

Isto não é nada mais senão a descrição, provinda de uma experiência, da desconfiança primordial, de um certo desespero e do sentimento de não ter nenhum direito à existência. No lugar do sentimento vital da participação possível, do pertencer à unidade familiar, que

então se transfere para a vida e dá à criança o sentimento de estar inserida em uma comunidade, o marcante aqui é o enclausuramento dos irmãos uns com os outros e o isolamento contra o mundo externo. Naturalmente isso não produz nenhum sentimento vital oceânico, nenhum sentimento da capacidade constante de se fundir um com o outro, mas apenas o sentimento do isolamento conturbado, de uma solidão angustiante. Do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, isso é especialmente crítico, pois a criança pequena desenvolve-se essencialmente na identificação com os pais. Mas nestas famílias isso se torna impossível; não é apenas impossível fundir-se com alguém, também o "Nós" é negado à criança, é negada a experiência de fazer parte da vida dos pais, de um deles isoladamente, ou de ambos e também dos irmãos. É uma forma do expelir constante, sem que haja uma expulsão de modo realmente ativo. Por conseguinte, permanecem a luta, a rivalidade. O anseio por um sentimento vital oceânico, que se vincula nitidamente ao sentimento da participação, é grande. E, em conformidade com a marca deixada pelo complexo fundamental, tal pessoa acha que se deve lutar por isso. No entanto, sentimentos, interações que proporcionam o sentimento vital oceânico não se podem produzir, eles acontecem.

Dedicação, no nível corporal, não existe, mas apenas doenças, resfriados — o que não é de espantar nesta fria atmosfera. Além disso, a atmosfera é sexualizada, como se a sexualidade fosse o último baluarte, em que os corpos ainda aparecem. Quando Helma teve a menarca, aos 16 anos — relativamente tarde —, sua mãe lhe disse: "Mais isso ainda!" Posteriormente, sempre apareceram problemas com a menstruação, o que não é raro em mulheres com um complexo materno originalmente negativo.

"O MUNDO É FRIO"

Estratégias da sobrevivência

Quem tem um complexo materno originalmente negativo está certo de não ser um si-mesmo bom e de viver em um mundo ruim. Pensa que seria melhor não existir. O mundo é tal como é, e o indivíduo sente que é ele mesmo o culpado de sua própria infelicidade.

Esse sentimento primário de culpa¹ tem raízes profundas. Terapias nas quais se trabalha com atribuições de culpa podem, por isso, ser aceitas por estas pessoas, mesmo que a atribuição de culpa seja ilícita. Quando uma criança tem a impressão de não possuir nenhum direito à existência e, em conexão com este fato, o sentimento de ser, ela própria, a culpada por isso, então ela fará tudo — pressupondo uma certa vitalidade — para conquistar esse direito à existência.

Quais são as estratégias próprias para isso?

Helma tinha uma irmã mais velha, que sofria diferentes medos. Ela não ousava dirigir-se a estranhos. Ela dominava o medo por meio de coerções, sobretudo com uma coerção coletiva. Assim, ela havia juntado muita coisa, roubando entre os irmãos. E, além disso, também sabia viver bem, à custa deles. Geralmente constelavam-se agressões em torno dessa irmã. Ela ajudava a mãe a cuidar dos filhos pequenos, que nasceram em intervalos muito curtos, e mantinha assim seu direito à existência. Casou-se cedo, teve filhos, não muitos como sua mãe, e morreu de câncer aos 38 anos. A primogênita então fora marcada pelo sentimento do medo e pela defesa contra ele. Agora Helma, a segunda, viveu de modo contrafóbico (*kontraphobisch*). Ela se comportava como se não fosse temer nem o diabo. Também esta é uma maneira de lidar com o medo: o indivíduo é, na verdade, amedrontado, mas comporta-se de modo acentuadamente resoluto e assim oculta o medo. O medo, no entanto, nós o sentimos no corpo, e este não se deixa lograr. Profundas tensões corporais permanecem, apesar do comportamento externamente corajoso. Helma desenvolveu cedo uma independência considerável, uma autonomia forçada, prática para a vida. Também logo se tornou útil para a mãe: ela sempre ia ao cartório registrar os "novos filhos". Mais tarde, era ela que conversava com os professores a respeito de seus irmãos, cuidava das coisas no banco e nos órgãos administrativos. Assumia em parte o papel do pai. Ainda hoje, ela é um talento de organização e tem muitas boas idéias sobre como se poderiam arranjar as coisas práticas do cotidiano. Essa independência, embora tenha sido desenvolvida de maneira forçada, permanece em si um valor, e também uma capacidade de Helma para uma autonomia,

1. Neumann, 1963, pp. 95 s., 145.

ainda que forçada. Seria terapeuticamente fatal desvalorizar, nas pessoas, suas estratégias de sobrevivência, que podem ser em si excelentes capacidades para controlar a vida. Com isso, estaríamos tirando delas um valor absolutamente central.

Mesmo nas piores situações da vida há oásis, situações em que também se pode viver bem. E justamente as pessoas pouco mimadas podem perceber e apreciar esses oásis de um modo especial. Helma contou que sua mãe normalmente era inacessível, de certo modo encapsulada em um mundo particular. No entanto, quando a mãe tocava piano, então toda a atmosfera se modificava. "Todas as vezes, era como se fosse Natal." A música então foi também um importante oásis na vida de Helma. Aos 12 anos, ela foi admitida em uma famosa orquestra juvenil, que tinha apresentações no mundo inteiro. Naturalmente ela se candidatou à admissão, quando uma amiga sua lhe falou sobre isso. Também aqui a mãe inicialmente se opôs: "Se você quiser mesmo passar vergonha, vá e toque para eles!" Apesar disso, Helma foi tocar, foi aceita e viajou com a orquestra por todo o mundo.

— Finalmente havia um lugar onde eu podia ser, onde eu até devia ser; onde eu era importante.

Deste modo, ela teve pela primeira vez o sentimento vital de fazer parte de algo, do direito à existência, e também o sentimento de ser, ela mesma, objeto de atenção. Naturalmente essa situação estava também ligada a uma grande valorização narcisista. Nessa orquestra, ela tocava para os irmãos mais novos, que pouco a pouco foram admitidos também, e para a mãe. Isso a sobrecarregava. Pessoas com um complexo materno originalmente negativo também podem provar seu direito à existência ao cuidar dos outros como mães, ao lhes dar o que elas mesmas não receberam. Não é uma estratégia ruim, pois, assim, pelo menos se desenvolve no sistema um elemento "maternal". O perigo consiste no fato de estas pessoas se excederem facilmente ao fazer isso. Elas não desenvolvem nenhum sentimento por si mesmas, não sabem quando já é o suficiente. E como elas acham que devem, por meio disso, merecer seu direito à existência, e visto que os *feedbacks* raramente ou nunca o proporcionam, então algo mais tem de ser feito ainda, na errônea suposição de que então o direito à existência apareceria — se a atenção maternal e o cuidado excessivo forem bons o suficiente.

Aos 21 anos no máximo, devia-se sair dessa orquestra juvenil. E assim o fez Helma. Ela entrou na universidade — e sofreu um colapso. Sem a orquestra, ela novamente não era nada, não tinha identidade alguma. O colapso manifestou-se em diversas enfermidades funcionais, em várias infecções, pielite, sinusite, diarreias que não podiam mais ser controladas. Foi tratada em uma clínica de psicologia psicossomática, frequentou também uma psicoterapia ambulatorial e, posteriormente, concluiu seus estudos. Todavia permaneceu contrafóbica, apesar de toda a terapia. Apenas quando se submeteu novamente a um tratamento analítico, aos 40 anos, ela pôde admitir quanto medo tinha e como era importante a aceitação do medo para sua identidade. "Desde que tenho medo, sou realmente eu mesma." "Desde que tenho medo, sinto que tenho um corpo." Ela precisou provar, possivelmente durante a metade de sua vida, que estava de certo modo à altura da vida, até conseguir abandonar suas estratégias de supercompensação e também novamente ganhar uma outra compreensão de si mesma e de sua transformação ocorrida na infância.

Helma distinguia nitidamente o sentimento vital que possuía antes de ter 30 anos, quando passou por diversas terapias, da vida depois dos 30, quando tinha, ao menos profissionalmente, um lugar no mundo. Contudo, o sentimento vital permaneceu sobretudo como um sentimento do estar enclausurada.

— Eu sempre tive por muito tempo o sentimento de estar internamente enclausurada, como alguém que tem uma armadura ao seu redor. E também é preciso tê-la, pois o mundo é frio mesmo. A vida continua fria. Eu me conformei com isso.

Como ilustração dessa declaração, ela acrescenta que só com 42 anos aprendeu que, quando a cama está fria, precisamos de uma bolsa de água quente ou podemos buscar mais um cobertor. Uma colega lhe fez esta sugestão. Ela está convencida de que devemos fazer alguma coisa pelo amor, mas que via de regra não o recebemos, apesar de tudo.

"Na verdade, nunca fazemos parte disso." As pessoas marcadas pelo complexo paterno originalmente positivo também têm a convicção de precisar fazer alguma coisa pelo amor, mas têm a esperança de conquistá-lo. No complexo materno originalmente negativo, as exi-

gências que um indivíduo marcado por ele impõe a si mesmo, a fim de ser finalmente digno de amor, são monstruosamente altas, não podem ser atingidas. Apesar disso, Helma tentou ser útil para outras pessoas, de acordo com a divisa:

— Desculpe por eu existir, posso fazer algo para você?

Ela tinha a impressão de sempre dar em demasia; os colegas, por sua vez, lhe relatavam que ela queria “sempre muito”. Essa forma de interação no fim das contas não pode funcionar: as pessoas que receberam dela uma atenção maternal ou supermaternal sentiam, por fim, que não se tratava disso. O direito à existência que ela deveria ter recebido não lhe pode ser dado de fora.

Até mesmo depois dos 30 anos, Helma tinha pouca relação com seu corpo, mas se vestia sempre muito elegantemente. Tinha a impressão de que sua vida e, com isso, também seu corpo eram tão vergonhosos que ela precisava cobri-los, de preferência com belas roupas. Helma teve inúmeras experiências sexuais, mas apenas poucas relações que durassem certo tempo. Como filha molestada sexualmente na infância, ela não evitava os homens, mas sim lhes dava o que eles queriam: “Tomem o que vocês querem ter e então sosseguem!” De resto, ela achava que se devia ter experiências sexuais, do contrário não se é normal. Possivelmente, essas experiências lhe davam um pouco de calor, do qual sentia tanta falta. Talvez ela também estivesse reagindo ao fato de que uma pessoa lhe dedicasse certo interesse. Ela tinha grande alegria com o poder que exercia sobre os homens, foi ficando cada vez mais consciente disso; tinha alegria por conseguir seduzir os homens. Desfrutar realmente o encontro sexual, ela não o conseguia.

Ela ainda é extraordinariamente hábil em sobrevivência e deixa que outras pessoas aproveitem seu saber relativo a isso, que participem dele. Considera-se generosa “quando as pessoas falam francamente comigo”. A frase de complexo no sentido restrito: “Você não deve achar que as pessoas são francas com você” continua a fazer efeito. Helma não consegue declarar nada sobre o que ela entende com a expressão “falam francamente comigo”. Depois de muito tempo de terapia, ela compreendeu sua frase: quando ela consegue perceber e

acolher emocionalmente as pessoas e certo vínculo com elas, então tem o sentimento de que elas são francas com ela.

Exteriormente, Helma é caracterizada como “desconfiada”. Ela controla o ambiente, quer saber exatamente qual foi a verdadeira intenção da frase que uma pessoa acabou de dizer. Ela não se vê como desconfiada, mas sim realista. Com esse plano de fundo do complexo é compreensível que ela tenha uma grande necessidade de inspecionar as situações, de controlá-las. Ela mesma chama isso — de modo imanente ao complexo — de realista, mas exteriormente pode parecer uma atitude de desconfiança. Ela guarda uma grande distância de sua mãe concreta. Mulheres com esse tipo de complexo materno originalmente negativo freqüentemente permanecem muito ligadas à mãe, deixam-se tyrarizar, jogam jogos recíprocos de poder — sempre na esperança de um dia finalmente conseguirem a vitória sobre a mãe, mesmo que seja uma vitória tardia. Helma não nutre essa “esperança”.

Como pode viver uma mulher com um complexo materno negativo tão complicado e com um complexo paterno tão ambivalente? Helma desenvolveu uma autonomia forçada e esgotou completamente o oásis no interior do âmbito do complexo, a música. Justamente a independência que ela tanto se exigiu para demonstrar seu direito à existência possibilitou-lhe formar, a partir desse oásis, alguns anos da vida que lhe abriram novas perspectivas, deram-lhe ânimo de viver. Quando essa possibilidade de compensação chegou ao fim, ela não estava tão nutrida a ponto de poder se concentrar em paz em outra esfera de sua vida. Foi inicialmente lançada de volta para si mesma, fez uma terapia, na qual se confrontou, supostamente pela primeira vez, com sua história e pôde encontrar algo mais para si, uma certa empatia consigo mesma. Ou seja, pôde encontrar mais porções da personalidade que realmente correspondiam ao seu próprio si-mesmo.

Um outro oásis em sua infância foi a literatura. Helma lia muito quando criança, embora isso também não agradasse à mãe: “Não fique lendo o tempo todo, é melhor fazer alguma coisa!” Ela lia sobretudo biografias que tinham um final feliz; ela procurava, por meio da fantasia, prósperos projetos de vida. Sempre havia portanto, embora veladamente, a esperança de uma vida com êxito. Na verdade, Helma

tinha procurado para si, desde o começo, um lugar no mundo do pai e o ampliou mais em seus estudos. Embora fosse muito talentosa, ela precisava sempre "esforçar-se bastante", pois do contrário ficava com a impressão de não ter nenhum direito à existência. Com uma marca do complexo materno originalmente negativo, não se trata simplesmente, em todos os desempenhos ou também em todo fazer no mundo, deste desempenho ou daquele fazer, trata-se sempre de conquistar um direito à existência.

MÃES SOBRECARGADAS

Como surge um complexo materno negativo

O complexo materno originalmente negativo não depende apenas da interação da criança com a mãe pessoal, mas também do campo materno total. Mães que não queriam ter filhos e posteriormente não conseguem aprová-los dão à criança pouca chance para uma boa interação.

Mães sobrecarregadas são freqüentemente pouco compreensivas na interação com a criança — sobrecarregadas porque os parceiros não assumem seu papel ou inconscientemente desvalorizam as mães e seu trabalho de relacionamento. Mães que exigem muito, que vêem a si mesmas mas não ao filho têm também dificuldades para deixar que a criança se desenvolva de acordo com sua própria natureza. Mulheres que possuem, elas mesmas, um complexo materno originalmente negativo e não se emancipam dele têm, em geral, dificuldade de realmente oferecer à criança um interesse genuíno. Também surge um complexo materno originalmente negativo quando a pessoa que educa e a criança não combinam entre si: há verdadeiras incompatibilidades entre pais e filhos. Quando é acessível na família apenas uma pessoa de relacionamento, a situação fica difícil, especialmente, então, quando as complicadas interações se agravam ainda mais, o complexo recebe uma carga cada vez mais afetiva e ambos os envolvidos têm uma aversão cada vez maior um pelo outro. Devemos considerar também como fica ainda mais árduo para a mulher encontrar sua identidade. Caso se torne mãe, querem que ela tenha encontrado repentinamente uma identidade segura como mãe e, de um momento para o

outro, ocupe positivamente esse campo feminino. A mulher com um complexo materno suficientemente positivo consegue isso. No entanto é bastante delicado o fato de que, em um sistema social, a mulher sempre seja furtivamente desvalorizada e precise então encontrar, como mãe idealizada, sua identidade total.



“Como se estivesse paralisado”

O COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE NEGATIVO NOS HOMENS

Visto que a maioria dos homens com essa marca de complexo se refugia no mundo da produção, do desempenho — que para nós continua a ser um mundo paterno, no qual eles se fazem exigências, às vezes altas exigências —, eles conseguem manipular mais facilmente essa marca de complexo, por mais complicada que ela possa ser. Especialmente se são talentosos e conseguem alcançar o sucesso no mundo paterno. Mulheres com essa marca de complexo têm uma grave problemática de identidade para superar. Quando conseguem escapar com êxito para o mundo dos pais, são particularmente prejudicadas porque desenvolvem uma identidade derivada deles. Mulheres que têm menos êxito no mundo dos pais devem lidar com seu problema de identidade.

DE DORES DE BARRIGA A UMA GRANDE ANGÚSTIA

Helmut

Um homem de quarenta e seis anos, Helmut, procurou a terapia por causa de sintomas de profunda fobia. Ele se lembra de uma imagem de sua vida, a imagem de uma experiência pela qual diz ter sempre passado: a mãe olha pela janela e chora. Está nevando. Helmut pensa que quebrou alguma coisa e é culpado pelas lágrimas da mãe. Ele também não consegue (por isso?) correr até ela e consolá-la. Está como que paralisado. Ele sempre esteve passando por essa experiência, acha que a vivenciou conscientemente pela primeira vez aos três

ou quatro anos. Relatou que mais tarde sentira ainda mais nitidamente que precisava dizer alguma coisa à mãe, que ele talvez também pudesse tocá-la. Ele conta que, no entanto, sempre teve um sentimento de culpa que conseguia fixar em toda parte e, apesar disso, em nenhuma parte; e isto o impedia de se aproximar da mãe. Ambos ficavam, então, muito infelizes.

Outra imagem:

— É um pouco antes de entrar na escola, já estou com o corte de cabelo da foto do meu primeiro dia de aula. Estou com dor de barriga, como acontece freqüentemente, mas dessa vez a dor é muito forte. Minha mãe senta-se na cama e diz: "Se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa, se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa". Eu me sentia também desamparado e tinha, além disso, a impressão de ainda torturar minha mãe com minhas dores de barriga. Eram sentimentos de tormento, de total desamparo.

Outra imagem:

— Fico horas a fio dentro do banheiro. Eu sei que só posso ir ao encontro dos outros depois de evacuar um pouco.

Os outros o haviam excluído, tinham-no deixado sozinho com sua complicada digestão. No banheiro ele se sentia sozinho, obrigado "a evacuar um pouco", concentrado em sua dor de barriga e no sentimento de não conseguir produzir algo sob ordem de alguém. Outra imagem: a irmã brinca junto à mesa e não causa problema, a irmã come feliz, está sempre vestida de branco. Ele admirava e amava sua irmã, que, no entanto, sempre foi um pouco afastada dele. Era três anos mais velha e muito menos problemática.

Ninguém tinha permissão para perturbar o pai, porque ele trabalhava duramente. Helmut mal consegue ter uma lembrança de seu pai falando com ele em sua primeira infância. Ele tinha a impressão de estar — com seus problemas físicos e sua incapacidade de consolar a própria mãe — completamente sozinho com ela. A irmã ficava à margem de sua existência como uma brilhante estrela, mas não muito real. O pai era ausente. Posteriormente Helmut soube que ele procurava desesperadamente manter um pequeno negócio à beira da falência. Helmut se lembra de uma frase que o pai lhe disse no primeiro dia de

escola: "Espero que agora você se torne mais estável, que tenha sempre alguma coisa". Helmut não entendeu a palavra "estável", mas não ousou perguntar e então perguntou à sua professora pelo significado da palavra, algumas semanas mais tarde. Ele percebeu na frase do pai uma crítica e uma pequena esperança, contudo achou surpreendente que seu pai o tivesse abordado diretamente.

Helmut descreve sua mãe como amável, insegura de si, uma mulher deprimida que vivia pelos filhos. A irmã de Helmut parece ser uma mulher discreta, independente, sem nenhum problema psicossomático.

A mãe contou mais tarde a Helmut que ele já tivera muitos problemas intestinais quando era bebê. Por causa disso, ela havia consultado médicos, parteiras e ninguém encontrava uma solução. Seus problemas intestinais deram a ela o sentimento de absolutamente não poder satisfazer essa criança.

Sua mãe, "que vivia apenas pelos filhos", na interação com o bebê que tem problemas de digestão, tornou-se cada vez mais desamparada. Esse desamparo parecia vir acompanhado de indisposições depressivas, que, por sua vez, despertam no menino o sentimento do desamparo. Desse modo desenvolveu-se um círculo de desamparo, e ambos, mãe e filho, estavam convencidos de que as pessoas não podem se ajudar e de que ambos não podem fazer nada quando alguém está passando por um momento difícil. Helmut, de qualquer modo, não foi percebido em suas necessidades, embora fosse talvez o único foco de atenção de sua mãe. Ele não recebeu a impressão de ter um direito inquestionável à existência a despeito de suas dores de barriga. Já muito cedo ele precisou expiar isso, tentando alegrar sua mãe, que obviamente não podia se alegrar. O pai era muito exigido pelo mundo exterior, não podiam recorrer a ele. E, se ele não tivesse sido tão exigido, ainda se deveria esclarecer se não se decepcionava com seu filho "pouco estável". Helmut era um aluno excelente; mais tarde, no entanto, seu pai vivia dizendo: "Pelo menos você é um bom aluno". Helmut ouvia as palavras "pelo menos" e ficava triste. Ele também gostaria de ter agradado ao pai.

O sentimento de mágoa que era predominante em Helmut, pelo menos em seus primeiros anos de vida, é ainda hoje seu sentimento de vida:

— Assim que consigo me lembrar, sinto uma pontada em algum lugar na barriga. Isso me dá o sentimento de não poder ter nenhuma confiança neste mundo, pois ele sempre nos causa alguma dor. Agora, se isto é corporal ou psíquico não tem nenhuma importância: dói do mesmo modo.

Quando criança, ele se culpava cada vez mais pelo fato de sua mãe ser tão deprimida. Ele achava que a decepcionava. Ainda hoje, conta Helmut, ele precisa dizer de modo bastante consciente, diante de pessoas desesperadas e desanimadas, que isso não pode ser uma falta sua, ou pelo menos não exclusivamente. Só quando estava com 25 anos e casado com uma mulher que precisava ser constantemente hospitalizada por causa de depressões, Helmut foi consolado pela mãe: ela disse que também tinha graves depressões quando era moça, as quais, no entanto, foram melhorando ao longo da vida. Se ela — ou o pai — tivesse dado a Helmut esta informação, eles teriam poupado ao adulto alguns sentimentos de fracasso. Helmut não foi encarado como criança, embora sua mãe o observasse minuciosamente. Assim, Helmut ainda tem “na lembrança” curvas de febre que sua mãe traçou ao longo de três anos. Ele não podia sair ao ar livre se o tempo não estivesse completamente ameno. Isso lhe proporcionava o sentimento de ser um estranho também perante as outras crianças, de não fazer parte do mundo delas. A família também lhe dava pouco o sentimento da coesão emocional, mas proporcionava apesar disso o de coesão social. Todos eles deviam permanecer juntos; sua irmã, assim ele se lembrou, brincava freqüentemente com ele, embora ela preferisse jogar com crianças de sua idade. Emocionalmente, todos se interessavam pouco uns pelos outros. No lugar do “sentimento vital oceânico” encontravam-se “dor de barriga e diarreia”; mãe e pai, além disso, transmitiram que devemos nos dominar, que o controle é importante em qualquer situação, que “devemos ter uma diretriz”. Também neste complexo havia oásis: Helmut era um aluno excelente, gostava de ler livros de aventura e tinha uma capacidade muito boa de representação espacial: ele conseguia construir com bastante engenho e se lembra que seu pai o admirava ao menos por isso. E sua relação com a irmã lhe era atraente, ele fazia tudo o que ela queria, ele a admirava e a invejava secretamente.

Contudo o oásis escolar não era uma coisa tranqüila: visto que era muito delicado, seus colegas e suas colegas caçavam dele; em

consequência disso ele tentava ser um aluno ainda melhor. Ele escrevia cada frase durante muito tempo, até que ela ficasse isenta de erros, ou então entrava em pânico porque sempre cometia novos erros em virtude do cansaço crescente. Helmut já mostrava aqui traços de compulsão. Ele então estudou com êxito na universidade e fez uma carreira extremamente bem-sucedida.

Como já mencionamos, ele se casou com uma mulher depressiva — como veio a se revelar mais tarde. Ele teve três filhos com ela, dois meninos e uma menina, com os quais tem uma relação boa, calorosa. Tudo parecia estar em ordem; na relação com a esposa ele experienciou que era às vezes inteiramente capaz de alegrá-la e que ela, por meio da confiabilidade dele, sentiu uma proteção que nunca conhecera antes. Por bastante tempo, ele não mais se sentiu desamparado com ela, como se sentia com a mãe quando criança. Mas então ele conheceu uma mulher que lhe deu a entender que o achava atraente. A isso ele inicialmente reagiu com um investimento reforçado no trabalho durante várias semanas e tentou reprimir a situação de sedução, da qual ele “felizmente escapou”. Ele escolheu, em conexão com sua estrutura de coerção, o mecanismo de defesa através de mais ordem na vida, de mais controle ainda. No entanto, isso durou apenas alguns meses, houve sempre mais situações de sedução, mais mulheres que mostravam interesse por ele, e surgiram em Helmut “fantasias eróticas”. As tentações eróticas, seja lá de quem elas partissem, ficavam cada vez mais ameaçadoras.

Se encarássemos essas situações de sedução não só como desordens mas também como expressão de um desenvolvimento, como uma chamada da vida a este homem, então poderíamos ver o despertar de uma nova qualidade *anima* em sua psique, que ele projeta sobre “mulheres sedutoras”; uma qualidade *anima* que poderia ocasionar sobretudo uma paixão erótico-sexual. Essa *anima* parece ser um pouco mais relaxada do que a imagem que ele projetava sobre sua irmã e talvez despertasse outras qualidades de vida, diferentes das proporcionadas por sua esposa.

A essa situação de sedução cada vez mais pressionadora ele reagiu com uma enfermidade cardíaca, ligada a um grande medo de ter um infarto e de morrer por causa disso. Em virtude desse medo, procurou diversos médicos.

O primeiro ataque aconteceu em uma manhã de domingo, quando ele não conseguia decidir se deveria ficar com a mulher ou ir a um jogo de golfe, onde, conforme ele sabia, "uma das tentações eróticas" o esperava. De repente, ele começou a sofrer palpitações, ansiedade, falta de ar, suou bastante e teve a sensação de que poderia morrer caso o coração parasse. O médico foi chamado.

Na perspectiva da dinâmica da psique, encontramos por trás dessa enfermidade do coração o tema do medo da separação. Helmut não se separou realmente, sua mãe insegura o manteve por muito tempo em um vínculo, mas não em uma simbiose que transmitisse uma plenitude de vida e sim em uma que exigia um retraimento amedrontado e um controle do medo, além de provocar uma nítida projeção do elemento amedrontador sobre o corpo, que devia ser sempre observado. Essa restritiva simbiose de proteção — não porque se quer manter algo de bom, mas porque se gostaria de excluir angustiadamente o que é ruim, mas com isso também excluir o mundo, declarando-o assim perigoso — oferece pouco espaço para um desenvolvimento rumo a uma autonomia. Além disso, a imagem da mãe do complexo materno foi inconscientemente transferida, de modo relativamente fácil, para a esposa; não se realizou, portanto, nenhuma separação real. Uma sedução erótica passa a ser agora um acontecimento de separação, que conduz à grande incerteza e é, além disso, agravado porque "simplesmente não se pode fazer uma coisa dessas". A perda da estabilidade em uma vida habitual, quase controlável, é experienciada como medo de morrer, projetado neste caso sobre a possível parada cardíaca. Esse medo de morte teria também um significado certo, pois finalmente Helmut iria se modificar nitidamente, caso ele se entregasse a essa sedução; o velho Helmut estaria então "morto".

A partir daí, ele procurou, sob o conselho de um de seus médicos, uma terapia que dissolvesse esse medo, conforme ele pedia.

Helmut deu a impressão de ser uma pessoa depressiva que controlava suas indisposições depressivas com um comportamento muito aceito socialmente, muito controlado, aparentemente forçado. Ele ansiava pelo complexo materno originalmente positivo. Assim ele disse:

— Posso me esforçar o tanto que eu quiser, não me sinto realmente vivo. A plenitude de vida, que eu gostaria de sentir, simplesmente não existe.

DESCONFIANÇA PRIMORDIAL E MEDO

Sumário do complexo materno originalmente negativo

As pessoas com um complexo materno originalmente negativo têm em comum o fato de acharem que são um si-mesmo ruim em um mundo ruim, que não têm nenhum direito inquestionável à existência e que são, por fim, elas mesmas, culpadas disso. Então frequentemente permanecem muito afeiçoadas, quase "coladas" na relação com a mãe ou com pessoas para as quais elas podem transferir seu complexo materno, mesmo que não continuem a ser tratadas como desejariam. Elas perseveram, pois estão sempre esperando inconscientemente a "bênção da mãe", esperam que a mãe reconheça "seu erro na desvalorização". Essas pessoas também têm o sentimento de não pertencer realmente a outras pessoas, embora se esforcem bastante para se tornar indispensáveis. A despeito de seu grande investimento, elas não alcançam o sentimento da incontestável participação, que elas almejam. Contudo, por meio disso se intensifica a expectativa, pertencente ao seu complexo, de serem novamente rejeitadas e repelidas pelos outros, de serem mal vistas, maltratadas. A partir de tal fato e com a convicção, ligada a isso, de serem um eu isolado, surgem enormes dificuldades de relacionamento. Ao invés de confiança primordial e um bom sentimento vital ligado a ela, predominam a desconfiança primordial e o medo: isso resulta em que tudo que é controlável deve também ser controlado. Essa postura de compensação é, com frequência, exteriormente interpretada e experienciada como "complexo de poder", mas é a tentativa desesperada de uma pessoa, que se sente impotente, de não soçobrar. A desconfiança primordial, associada à experiência de precisar, na infância, inspecionar minuciosamente a situação em casa a fim de poder afastar as situações demasiado perigosas ou de poder aproveitar para seu bem-estar situações mais favoráveis faz com que toda expressão emocional, toda ínfima mudança emocional de outros indivíduos chamem a atenção dessas pessoas e sejam interpretadas no sentido do complexo dominante, geralmente no

sentido da repulsa, ou sejam consideradas como rejeição, ofensa. A isso elas reagem com grande fúria, que, apesar de tudo, pelo menos expõe seu âmago emocional, mostra onde elas ainda são vivas, ou reagem com fúria contida, com agressões passivas. O trato com agressões geralmente não é bem aprendido nesse sistema também.

Associado à desconfiança primordial, encontramos também um sentimento do desamparo. Ao invés do sentimento da inquestionável participação no mundo, em tudo que o mundo oferece, em outras pessoas domina o sentimento do estar expulso, que provoca uma luta inaudita para, apesar de tudo, fazer parte disso. Geralmente o rivalizar é fortemente desenvolvido e o amar ativamente é pouco desenvolvido, mesmo que estas pessoas freqüentemente exijam de si, no âmbito das relações, muito trabalho pelos outros. O anseio por um sentimento de vida oceânico e também o anseio de poderem se entregar confiantemente à vida são grandes, mas não se podem realizar. Tanto a convicção de que se deve lutar por aquilo que falta — em uma vitalidade melhor e em mais oásis bons dentro da marca do complexo — quanto a censura permanente ao mundo de que está faltando algo, de que o indivíduo nunca será bem tratado — em uma vitalidade um pouco pior e em oásis mais escassos no complexo originalmente negativo — não proporcionam o sentimento do amor, da aceitação e da boa auto-estima pelo qual se anseia.

Então, muito freqüentemente se procura o caminho por meio do complexo paterno: tenta-se conquistar a auto-estima e o sentimento de ser digno de amor por meio do desempenho, do trabalho. Por meio do desempenho no mais amplo sentido, estas pessoas procuram ganhar um direito à existência no âmbito social.

Nos assim chamados distúrbios narcisistas, sempre se pode encontrar um complexo materno originalmente negativo, associado a um complexo paterno pouco acentuado¹. O que também chama a atenção no complexo materno originalmente negativo, além do nítido problema de auto-estima, ligado a diversas formas da problemática do medo, é quão freqüentemente se mostram no corpo os problemas de vida originados por causa disso, quão freqüentemente se encontram distúrbios psicossomáticos no mais amplo sentido.

1. Jacoby, 1985, pp. 177 ss.

Na maioria das vezes, pessoas com essa marca de complexo terão de procurar terapia, especialmente quando elas não conseguem aceitar nem deixar de desvalorizar coisas que promovem a vida. Tendo uma vez percebido quão nitidamente se identificam com a mãe, que não lhes aceita e quanto elas também são capazes de assumir esse papel diante de outras pessoas, então poderão enfrentar agressivamente as tendências destrutivas em si e tornar-se extremamente gratas à doação ou simplesmente à riqueza do mundo que elas agora sentem. Mas até aí existe um longo caminho, e, como as pessoas com essa marca de complexo se sentem primariamente culpadas de uma maneira vaga, para elas é muito difícil perceber, aceitar essa problemática identificação e lutar contra ela. Geralmente elas são capazes disso apenas quando se conseguiu fazer com que elas se tornem sensíveis à sua própria situação difícil de quando eram crianças; quando se conseguiu transmitir empatia com elas em uma situação de vida muito difícil de sua infância e lhes dar o sentimento de que não foram elas mesmas as culpadas por isso. Só então é possível, mas também necessário, descobrir onde elas se comportam identificadas com o papel de mãe, ou quando elas projetam a imagem da mãe de seu complexo materno sobre o mundo ou sobre outras pessoas com as quais convivem. De resto, é extremamente importante no âmbito da terapia que estas pessoas sejam consideradas, percebidas, que lhes seja demonstrado interesse, que sejam encorajadas a expressar variados sentimentos para descobrirem quem são elas mesmas e do que são capazes. Também é de suma importância que as estratégias de sobrevivência que elas desenvolveram sejam reconhecidas em seu valor e não sejam compreendidas apenas como compensações. Esta marca de complexo tem a tendência de prejudicar a "tudo", a toda a vida, à autopercepção inteira; o olhar para os oásis, o olhar também para outros complexos é por isso muito útil².

Realmente, a relação com mulheres seria uma possibilidade de vivificar outras imagens femininas na psique própria; mas, caso a marca de complexo seja muito acentuada, este caminho está inicialmente bloqueado, e só se espera o pior das mulheres. Se um caminho está aberto, ou quando ele se deixa abrir, são coisas que dependem

2. Cf. também Kast, 1990, pp. 87 ss., 196 s.

também de quais mulheres atuaram na infância e de quais maneiras elas permitiram outros modelos da interação, diferentes dos que foram possíveis com a mãe, e com os quais, no entanto, foram experienciáveis outras marcas de complexo — na perspectiva de um complexo materno mais sustentador. Relações amigáveis com mulheres possibilitam que esteja presente a esperança de um elemento materno sustentador e que um outro modelo do si-mesmo e do mundo seja ao menos considerado como possível, mesmo que seja “apenas” na base da fantasia, da literatura. Aqui se torna claro que na psique do ser humano sempre estão agindo forças auto-reguladoras e que a fantasia e, com isso, as possibilidades arquetípicas do materno sustentador também desempenham um papel na correção de marcas de complexo, papel este que não deveria ser subestimado.

Nesta constelação de complexo é essencialmente importante que as pessoas não esperem que alguém lhes dê o direito à existência, mas que resolvam dá-lo a si mesmas, já que simplesmente existem.



“Esmagado até virar um nada”

O COMPLEXO PATERNO ORIGINALMENTE NEGATIVO DO HOMEM

O complexo paterno negativo do homem foi excelentemente ilustrado por Franz Kafka em sua “Carta ao Pai”¹. Essa carta, por meio da qual eu gostaria de formular os aspectos típicos do complexo paterno negativo do homem, Kafka escreveu aos 36 anos de idade, cinco anos antes de sua morte, no auge de sua capacidade criativa. Ela foi escrita após o fracasso de mais uma das várias tentativas de casamento de Kafka. A carta era supostamente uma tentativa de se desligar do pai, depois de não conseguir esse desligamento por meio de um casamento.

FRANZ KAFKA

Carta ao Pai

“De qualquer maneira, éramos tão diferentes e em nossa diferença tão perigosos um para o outro, que se alguém houvesse tentado calcular de antemão como eu, a criança de desenvolvimento lento, e você, o homem amadurecido, nos suportaríamos mutuamente, ele poderia concluir que você simplesmente me esmagaria com os pés, de modo que não sobraria nada de mim. Bem, isso não aconteceu. Nada que seja vivo pode ser calculado. Mas talvez tenha acontecido algo pior. E ao dizer isto lhe pediria que não se esque-

1. Kafka, 1975.

cesse de que eu nunca, nem sequer por um único momento, acreditei que você tivesse qualquer culpa. O efeito que você tinha sobre mim era o efeito que você precisava ter. Mas você devia parar de considerar como uma maldade especial de minha parte o fato de eu ter sucumbido a esse efeito.”²

Neste trecho, é descrita a atmosfera do complexo: este sentimento de vida, de que o menino poderia a qualquer momento ser triturado pelo grande pai; de que é, portanto, absolutamente dependente dele quanto ao direito à existência e que poderia ser apagado a qualquer momento. O que aconteceu de “pior”? Há uma indicação para o fato de que viver com o receio de ser esmagado a qualquer momento pode ser pior do que o momento em que a criatura temida finalmente entra em cena. Mas, antes que esse “pior” seja descrito, o pai é tranquilizado. O filho não quer jogar a culpa no pai por essa fatalidade, mas também quer, ele mesmo, pelo menos ser eximido da culpa. “Éramos tão diferentes...” — um pensamento conciliador para uma experiência tão dolorosa.

Então Kafka também descreve algo que poderíamos chamar lembrança de complexo:

“Há apenas um episódio dos primeiros anos de que me lembro diretamente. Você deve-se lembrar também. Uma noite chorei pedindo água, certamente não por estar com sede, mas provavelmente em parte para irritar, em parte para me divertir. Depois de terem falhado diversas ameaças vigorosas, você me tirou da cama, levou-me para a sacada e me deixou lá sozinho por algum tempo, de camisola, do lado de fora da porta fechada. Não quero dizer que isso estivesse errado, talvez não houvesse realmente outra forma de obter paz e quietude naquela noite, mas pretendo caracterizar com isso seu método de educação e seu efeito sobre mim. Era indubitável que dessa vez me tornei obediente, mas à custa de um trauma íntimo. O pedido sem sentido por água, que parecia lógico, e o extraordinário terror de ser levado para fora eram duas coisas que eu, conforme minha

2. *Ib.*, p. 9.

natureza, jamais podia ligar apropriadamente. Mesmo anos depois sofri com a fantasia atormentadora de que o homenzarrão, meu pai, a última instância, viria quase sem razão nenhuma e me tiraria da cama à noite e me levaria para a sacada, e isso significava que eu era um nada para ele.

Esse foi apenas um pequeno começo, mas este sentimento de nulidade que freqüentemente toma conta de mim vem em grande parte de sua influência. O que eu precisaria era de um pouco de encorajamento, um pouco de amizade, que você me abrisse um pouco o caminho, e ao invés disso você me bloqueou, embora com a boa intenção de me fazer seguir por outra. Mas eu não estava ajustado para essa outra”³.

Essa lembrança, que possivelmente também representa outras experiências que Kafka teve com o pai, retrata um aspecto essencial de seu complexo paterno. O menino, que pelo menos ousa perturbar o sossego noturno para com isso chamar a atenção para sua pessoa e suas necessidades, é colocado para fora, desprotegido, só de camisola de dormir. Uma expressão inofensiva de vida própria traz consigo, portanto, o sentimento de que ele está distante, de que não pode mais estar junto dos outros membros da família. A criança não consegue estabelecer uma ligação entre os dois acontecimentos, a reação exagerada do pai lhe aparece como arbitrariedade. A consequência: o pai é experienciado como a “última instância”, que tem o poder de a qualquer momento transformar o filho em um “nada”, de aniquilá-lo — ou pelo menos de expô-lo a uma vergonha abissal. Kafka também descreve nitidamente como essa experiência do complexo sempre se constelou com o correr dos anos e, ainda, como ainda se transferiu para o “paterno” e também para a última instância, como um deus-pai: ele está sempre lutando com a imaginação de que uma tal última instância poderia “quase sem razão nenhuma” chegar e expulsá-lo, expô-lo à solidão e à vergonha, ao sentimento de nulidade. Após essa lembrança típica do complexo, Kafka formula do que teria necessitado: encorajamento, amizade, um caminho aberto. Mas prevaleceram as leis da “última instância”, do pai.

3. *Ib.*, p. 11.

É um aspecto essencial do complexo paterno do filho que as leis do pai prevaleçam, e, se é assim, então as leis do filho não valem mesmo. Quando o filho não consegue se rebelar contra isso — e, caso ele o faça, perde então a bênção do pai —, então ele, no extremo, desemboca no sentimento da nulidade. Este sentimento está ligado com vergonha e culpa. Esse contínuo ser-castigado deve estar vinculado a uma culpa da qual a vítima nada sabe e que, por isso, pode se supor mais atormentadora e distribuída em toda parte: daí resulta a vã tentativa — que em seu caráter vão, no entanto, não é percebida — de querer agradar “às últimas instâncias”; o indivíduo torna-se manipulável. Caso as “últimas instâncias” consigam — e essas “últimas instâncias” punidoras são muito facilmente transferidas para diversas figuras de autoridade — expulsar o filho, então este se sente aniquilado, envergonhado. Além disso, era particularmente opressora para Kafka a experiência de que as leis que seu pai lhe impunha não valiam para o pai.

“Não podíamos partir os ossos com os dentes, mas você sim. Não podíamos sorver o vinagre ruidosamente, mas você sim. A coisa principal era que o pão devia ser bem cortado; mas não importava que você o fizesse com uma faca encharcada de molho. Devia-se tomar cuidado para que não caíssem restos de comida no chão. No fim, era embaixo de sua cadeira que havia mais restos. À mesa não se podia fazer nada a não ser comer, mas você cortava e limpava as unhas, apontava lápis, limpava os ouvidos com um palito. Por favor, pai, compreenda-me corretamente: em si mesmos esses seriam detalhes absolutamente insignificantes, somente se tornaram opressores para mim porque você, a pessoa tão tremendamente autoritária, não seguia os mandamentos que impunha a mim. Desse modo, o mundo dividiu-se para mim em três partes: um em que eu, o escravo, vivia sob leis que haviam sido inventadas somente para mim e às quais eu, sem saber por quê, nunca conseguia corresponder completamente; então, um segundo mundo, infinitamente longe do meu, no qual você vivia, ocupado com a administração, com o dar ordens e com o aborrecimento de não vê-las cumpridas; e finalmente um tercei-

ro mundo em que as outras pessoas viviam felizes e livres de ordens e obediência.”⁴

O pai é experienciado como a medida de todas as coisas, que inventa leis isoladamente para o filho, a fim de elevar esse filho, é verdade, a uma posição de singularidade. Esta no entanto tem um preço alto, pois o filho, escravo de tais leis, nunca consegue cumpri-las. Com isso, o filho é impelido a um estado de solidão, a um mundo diferente do paterno, e ele está convencido de não poder satisfazer as exigências do pai nem do mundo paterno. Em todo caso, existe ainda a fantasia de que pode haver homens livres, para além das ordens e da obediência.

Um segundo aspecto do complexo negativo do filho consiste em que o filho não se sente encorajado a seguir um caminho próprio, devendo, em vez disso, seguir o caminho que o pai lhe preparou. Caso um pai conheça a natureza de seu filho, então isso pode ser menos fatídico. Contudo, quanto mais o pai tiver em vista apenas a si mesmo, quanto mais bloquear, com isso, a visão para o próprio filho, então mais fatal será o efeito desse aparente “cuidado”.

Um terceiro aspecto do complexo paterno negativo do filho — e este absolutamente me parece ser a essência do complexo originalmente negativo — consiste no fato de o filho não poder entrar em uma “relação-de-nós” com o pai, nem no sentido de uma interação feliz, em que ambos têm o sentimento de, por meio do estar juntos, surgir algo que cada um por si não poderia fazer surgir, nem no sentido da identificação.

Também em relação a isso há um trecho na carta ao pai:

“Naquele tempo, e naquele tempo em cada caso, eu teria precisado de encorajamento. Eu já era, sim, oprimido por sua mera presença física. Lembro-me, por exemplo, de como freqüentemente tirávamos a roupa na mesma cabine de banho. Eu, magro, fraco, leve, e você, forte, alto, truncado. Já na cabine, eu me sentia miserável e não somente aos seus olhos, mas aos olhos do mundo inteiro, pois você era para

4. *Ib.*, p. 17 s.

mim a medida de todas as coisas. Mas depois, quando saíamos da cabine, diante das pessoas, você me segurando pela mão, um pequeno esqueleto, trôpego, descalço, assustado com a água, incapaz de imitar os seus movimentos de natação, que você sempre me mostrava, com a melhor das intenções, mas na verdade para a minha mais profunda humilhação; então eu ficava desesperado, e nesses momentos todas as minhas más experiências em todos os âmbitos se ajustavam magnificamente”⁵.

Eis uma experiência, que normalmente contribui para a “experiência-do-nós”: trocar de roupa juntamente com o pai, ir ao encontro das outras pessoas agarrado na mão do pai. A corporeidade do adulto não é vivenciada como opressora em complexos suficientemente positivos, pelo contrário, a criança identifica-se com ela, pelo menos para o futuro. Kafka, no entanto, compara-se com o pai, acha que deveria ser como ele e novamente se sente como “nulo”, inteiramente de acordo com a predominante situação do complexo. E a apresentação dos movimentos de natação, que também poderia ser vista como algo amável, torna-se símbolo da incapacidade do filho. Este experiencia a distância em uma situação a partir da qual seria altamente possível certa “experiência-do-nós”. Neste ponto também se mostra a exigência excessiva do filho, a qual ele provavelmente já interiorizou e que é vivenciada como reivindicação própria. Isso também é um aspecto típico do complexo paterno originalmente negativo.

Kafka experiencia seu pai como muito pouco empático, como “última instância”, que exerce o poder impiedosamente.

“O que nunca pude compreender era sua falta de sentimento pelo sofrimento e pela vergonha que você podia me infligir com suas palavras e seus julgamentos. Era como se você não tivesse noção alguma de seu poder... Mas você me espancava com suas palavras sem qualquer dificuldade, ninguém lhe causava pena, nem durante nem depois, ficava-se completamente sem defesa contra você.”

5. *Ib.*, p. 12.

Um outro aspecto, o quarto, do complexo paterno originalmente negativo é o tema da exigência excessiva do filho.

“Eu estava constantemente em ignomínia; ou eu obedecia às suas ordens, o que era uma vergonha, pois elas se aplicavam, afinal, só a mim, ou era teimoso, o que também era uma vergonha, pois como poderia eu me atrever a desafiá-lo, ou eu não conseguia obedecer pois não tinha, por exemplo, sua força, seu apetite, sua habilidade, embora você exigisse isso de mim como algo natural; no entanto, era a maior de todas as vergonhas.”⁶

Aqui se mostra a exigência excessiva de uma maneira complexa: o filho é altamente exigido psicologicamente: caso obedeça às ordens, então isso é uma vergonha, pois assim ele se revela como alguém que ainda se submete às ordens do pai, e não é capaz de dar leis próprias a si mesmo. Caso ele se revolte — o que ele deveria fazer para a auto-realização — então novamente é uma vergonha, pois com o pai isso não é permitido. (“Nenhuma palavra de contradição!”) Ele está preso em leis autocontraditórias, que não lhe possibilitam encontrar a lei própria de sua vida. Além dessa alta exigência psicológica, encontra-se uma bastante sólida, cotidiana: não possuir a força do pai, o apetite do pai, a habilidade do pai... Essa enumeração nos leva a concluir que ao pai era importante ser superior ao filho, e que o filho não conseguia se distanciar dessas exigências ridículas. Isso também é típico do complexo paterno originalmente negativo: o indivíduo deveria estar sempre no nível das autoridades; quando não se está, isto é uma causa para se sentir nulo. Pois apenas quando se é como esta “última instância” tem-se a possibilidade de não mais se tornar vítima dela. Desta inconsciente tentativa de libertação — de se tornar como a última instância, o que no entanto não traria a liberdade real mas, pelo menos, a possibilidade de se emancipar dessa posição de vítima — surge uma desastrosa postura da excessiva exigência, que faz com que estas pessoas muito exigentes em relação a si mesmas devam fracassar em seus objetivos inalcançáveis e se sintam mais uma vez aniquiladas.

6. *Ib.*, p. 18.

7. *Ib.*, p. 20.

Atrás dessa alta exigência também se oculta, suplementarmente, o desejo de ser como o pai, de poder estabelecer uma experiência-do-nós e de finalmente receber, com isso, a bênção paterna. Esse desejo se torna mais premente, quanto mais o filho tem o sentimento de não ser o filho que o pai desejou para si.

No complexo paterno originalmente negativo, o filho experiencia sobretudo a dominância do pai, que é acompanhada de uma opressão do filho. Por meio disso há, entre outras coisas, uma destruição da confiança no fazer particular. Conseqüentemente, é negado ao filho seguir seu próprio caminho; o "pai" ou "um pai" sabe, em compensação, onde está o caminho certo. E apesar disso não há nenhum "sentimento-do-nós", o filho é, no geral, expulso como pessoa e, se possível, fixado como receptor de ordens. E a isso se acrescenta a exigência de finalmente agradar ao pai, de precisar ser igual a ele, para finalmente tornar-se aceito. Assim o fracasso é inevitável. Kafka ficava sem fala nessa complicada situação de exigência excessiva:

*"Sua ameaça: 'Nenhuma palavra de contradição!' e a mão erguida acompanham-me desde então. Recebi de você... uma maneira de falar hesitante, gaguejante, e até isso era demais para você, e finalmente fiquei calado, inicialmente talvez a título de desafio e depois porque eu não conseguia nem pensar nem falar na sua presença"*⁸.

Recolher-se no silêncio é uma possibilidade de se salvar nesta situação impossível, pelo menos temporariamente, mas é uma postura de dominação, que conduz a um isolamento ainda maior.

Uma outra possibilidade consistiria em procurar relacionamentos com outras pessoas. Kafka tentou isso também, no entanto, mesmo isso se lhe tornou impossível.

*"Bastava que eu mostrasse algum interesse em uma pessoa — o que de qualquer forma não acontecia com frequência, em virtude de minha natureza — para você, sem qualquer consideração por meus sentimentos ou respeito por meu julgamento, começar com insultos, calúnias e degradações."*⁹

8. *Ib.*

9. *Ib.*, p. 15.

Evidentemente não era permitido considerar também como boa uma outra pessoa. Isso possivelmente teria feito com que o pai sofresse uma redução como medida de todas as coisas, e também teria criado a prévia condição para um desligamento do pai.

Pertence ao complexo paterno originalmente negativo o fato de que o filho não é libertado para a vida, embora se experienciem, na relação entre pai e filho, tanta decepção e dor. Ou talvez precisamente por isso.

Em uma outra saída, ele se revela contudo inteiramente como filho de seu pai, assume, por assim dizer, lados de sombra:

*"A fim de me afirmar um pouco em relação a você, e também em parte por uma espécie de vingança, logo comecei a observar pequenas coisas ridículas em você, a colecioná-las e a exagerá-las. Como você, por exemplo, se deixava ofuscar facilmente por pessoas na maioria das vezes apenas aparentemente mais elevadas que você e como você insistia em falar delas, de um conselheiro imperial, por exemplo, ou algo parecido... Ou então eu observava seu gosto por locuções indecentes, proferidas com a voz mais alta possível, rindo delas como se tivesse dito algo particularmente bom, quando na verdade não passavam de indecências banais (e ao mesmo tempo isso era, no entanto, uma manifestação de sua vitalidade, que me envergonhava). Havia, é claro, muitas dessas observações; eu ficava contente com elas... para mim não era outra coisa senão um meio — e além do mais um meio inútil — de autopreservação, eram pilhérias do tipo que se fazem acerca de deuses e reis, pilhérias não apenas compatíveis com o mais profundo respeito, mas que até mesmo fazem parte dele."*¹⁰

De modo semelhante ao seu pai, que via nitidamente a fraqueza dos outros, identificando-a e criticando-a — há diversas referências a isso na carta —, o filho também via, de forma bastante nítida, os problemas do pai, sua necessidade narcisista, que o fazia idealizar

10. *Ib.*, p. 27.

“pessoas mais elevadas”, sua necessidade de locuções “indecentes”, que talvez até tivessem um cunho sexual.

Ver a fraqueza do pai e nomeá-las era uma possibilidade de se separar do pai, de não lhe conceder todo o poder sobre a própria vida. Contudo, Kafka fala de um “meio inútil de autopreservação”; o pai permaneceu, sim, como um deus ou um rei, apesar deste lado humano, demasiado humano. Portanto não foi possível que ambos pudessem, pelo menos nas fraquezas, encontrar-se em uma experiência-do-nós ou que o filho pudesse produzir, na fraqueza, esse nós, pelo menos para si mesmo. Desse modo, essas aparentes “saídas” da coação do complexo revelaram-se becos sem saída.

Podemos fazer a pergunta: qual o papel desempenhado pela mãe no lidar com o pai e o complexo paterno? Pelo fato de ser uma carta endereçada ao pai, é compreensível que a mãe apareça pouco. Ela parece ter sido uma mulher que amava o marido, dedicada a ele. Parecia equilibrar a dureza do pai com a brandura¹¹.

*“Se eu quisesse fugir de você, teria de fugir da família também, mesmo de mamãe. É verdade, sempre se podia obter proteção dela, mas apenas em relação a você. Ela o amava muito e lhe era muito devotada e leal para ser durante muito tempo uma força espiritual independente na luta da criança.”*¹²

Visto que a mãe não era uma pessoa independente, que também demonstrava, portanto, com seu exemplo que era melhor ser uma parte desse homem, o filho não encontrava nela nenhuma ajuda. Pelo contrário:

“Mamãe inconscientemente desempenhava o papel de um batedor durante uma caçada. Ainda que o método de educação empregado por você tivesse podido, em algum caso improvável, tornar-me independente por meio da produção de teima, antipatia ou mesmo ódio, então mamãe contrabalançava tudo isso de novo com a bondade, com uma conver-

11. *Ib.*, p. 36.

12. *Ib.*, p. 35.

*sa racional (no redemoinho de minha infância, ela era o protótipo da razão), com a mediação, e eu era lançado de volta para sua órbita, da qual aliás eu talvez devesse escapar, para benefício seu e meu próprio”*¹³.

É digna de nota a imagem usada aqui por Kafka: a mãe como uma batedora na caçada, e ele, por assim dizer, a caça, que é levada pela mãe até junto do pai. O filho como o caçado, para o qual parece não haver nenhuma libertação. No entanto, parece-me bastante hipotética a idéia de que ele teria conseguido, sem essa mãe compensadora, branda, libertar-se do pai por meio da teima ou do ódio. Mas isso não altera o fato de que o filho se sentia claramente na armadilha. Evidentemente, não era possível lidar com o pai.

*“Entre nós não houve uma luta verdadeira; eu logo estava esgotado; o que restou foram fuga, amargura, pesar, luta interna.”*¹⁴

EMBARAÇADO NA AUTODESVALORIZAÇÃO A dificuldade de se libertar deste complexo

Escrever era um oásis importante dentro deste complexo, que tanto determinava a vida.

“De modo mais acertado, você atingiu com sua aversão o meu escrever e tudo o que, desconhecido para você, se relacionava com isso. Aqui, de fato, eu havia me distanciado de você por meus próprios esforços, embora isso lembrasse um verme que, quando pisado no rabo, se parte no meio e se arrasta para o lado. Até certo ponto eu estava seguro de que havia uma chance de respirar; a aversão que você naturalmente logo também tivera contra o meu escrever era, excepcionalmente, bem recebida por mim. Minha vaidade, minha ambição sofriam, é verdade, com sua famosa saudação aos meus livros: ‘Coloque-o no meu criado-mudo!’ (geralmente você estava jogando cartas quando chegava

13. *Ib.*, p. 28.

14. *Ib.*, p. 39.

um livro), mas no fundo isso me deixava contente, não só por uma maldade rebelde, não só pela alegria de uma nova confirmação de minha opinião sobre nosso relacionamento, mas, muito originalmente, porque para mim essa frase soava como: 'Agora você está livre!' É claro que era uma ilusão, eu não era ou, no melhor dos casos, ainda não era livre. Meus escritos eram todos a seu respeito, ali eu chorava tudo que não pude chorar no seu peito. Era uma despedida de você que eu dilatava intencionalmente; uma despedida, é verdade, forçada por você, mas que seguiu seu curso na direção determinada por mim."¹⁵

Que Kafka tenha dado, com seu ato de escrever, a direção ao seu desligamento emprestou a este ato um significado para a conquista da autonomia bem maior do que a imagem do verme inicialmente sugerida. O escrever era um âmbito não ocupado pelo pai, onde havia, portanto, para o filho uma relativa liberdade da autoconfiguração. Que o conteúdo desses escritos se movesse em torno do que era marcado pelo pai, em torno do mundo do complexo paterno e, assim, também em torno do arquetipicamente paterno, não depõe contra uma liberação no ato de escrever. A questão seria: pode-se comprovar um processo de desligamento na obra de Kafka? Que ele precisasse escrever no âmbito deste complexo, que dominava sua vida, é psicologicamente compreensível e não significa de forma alguma que ele, filtrado por sua experiência, também não pudesse descrever experiências essenciais, gerais com o complexo paterno. Precisamente em Kafka vemos quanto uma determinada coloração do complexo, especialmente se ela é unilateral, aguça a sensibilidade para expressões dessa marca de complexo no cotidiano social. No entanto, também aqui se torna nítido quanto Kafka interiorizara o papel de pai de seu complexo paterno originalmente negativo: por um lado, ele opina sobre seus escritos do mesmo modo que teria feito seu pai — ele os desvalorizava. E, por outro lado, ele parecia absolutamente conhecer para si mesmo, e também no desejo de se afirmar perante o pai, o valor dos escritos. Portanto, ambos os pólos do complexo paterno seriam experienciáveis — pelo menos vendo exteriormente. Provavelmente, o

15. *Ib.*, pp. 50 s.

que lhe era consciente era apenas o papel do verme, que graças à criatividade podia ser posto em segurança. Não obstante, ele não conseguia se contentar realmente com seu sucesso sem a bênção do pai.

*"Minha avaliação de mim mesmo dependia mais de você do que de qualquer outra coisa como, por exemplo, de um sucesso externo."*¹⁶

Kafka tentou desesperadamente tornar-se "livre" deste complexo paterno que o dominava. Apenas o ato de escrever não bastava, ele também não recebeu a bênção do pai por isso. Assim, ele tentou segui-la por meio do casamento:

*"O casamento é, por certo, a garantia para a mais aguda auto-emancipação e independência. Eu teria uma família, em minha opinião o ponto mais elevado a que se pode chegar, e também o mais alto que você atingiu, eu seria um seu igual, todas as velhas e eternamente novas desgraças e a tirania seriam mera história... é verdade que o casamento é a maior de todas as coisas e fornece a mais honrosa independência, mas também está ao mesmo tempo na mais estreita relação com você... Contudo, sendo como somos, o casamento fica barrado para mim, por ser de seu mais exclusivo domínio"*¹⁷.

Essas intenções de casamento falham, falham necessariamente, pois o sentido do casamento não pode ser o de se mostrar igual ao pai e iniciar, com isso, um desligamento possível. A fascinação provocada pela mulher seria absolutamente uma possibilidade de experienciar lados que não são ocupados pelo complexo paterno. Realmente se trataria, neste sistema tão marcado pelo elemento patriarcal, de considerar o feminino em seu valor e também de incorporá-lo.

Emrich resume de forma concludente, em um interessante posfácio a essa "Carta ao Pai", a problemática fundamental:

"O 'si-mesmo' masculino, fundador de verdade, absoluto de Kafka não vê nenhum 'si-mesmo' absoluto, fundador de verdade, feminino

16. *Ib.*, p. 54.

17. *Ib.*, pp. 66 s.

na amada. Disso não pode surgir amor algum, que poderia romper o círculo vicioso de dominar e ser dominado, de superioridade e inferioridade...¹⁸

Neste sistema do complexo paterno, a mulher não tem nenhum lugar que lhe seja apropriado. O amor, aqui, não é possível. Aliás, Emrich acha que Kafka nessa carta não apresenta seu problema com o pai, mas que se importa em mostrar um mundo patriarcal, ou antes, o fim de um mundo patriarcal. É mostrado o deus-pai em sua função de subjugar tudo, os filhos se sacrificam em grandiosa consciência da própria culpa, sem que o sacrifício proporcione algo; a unidade entre pai e filho poderia ser entendida como uma unidade absoluta, que no entanto é inacessível. As mulheres, por fim, também não servem para estabelecer essa unidade.

Naturalmente, podemos entender essa carta também deste modo. O complexo paterno negativo, pessoal, do qual Kafka sofreu com toda a certeza encontra correspondências em um mundo patriarcal. O que era tão destrutivo na vida do indivíduo revela-se destrutivo também em sistemas baseados em dominação e subjugação. Aquele que tanto sofre de um complexo pessoal, por outro lado é tão criativo, jamais descreverá apenas o que é pessoal no complexo, irá descrevê-lo também em seu significado para a vida social e cultural.

É claro que se pode ler a carta no nível coletivo, menos como o drama pessoal de Kafka, e mais como um drama de filhos com pais que pretendem se considerar deuses e declarar seus filhos como nulidades, pelo fato de eles conseguirem manter a auto-estima apenas com muita dificuldade. No entanto, acho que também podemos entender esse texto como descrição interior de um complexo paterno originalmente negativo, com todas as consequências.

Naturalmente se pergunta por que Kafka não conseguiu se emancipar pelo menos um pouco mais desse complexo paterno. Toda a carta é marcada por uma ânsia de reconhecimento do pai, pela ânsia de amor do pai. Ele queria conquistar a bênção do pai e não conseguia aceitar que tinha de viver sem ela. Possivelmente essa fixação no complexo paterno esteja relacionada com o fato de que ambos pre-

tendiam se amar realmente, o que, no entanto, não lhes era possível por causa da imensa diferença existente entre eles. Caminhos para fora do constrangimento do complexo foram tomados; particularmente a criatividade teria sido um caminho excelente se Kafka não tivesse sempre precisado desvalorizar seu próprio trabalho, na perspectiva de seu complexo. Essa identificação com o papel de juiz, com a última instância, faz com que todo caminho viável seja, de antemão, desvalorizado. De fato, neste ponto, apenas uma maneira amorosa de lidar consigo mesmo poderia ajudar. Para tanto, a mãe possivelmente seria um modelo; mas, neste sistema, ela foi classificada como tão irrelevante, que tudo aquilo proveniente dela cai novamente na desvalorização.

Os aspectos principais do complexo paterno originalmente negativo do homem

1. O pai, os pais são vistos como representantes de uma lei vigente. A despeito de todo o esforço, os filhos permanecem um nada. Há uma relação de dominação-sujeição, não existe nenhuma relação-dos nós solidária. A participação é negada, há o sentimento de ser manipulado pelo poderoso, de ser um escravo mesmo. É facilmente possível desenvolver idéias de perseguição.
2. A fascinação pelo caminho próprio de cada um é proibida. O pai ou os pais determinam o caminho. Fantasias que se ocupam com o caminho próprio não entram em questão; exige-se uma adaptação, que, contudo, nunca é suficientemente boa.
3. Deve-se estar à altura do pai. Este fica em uma situação de rivalidade — não expressamente pronunciada — com o filho. O filho não recebe nenhum estímulo, mas é questionado por que ainda não é capaz de algo. Felicidade com o desempenho não é possível, pois o filho está sempre em descompasso com as exigências que lhe são impostas. Tudo se passa como se a participação que é negada no nível emocional pudesse ser oferecida no nível do desempenho. Mas isso é uma ilusão, um logro. Não é possível conquistar essa participação, pois o filho nunca consegue satisfazer as exigências do pai, ele se sente culpado e envergonhado. Se

18. Emrich in Kafka, 1975, pp. 75 s.

ele, no entanto, conseguisse satisfazer ou até mesmo superar as exigências do pai, ele também não receberia o reconhecimento, pois o pai apresentaria a próxima tarefa "insolúvel".

4. Os sentimentos de culpa e de vergonha são os sentimentos predominantes desta constelação de complexo, ligado a eles está o sentimento da nulidade. Estes provocam um mutismo, associado à ânsia por vingança e destruição. Procura-se ainda, de uma forma mais progressiva, estar à altura do pai, para finalmente suplantá-los esses sentimentos de culpa e vergonha. Desse modo, a situação fica sem saída, pois o indivíduo luta pelo reconhecimento de uma pessoa, e este não é recebido, ou pelo menos não da maneira desejada. Enquanto lutar para conseguir o reconhecimento de um dos pais, o indivíduo ficará em sua esfera de influência. Não se deveria sacrificar o significado de si mesmo, nem a vida particular, mas sim a necessidade de aceitação paterna. Devemos dar a nós mesmos o direito à existência.

Homens com um complexo paterno originalmente negativo possuem uma grande necessidade que os outros homens o reconheçam. Caso eles recebam o reconhecimento, então desconfiam dele, o reconhecimento é desvalorizado. O rivalizar a qualquer preço também pertence ao complexo paterno originalmente negativo e é até mesmo um indicio de que o filho não foi completamente destruído em seu sentimento de auto-estima, mas tampouco incentivado. Essa rivalidade é experienciada de modo bastante dolorido, pois, no fundo de sua alma, quem está rivalizando sabe que deve e irá se submeter. Isso tem a ver, por um lado, com o fato de que a reprovadora instância paterna do complexo está interiorizada há muito tempo e se tornou uma parte inconsciente do complexo do eu. Por outro lado, esses homens não podem ganhar, pois então certamente iriam perder a bênção do pai, pela qual esperam irracionalmente. A maneira exigente de lidarem consigo mesmos, o desvalorizar e o criticar a si mesmos são também um comportamento que eles trazem para as relações. Do mesmo modo como são duros e exigentes consigo mesmos, eles o são em relação aos outros. Da mesma maneira como não conseguem, em última análise, reconhecer o que fizeram, eles também não conseguem reconhecer o desempenho de outras pessoas. O sentimento vital dessas pes-

soas é um sentimento extremamente fatigado, sem que elas possam desfrutar seu sucesso. De algum modo, estão correndo, com a língua para fora, atrás de um espectro, um espectro como elas deveriam ser (aos olhos do pai) e como nunca poderão ser.

Como em qualquer outro complexo dominante, trata-se de conscientemente perceber em si mesmo ambos os pólos do complexo. Sobretudo o interiorizado papel de pai do complexo paterno deve ser percebido e também colocado dentro de seus devidos limites. Frases como: "Todos os outros são ótimos, eu sou um nada" devem ser relacionadas à sua origem de complexo, revisadas e, se necessário, temporariamente proibidas.

A busca pelo caminho próprio — sem a bênção do pai — é algo prioritário. Essa busca pressupõe que se sacrifique a idéia de ser tão bem-sucedido quanto o pai ou mais bem-sucedido que ele. Quando se deixa a rivalidade, então as esferas vitais tornam-se visíveis e "habitáveis", esferas que junto ao pai foram evitadas. São elas, de modo muito particular, os espaços da *anima*.



“No fundo, não valho nada”

O COMPLEXO PATERNO ORIGINALMENTE NEGATIVO NA MULHER

Conforme o tipo de pai, o complexo paterno originalmente negativo revela-se em diversos âmbitos da vida da mulher.

“JÁ SEI QUE VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR ISSO”

Karin

Uma mulher de 23 anos, Karin, trabalha em um banco, em um alto posto. Tem qualificações extraordinariamente boas e já tem um histórico de ascensão considerável. No entanto, ela se sente constantemente cansada, desanimada e sofre de muitas infecções banais. Seu médico de família havia lhe recomendado psicoterapia, pois ele achava que algo não estava certo em sua “resistência”, e que isso não podia estar condicionado apenas fisicamente. Ela parece ser enérgica, engenhosa, sabe o que quer, tem um passo firme, nunca diz uma palavra a mais, mas também jamais uma a menos. Ela chora muito rápido, é um choro dorido. Sua face se contorce inicialmente ainda sem ruído algum, e então vem um som baixo, magoado: tudo se passa como se seu impulso para chorar e a proibição de chorar fossem igualmente intensos e, a um só tempo, eficazes. Ela se julga com facilidade:

— No fundo, não valho nada, é que ninguém descobriu isso ainda. Nunca encontro a decisão necessária que alguém precisa para uma posição de dianteira. Eu simplesmente consigo tudo porque sou mais aplicada que os outros. Substituo talentos que não possuo por diligência. Foi o que me ensinaram em casa, e isso também está certo.

Karin tem pretensões muito altas, que precisa realizar. Caso não realize essas normas e valores, ela então é um nada, perde, assim, sua identidade. Mas, mesmo quando satisfaz as pesadas exigências, isso de nada adianta, pois de acordo com sua maneira de ver ocorre um mero erro quando os outros lhe afirmam que seu desempenho é bom. Karin é muito dura e exigente com as outras pessoas. Desse modo, ela também critica muito arduamente seu chefe. Se as pessoas ao seu redor não satisfazem as exigências, então elas também são um "nada", não há desculpas e nenhuma possibilidade de perdão. Ela possui um olho muito crítico: "Neste ponto eu sou muito semelhante a meu pai". Não possui apenas um olho crítico, sua vida também está, como um todo, sob a mira de um olho crítico. Tudo que ela faz é examinado criticamente. Existe algo como um olhar absolutamente crítico, diante do qual ela deve se afirmar: o olho de Deus, mas não no sentido de um olho benevolente, amável. Então, ela se sente constantemente culpada, tem a impressão de basicamente jogar mais culpa em si do que fazem as outras pessoas. Ela se lembra que seu pai vivia dizendo:

— Algumas poucas leis devem ser respeitadas, do contrário você não é minha filha, mas eu já sei (e aqui ele costumava suspirar) que você não vai conseguir fazer isso.

Ela tenta desesperadamente se mostrar à altura dessas exigências, com a mais profunda convicção de que nunca conseguirá isso, e com a desatinada esperança de talvez conseguir.

Também em sua vida há oásis: é muito talentosa manualmente, trabalha no tempo livre com argila, desde os 18 anos. Sempre lhe sugerem fazer uma exposição com seus objetos de bela forma, muito pessoais. Se começa a organizar algum prospecto, ela logo cancela todos os acordos: suas coisas jamais poderiam se sustentar diante dos olhos de outras pessoas.

Ela se caracteriza como "emocionalmente sozinha". "Não pertencço a ninguém, e também nunca pertenci a ninguém." Em um desenho da família de sua infância, ela pintou seus pais e irmãos em uma folha, e cada membro da família ficou com um canto, mas pintou a si mesma no verso da folha. Com isso se torna claro que ela não toma parte da família realmente e que para ela o princípio da participação não existe. Não tem nenhum relacionamento estreito; naturalmente ela cultiva o

contato com alguns colegas e algumas colegas, mas, no fundo, também não tem tempo para o "cultivo de relações" e, de resto, acha desinteressantes os homens e as mulheres de sua idade. Quando vai a alguma festa, logo fica sozinha. Ela se sente "excluída" em seu local de trabalho também, como se sente sempre excluída por mim na situação terapêutica. Só muito tempo depois, no decorrer da terapia, ela ficou consciente de quanto, ela mesma, tem a tendência de excluir as pessoas. No trabalho ela era considerada a instância moral, crítica, intelectual, seus colegas e suas colegas se sentiam "criticados, tão logo eu aparecia".

"VOCÊ NUNCA SERÁ UMA MULHER DE VERDADE"

O plano de fundo desta constelação de complexo

A mãe vivia empregando a seguinte frase: "Eu não me envolvo com isso. Seu pai tem a última palavra". Karin foi a primogênita, seus pais ficaram decepcionados, eles esperavam um menino. Apesar disso ela ficou muito próxima do pai, mesmo quando ele ainda ganhou seu primeiro filho. O pai fazia questão de decência. Quando tinha 6 anos, ela uma vez havia roubado 20 *rappen**. E o pai ainda dizia para a garota de 14 anos: "Decência é a coisa mais importante na vida, mas é provável que você não alcance isso". Karin estava convencida de que ele ainda pensava nos 20 *rappen*, mas ela não perguntava por isso. O desempenho escolar era muito importante para o pai. Como era uma excelente aluna, isso a ajudou a "manter a posição especial junto a meu pai". O pai mesmo nunca tinha ido muito longe nos estudos. Apesar de uma nota esplêndida da filha para uma possível passagem para o colegial, o pai insistiu que não era boa o suficiente, que, ela, portanto não era aluna para o colegial. O professor não conseguiu fazê-lo mudar de idéia. Ela não entrou para o colégio. Naquela época, ela sentiu essa decisão como um sinal de como seu pai levava a sério os "deveres de pai". Só aos poucos ela foi secretamente guardando rancor contra ele. Ela conta:

— Ele controlou as tarefas de escola, o material de leitura, as amigas, a roupa... Eu gostaria tanto de ter ouvido que ele sente orgulho de mim, eu sempre teria prazer em ouvir que ele sente orgulho de

* Moeda suíça (N. do T.).

mim, que eu lhe agrado, não como mulher, mas sim do modo como eu 'faço boa figura na vida profissional'.

Contudo, também lhe ocorre que talvez seja absolutamente impossível para seu pai aceitá-la, pois no fundo ela foi muito mais longe que ele. Lembra-se de que ele, de fato, sempre exigiu que ela trouxesse as melhores notas para casa, mas recorda que, ao mesmo tempo, ele sempre dizia que, na vida, as notas escolares nada significavam. Também ela precisa renunciar à bênção do pai.

Ela é capaz de revisar seu desejo de reconhecimento paterno; se necessário, ela poderia renunciar a esse reconhecimento, mas gostaria de não se sentir mais tão desassossegada, nem de estar na obrigação constante de ser reconhecida por alguém. Ela compreendia que havia estendido sua ânsia por reconhecimento, especialmente em sua vida profissional, para outras pessoas, que podem entrar no lugar do pai. Ela ansiava agora por um sentimento vital do simples direito de ser. É típico para uma mulher com esse complexo paterno originalmente negativo o fato de ela poder renunciar mais facilmente ao reconhecimento do pai ou dos pais, porque há um aspecto do si-mesmo feminino que este complexo não pode cobrir. Ela não perde sua identidade caso não ganhe o reconhecimento do pai, pelo contrário, ela é então obrigada a repensar em sua identidade fora do que é marcado pelo pai.

Quando esse processo se instalou, ela primeiro desenvolveu uma grande fúria contra sua mãe, "que a entregara para o pai". Tornou-se cada vez mais forte para ela a idéia de que a mãe gerou a primeira criança para o pai e a deu para ele, podendo manter os outros filhos tranqüilamente consigo; eles eram, ambos, completamente diferentes dela mesma, ela conta. Karin também se sente muito diferente de sua mãe e supõe que talvez tenham sido sempre diferentes. Aos poucos foram surgindo imagens — especialmente em sonhos — de mulheres maternas, com as quais ela encontra proteção, junto das quais gosta de ficar; e ela também encontra experiências com a mãe que mostram que esta não a entregou apenas para o pai.

O pai de Karin provavelmente era um pai com complexo paterno, para o qual o cumprimento do dever estava em primeiro plano. Por este motivo, também é típico que Karin inicialmente pusesse o mundo

profissional em primeiro plano: no âmbito da produção, ela tentou provar ao pai que era uma filha digna; neste âmbito também se mostrou, por fim, sua excessiva exigência consigo mesma.

Helen

Uma mulher de 26 anos conta sobre sua decepção com o pai:

— Quando eu tinha 11 anos, meu pai disse pela primeira vez que não sabia se eu seria uma mulher de verdade. E sempre continuou a dizer isso. Tentei descobrir o que era uma mulher de verdade para meu pai. Certa vez, ele me mostrou uma mulher bem maquiada, com uma ótima silhueta e um grande decote. Quando completei 13 anos, ele achou que eu precisava, então, finalmente ganhar "formas", e novamente apareceu a afirmação de que certamente eu não seria uma autêntica mulher. Então tentei me vestir com elegância para agradar a meu pai. É que para mim ele era importante, eu queria lhe agradar, mesmo que eu não fosse capaz disto. Quando comecei a ter um pouco de peito, eu também vesti um grande decote. Daí ele disse: "Você vai virar uma puta". Eu consegui pôr na cabeça que simplesmente nada estava certo. Até aproximadamente os 20 anos, eu tentei de tudo para lhe agradar. Simplesmente não consegui. Hoje diria que era culpada se o seduzisse, mas também que era culpada se não o seduzisse. E também tentei com outros homens jovens, mas de algum modo sempre tinha a sensação de que absolutamente não prestavam atenção em mim. Então encontrei uma mulher e com ela aprendi a descobrir que espécie de mulher eu sou, quais facetas possuo como mulher. O que hoje ainda não entendo é como pude considerar tanto assim meu pai como centro de minha vida. Com minha mãe está tudo em ordem, ela tentou também me dizer de diversas maneiras que estava tudo bem comigo como garota. Mas, em última análise, ela jogou o mesmo jogo: também queria agradar a meu pai e não conseguiu. Sempre expressar descontentamentos, isso dá um poder incrível.

O complexo paterno provocado por este pai foi eficaz no nível da aparência exterior como mulher; o tema de ser "uma mulher de verdade", ou justamente de não ser nenhuma mulher de verdade, mas também o medo de precisar se adaptar completamente a um homem

e perder a si mesma nisto, sem absolutamente ganhar algo em troca, eram temas centrais para Helen. No âmbito profissional, esse complexo paterno não foi eficaz, contudo influenciou nitidamente sua relação com parceiros masculinos.

Sem que tivessem sido concretamente violentadas, ambas as mulheres foram, contudo, violentadas no desenvolvimento do si-mesmo feminino. As leis do pai valiam, e não a lei vital própria da filha; ambas as mulheres tiveram o caminho predeterminado pelo pai, elas não tiveram o direito de escolhê-lo por conta própria. Ambas percorreram o caminho em uma grande incondicionalidade, sempre na esperança de aceitação, da bênção do pai. Helen, que tinha uma relação melhor com a mãe, pôde renunciar a essa bênção muito mais cedo que Karin. As filhas não puderam estabelecer com o pai nenhuma "experiência-do-nós". A exigência excessiva das filhas também consiste no fato de elas precisarem produzir um nós por meio do desempenho, no qual absolutamente não se pode produzir nós algum. Sua verdadeira identidade não é, contudo, questionada por meio disso; a improdutiva luta por reconhecimento faz com que as mulheres pressintam mais cedo ou mais tarde que ainda deve haver outra forma de vida para elas. Desperta o anseio por uma verdadeira participação. Elas sentem que não podem satisfazer a ânsia por um sentimento de vida oceânico por meio destes pais que, estão bastante empenhados em simplesmente não deixar suas filhas "crescerem", "tornarem-se maiores" que eles.

Os pais que negam tão claramente a "experiência-do-nós" às filhas fazem com que elas procurem para si algum espaço de vida fora desse complexo paterno. A situação torna-se mais problemática nos complexos paternos que são menos explícitos na restrição da auto-realização da filha: existe menos, então, a necessidade de se desligar destes complexos, o que, por sua vez, faz com que estas mulheres facilmente assumam posições de filhas, e sejam também um pouco elogiadas por isso, mas que no fim das contas não sejam levadas a sério. Outra consequência é que levam uma vida tal que passam a se esforçar para não sobressair em relação aos pais e posteriormente aos homens. Elas, por assim dizer, sempre enfiam a cabeça no buraco, o que significa, no entanto, que sempre são culpadas por si mesmas, sem que este sentimento de vida torne absolutamente necessário procurar de modo consequente e resolutivo o si-mesmo próprio e a forma de vida associada a isso.

Ocupação do território no país desconhecido

CONCLUSÕES

Apenas a minoria das pessoas é tão unilateralmente marcada por um complexo, enquanto a outra parte do complexo paterno ou materno seria tão pouco acentuada, como se descreveu neste livro. Devem-se compreender estas descrições de complexos como tijolos por meio dos quais, então, se torna possível entender melhor a paisagem de complexo de uma pessoa individual. Pode-se conceber qualquer maneira de composição de complexos materno e paterno. E apesar disso: mesmo em pessoas que possuem uma estrutura de complexos materno e paterno relativamente equilibrada, há épocas na vida em que determinadas porções do complexo se tornam mais consteladas, fazem efeito. Desse modo, a pergunta relevante é menos esta: eu tenho um complexo materno originalmente positivo?, do que esta: onde tenho meu complexo materno originalmente positivo, quando ele se constela e como essa experiência afeta minha experiência a respeito de mim mesmo e de meus relacionamentos? Ou ainda: quando em minha vida o complexo paterno se constela, que tipo de complexo é este? Quais frases do complexo são reativadas? Devo reagir complexadamente, como sempre fiz, ou posso reagir de maneira diferente?

Caso tenham faltado as pessoas concretas de relacionamentos, então, via de regra, elas são substituídas, na formação dos complexos. Os complexos são postos pelos pais e pelas mães sociais apenas primariamente. Se os pais não estão presentes, os complexos paternos são provocados por outras pessoas masculinas de relacionamentos;

eles então possuem a característica de geralmente ser adquiridos na interação com diversos "pais", fato que, por um lado, torna visíveis no complexo paterno mais facetas diferentes. E, por outro, torna o indivíduo suscetível a aspectos coletivos do complexo paterno, àquilo que vale como paterno e arquetipicamente paterno em uma determinada época. O desligamento, então, me parece ainda mais difícil porque mal existem as frases de complexo no sentido restrito, que geralmente se mostram, sem dúvida, como algo "pesado"; estes homens têm, pois, a impressão de que não é necessário nenhum desligamento. De fato, é também mais difícil libertar-se de fantasias que, além de tudo, são inconscientes do que de pessoas concretas com as quais nos relacionamos. Contudo, sempre estão associadas a nossos complexos muitas fantasias — pessoais e arquetípicas —, mesmo que estejam presentes as pessoas que têm parte nestas marcas de complexos. Ao refletir sobre nossos próprios complexos paterno e materno notaremos que, por exemplo, no comportamento da mãe havia também muito de "complexo paterno". Neste processo sempre se pode descobrir ainda se ela permaneceu a filha do papai, ou se ela se identificava amplamente com o pai de seu complexo paterno; descobrir se predominava uma fixação no complexo, ou apenas uma ênfase do complexo. Uma fixação no complexo significa que o complexo do eu não se emancipou do complexo paterno de modo apropriado à idade ou possivelmente apenas em determinadas esferas da vida, de modo que marcas inteiras do complexo são repassadas. Mães com fixações no complexo repassam suas próprias experiências que tiveram com o complexo praticamente intactas — alteradas talvez apenas pelo espírito da época.

Neste contexto é também necessário considerar que há algo como "complexos coletivos", os quais também nos influenciam em nossas marcas de complexo. Visto que em nossa sociedade androcêntrica muita coisa pertencente ao complexo paterno é experienciada como "normal" ou absolutamente apresentada como valiosa e o que pertence ao complexo materno é encarado como algo irrelevante e sempre subliminarmente desvalorizado, nossa estrutura pessoal de complexo é suplementarmente envolvida por um complexo paterno coletivo. Isso, pelo menos para as mulheres, é um complexo paterno negativo, no sentido de que, por meio desse complexo coletivo, elas não são promovidas em sua essência própria, não são estimuladas a encontrar sua

individualidade particular. Para o homem seria um complexo paterno que lhe permite ficar na posição de filho e se excluir de um desenvolvimento necessário. A idealização superficial e a profunda desvalorização de todas as esferas da vida relacionadas com o complexo materno originalmente positivo fazem com que um complexo materno absolutamente positivo também seja ensombrado por um complexo materno coletivo desvalorizado. Para as mulheres, isso significa que elas facilmente têm, por um lado, o sentimento de se aprovarem completamente como mulher, no que diz respeito à experiência e ao julgamento disso, mas, por outro, o de se confrontarem com uma corrente coletiva da dúvida sobre a identidade feminina, com uma latente desvalorização do ser-mulher. Atualmente, há como reação contra isso uma ânsia que impulsiona bastante as mulheres: uma ânsia por definir e afirmar a identidade feminina e reclamar seu valor original.

A PRONTIDÃO PARA NASCER DE NOVO

Em conexão com os complexos paterno e materno pessoais, a necessidade do desligamento apropriado à idade é essencial. Muitos problemas, pessoais ou do âmbito privado das relações, ou problemas no campo político têm a ver com o fato de que não são empreendidos desligamentos necessários. Com isso não se quer dizer que poderíamos nos libertar totalmente dos complexos materno e paterno, mas é possível lidar com os aspectos que na vida nos aparecem como "as mesmas dificuldades de sempre". E também devemos particularmente observar quão frequentemente nos identificamos com a parte materna ou paterna de nossos complexos sem "saber" disso. Se nos libertamos muito pouco, então levamos a vida sob os mesmos temores de sempre e sempre, com as expectativas semelhantes, as quais de algum modo passam ao largo da realidade; eventualmente construímos gigantescas estruturas de compensação, nas quais investimos muito tempo de nossa vida e que, no fim, nos deixam insatisfeitos. Possivelmente até temos vagos sentimentos de culpa nisso, e com razão, pois não somos nós mesmos, não nos tornamos cada vez mais nós mesmos — em um processo contínuo de desenvolvimento —, pelo contrário, permanecemos sendo aquilo que, sob a "proteção" de nossos complexos, não somos realmente. Perder a si mesmo na vida é certamente uma grande

culpa — via de regra, nosso inconsciente reage a isso. Poderíamos ver todo o processo de vida, como Fromm o sugere¹, como um processo de nascimento, cada etapa da vida devendo, portanto, ser provisoriamente observada com o objetivo de “nascermos antes de morreremos”.

Essa prontidão para nascer de novo seria a prontidão para sempre questionar os hábitos que resultam das marcas de complexos, das quais já ficamos íntimos; mas isso também significa abandonar certezas. Para tanto é preciso coragem de ser diferente de outras pessoas, coragem de se separar e se envolver novamente. A temática do desligamento, nos complexos paterno e materno, é igualmente uma problemática da separação, na qual deixamos para trás diversas esferas da vida ou pelo menos as levamos conosco apenas em uma forma modificada. Trata-se de ocupar o território “em um país desconhecido”, e nessa ocupação de território podemos confiar apenas em nossos próprios sentimentos, no próprio pensamento, nos próprios sonhos e na capacidade própria de sempre estabelecermos novas relações com as pessoas. Para isso, uma decisão frequentemente se faz necessária: simplesmente confiar uma vez nos próprios sentimentos, no próprio pensamento, mesmo quando não se está resolvido se são realmente certos — em todo caso, serão mais certos para nós mesmos que os pensamentos e os sentimentos das outras pessoas.

O objetivo do processo de desligamento seria o de nos colocarmos na vida de tal modo que se possa, sim, notar inteiramente nossa marca de complexo, mas também de tal maneira que tenhamos aprendido a perceber nossas próprias frases — em vez das frases da mãe e do pai —, nossos próprios sentimentos diante de uma determinada situação, em vez de sentimentos resultantes dos complexos. Esses últimos, podemos reconhecê-los no fato de que foram sempre fatalmente semelhantes e ainda continuam se assemelhando. Devemos sobretudo aprender a seriamente dizer “eu”, dizer realmente, pelo menos de vez em quando. E também devemos ter a intenção disso, em vez de desaparecermos em um “as pessoas”, que é tão nitidamente o aspecto coletivo do complexo.

Então também nos será possível ver em nosso próximo um tu, com o qual podemos estabelecer relação, cuja riqueza podemos deixar

1. Fromm, 1959, parágrafos 53, 54.

agir sobre nós porque não estaremos simplesmente projetando aspectos de nossos complexos e vendo-os satisfeitos ali, nem desejando ter confirmadas nossas expectativas ruins.

No nível político, as pessoas que se desligaram o suficiente dos complexos materno e paterno perceberiam melhor a responsabilidade própria, não esperariam que a mãe ou o pai fizesse finalmente alguma coisa para, logo em seguida, criticá-los por isso. Eu poderia imaginar então que os políticos, homens e mulheres, seriam vistos antes em uma posição de irmãos do que como indivíduos que estão nisto, justamente agora, para planejar e organizar em grande escala a vida em comum e que podem ser novamente desligados dos outros. E, se não forem identificados com os complexos paterno e materno, os políticos podem se ver também mais em uma posição “fraterna”. É um processo duro o libertar-se; o princípio de responsabilidade daí resultante também é duro: o ganho, no entanto, é que passamos a ter o sentimento de estar vivendo nossa própria vida. Isso resulta em uma experiência de autenticidade, de boa auto-estima e em uma certeza de sentido. O que significa, por sua vez, que nos colocamos com mais energia na vida e somos pessoas interessantes.

PRINCÍPIO DE DESEMPENHO PRINCÍPIO DE PARTICIPAÇÃO

Para concluir, eu gostaria ainda de abordar o tema de uma perspectiva coletiva:

Haerlin² distingue o eu-da-participação do eu-do-desempenho, e ele vê nossa atual problemática e desgraça no fato de apostarmos tanto no eu-do-desempenho e tão pouco no eu-da-participação. “No beco sem saída em que atola nosso sistema do desempenho, surgiu um anseio por uma consciência participante.”³ Ao sistema desempenho pertencem as “atividades exequíveis e o mundo feito... Tudo que é dado por si mesmo (*Selbstgegeben*) é atribuído ao sistema participa-

2. Haerlin, 1987, pp. 12 s.

3. *Ib.*, p. 10.

ção⁴. Neste sistema, ele cita a respiração, o sono, os sonhos. Disso faz parte nosso eu, isso não é exequível.

O eu participante possui um sentimento fundamental do direito à existência. E, em virtude disso, considera legítimo participar de tudo no mundo, mas ele também se compreende como parte do todo. Nisso, o mundo é imenso, ele pode ser, para este eu, absolutamente ampliado em algo transpessoal (*Transpersonale*). O eu-da-participação seria, portanto, segundo minha terminologia, um eu certo de que é sustentado predominantemente pelo complexo materno originalmente positivo e que, por isso, também consegue se entregar à "vida". De acordo com Haerlin⁵, o eu que se considera ruim — e isso na minha terminologia é expressão para um complexo materno ou paterno originalmente negativo — não sente nenhum direito à existência. "Quando ser não é bom, então bom deve ser o desempenho."⁶ Desse modo, a partir do sentimento de não ser um bom eu, de não ser um bom si-mesmo, surge uma pessoa que deve estar sempre provando que tem um direito à existência por meio da produção de um trabalho. O rendimento então não resulta da alegria com uma atividade, pelo contrário, ele deve resultar de uma obrigação interna, e deve sempre ser visível, mensurável, comparável com os rendimentos de outras pessoas. Em conexão com isso estão as diversas formas de desvalorização dos desempenhos alheios — em última análise, não se trata do desempenho, do trabalho, mas sim do direito à existência, que o indivíduo julga ser evidentemente melhor, quando ele-sobressai em relação aos outros. Associadas a isso temos também as estratégias de como as pessoas procuram reduzir a auto-estima dos outros e, assim, provocar um enfraquecimento da energia de todos. Eis a conclusão tirada por Haerlin: "A crise da consciência participante é a crise do feminino e do mundo percebido de forma feminina. A consciência do desempenho é a história do sem-mãe, do não-feminino"⁷.

Haerlin diagnostica, com outras palavras, nosso mundo como um mundo do complexo paterno, no qual prevalece uma insegurança funda-

mental, resultante da desvalorização do mundo do complexo materno com o sempre exigido desligamento apenas deste mundo. O mundo do complexo paterno é aquele que leva a nossas estratégias de desempenho e exigência excessiva, que não nos permite ser uma pessoa completa e conduz a um comportamento muito problemático no nível das relações, mas também na relação de cada um consigo mesmo e com o mundo.

Há um anseio coletivo pelo mundo do complexo materno positivo, pelo mundo da participação, por "*anima*". Esse anseio é bastante nítido particularmente entre as mulheres. Esse mundo continua sendo desvalorizado, é denominado "perigoso, ameaçador, devorador, caótico" — e sejam lá quais forem as metáforas do medo que são postas em conexão com isso. Em contrapartida, ao mundo do complexo paterno são atestadas, por exemplo, libertação, ordem, clareza. Devemos fugir dessas prescrições que estabelecem o sistema de domínio reinante e que se fecham no entanto a âmbitos inteiros da vida, importantes para o bem-estar das pessoas.

Espero ter mostrado que toda marca de complexo traz no bojo seus problemas e suas possibilidades de vida e que o complexo do eu deve estar sempre se libertando de toda marca do complexo, o que sempre corresponde a passos de novas separações e novos vínculos, que devem ser assumidos.

O anseio coletivo pelo complexo materno originalmente positivo deve ser levado muito a sério e não simplesmente entendido como um anseio pelo paraíso que deveria então ser imediatamente rejeitado como ilusão. Seria melhor entendê-lo como um anseio pelas esferas e sentimentos de vida multifacetados, que também possuem sua legitimidade e uma grande significância.

4. *Ib.*5. *Ib.*, p. 13.6. *Ib.*7. *Ib.*, p. 30.

Bibliografia

- ALSTON, Toni M., Mamas kleines Mädchen. In: *Psyche* 42 (6), 1988, pp. 471--501.
- BACHMANN, Ingeborg, *Drei Wege zum See*, IB Werke, vol. 12, Piper, Munique, 1978.
- BERNARDONI, Claudia/WERDER, Vera, "Erfolg statt Karriere". In: BERNARDONI/WERDER (orgs.), *Ohne Seil und Haken. Frauen auf dem Weg nach Oben*, K. G. Sauter-Verlag, Munique, 1990.
- BLOS, Peter, "Freud und der Vaterkomplex", *Journal des PSA-Seminars*, Zürich 5, 1987, pp. 39-45.
- BOVENSIEPEN, Gustav, "Väter - Fragen nach der Identität". In: *Zeitschrift für Analytische Psychologie* 18, (1) 1987, pp. 49-59.
- BURKERT, Walter, *Anike Mysterien*, Beck, Munique, 1990.
- CHODOROW, Nancy, *Das Erbe der Mütter*, Frauenoffensive, Munique, 1985.
- COLMAN, Arthur and Libby, *The Father. Mythology and chancing Roles*, Chiron, Wilmette Illinois, 1988.
- DIECKMANN, Hans, *Komplexe, Diagnostik und Therapie in der analytischen Psychologie*, Springer, Berlin, 1991.
- ENKE, Helmut, "Beziehung im Fokus. Die ozeanische Beziehung". In: *Lindauer Texte*, Springer, Berlin, 1993.
- ERIKSON, Erik H., *Identität und Lebenszyklus*, Suhrkamp, Frankfurt a.M., 1971.
- FLAAKE, Karin, "Erst der männliche Blick macht attraktiv". In: *Psychologie heute*, n. 11, 1989.
- FLAAKE, Karin/KING, Vera (orgs.), *Weibliche Adoleszenz. Zur Sozialisation junger Frauen*, Campus, Frankfurt a.M., 1992.
- FRANZ, Marie-Louise von, *The Problem of the Puer Aeternus*, Spring Publications, Nova York, 1970.

- _____, *Der ewige Jüngling*, Kösel, Munique, 1987.
- FREUD, Sigmund, *Die Traumdeutung*, Studienausgabe Vol. II, Fischer, Frankfurt a.M., 1972.
- FROMM, Erich (1959), "Der Kreative Mensch". In: *Gesamtausgabe*, vol. 9, dtv, Munique, 1989.
- GIDION, Heidi, *Und ich soll immer alles verstehen. Auf den Spuren von Müttern und Töchtern*, Herder Frauenforum, Friburgo i.Br., 1988.
- GIERA-KRAPP, Margitta, "Konstellationen des gut-bösen Mutterarchetyps bei der Behandlung früher Störungen". In: *Zeitschrift für Analytische Psychologie*, 19 (1), 1988, pp. 26-48.
- GILLIGAN, Carol, *Die Andere Stimme. Lebenskonflikte und Moral der Frau*, Piper, Munique, 1984.
- GRIMAL, Pierre (org.), *Mythen der Völker*, Frankfurt a.M., 1967.
- HAERLIN, Peter (org.) *Wie von selbst. Vom Leistungszwang zur Mühelosigkeit*, Quadriga, Weinheim, Berlin, 1987.
- HÄRTLING, Peter (org.): *Die Väter. Berichte und Geschichten*, Fischer TB, Frankfurt a.M., 1975.
- HAGEMANN-WHITE, Carol, "Berufsfindung und Lebensperspektive in der weiblichen Adoleszenz". In: FLAAKE/KING, *Weibliche Adoleszenz...*, op. cit., pp. 64-83.
- HANCOCK, Emily, *The Girl Within*, Nova York, 1989.
- HANDWÖRTERBUCH DES DT. ABERGLAUBENS, Hanns Bächtold-Stäubli (org.), De Gruyter, Berlin, 1930.
- HILLMANN, James, "Verrat", in: *Zeitschrift für Analytische Psychologie*, 10, 2, 1979.
- IRMÃOS GRIMM, *Kinder- und Hausmärchen*, edição crítica organizada por Heinz Rölleke, Diederichs, Köln, 1892 (*Die Märchen der Weltliteratur*).
- JACOBY, Mario, "Autorität und Revolte — der Mythos vom Vaternord". In: *Zeitschrift für Analytische Psychologie* 6 (4), 1975, pp. 524-541.
- _____, *Individuation und Narzißmus. Psychologie des Selbst bei C. G. Jung und Heinz Kohut*, Pfeiffer, Munique, 1985.
- JUNG, Carl Gustav, *Gesammelte Werke (= GW)*, 20 vols., editados por Lilly Jung-Merker, Elisabeth Rief e Leonie Zander, Walter, Olten. Foram especialmente utilizados os seguintes volumes:
- GW 2: *Experimentelle Untersuchungen*, 1979, 2ª ed., 1987.
- GW 3: *Psychogenese der Geisteskrankheiten*, 1968, 3ª ed., 1985; particularmente: *Über die Psychologie der Dementia Praecox*.
- GW 4: *Freud und die Psychoanalyse*, 1969.

- GW 5: *Symbole der Wandlung*, 1983, 4ª ed.
- GW 8: *Die Dynamik des Unbewußten*, 1967, 5ª ed., 1987; particularmente: *Allgemeines zur Komplextheorie*.
- GW 9/I: *Die Archetypen und das Kollektive Unbewußte*, 1976, 5ª ed., 1989; particularmente: *Die psychologischen Aspekte des Mutterarchetyps*.
- GW 9/II: *Aion. Beiträge zur Symbolik des Selbst; Das Ich*, 1976, 7ª ed., 1989.
- GW 10: *Zivilisation in Übergang*, 1974.
- GW 15: *Über das Phänomen des Geistes in Kunst und Wissenschaft*, 1971, 4ª ed., 1984.
- KAFKA, Franz, *Brief an den Vater, die Hochzeitsvorbereitungen auf dem Lande und andere Prosa aus dem Nachlaß*, S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, s.d.
- KAST, Verena, *Das Assoziationsexperiment in der therapeutischen Praxis*, Bonz, Fellbach, 1980.
- _____, *Trauern. Phasen und Chancen des psychischen Prozesses*, Kreuz, Stuttgart, 1982.
- _____, *Wege auch Angst und Symbiose. Märchen psychologisch gedeutet*, Walter, Olten, 1982, 1987.
- _____, *Paare. Beziehungsphantasien oder Wie Götter sich in Menschen spiegeln*, Kreuz, Stuttgart, 1984.
- _____, "Die Bedeutung der Symbole im therapeutischen Prozeß". In: BARZ, H./KAST, V./NAGER, F., *Heilung und Wandlung: C.G. Jung und die Medizin*, Artemis, Zurich, 1986.
- _____, "Das Paar. Mythos und Wirklichkeit", in: PELÜGER, Michael (org.): *Das Paar. Mythos und Wirklichkeit*, Walter, Olten, 1988.
- _____, *Die Dynamik der Symbole*, Walter, Olten, 1990 (ed. br.: *A dinâmica do símbolo*, Edições Loyola, São Paulo, no prelo).
- _____, *Loslassen und sich selber finden. Die Ablösung von den Kindern*, Herder Spektrum, Friburgo, Brasília, Viena, 1991.
- _____, "Das kollektive Unbewußte und seine Relevanz für Gegenwartsfragen". In: RHODE-DACHSER, Christa (org.): *Beschädigungen. Psychoanalytische Zeitdiagnosen*, Vandenhoeck u. Ruprecht, Göttingen, 1992.
- _____, *Die beste Freudin. Was Frauen aneinander haben*, Kreuz, Stuttgart, 1992.
- _____, *Animus und Anima: spiritual growth and separation from parental complexes*, Harvest, 1993, p. 39.
- KÖNIG, Karl, *Angst und Persönlichkeit. Das Konzept und seine Anwendungen vom steuernden Objekt*, Vandenhoeck u. Ruprecht, Göttingen, 1981.

- LEONARD, Linda, *Töchter und Väter. Heilung einer verletzten Beziehung*, Kösel, Munique, 1985.
- LURKER, Manfred, *Wörterbuch der Symbolik*, Kröner, Stuttgart, 1979.
- MÄRCHEN DER WELTLITERATUR. IRISCHE VOLKSMÄRCHEN, Eugen Diederichs Verlag, Munique, s.d.
- MAHLER, Margaret/PINE, FRED/BERGMANN, Anni, *Die psychische Geburt des Menschen. Symbiose und Individuation*, Fischer, Frankfurt a.M., 1978.
- NEUMANN, Erich, *Das Kind. Struktur und Dynamik der werdenden Persönlichkeit*, Rhein Verlag, Zurich, 1963 (Bonz, Fellbach, 1980).
- NIN, Anaïs, *Sanftmut des Zorns. Was es heißt, Frau zu sein*, Fischer TB, Frankfurt a.M., 1975.
- PAPOUSEK, Mechthild, *Die Rolle des Vaters in der frühen Kindheit. Ergebnisse der entwicklungsbiologischen Forschung*, Kind und Umwelt, 54.
- RIEDEL, Ingrid, *Demeters Suche. Mütter und Töchter*, Kreuz, Zurich, 1986.
- RHODE-DACHSER, Christa, "Weiblichkeits-Paradigmen in der Psychoanalyse". In: *Psyche* 44, 1990.
- _____, *Expedition in den dunklen Kontinent. Weiblichkeit im Diskurs der Psychoanalyse*, Springer, Berlin, 1991.
- SAMUELS, Andrews, *The plural Psyche. Personality, morality and the father*, Routledge, Londres, Nova York, 1989.
- SCARR, Sandra, *Wenn Mütter arbeiten. Wie Kinder und Beruf sich verbinden lassen*, Beck, Munique, 1987.
- SHELDRAKE, Rupert, *Das Gedächtnis in der Natur*, Scherz, Berna, 1990.
- STERN, Daniel N., *Die Lebenserfahrung des Säuglings*, Klett-Cotta, Stuttgart, 1992.
- TELLERBACH, H. (org.), *Das Vaterbild in Mythos und Geschichte*, Kohlhammer, Stuttgart, 1976.
- TULVING, E., "Episodic and semantic memory". In: E. Tulving e W. Donaldson (eds.): *Organization of memory*, Academic Press, Nova York, 1972.
- WALKER, Barbara G., *The Womans Encyclopedia of myths and secrets*, Harper, Row San Francisco, 1983.
- ZEUL, Mechthild, "Die Bedeutung des Vaters in der weiblichen Entwicklung". In: *Psyche* 42 (4), 1988, pp. 328-349.

Índice de assuntos

A

- Abandono 49, 71, 215
- Ação 29, 39, 124, 138, 152
- Aceitação 46, 82, 178, 199
- Adaptação 23, 131, 191
- Admiração 128, 135, 138, 139
- Adolescência 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 27, 127
- Adolescência masculina 16
- Afeto 37, 142, 143
- Afrodite 108, 124
- Agressão 46, 76, 77, 78, 87, 104, 118
- Agressão passiva 67, 76
- Alegria 13, 79, 85, 100, 108, 136, 162, 188, 206
- Alimentação 45, 48, 60, 71
- Alter ego 106
- Âmbito do complexo 36, 49, 137, 138, 163
- Antiga 62, 143, 160
- Amor 14, 17, 25, 50, 52, 54, 77, 119, 129, 142, 146, 155, 161, 162, 174, 190
- Amor maternal 39
- Análise do inconsciente 20
- Anima 17, 29, 42, 67, 68, 75, 104, 152, 153, 171, 207
- Animus 21, 29, 67, 75, 120, 121, 145, 152, 153
- Anseio 80, 138, 144, 149, 150, 158, 174, 200, 205, 207
- Anseio coletivo 207
- Anseios pelo pai 149
- Antigo Testamento 149
- Arquetípico 75, 148, 150
- Arquetipo 37, 79, 81, 148
- Arquetipo da grande mãe 20
- Arquetipo paterno 151
- Arquétipos 15, 81
- Ártemis 108
- Aspectos coletivos do complexo paterno 202
- Aspectos do complexo materno 15, 17
- Aspectos do si-mesmo 28
- Associação 37
- Atenção 21, 28, 39, 48, 64, 76, 79, 112, 155, 160, 162, 169, 173, 174, 179, 199
- Atividade do eu 14, 38, 77, 79
- Atmosfera de complexo 53, 60, 133
- Atmosfera do complexo materno 46, 74, 119
- Atmosfera do complexo materno positivo 59
- Atmosfera do complexo paterno 140
- Atmosfera maternal 46
- Auto-agressão 76
- Auto-análise 19
- Auto-estima 14, 52, 76, 104, 109, 128, 139, 143, 144, 174, 190, 205, 206
- Auto-identidade 22, 27, 32, 58, 61, 147
- Auto-imagem 15, 77, 146
- Auto-realização 38, 183, 200
- Auto-regulação da psique 81
- Autonomia 14, 24, 60, 72, 77, 78, 159, 163, 172, 188
- Autopercepção 35, 175
- Autoridade 59, 127, 134, 135, 141, 142, 150, 151, 180
- Autoridades 128, 147, 183
- Avó 45, 49, 57
- Avós 72

B

Barriga materna 45
Bebê 31, 34, 151, 169
Bem-estar 13, 48, 69, 88, 173, 207
Bernardoni 23
Bios 16, 17, 18, 19
Bovensiepen 150, 151
Bruixa 84, 97, 98, 101, 102, 107, 108, 109, 110
Burkert 82, 85

C

Caminhos para fora do constrangimento do complexo 191
Campo materno 45, 72, 73, 118, 164
Características sexuais femininas 82
Cavalo 96, 100, 101, 110, 111, 112, 113, 114, 116
Chodorow 58
Christa Wolf 24
Ciência patriarcal 20, 150
Coerções 159
Coerência do eu 58
Compensação 23, 65, 163, 184, 203
Complexo 9, 10, 19, 20, 25, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 47, 49, 50, 53, 60, 63, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 79, 87, 103, 109, 110, 117, 118, 119, 121, 125, 129, 133, 136, 138, 140, 143, 145, 147, 149, 151, 152, 158, 162, 163, 164, 170, 173, 174, 176, 178, 179, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 193, 198, 201, 202, 204, 207
Complexo de Édipo 19
Complexo do eu 10, 13, 14, 32, 37, 38, 53, 73, 74, 77, 78, 79, 87, 103, 117, 131, 140, 141, 149, 152, 192, 202, 207
Complexo materno 9, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 60, 64, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 87, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 116, 117, 118, 120, 121, 123, 127, 131, 138, 146, 148, 151, 152, 155, 157, 158, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 172, 173, 174, 175, 176, 201, 202, 203, 206, 207
Complexo materno negativo 54, 163, 164
Complexo materno positivo 77

Complexo materno positivo 10, 13, 15, 60, 69, 72, 75, 133, 138, 146, 207
Complexo paterno 9, 10, 11, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 39, 69, 120, 121, 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 153, 161, 163, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203
Complexo paterno coletivo 202
Complexo paterno do filho 9, 180
Complexo paterno dominante 10, 20
Complexo paterno negativo 181, 190, 202
Complexo paterno negativo do homem 177
Complexo paterno ou materno 201
Complexo paterno positivo 23, 120
Complexos 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 23, 25, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 47, 52, 68, 71, 73, 75, 147, 151, 175, 182, 200, 201, 202, 203, 204, 205
Complexos coletivos 202
Complexos materno e paterno coletivos 78
Complexos maternos não desligados 82
Complexos paterno e materno 21, 27, 38, 202, 203, 204, 205
Complexos paterno ou materno 38
Comportamento 9, 28, 32, 34, 36, 39, 40, 48, 49, 54, 58, 134, 159, 172, 192, 202, 207
Compreensão dos papéis 22
Compromisso 14, 15
Comunhão 29
Comunidade fraterna 59
Conceito das "representações de interações general 33
Conceito de arquétipos de C. G. Jung 80
Conceito de sombra 69
Concorrência 16
Confiança 64, 73, 104, 157, 170, 173, 184
Consciência 26, 32, 33, 48, 55, 109, 125, 190, 206
Consciência participante 205, 206
Consciente coletivo 26, 81
Constelação de complexo 22, 33, 55, 71, 79, 87, 130, 138, 151, 176, 192, 197
Constelado 37, 153
Conto de fadas 87, 103, 109, 110, 116, 117, 118, 120
Contrafóbico 159
Contratransferência 50

Controle 131, 132, 148, 170, 171, 172
Corpo 13, 21, 65, 73, 84, 88, 96, 116, 120, 159, 161, 162, 172, 174
Corporeidade 73, 182
Crença na autoridade 142
Criança 13, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 62, 63, 69, 71, 73, 78, 80, 120, 144, 151, 157, 158, 159, 163, 164, 169, 170, 171, 177, 179, 182, 186, 198
Criança pequena 17, 79, 93, 158
Criatividade 15, 71, 132, 149, 189, 191
Crise 18, 44, 46, 134, 206
Crise de identidade 15, 19, 22
Crise de reconciliação 30
Crise de sentido 44
Cuidados 16
Culpa 130, 157, 159, 178, 180, 190, 196, 204
Culto a Meter 83
Cultura patriarcal 11

D

Delegações 27, 28
Demarcação do complexo do eu 103
Deméter 83, 85
Dependência 78, 140
Dependência materna 17
Depreciação do feminino 11
Depressão 22, 44, 57, 58, 59, 61, 121
Desamparo 168, 169, 174
Desempenho 23, 75, 129, 132, 144, 145, 164, 167, 174, 191, 192, 196, 197, 200, 205, 206
Desenvolvimento 9, 10, 17, 19, 29, 33, 35, 37, 38, 39, 46, 52, 53, 67, 69, 73, 77, 78, 80, 81, 87, 104, 110, 120, 121, 129, 138, 139, 140, 150, 151, 152, 171, 172, 177, 200, 203
Desenvolvimento da identidade 13, 38
Desenvolvimento da identidade na mulher e no homem 58
Desespero 94, 106, 157
Desligamento 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 24, 25, 27, 38, 41, 47, 68, 77, 110, 120, 129, 131, 149, 151, 177, 185, 188, 189, 202, 203, 204, 207
Desligamento da adolescente 24, 27
Desligamento da filha 25
Desligamento da mãe 17, 24, 67

Desligamento do complexo materno originalmente positivo 110
Desligamento do complexo paterno 21
Desligamento do homem 20
Desligamento dos complexos materno e paterno 117
Destino 19, 61, 85, 115, 149
Destruição 107, 117, 184, 192
Desvalorização do feminino 18
Determinação externa 38
Deus masculino 26
Deusa da morte 84, 85
Deusas do amor 82
Deusas do destino 148
Deusas femininas 25, 26, 82
Deuses masculinos 26
Deuses-pais 147, 148, 149
Diferenças típicas dos sexos 72
Dificuldades de relacionamento 173
Dimensões do ser mulher 29
Direito à existência 13, 75, 155, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 174, 176, 178, 192, 206
Disciplina de trabalho 43
Disposição de ruptura 14
Distúrbio de identidade 58
Distúrbio perceptivo 39
Distúrbios narcisistas 174
Distúrbios psicossomáticos 174
Divindades paterna e materna 16
Doenças do medo 78
Dominação e subjugação 190
Dominância do pai 184
Dúvida acerca de si mesmo 44

E

Elementos estruturais do inconsciente coletivo 81
Emoção 31, 33, 37, 148
Empatia 38, 119, 163, 175
Emrich 189, 190
Encontro da identidade 27
Enfermidade cardíaca 171
Envelhecimento 131
Episódio generalizado 34, 36
Episódios-complexos 34
Esfera do gerar 82
Espaço de vida 72, 200
Espaço do complexo 108

Espaço materno 57, 72
 Espaços da alma 193
 Essência do complexo originalmente negativo 181
 Estar-contido 53, 54
 Estereotipado 31
 Estilo de vida 15
 Estratégia estereotipada 40
 Estratégias da sobrevivência 158
 Estratégias de desempenho e exigência excessiva 207
 Estratégias de sobrevivência 160, 175
 Estrutura 34, 43, 44, 60, 61, 64, 77, 79, 148, 171, 201, 202
 Estrutura de complexo 57
 Eu bom 75
 Eu isolado 173
 Exigência excessiva 182, 183, 184, 200
 Exigências do pai 181, 191, 192
 Expectativa 33, 35, 53, 63, 64, 81, 121, 173
 Expectativa de cura 16
 Expectativa generalizada 34, 35
 Experiência 14, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 53, 65, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 85, 104, 121, 128, 129, 144, 147, 152, 157, 158, 167, 173, 178, 179, 180, 182, 188, 201, 203, 205
 Experiência corporal 13
 Experiência da identidade 24, 34, 58
 Experiência espiritual 21
 Experiência do nós 182, 184, 186, 200
 Experiências arquetípicas 25
 Experimento de associação 37
 Explosões de ódio 62
 Expulsão 54, 71, 77, 121, 158

F

Falta de vínculo 24
 Família 40, 45, 46, 50, 52, 57, 58, 125, 126, 130, 141, 143, 164, 170, 179, 186, 189, 195, 196
 Fantasia 30, 39, 42, 80, 81, 129, 163, 176, 179, 181
 Fantasia masculina 17
 Fantasias 31, 33, 36, 39, 47, 52, 78, 80, 81, 145, 152, 171, 191, 202
 Fantasias com sexo 52
 Fantasias sexuais 52

Fascinação amorosa 153
 Fase de autodescoberta 28
 fase de desligamento 16, 28
 Fator de vitalidade 38
 Feminino arquetípico 26
 Fertilidade 25, 82, 83, 84, 108, 119
 Fertilidade feminina 84
 Ficar abandonado 48
 Ficar preso 51
 Figura heróica 18
 Figurações simbólicas 36
 Figuras arquetípicas 18, 26
 Filha 25, 27, 28, 30, 59, 60, 65, 66, 67, 68, 83, 89, 90, 92, 93, 103, 105, 110, 111, 116, 117, 121, 130, 133, 135, 136, 138, 140, 143, 146, 156, 162, 196, 197, 199, 200, 202
 Filha do pai 140
 Filhinho da mamãe 9
 Filho 9, 15, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 40, 45, 46, 48, 49, 50, 54, 59, 60, 61, 66, 76, 82, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 100, 102, 103, 104, 106, 115, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 142, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 164, 169, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 197
 Filhos 15, 25, 27, 28, 40, 45, 46, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 71, 72, 77, 102, 103, 130, 131, 133, 140, 142, 147, 148, 159, 164, 169, 190, 191, 198
 Fils à papa 9
 Fixação no complexo 51, 190, 202
 Flaake 22, 24, 28
 Fogão 115
 Força do eu 14, 140, 141
 Forma de complexo 41
 Formas de socialização 21, 145
 Frases de complexo 156
 Frases de complexo 14, 76, 127, 131, 202
 Freud 18, 19, 20
 Freud e o complexo paterno 16
 Fromm 55, 204
 Fúria 67, 77, 83, 149, 174, 198

G

Gaia 82, 148
 Garota 21, 22, 23, 27, 58, 76, 137, 143, 197, 199

Garota interior 22
 Gênese 40, 44, 64
 Gestos de poder 121
 Grande Mãe 82
 Grande mãe 63, 74
 Grupo da mesma faixa etária 14

II

Haerlin 45, 74, 75, 205, 206
 Hagemann-White 22
 Hancock 22
 Hathor 84
 Hera 148
 História da cultura 148
 História de vida 37
 Homem 9, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 29, 35, 41, 52, 53, 55, 58, 60, 62, 64, 91, 92, 94, 95, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 109, 110, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 167, 171, 177, 186, 191, 199, 203
 Homero 148
 Hórus 84

I

Idealização 21, 125, 147, 203
 Idealização das figuras dos pais 14
 Idealização do pai 17, 19, 151
 Idealização dos homens 146
 Idéias de perseguição 191
 Identidade 18, 20, 22, 23, 24, 26, 38, 58, 61, 68, 76, 106, 110, 118, 124, 131, 140, 147, 161, 164, 165, 167, 196, 198, 200
 Identidade com papéis 23
 Identidade da mulher 147
 Identidade derivada 26, 132, 140, 167
 Identidade do eu apropriada à idade 76
 Identidade feminina 23, 24, 203
 Identidade geral 78
 Identidade masculina 131
 Identidade original 20, 22, 26, 131
 Identidade segura 68, 164
 Identificação com a sombra 118
 Identificação com o complexo materno originalmente 61

Identificar-se 60
 Ideologia do controle 131
 Imagem do complexo 34
 Imagem materna ou paterna 40
 Imagem paterna 148
 Imagem paterna coletiva 147
 Imagem real 35
 Imagens arquetípicas de mãe 80
 Imagens arquetípicas do feminino 25
 Imagens de mulher 30
 Imagens femininas inconscientes 29
 Imaginação 22, 45, 65, 179
 Imago da mãe do complexo materno 11, 172
 Imago do pai do complexo paterno 11
 Impulso vital 17
 Incerteza de mulheres 28
 Inconsciente 21, 37, 51, 53, 63, 74, 78, 80, 81, 116, 145, 183, 192, 204
 Independência 46, 103, 159, 163, 189
 Indivíduo 17, 20, 53, 78, 79
 Individualidade 25, 79, 203
 Indivíduo 15, 17, 20, 31, 32, 36, 38, 39, 40, 54, 65, 72, 73, 75, 77, 78, 80, 81, 87, 104, 117, 119, 149, 152, 155, 158, 159, 162, 174, 180, 183, 190, 192, 202, 206
 Infância 32, 35, 39, 48, 49, 65, 135, 145, 161, 162, 163, 173, 175, 176, 187, 196
 Insegurança 28, 50, 53, 206
 Inspiração 21, 50
 Intelecto 147, 150
 Inteligência 21
 Interação 31, 32, 35, 36, 67, 72, 80, 141, 162, 164, 169, 176, 181, 202
 Interações simbólicas 36
 Interpretação dos sonhos 19
 Intimidade 73
 Intimidade psíquica 13
 Inveja 15, 28
 Irmã 46, 57, 58, 61, 83, 156, 159, 168, 169, 170, 171
 Irmãos 32, 45, 46, 52, 59, 72, 116, 120, 141, 155, 156, 158, 159, 160, 196, 205
 Irmãs 46, 126
 Ísis 84, 85

J

Jocasta 19
 Jovens 14, 15, 44, 59, 65, 128, 199

Jung 10, 13, 18, 20, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 75, 78, 79, 80, 81, 151

K

Kafka 177, 178, 179, 180, 182, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191

L

Lados de sombra 185

Laio 19

Leis do pai 180, 200

Lembrança de complexo 178

Lembranças 31, 33, 34, 47, 48

Lidar com a própria mãe 27

Lidar com Eros e a sexualidade 121

Lidar com o pai 186, 187

Ligação ao complexo paterno 21

Limites do eu 74

Livre-arbítrio 37

Lugar da mulher 20, 21

Luta com o dragão 17

Luto 66, 79, 83, 85, 119

M

Mãe 9, 11, 14, 15, 17, 18, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 35, 39, 40, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 126, 130, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 143, 145, 147, 149, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 186, 187, 191, 197, 198, 199, 200, 202, 204, 205, 206

Mãe pessoal 15, 25, 35, 117, 164

Mãe Terra 83

Mãe-morte 85, 151

Mães concretas 18

Mães devoradoras 18

Marca 21, 28, 40, 41, 117, 118, 121, 125, 131, 135, 142, 147, 158, 174, 207

Marca de complexo 14, 44, 64, 71, 72, 73, 74, 77, 109, 117, 129, 139, 140, 167, 175, 188, 204, 207

Marca do complexo materno 45, 164

Materno 35, 44, 45, 61, 80, 81, 84, 116, 133, 176

Materno arquetípico 35, 80

Mecanismo de defesa 171

Medo 13, 18, 26, 33, 34, 49, 50, 51, 78, 79, 89, 90, 101, 108, 112, 113, 131, 132, 137, 139, 140, 159, 161, 171, 172, 173, 199, 207

Medo da primária dependência materna 17

Medo da vida 139

Medo de morrer 51, 172

Medo existencial 157

Memória de episódios 31, 33, 34

Menino 50, 58, 76, 84, 88, 112, 114, 123, 169, 178, 179, 197

Metade da vida 139

Metáfora 36

Mito de Átis 82

Modelo 27, 176, 191

Modelo dos papéis 23

Modelos femininos 26

Modos de comportamento 40

Morte 18, 25, 26, 46, 55, 65, 66, 75, 84, 90, 92, 97, 104, 119, 148, 172, 177

Morte do pai 19, 64

Morte e vida 85

Mulher 9, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 52, 58, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 75, 80, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 117, 118, 120, 121, 124, 125, 130, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 146, 147, 155, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 186, 189, 190, 195, 197, 198, 199, 203

Mundo androcêntrico 23

Mundo da produção 167

Mundo do complexo paterno 188, 206, 207

Mundo do espírito 21

Mundo mental 21

Mundo paterno 167, 181

Mundo patriarcal 20, 76, 190

Mutismo 192

N

Namorado 21, 22, 29

Não-vivido 15

Nascimento 25, 33, 117

Natureza 44, 60, 72, 82, 83, 105, 141, 164, 179, 181, 184

Necessário à vida 105

Necessidade narcisista 185

Necessidades corporais 13, 75

Nível coletivo 15, 144, 190

Nível do desempenho 77, 191

Nível do relacionamento 144

Novo Testamento 149

Núcleo arquetípico 31

O

O elemento sombra 118

O feminino 17, 18, 60, 81, 152, 189

O materno 17, 18, 72, 147, 150

O pai de todos 149

Objetividade 19

Objetivo do desligamento 24

Objetivo terapêutico 55

Observação de bebês 10, 151

Odin ou Wotan 149

Ódio 25, 27, 62, 186, 187

Ofensa 42, 174

Oráculo 19

Oralidade 74

Ordem 147

Ordem 73, 120, 126, 136, 137, 143, 149, 150, 168, 171, 199, 207

Ordem da legalidade paterna 148

Orientação 15, 152

Originalidade 23

Osíris 84, 85

P

Pai 9, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 34, 35, 39, 40, 45, 53, 57, 59, 60, 61, 64, 65, 72, 102, 103, 120, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 164, 168, 169, 170, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 204, 205

Pai com complexo materno 132

Pai com complexo paterno 131, 146, 198

Pai e mãe 10

Pai Freud 18

Pai ou mãe 16, 25, 32

Pais 138, 146

Pais 14, 15, 16, 23, 25, 28, 35, 38, 40, 46, 52, 59, 64, 77, 123, 128, 130, 140, 147, 151, 158, 164, 167, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 200, 201, 202

Pais como pessoas 14

Pais pessoais 15

Paisagem de complexo 201

Papel como filha 66

Papel de filha 66, 68

Papel de filho 128

Papel de mãe 60, 66, 68, 76, 80, 175

Papel do pai 19, 23, 148, 159

Papousek 72

Paraíso materno 54

Participação 77, 79, 85, 132, 153, 157, 158, 173, 174, 191, 196, 200, 205, 206, 207

Passado 17, 33, 41, 167

Passividade 23

Paterno 17, 21, 148, 149, 150, 152, 179, 181, 198, 202

Paterno arquetípico 35

Patriarado 125, 147

Patriarcal 150, 153, 189

Pedagogia religiosa 15

Peito 33, 51, 88, 103, 188, 199

Pensamento patriarcal 20

Pensamento patriarcal 65

Percepção 145

Perda 19, 46, 68, 69, 172

Perda de amor 14

Perséfone 83, 85

Perspectivas 163

Plutarco 85

Poder das mulheres 26

Política 16, 127

Ponto de vista da psicologia do desenvolvimento 158

Pós-puberdade 14

Posição de filha 64, 145

Posição de filho 14, 54, 203

Posição de vítima 183

Postura de compensação 173

Potencial coletivo de fantasia 35

Potencial energético 36

Preservação da identidade 58
 Primeira infância 16, 17, 32, 156, 168
 Problema de identidade 167
 Problemas de relacionamento 131
 Problemas de vida 174
 Problemática da adolescência 23
 Problemática da separação 204
 Problemática do medo 138, 174
 Processo de desligamento 29, 188, 204
 Processo de luto 65, 67
 Processo de nascimento 204
 Produtividade criadora 19
 Projeção 24, 26, 172
 Projeções 47, 152
 Projeto de vida 29, 30
 Proteção 46, 67, 71, 93, 103, 120, 121, 126, 155, 171, 172, 186, 198, 203
 Psicanálise 19, 20, 151
 Psicologia junguiana 10, 36, 37, 74
 Psicologia profunda 17, 18, 151
 Puberdade 14, 17

R

Reação complexada 48
 Reações corporais 39
 Realizadoras 15
 Realizadores 15
 Reconciliação com a mãe 29
 Reconhecimento 129, 132, 143, 192, 198, 200
 Reconhecimento do pai 190, 198
 Reconstrução do passado 33
 Região do complexo 19, 37
 Relação analítica 33, 50, 55
 Relação com a mãe 40, 45, 46, 66, 67, 80, 120, 135, 173
 Relação com mulheres 175
 Relação com outras mulheres 29
 Relação de casal 21
 Relação de dominação-sujeição 191
 Relação emocional 19, 116
 Relação entre pai e filho 185
 Relação mãe-filho 30
 Relação pai-mãe-filho 150
 Relação platônica 146
 Relacionamento 17, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 44, 49, 51, 52, 62, 71, 116, 134, 164, 188, 196

Resignação 44
 Respiração 206
 Responsabilidade 38, 50, 51, 205
 Responsabilidade própria 54, 78, 205
 Rigorismo religioso 15
 Rivalidade 16, 17, 58, 109, 158, 192, 193
 Rivalizar 128, 174, 192
 Rupturas de identidade 24

S

Saber 9, 10, 21, 38, 44, 64, 99, 107, 124, 134, 141, 162, 163, 180, 203
 Sacrifício 190
 Scarr 25
 Seca 25
 Sensação 22, 34, 79, 145, 172, 199
 Sensações corporais 38
 Sensorial 41, 46, 61
 Sensualidade 15, 44
 Sentimento de auto-estima 15, 139, 192
 Sentimento de culpa 77, 168
 Sentimento de estar preso 54
 Sentimento de fúria 44
 Sentimento de ser carregado 54
 Sentimento de si mesmo 38
 Sentimento de vida 13, 32, 44, 48, 75, 77, 105, 169, 178, 200
 Sentimento de vida oceânico 74, 76, 129, 174, 200
 Sentimento vital do pertencer um ao outro 52
 Sentimento-do-nós 71, 74, 184
 Sentimentos de culpa 77, 78, 109, 192, 203
 Sentimentos de culpa e vergonha 192
 Separação 22, 24, 27, 52, 53, 60, 65, 66, 68, 71, 75, 76, 78, 85, 116, 118, 121, 172
 Separações 22, 46, 52, 54, 68, 78, 79, 207
 Ser nutrido 54
 Ser próprio 61, 79
 Set 84, 85
 Sexualidade 13, 17, 19, 20, 46, 119, 158
 Si-mesmo 22, 52, 68, 78, 146, 163, 176, 200, 206
 Si-mesmo bom 158
 Si-mesmo feminino 198, 200
 Si-mesmo individual 68
 Si-mesmo nuclear 34
 Si-mesmo original 23
 Si-mesmo ruim 173
 Silêncio 184

Simbiose 66, 78, 151, 172
 Simbiose mãe-filho 150
 Símbolo 82, 84, 120, 182
 Sintomas de profunda fobia 167
 Sistema de pai e mãe 14
 Sistema desempenho 205
 Sistema participação 205
 Situação de rivalidade 191
 Situação de separação 23
 Situação marcante 32, 35, 36
 Situação traumática 34
 Socialização feminina 23
 Sociedade androcêntrica 202
 Solidão 53, 103, 144, 155, 158, 179, 181
 Solidariedade com os pais 14
 Sombra 11, 15, 27, 63, 69, 105, 106, 109, 117, 118, 119, 120, 121, 129
 Sombra coletiva 15
 Sombra dissociada 67
 Sonhos 19, 36, 47, 50, 51, 54, 65, 67, 75, 80, 81, 145, 152, 198, 204, 206
 Sono 206
 Sem 24, 33, 34, 35, 36
 Super-reação 39
 Suscetibilidade 79

T

Tarefas de desenvolvimento 10, 140
 Tendências destrutivas 175
 Tendências progressivas 17
 Tendências regressivas 104, 105
 Teoria freudiana 20
 Teorias de homens 18
 Terapia 35, 41, 42, 44, 57, 58, 61, 161, 162, 163, 167, 172, 175, 197

Terapia de luto 67
 Típico nos complexos materno e paterno 40
 Tipos de mulher 68, 146
 Tornar-se consciente 26, 29
 Trabalho de relacionamento 147, 164
 Traição 16, 52, 149
 Transferência 18, 36, 138
 Triângulo feminino 82
 Tulving 33

U

União dual 27
 Útero 54

V

Vergonha e culpa 180
 Vida e morte 79, 109
 Vínculo pai-filho 135
 Vingança 185, 192
 Vitalidade 13, 38, 109, 159, 174, 185

W

Werder 23

Z

Zeas 83, 148